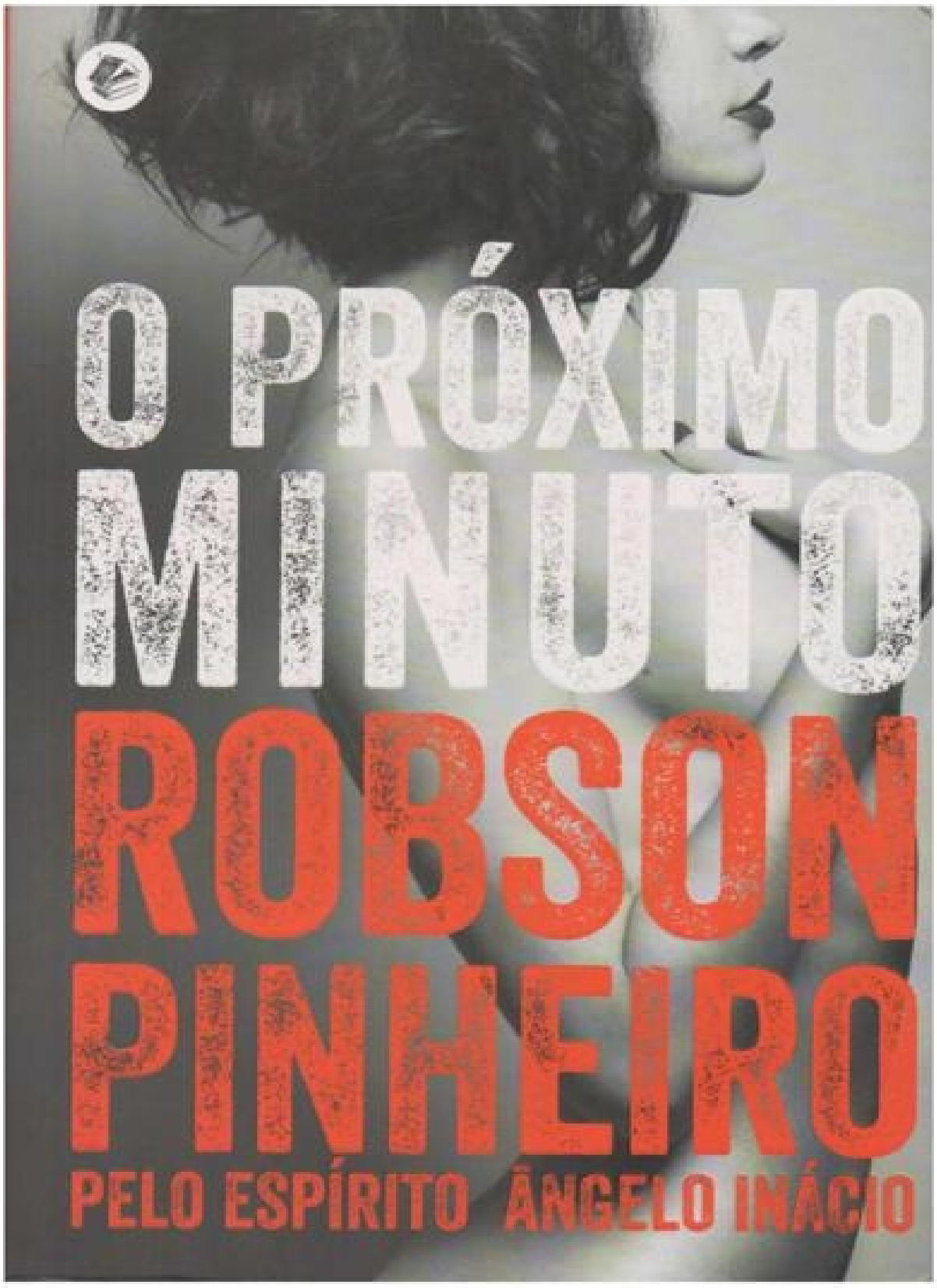

O PRÓXIMO
MINUTO
ROBSON
PINHEIRO
PELO ESPÍRITO ÂNGELO INÁCIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

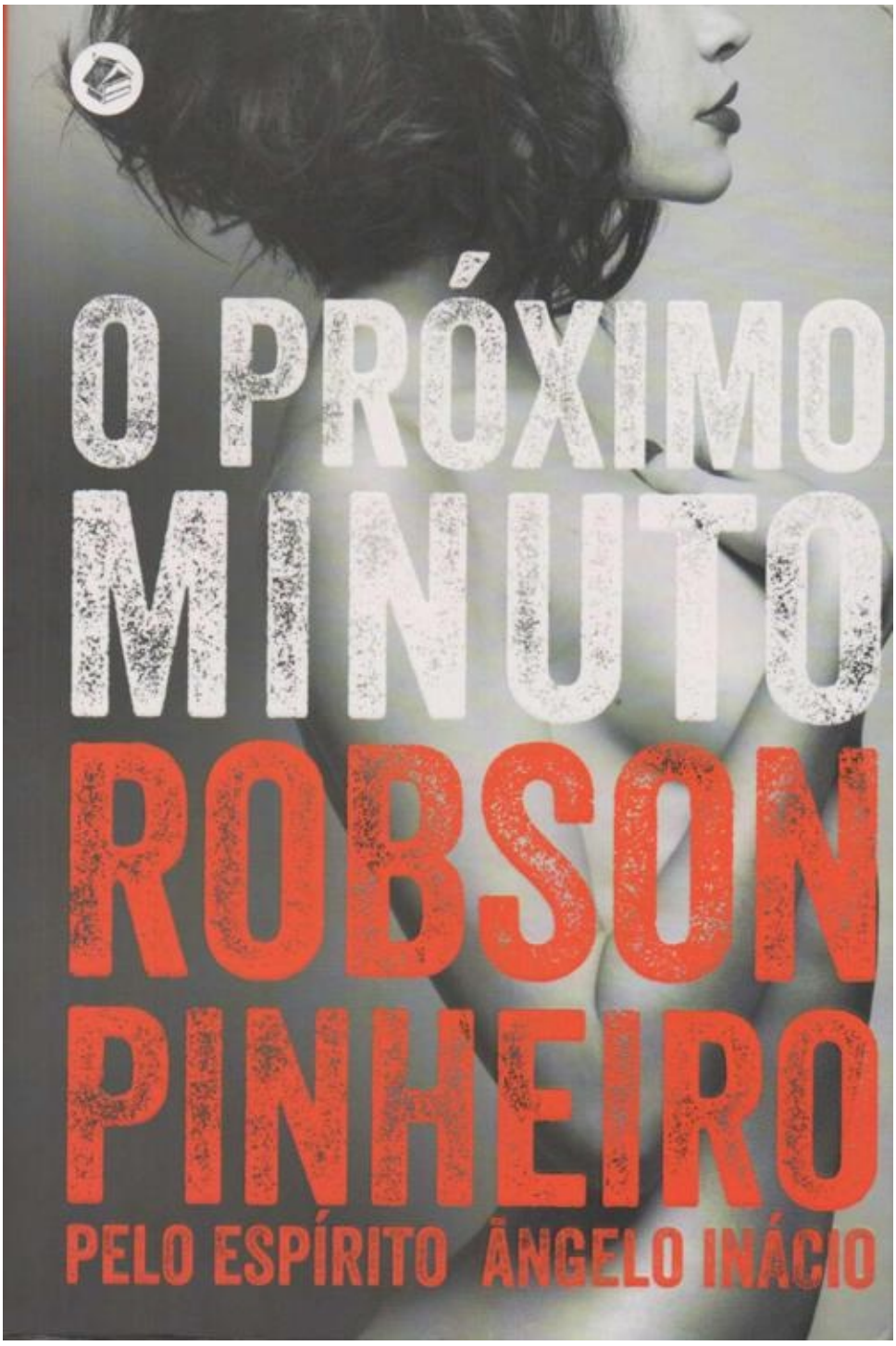
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

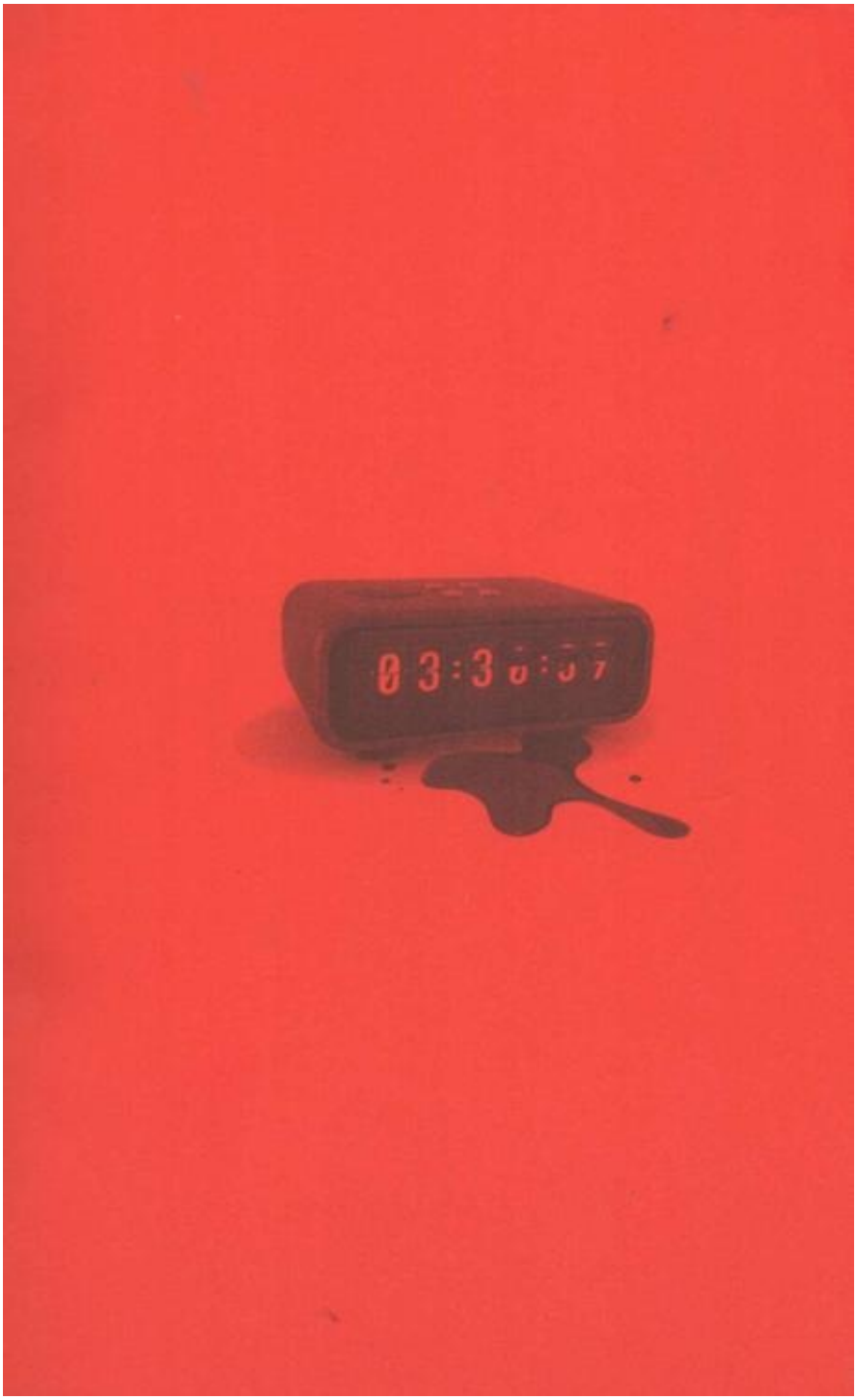
O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

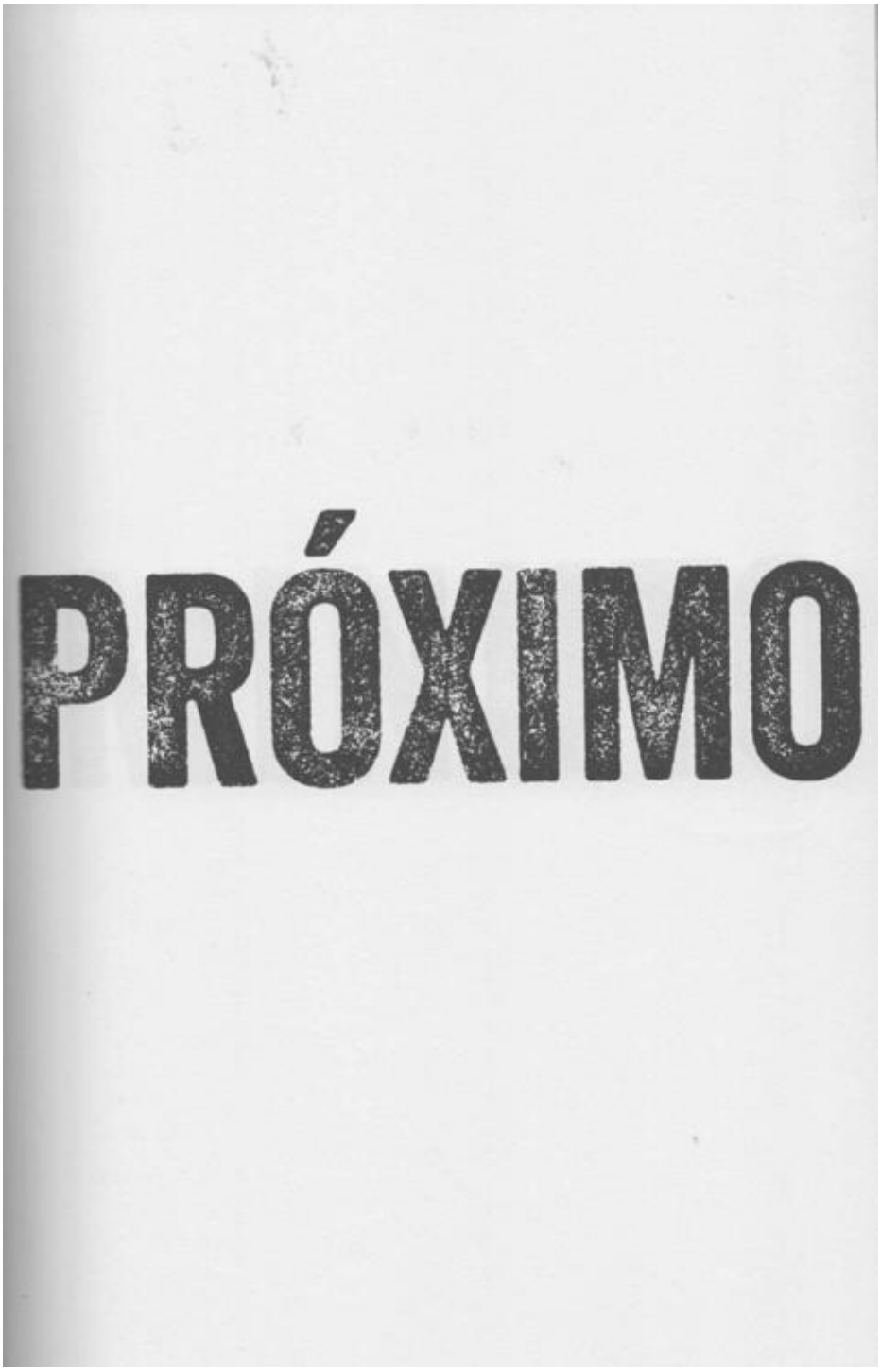

O PRÓXIMO
MINUTO
ROBSON
PINHEIRO
PELO ESPÍRITO ÂNGELO INÁCIO

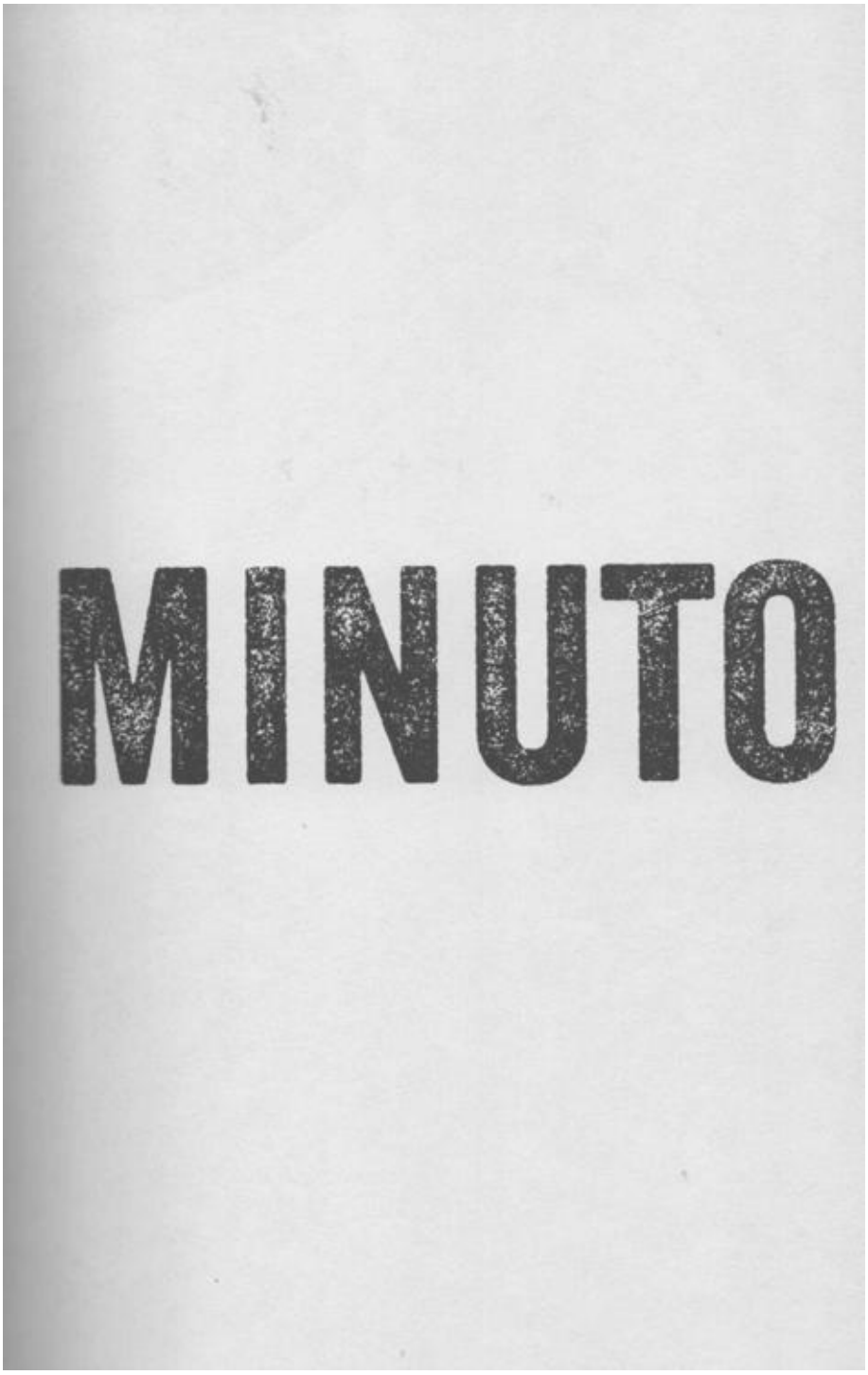


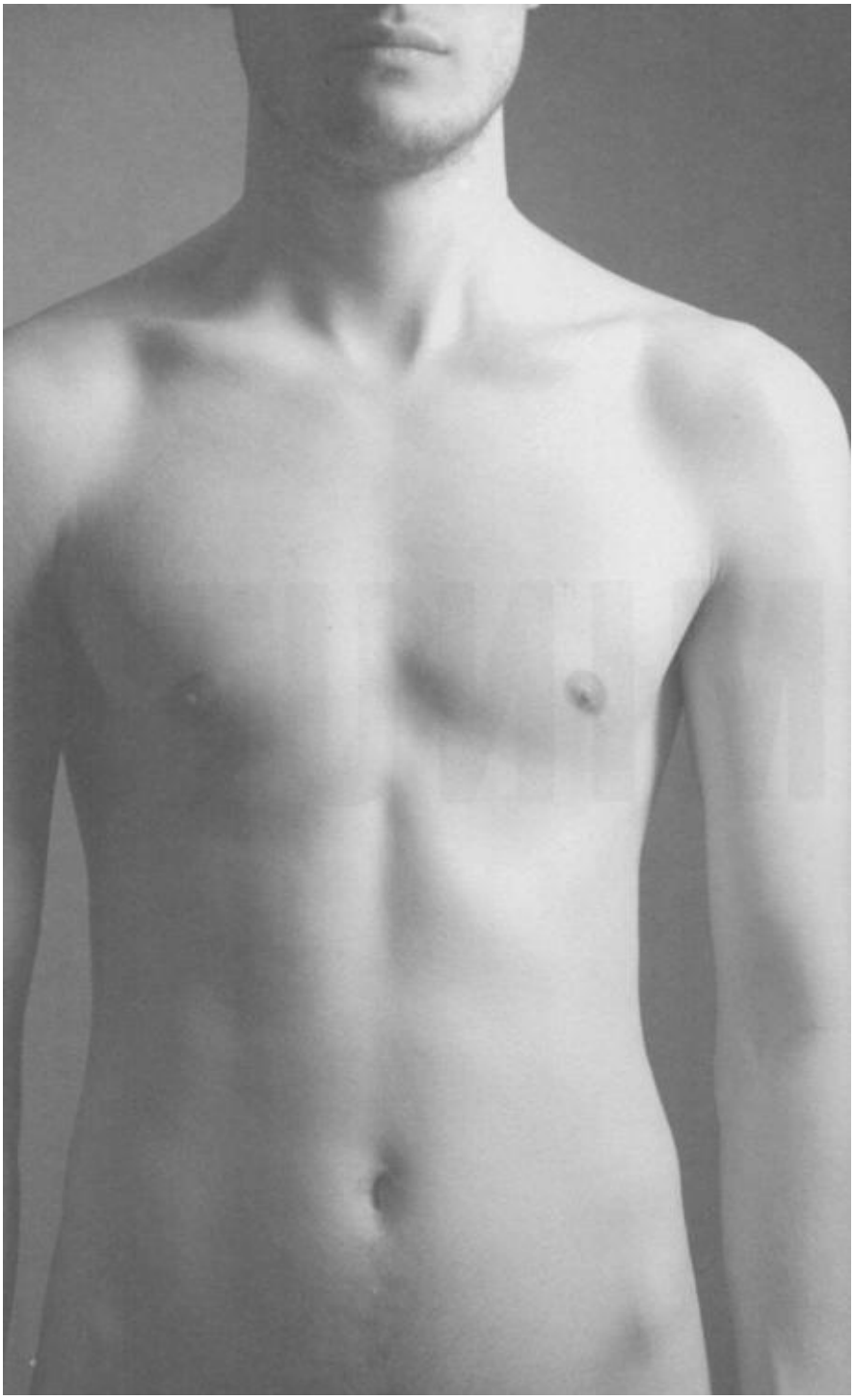
O PRECONCEITO e o medo
do diferente e da diversidade
desapropriam o ser da dignidade,
matam a vida que floresce sensível
e plural. Os personagens deste livro,
reais, sofrem ultrajes
e revelam sua alma ao leitor.
Tiram suas máscaras,
despem-se do pudor religioso
e fundamentalista e se desnudam
num clamor contra o preconceito
e a discriminação.
Eis o próximo minuto de uma
história diferente, sensível,
que propõe verdadeira
inclusão espiritual.



PRÓXIMO


PRÓXIMO


MINUTO





Índices para catálogo sistemático:
1. Romance espírita : Espiritismo 133.9

Inácio, Ângelo (Espírito).
O próximo minuto / pelo espírito Ângelo Inácio ; [psicografado por] Robson Pinheiro. – Contagem, MG : Casa dos Espíritos Editora, 2012.

ISBN 978-85-99818-24-4

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance espírita I. Pinheiro, Robson. II. Título.

12-13854 CDD-133.9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

FSC

FOTO DO AUTOR
Douglas Moreira

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
EGB

1ª edição | novembro de 2012 | 10.000 exemplares
2ª reimpressão | novembro de 2012 | 5.000 exemplares

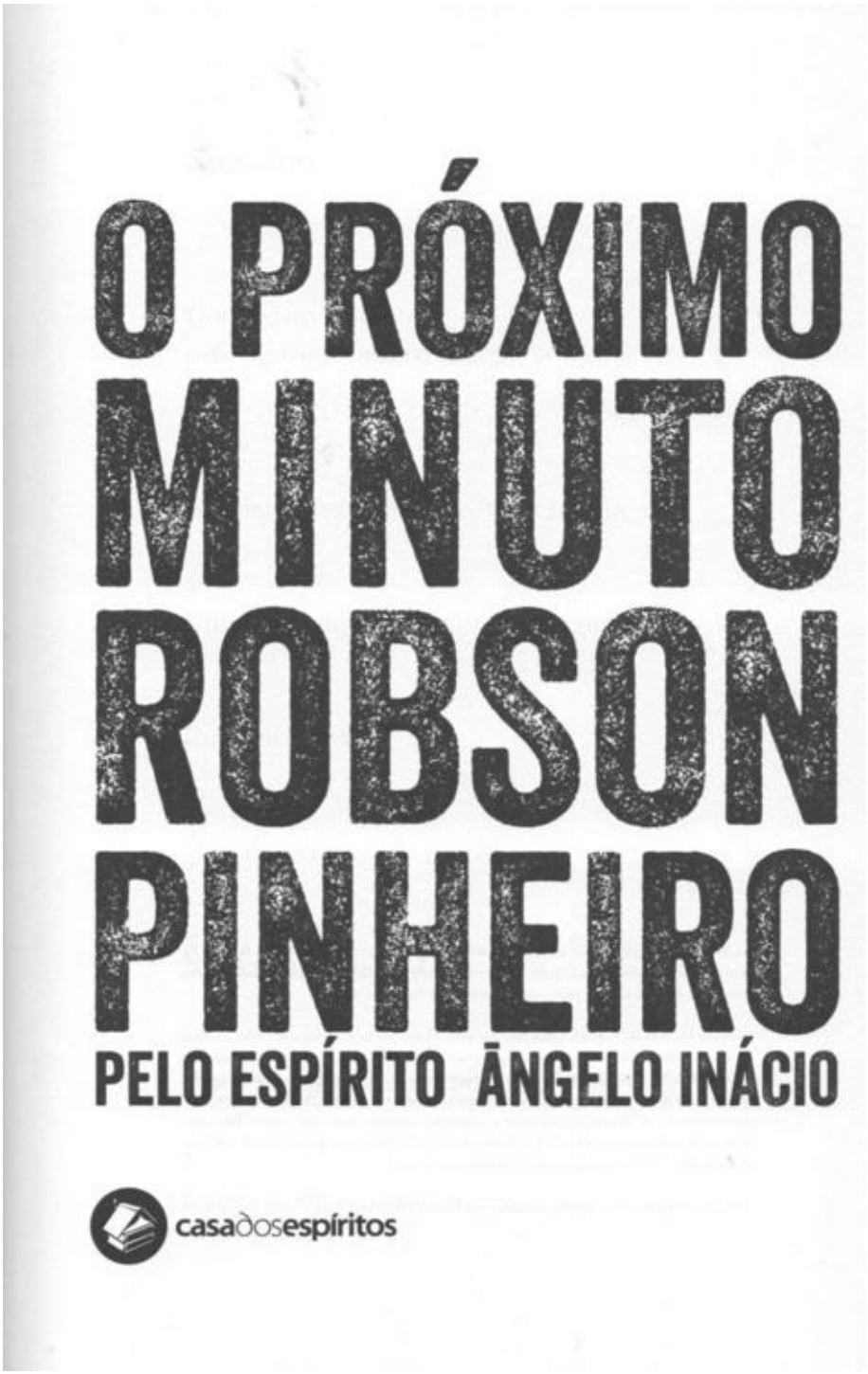
Copyright © 2012 Casa dos Espíritos

Casa dos Espíritos Editora
Rua Floriano Peixoto, 438
Contagem | MG | 32140-580 | Brasil
Tel./Fax: +55 (31) 3304-8300
editora@casadosespiritos.com
www.casadosespiritos.com

EDIÇÃO, PREPARAÇÃO E NOTAS
Leonardo Möller

CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Andrei Polessi | Audaz

REVISÃO
Laura Martins



\

Os d i r e i t o s a u t o r a i s desta obra Foram cedidos gratuitamente pelo médium Robson Pi-

nheiro à Casa dos Espíritos Editora, que é parceira da Sociedade Espírita Everilda Batista,

instituição de ação social e promoção humana, sem fins Lucrativos.

C o m p r e em v e z de c o p i a r . C a d a real que você dá por um livro espírita viabiliza as obras

sociais e a divulgação da doutrina, às quais são destinados os direitos autorais: possibilita

mais qualidade na publicação de outras obras sobre o assunto; e paga aos livreiros por es-

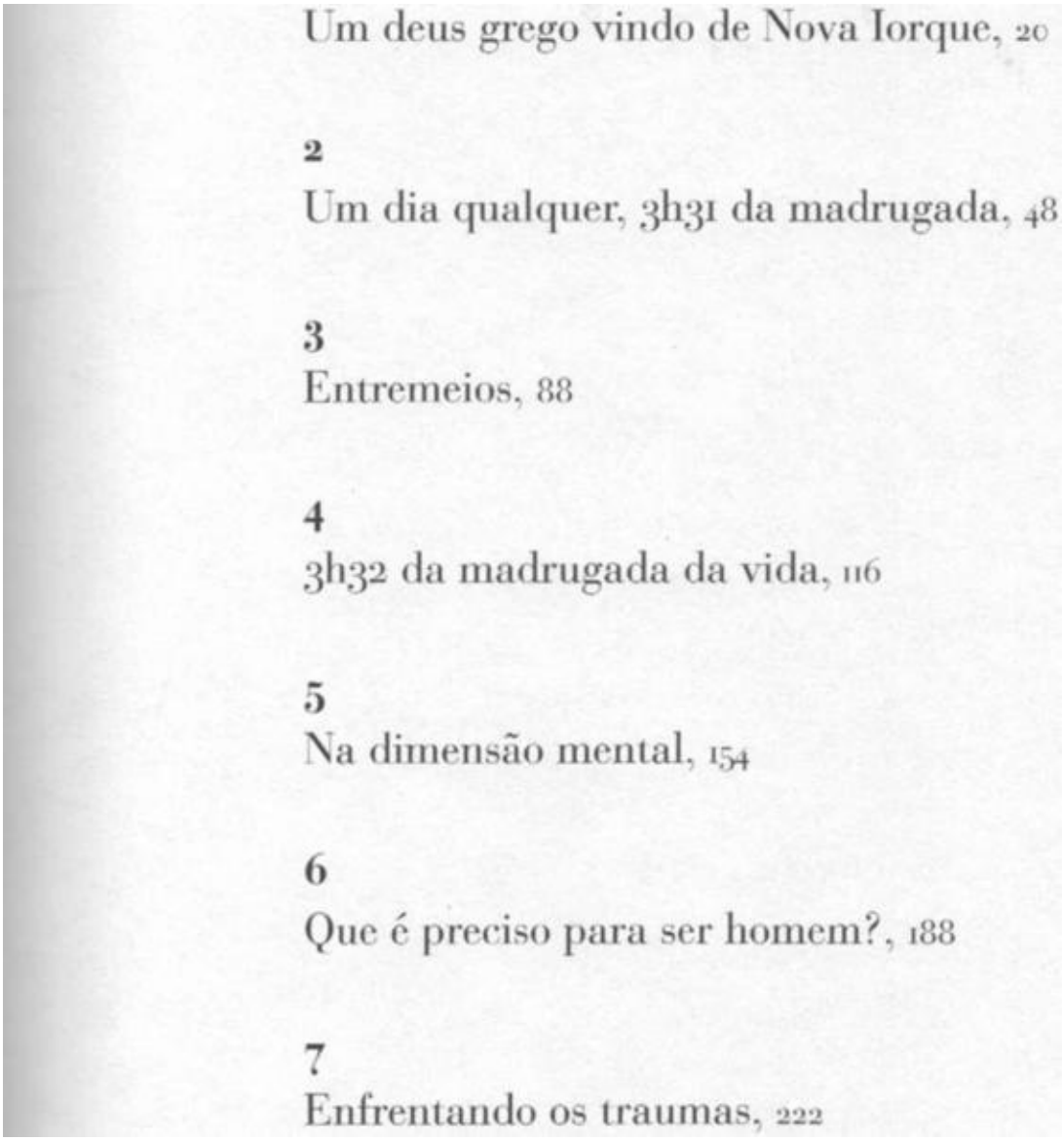
tocar e levar até você livros para seu crescimento cultural e espiritual. Além disso, contribui

para a geração de empregos, impostos e. consequentemente, bem-estar social. Por outro

lado. cada real que você dá pela fotocópia ou cópia eletrônica não autorizada de um livro

financia um crime e ajuda a matar a produção intelectual.

Nesta obra respeitou-se o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (IQQO). ratificado em 2008.


Um deus grego vindo de Nova Iorque, 20

2
Um dia qualquer, 3h31 da madrugada, 48

3
Entremeios, 88

4
3h32 da madrugada da vida, 116

5
Na dimensão mental, 154

6
Que é preciso para ser homem?, 188

7
Enfrentando os traumas, 222

S U M Á R I O

0 PRÓXIMO MINUTO

pelo espírito **ÂNGELO INÁCIO,** 17

8

Sombras, paisagens e imagens soturnas, 246

9

Saindo do armário, do maia, da ilusão, 284

10

D e s p e r t a m e n t o , 304

11

0 filho p r ó d i g o , 332

12

0 d e s p e r t a r de d u a s v i d a s , 374 XIV

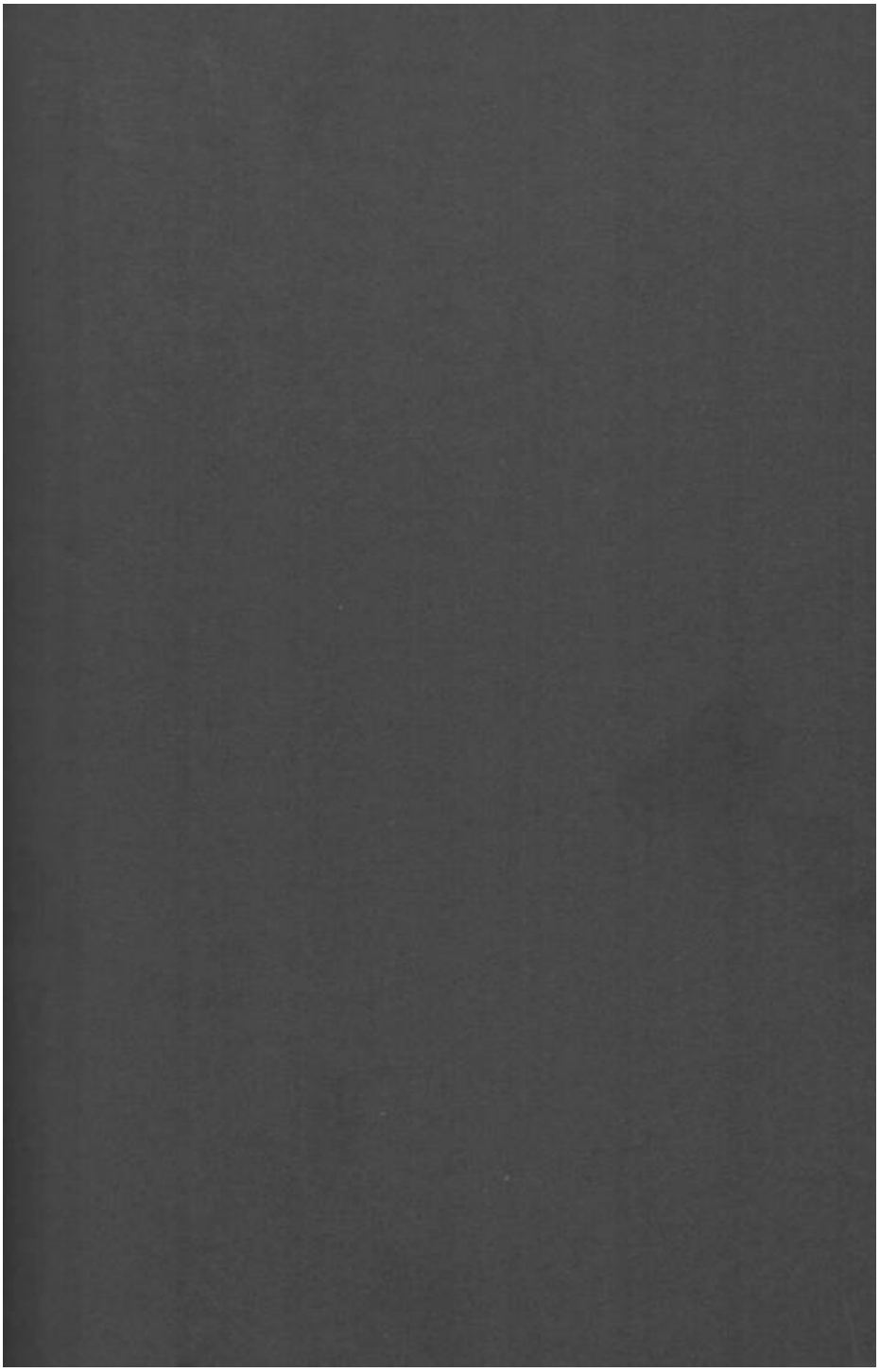
13

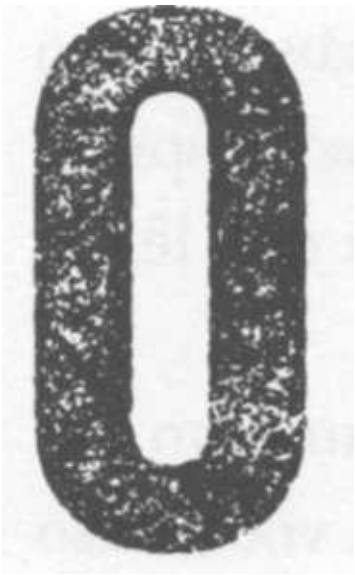
R e n a s c i d o p a r a a m a r , 398

14

3h33 da m a d r u g a d a , 4:34

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 473





O **PRÓXIMO MINUTO**

pelo espírito **ÂNGELO INÁCIO**

PRÓXIMO MINUTO de sua vida pode ser o resto de sua vida. Um minuto apenas muita coisa pode mudar no mundo; muitas decisões tomadas e muitos fenômenos ocorrem no plane-***já*** ta em apenas 60 segundos. E apenas um minuto, mas esse tempo pode ser longo se você estiver atrasado para pegar um avião, ônibus outrem. E é muito importante e delicado, caso você o perca. Em um minuto, muitos problemas podem ser evitados, e muitos desastres,

minimizados.

Para o espírito, para o homem que enfrenta o desafio da morte, o próximo minuto pode representar a salvação, pode significar a total transformação de sua vida, seus conceitos e sua visão do mundo. Trata-se apenas de um minuto, mas a eternidade é feita de minutos e segundos. E cada um deles pode ser marcante para o resto de sua vida, de cada vida no mundo.

O tempo não espera ninguém, mas a percepção do tempo depende, e muito, da necessidade ou da eventual urgência que você têm, bem como da importância que você atribui

cada um dos fatos que constitui sua vida.

Em um minuto, mais de 12 bilhões de litros de água são despejados no oceano apenas pelo Rio Amazonas. Num único minuto, a atmosfera descarrega cerca de 7 mil relâmpagos sobre o planeta. Milhões de litros de água descem pelas Cataratas do Iguaçu neste minuto cm que lê es-

t a p á g i n a .

M a s o q u e p o d e r e p r e s e n t a r u m m i n u t o e m

s u a v i d a ? C o m o seria u m m i n u t o p a r a v o c ê , c a s o

estivesse n o ú l t i m o m o m e n t o d e s u a e x i s t ê n c i a ?

C o m o v o c ê e n c a r a r i a u m m i n u t o , c a s o p u d e s s e

e v i t a r a m o r t e de u m a p e s s o a - a sua, por e x e m -

p l o - ou a de s u a m ã e , de seu filho; de a l g u é m a

q u e m a m a , afinal?

Q u a l o v a l o r de um m i n u t o ?

E m u m m i n u t o , p o d e - s e m o d i f i c a r p a r a

s e m p r e a r o t a de urna v i d a c definir-se o futu-

ro de um ou de m u i t o s ; e o destino do m u n d o ,

q u e m s a b e , e m u m m i n u t o p o d e r i a ser d e c i d i d o ,

a p e n a s c o m o a p e r t a r de um b o t ã o .

0 v a l o r d o m i n u t o o u d o p r ó x i m o m i n u t o

d e p e n d e m u i t o d a s i t u a ç ã o p e s s o a l , d a u r g ê n c i a

q u e s e t e m , d a m a n e i r a d e s e v i v e r ; enfim, d a -

q u i l o q u e é i m p o r t a n t e p a r a c a d a u m . N o p r ó -

x i m o m i n u t o , t u d o p o d e ser d i f e r e n t e p a r a v o -

c ê , p a r a m i m , p a r a o m u n d o .

E n t ã o , c a r o leitor, a p r o v e i t e b e m s e u p r ó -

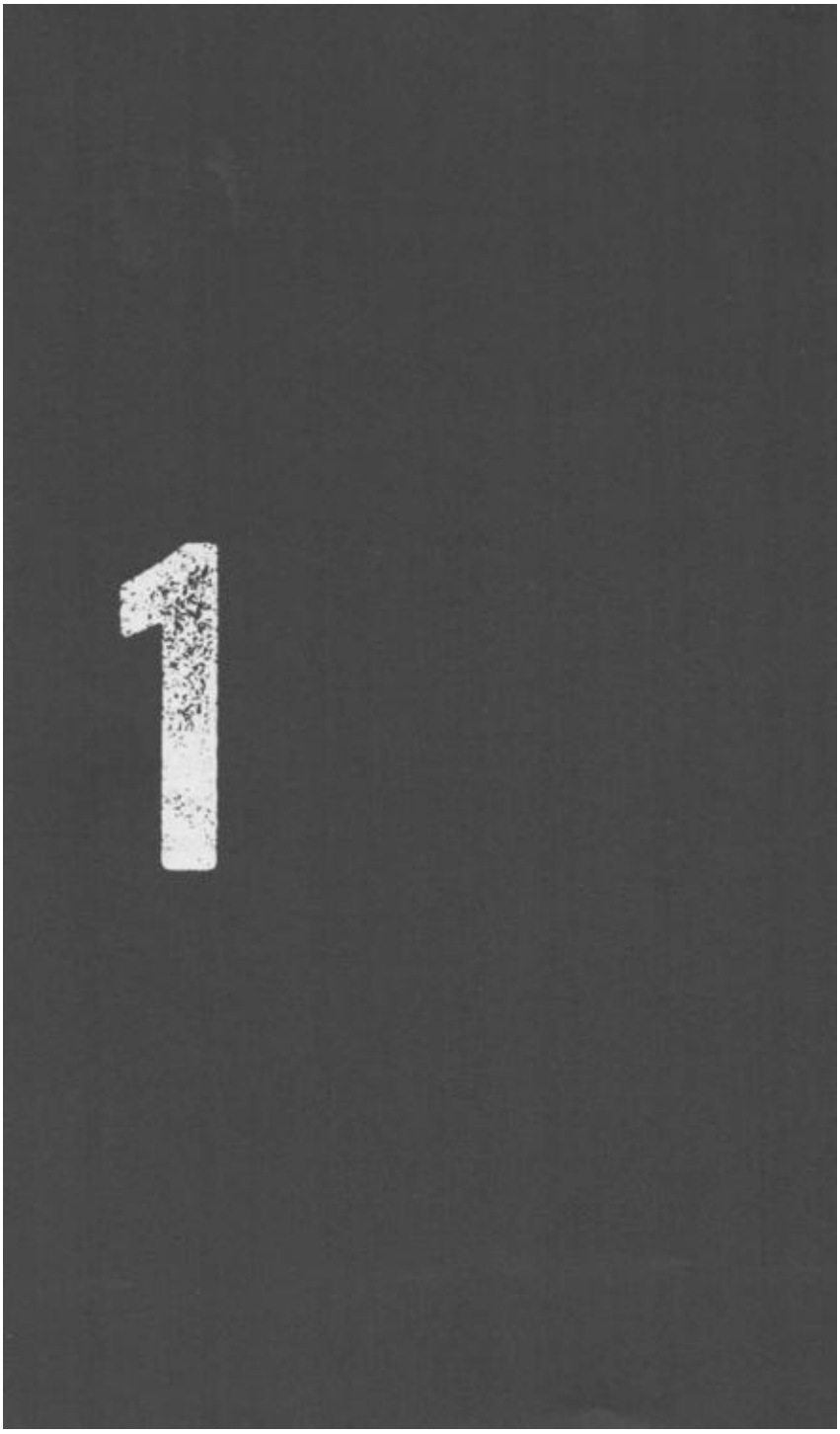
XIX

x i m o m i n u t o , p o r q u e , d e p o i s d e l e , v o c ê n u n c a

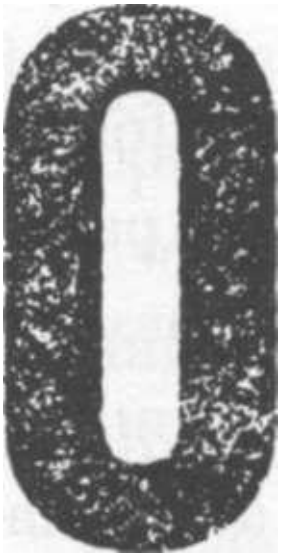
m a i s será o m e s m o .

ANGELO INÁCIO

Belo Horizonte, 2 de novembro de 2012.


1

UM DEUS GREGO VINDO DE NOVA IORQUE



AVIÃO SOBREVOOU a Cidade Maravilhosa, preparando-se para o pouso. Embaixo, o Cristo Redentor rapidamente deslizava à esquerda da aeronave enquanto o Pão de Açúcar preenchia a paisagem, emoldurando a Baía de Guanabara, entre tantos outros pontos turísticos que preservava a mabeleza da paisagem carioca. O contraste das favelas podia ser visto logo em seguida, enquanto se realizava a aproximação. Assim que recebeu a autorização para pousar, o piloto conduziu a aeronave em direção à pista do Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim ou, simplesmente, Galeão.

Ralph estava feliz em retornar ao Brasil, esta terra encantada. **0** clima tropical era um capítulo à parte, pois ele delirava diante do calor-do ambiente e da gente fogosa, que sabia muito bem marrancar samba do pé e fazer carnaval mesmo diante das mais sérias dificuldades sociais e econômicas. Medindo 1,8701, magro, elegante e discreto, Ralph era uma figura que impressionava que movisse. Sorriso amplo emoldurando a face, estampava na fisionomia um misto de sedução e sensualidade pouco disfarçados por sua alegria contagiante. Estava com saudades do Brasil, da família e de alguns amigos que fizera nessa terra maravilhosa. Esperava ficar mais tempo desta vez.

Enquanto o avião taxiava, emoções fortes pareciam aflorar; Ralph, por um momento, pareceu vacilar, sem saber ao certo o que se passava em seu íntimo. Um sentimento estranho tentava irromper da alma e emergir em meio à alegria de rever amigos e familiares. Lágrimas quase evi-

n h a m à t o n a , m a s R a l p h se c o n t e v e a s s i m q u e o
c o m i s s á r i o de b o r d o a n u n c i o u a c h e g a d a e d e u
as b o a s - v i n d a s aos p a s s a g e i r o s . **0** t u m u l t o no i n -
terior d a a e r o n a v e c o m e ç a v a , q u a n d o a m a i o r i a
dos p a s s a g e i r o s s e p r e p a r a v a p a r a d e s e m b a r c a r .
R a l p h d e i x o u - s e e n v o l v e r p e l a s i t u a ç ã o , p e r m i -
t i n d o q u e as e m o ç õ e s se s u a v i z a s s e m diante da

i m i n ê n c i a d o d e s e m b a r q u e .
K e l l y e s t a v a r a d i a n t e na c o m p a n h i a de H u g o ,
o i r m ã o m a c h i s t a , p o r é m m u i t o a m a d o . N o fun-
do, ela t e m i a p e l o reencontro de H u g o e R a l p h ,
pois da ú l t i m a v e z q u e ele v i e r a ao Brasil, ocor-
r e r a m discussões e m a i s discussões entre os dois
p r i m o s . C o n t u d o , c o m a interferência da m ã e de
K e l l y e H u g o , as coisas se a c a l m a r a m , transfor-
m a n d o - s e n u m a espécie d e p a z a r m a d a .
K e l l y a m a v a o p r i m o n o r t e - a m e r i c a n o e há
m u i t o o a g u a r d a v a . A l é m d o p a r e n t e s c o p r ó x i -
m o , o s dois h a v i a m d e s e n v o l v i d o u m a a m i z a d e
intensa, de tal m o d o q u e K e l l y se sentia à v o n -

t a d e p a r a c o n v e r s a r c o m o p r i m o sobre o s p r o -
b l e m a s pessoais e í n t i m o s . Já H u g o só v i e r a ao
a e r o p o r t o p o r insistência d e K e l l y , q u e i n v e n t o u
q u e seu c a r r o a p r e s e n t a v a p r o b l e m a s elétricos e,
p o r t a n t o , p r e c i s a v a d a a j u d a d o i r m ã o p a r a b u s -
c a r R a l p h n o G a l e ã o .
O a e r o p o r t o e s t a v a r e g u r g i t a n d o de g e n t e
n a q u e l e h o r á r i o . K e l l y g o s t a r i a m u i t o d e ter tra-
z i d o o n o i v o D a n y , a fim de q u e c o n h e c e s s e o p r i -
m o l o g o e m s u a c h e g a d a . E s t a v a t u d o a c e r t a d o ,
p o r é m D a n y s e sentiu i n d i s p o s t o n o ú l t i m o m o -
m e n t o . A l e g a v a u m m a l - e s t a r súbito e i n e x p l i -
c á v e l ; a l g o , t a l v e z , p u r a m e n t e e m o c i o n a l . T u d o
b e m . K e l l y r e s o l v e u q u e a p r e s e n t a r i a o n o i v o a o
p r i m o n a festa s u r p r e s a q u e p r e p a r a r a p a r a ele,

j u n t a m e n t e c o m a l g u n s a m i g o s d e R a l p h . S e r i a o
m o m e n t o i d e a l .
A i n d a n o aeroporto t e n t o u descontrair H u g o ,
q u e se c o m p o r t a v a de m a n e i r a a d e i x a r c l a r a a
s u a a v e r s ã o p e l o p r i m o . A l i á s , c o m o ele dizia, n ã o

tinhanadacontraoprimo, oqueoincomoda-
vaera seu comportamento - segundo Hugo, abo-
minável. Depois de muito insistir e de algumas
brincadeiras, Kelly conseguiu arrancar um sorri-
so dos lábios do irmão, o que ajudou a tornar o
momento do reencontro um pouco menos tenso.
Elamalpodiaesperarpeloprimo. Hugo, no
fundo, também sentia ciúmes da ligação tão in-
tensa entre Kelly e Ralph. Muitas vezes, chegava
em casa e lá estava a irmã ao telefone, falando
com o primo de outro continente. As conversas,
geralmente, duravam longo tempo. Hugo deseja-
va que a irmã se comportasse com ele da mesma
forma como agia com o primo. Havia dentro de
Hugo certa decepção e, ao mesmo tempo, ciú-
mes da amizade que cultivava a irmã e Ralph.
Além disso...
Ralphfinalmenteapareceuemmeioàspes-
soas que desembarcavam, como carrinho reple-
to de bagagem. O sorriso largo, acompanhado
da elegância no vestir, chamava a atenção tan-

t o d e K e l l y q u a n t o d e o u t r a s p e s s o a s . H u g o n ã o
d e i x o u de n o t a r o c h a r m e do p r i m o e desejou se-

c r e t a m e n t e ser u m p o u c o m a i s e l e g a n t e . R a l p h
c h a m a v a a a t e n ç ã o - isso ele n ã o p o d i a negar.
Q u a n d o H u g o e R a l p h se e n c o n t r a r a m , a ten-
são se estabeleceu. Kelly, efusiva, a b r a ç o u o pri-
m o c o m todo o c a r i n h o q u e p o d e r i a expressar e m
suas atitudes, d a f o r m a m a i s e x p l í c i t a possível.
H u g o , p o r sua v e z , q u a s e s e sentiu ofendido c o m
o olhar do p r i m o ou - q u e m sabe? - c o m a ele-
g â n c i a e o c h a r m e q u e o d e s t a c a v a m em m e i o à
gente ali presente.
- O l á , H u g o ! - p r o n u n c i o u o v i s i t a n t e , v i s i -
v e l m e n t e feliz p o r c h e g a r ao B r a s i l e e n c o n t r a r
p a r t e d a f a m í l i a .
- V o c ê , c o m o s e m p r e , está c h a m a n d o m u i -
ta a t e n ç ã o - H u g o r e s m u n g o u p a r a o p r i m o , n u -
m a f o r m a grosseira q u e e v i d e n c i a v a certa inveja
e c i ú m e da i r m ã .
- P u x a , p r i m o , n ã o v a i m e d a r u m a b r a ç o ?

Eu o i n c o m o d o tanto assim? - f a l o u R a l p h , a p r o -

x i m a n d o - s e p a r a a b r a ç a r H u g o , q u e s e sentiu

a c o n c h e g a d o nos b r a ç o s d o r a p a z .

E n q u a n t o os b r a ç o s do p r i m o o e n v o l v i a m ,

H u g o sentiu-se ao m e s m o t e m p o p r e e n c h i d o e

m u i t o i n q u i e t o . D e c i d i d a m e n t e , n ã o q u e r i a s e e x -

p o r assim. A c r e d i t a v a - ou p r o c u r a v a se c o n v e n -

cer - q u e todos o l h a v a m p a r a o p r i m o p o r s a b e -

r e m q u e ele era *gay*. E m b o r a R a l p h n ã o deixasse

27

transparecer a orientação afetivo-sexual, ao menos não de forma tão nítida e patente, assim mesmo Hugo via desse modo.

Sabendo Ralph do jeito machista do primo brasileiro e do quanto o incomodava a presença e o jeito tão carismático, decidiu abusar um pouco, olhando para Kelly, que se divertia como reencontro:

- Puxa, você está um charme, primo! Olhe que, se não fôssemos parentes tão próximos, de repente...

Hugo corou completamente; sentiu o mundo ruir aos seus pés de vergonha. Para ele, era como se todos ao redor tivessem ouvido a conversa - que, abem da verdade, foi absolutamente discreta - e passasse a encará-lo. Não sabia como se comportar.

Kelly interveio na situação, em meio a um largo sorriso de Ralph, que logo a abraçou. En-

quantosedirigiamaoestacionamento, Hugo fez
detudoparaficaralguns passos atrás, pois não
queria ser visto como primo de maneira algu-
ma. Afinal, ele era um *boiola,* e decididamente
nãosedavabemcomessagente, conformepen-
savaeafirmavaconstantementeàirmã. Contu-
do, osentimento que nutria pelo primo não era
exatamentederaivaouaversão. Emboratives-
se dificuldade em reconhecer, sentia muito mais
ciúmes da proximidade de Ralph com a irmã do

que realmente horror ao primo. Aliado a isso,
considerava-osecretamentemuitobonitopara
os padrões da sua roda de amigos. E essa bele-
za o incomodava, pois Ralph chamava a aten-
ção de moças e rapazes, indistintamente. Mesmo
conservando uma atitude relativamente discreta,
a simples presença do primo deixava-o incomo-
dadosobremaneira. MasHugonemsabiaoque
realmente o perturbava tanto. Ou sabia? O fato
é que se sentia muito incomodado.

Dirigiam-se a Ipanema, onde Kelly e Hugo moravam, quando Ralph confessou aos primos que não se sentiria à vontade no apartamento de ambos, tendo em vista o incômodo evidente do primo. Sabendo disso, antes mesmo de embarcar, reservara uma posento num hotel próximo, e ali se sentiria muito mais à vontade.

Kelly olhou meio de lado para Hugo, como a repreendê-lo, mas compreendeu a atitude de Ralph.

No fundo, Hugo sentia-se aliviado com essa atitude do primo, embora procurasse interpretar a situação de outro modo, pensando:

" Apostoque preferiu ficar no hotel para estar mais à vontade com seus machos... Vergonha para a família! Não quer nem saber o que meus amigos pensariam se o conhecessem. Bem, fica

29

melhorassim, poisaínenhumdosmeusamigos precisaráconhecereseboiola!"

- Que está pensando, tão caladoassim, meu irmão? Ficou feliz aouviranotícia de que Ralphnãosehospedaráconosco?

- Claroquenão, Kelly! Vocênãomeconhece direito - Hugo ficou aindamaisincomodado. Temiaque seus pensamentosestivessemtransparecendo, comoquesendodevassadospelairmãe, quemsabe, peloprimo.

Comumagostosagargalhada, Ralphnão perdiaaoportunidadedeprovocar. No percurso docarropela Av. Vieira Souto, Ralphcomentava elegantementea respeito dos rapazesqueviaao longodocaminho:

- Precisovisitarmaisо Brasil... Pareceque opessoaldaquitemumasaúdeincrível!

E, abanando-secomasmãos, comoaespantarocaloradvindodeumafonte imaginá-

ria, não bastasse o calor da Cidade Maravilhosa, complementou:

- Meu Deus! Que calor!... Isso aqui inspira a gente a tirar a roupa, não é, Kelly? Não consebo ficar no Rio com toda esta roupa no corpo.

Kelly riu gostosamente, pois sabia que o comentário tinha por objetivo importunar o irmão.

- Não se preocupe, meu querido primo - acrescentou ela, mordaz. - Em breve você êtirará tanto a roupa e tantas vezes que nem se dará

conta de que está fazendo todo este calor.

Novas gargalhadas, como se os dois estivessem combinando a participação em alguma balada só para provocar Hugo, que, àquela altura, estava a ponto de gritar de tanta raiva. Sim, o incômodo evoluiu para a raiva, duramente contida. Ainda bem que Kelly se assentara à frente no automóvel, que era conduzido pelo irmão, enquanto Ralph se acomodara no banco de trás. Eles sabiam como sua presença era indigesta e, se

fosse ao lado de Hugo, talvez a situação se complicasse ainda mais.

Após deixarem o primo no belo hotel em Ipanema, Hugo e Kelly se despediram, prometendo retornar em breve para buscá-lo. Afinal, ainda naquela noite Kelly promoveria um encontro para comemorar a chegada tão esperada de Ralph. Convidara alguns familiares e amigos, inclusive alguns amigos de Hugo, sem que este soubesse.

A noite chegou, e a luz da Lua conferia um toque especial à cobertura do apartamento, que fora preparada para a recepção ao visitante. Com discrição e extremo bom gosto, Kelly se esmerou na decoração do ambiente. Não eram muitos os convidados, porém foram escolhidos a dedo. Com certa vontade de dar uma alição no irmão, que se tornara bastante rude, Kelly fez questão de convidar três amigos dele.

31

- Você é louca, Kelly! Convidou o Sebastian e aqueles dois?... Eu não queria que conheces-

s e m o b o i o l a do m e u p r i m o , de jeito n e n h u m . E l o g o o Jean? E l e n ã o t e m t r a v a s n a l í n g u a . P e l o a m o r de D e u s , o q u e v o c ê fez? É a l g u m a v i n g a n ç a c o n t r a m i m ?

- O r a , m e u i r m ã o - r e s p o n d e u Kelly, disfarçadamente, enquanto recebia os convidados -, você sabe muito bem que adoro nosso primo. Aliás, nem sei por que sente tanta raiva dele, assim! Vocês eram tão amigos há alguns anos, quando ainda adolescentes... De repente, você se mostra assim, tão inquieto com a presença dele.

- Você está enganada, irmã! Nunca fomos amigos. Nunca! Ele vinha a nossa casa duas vezes ao ano e não tinha com quem conversar. Eu, por outro lado, tinha segundas intenções: queria aprimorar meu inglês. Só isso; mas nunca fomos amigos, como pensa.

- Você tem é ciúmes, Hugo! Admita. Todos os olhares se voltam para Ralph quando ele passa; mulheres e homens. E isso o incomoda. Como você dá uma de galã e conquistador, mulhe-

r e n g o c o n v i c t o , n ã o a d m i t e q u e h a j a a l g u é m q u e c o n c o r r a c o m v o c ê e , m a i s a i n d a : q u e a s m u l h e r e s p r e f i r a m ficar ao l a d o de R a l p h , q u e é *g a y* , d o q u e a o l a d o d e q u e m diz ser h é t e r o . . .

- D i g o , n ã o ; eu sou!

32

- Se é t ã o b e m r e s o l v i d o a s s i m c o m s u a s e x u a l i d a d e , p o r q u e s e d e s c o n c e r t a t a n t o n a p r e s e n ç a d e R a l p h ? S e t e m t a n t a c o n v i c ç ã o sobre sua s e x u a l i d a d e , sobre s u a o r i e n t a ç ã o a f e t i v a , p o r q u e n ã o s e d e i x a l e v a r p e l o h u m o r d a s b r i n c a d e i r a s d o nosso p r i m o ? P o r q u e s e i n c o m o d a t a n t o c o m o sucesso q u e ele faz a o n d e c h e g a ? S e m r e s p o n d e r a o c o m e n t á r i o d a i r m ã , H u g o a p o n t a v a a r o d a de p e s s o a s , a m i g o s e f a m i liares em torno do p r i m o , q u e p a r e c i a se divertir.

- Veja c o m o ele está t e n t a n d o se p a s s a r p o r m a c h o . P a r e c e até q u e a s m u l h e r e s são m í o p e s . N ã o e n x e r g a m direito? E s t á n a c a r a , p r a q u a l q u e r u m , q u e ele é b i c h o n a . Ou será q u e elas q u e r e m c o n v e r t ê - l o ?

- Que é isso, meu irmão? Ralph chegou hoje mesmo de viagem e, afinal, todos estavam esperando por ele, com exceção do Sebastian, do Jean e do Felipe, que ainda não o conheciam. Mas, quanto à conversão, você sabia que quase toda mulher morre de vontade de converter um *gay* e transformá-lo em hétero, né? É quase uma fantasia nossa. Então, todo o charme do nosso primo e a formação moldada com todas nós, mulheres, e que adoramos, não deixam de exercer um fascínio sobre nós. Veja a Bia, por exemplo, está o tempo todo abraçada com ele; não desgruda.

- Elas sabe a respeito dele. Porque está dan-

do em cima assim, descaradamente?

- Ah! **0** mistério das mulheres, meu irmão...

- disse Kelly, suspirando, enquanto preparava um *drink*. - Ou como vocês, homens, diriam: tirar uma casquinha não faz mal a ninguém. Vai que dá certo!

- Que nojo!... Você me dão arrepio.

- Que é isso? Olhe como seus *amiguinhos* estão se divertindo na conversa com nosso primo. Vá lá também, se não quem vai dar o que falar é você.

Hugo teve de admitir que sua atitude poderia despertar a atenção dos amigos. Aproximou-se do círculo de pessoas que conversavam com Ralph. O primo, para zoar com ele, aproveitou o momento e propôs um brinde:

- Quero brindar aos meus primos Hugo e Kelly - todos levaram as taças de champanhe ao ar, a partir do convite do rapaz. - Aos primos muito queridos, que me receberam com tanto carinho e prepararam esta recepção.

A alegria foi geral. E, para espanto e indignação de Hugo, e para agravar seu ciúme, um dos seus amigos pessoais, Sebastian, adiantando-se a qualquer um que pretendesse algo parecido, ofereceu-se a Ralph:

- Assim que terminarmos, quero lhe mostrar alguns lugares interessantes. Em Ipanema abriu

uma bala da que vale a pena você conhecer. Serei seu acompanhante nos dias em que estiver aqui.

Kelly olhou discretamente para Hugo, sem se pronunciar. Um sorriso discreto passou em seus lábios, o que não ficou despercebido por Ralph.

- Claro que aceito de bom grado sua oferta. Afinal, fiquei tantos anos sem vir ao Brasil que nem sei onde estão os melhores lugares.

- Ah! Se quiser ficar mais à vontade, tenho dois carros. Deixo um com você, caso queira. Assim, não precisa alugar nenhum nos dias em que permanecer aqui no Rio.

Hugo ficou boquiaberto com a oferta do amigo. Todos sabiam quanto ele era apegado a seus carros. Ele tinha um **BMW** de luxo e um Lamborghini. Ambos eram a coisa mais preciosa e de que Sebastian mais tinha ciúmes na vida. Jamais os emprestava. Aliás, quem quer que tivesse um daqueles dois carros dificilmente os emprestaria,

sobretudoparaumrecém-conhecido. MasSe-
bastian... Hugonãoentendia. Seráqueseuami-
gotambémera *gay?* Deformaalguma! Issoja-
mais! Sebastianera um *playboy* conhecidíssimo
na noite de Ipanemaeandavacomas mulheres
maislindas... Nãopoderiaemhipótese alguma
ser um *gay* enrustido. Hugolevantou-sesem sa-
beroque fazer ou dizer, deixandoàmostrasua

inquietação.
- Éclaroquevocêvaiaceitaraoferta de Se-
bastian, nãoéRalph? - indagouKelly, interessa-
da em enturmaroprimoparaque ficasse mais à
vontade.
Umpoucodesconcertado, poisnãosabiao
queoamigodoprimopensavaarespeitodoti-
podebaladaquegostariadeconhecer, Ralph
consentiuassimmesmo, diantedainsistência
daprima.
- Claroquesim! Serámuitobomter compa-
nhia, principalmentequetenhabomgosto eco-

nheçaanoitecarioca...

Algumasdasmulherestrocaramolhares,

poisacabavamdeperderachancedeacompa-

nharRalph.Aomenoséoquepensavam.Eco-

moumaououtraconheciaafamadeSebastian,

deduziramqueelelevariaovisitanteaconhecer

asmaisbelasmulherescariocas.Kelly,percebendo

odescontentamentodasamigas,logoprocurou

criarumadistração,chamandotodosparaa

áreaexterna,deondepoderiamobservarmelhor

omovimentonaorla.Sebastianfezquestão

deficarconversandocomRalphnomesmolugar

ondeestavam.

-Háquantotempomesmovocênãovemao

Brasil,Ralph?

-Puxa...Creioqueháunssetequeoitoanos;

talvez,dez.

-Ah!Entãotemmuitoaconhecerporaqui.

Semepermitir,levareivocêaumdoslugares

maisbadaladosdazonasulcarioca...

- P u x a ! - f a l o u R a l p h m e i o s e m jeito, t e n -
t a n d o d i s f a r ç a r q u e e s t a v a s e m g r a ç a e , a o m e s -
mo t e m p o , q u e r e n d o s o n d a r o n o v o a m i g o . - S e -
r á m u i t o b o m , p o i s n e m sei m a i s c o m o a n d a r p o r
a q u i . C o m t a n t a g e n t e b o n i t a n e s s a c i d a d e m a -
r a v i l h o s a , t e m o f i c a r d e s p r o t e g i d o .
- N e m p r e c i s a se p r e o c u p a r - disse S e b a s -
tian, a p r o x i m a n d o - s e a i n d a m a i s d e R a l p h , q u a -
se t o c a n d o - o . - E s t a r e i p o r p e r t o , se permitir,
s e m q u e r e r ser i n d i s c r e t o . G a r a n t o q u e n ã o irá
se arrepender, e n o s s a p r o x i m i d a d e p o d e r á ser
m u i t o p r o m i s s o r a . A l i á s , p o r a c a s o n ã o q u e r e s -
t i c a r u m p o u c o esta noite e i r l á e m c a s a e s c o l h e r
o c a r r o q u e m a i s lhe a g r a d a ?
R a l p h , s e e s t a v a desconfiado d e a l g o , a g o r a
t i n h a c e r t e z a . E s t a v a l e v a n d o u m a c a n t a d a d o
a m i g o m a c h ã o d o p r i m o . M e u D e u s - p e n s o u
R a l p h - , esses c a r a s c o m f a m a d e g a r a n h õ e s , h o -
j e e m dia, a n d a m resistindo t ã o p o u c o . . .
L e v a n t a n d o - s e q u a s e q u e b r u s c a m e n t e , fez
m e n ç ã o d e i r a o encontro d a p r i m a , q u e e s t a v a

reunidacomasamigaseosdemaisconvidados
naáreaabertadacobertura.
- Vamospensarnisso hoje ainda - respon-

deuele. - Prometoavaliarsuaoferta. Maspreci-
sovercomo estarei aofinal desta festa, poische-
gueihoje mesmoeKellynemmedeutempode
descansardaviagem.
Dandoumlargo sorriso, Ralph saiu em di-
reçãoàsmeninas, queriamdealgumacoisaque
observavamembaixo, na orla de Ipanema, a
qualnãoestavaassimtão distante doprédioon-
deseencontravam. Sebastianseguiu Ralphde
perto, esboçandocolocarobraço sobre seu om-
bro, como se fossem velhos amigos. Adescul-
padadanãobastouparalivrar Ralphdacom-
panhiadonovoamigo. É claroqueogestonão
passoudespercebidoporKelly emuitomenos
porHugo, que saiu doambiente quasesemfô-
lego, descendoumandaredeixandoosconvida-
dos na cobertura.

- E n t ã o espero v o c ê d e c i d i r - disse S e b a s -
t i a n . - Q u a l q u e r c o i s a me fale, p o i s estarei à in-
teira d i s p o s i ç ã o . E n e m p e n s e em r e c u s a r o car-
ro. F a ç o q u e s t ã o d e q u e aceite m i n h a oferta.
- S i m , sim, v o u p e n s a r s e r i a m e n t e . . . - a q u i e s -
c e u R a l p h , b u s c a n d o d e s c o n v e r s a r e n ã o d e i x a r
t r a n s p a r e c e r p a r a os d e m a i s o teor i n e s p e r a d o
d a c o n v e r s a c o m o a m i g o d o p r i m o .
A s s i m q u e H u g o d e s c e u p a r a o o u t r o p a v i -
m e n t o , i m p a c i e n t e e i n q u i e t o p o r c a u s a d a a t i -
t u d e d o a m i g o S e b a s t i a n , j o g o u - s e n o sofá d a

sala d e estar. S e u s p e n s a m e n t o s e s t a v a m e m
e b u l i ç ã o d i a n t e dos s e n t i m e n t o s e e m o ç õ e s q u e
v i n h a m à t o n a . P a r e c e q u e a v i s i t a de R a l p h d e -
s e n c a d e a r a r e a ç õ e s r e l a c i o n a d a s a v á r i o s confli-
tos d u r a m e n t e r e p r i m i d o s e m s e u interior. Q u e
e s t a v a a c o n t e c e n d o c o m ele? Q u e t i p o d e p e n -
s a m e n t o e m e r g i a d e s u a m e n t e ? T i n h a e s t a d o
t ã o s e g u r o d e s i n o s ú l t i m o s d e z a n o s q u e j a m a i s
i m a g i n a r i a l i d a r c o m e m o ç õ e s t ã o c o n f l i t a n -

tes como as que via aparecer. Fechou os olhos durante um suspiro profundo, e suavemente, em meio a esse turbilhão de eventos marcantes, regressou dez anos. As lembranças, por mais incômodas que fossem, eclodiam com toda a força, e Hugo não conseguia detê-las. Ou não queria, apesar de aparentar o contrário.

Sua memória registrou um dia qualquer de verão, em que se divertia com o primo Ralph numa praia do Rio de Janeiro. Notou que muitos garotos olhavam para o primo de maneira diferente, e Ralph, um garotão de 18 anos, olhar e sorriso sensuais, exercia certo fascínio sobre ele próprio e também sobre muitos meninos e meninas seus conhecidos. Sempre saíam juntos quando Ralph vinha ao Brasil com os tios ou mesmo sozinho. Aproveitava para treinar seu inglês nas conversações com o primo. **0** dia chegara ao fim e os dois se dirigiram ao sobrado onde, na época,

Kelly era espe-

cialmenteachegadaaoprimoeissodeixavaHu-
gomuitoincomodado, poispareciaqueosdois
disputavamaamizadedeRalph. Desdeospri-
meirosencontroscomoprimo, Hugonotaraa
atenção queasmeninaslhedirigiam. Então, des-
culpava-se, usavaapresençadeRalphtambém
para tirar partidodasmeninas. ERalphparecia
não seimportar. Ouquemsabejogassecomas
emoçõesdoprimo, quetambémtinha18anos,
comoele. Nofundo, nofundo, quemmanipu-
lavaquem? PareciaqueRalphsedeliciavacom
a situação. Eramalicioso. E, enfim, nemKelly,
naquelaépoca, muitomenosHugo, sabiamqual
eraojogodeRalph. Elegostavamesmodeme-
ninasoumeninos? Quemsabe, dos dois? Até en-
tão, Hugonãosepreocupavamaisdoquequal-
queroutrapessoa. Simplesmenteignoravaas
próprias emoçõesesensações. Nadamais. Pelo
menos até ali.

Jogado sobre a cama do quarto, naquele dia distante Hugo esperava Ralph tomar banho en-

quantoconversavamnumvolumealto, afimde
sobreporavozdeambosaobarulhodochuvei-
ro. Quando Ralph saiu do banheiro com algumas
gotas de água ainda escorrendo pelo corpo qua-
se musculoso - na verdade, um corpo mais para
definido do que para malhado -, Hugo estreme-

ceu ao ver o primo trocar de roupa à sua fren-
te. Os pensamentos foram muito além do habi-
tual. Ficou paralisado diante da figura do rapaz,
que parecia se despir lentamente, talvez queren-
do provocar algo no primo, que, tinha certeza,
olhava de alguma maneira. Quando Ralph se
virou, já vestido com um calção branco que lhe
realçava a cor bronzeada, Hugo tentou escon-
der o olhar ou desviá-lo. Mas o sorriso quase li-
bidinoso e malicioso do primo não o deixou dis-
farçar. Foi surpreendido pelo olhar pleno de
magnetismo. E, por um instante, Hugo pareceu
perder completamente os sentidos. Atirou-se com
toda a força em direção ao primo e, agarrando-

-o p e l a c i n t u r a , b e i j o u - o l o n g a m e n t e - o q u e foi
i m e d i a t a m e n t e c o r r e s p o n d i d o p o r R a l p h . H u g o
n ã o s a b e r i a dizer q u a n t o t e m p o s e p a s s o u d u r a n -
te o beijo a q u e se e n t r e g a r a , m a s , ao se afastar
do p r i m o , s u a d o , o f e g a n t e , e antes q u e o a p e l o
s e x u a l fosse a l g o irrefreável, saiu c o r r e n d o feito
l o u c o . D i r i g i u - s e à p r a i a m a i s p r ó x i m a e c o n t i -
n u o u c o r r e n d o p o r l o n g o t e m p o . O s p e n s a m e n t o s
a f o g u e a d o s , a s e m o ç õ e s e m e b u l i ç ã o . E r a c o m o
se quisesse correr da a t r a ç ã o q u a s e irresistível
q u e n ã o c o n s e g u i r a represar, correr d o q u e sur-
g i a dentro d e s i m e s m o . N ã o s a b e r i a c o m o e n -
c a r a r o p r i m o n o v a m e n t e . E m a l g u m m o m e n t o ,
p o r é m , teria de v o l t a r p a r a c a s a , o m e s m o l u g a r
41
o n d e ele se h o s p e d a v a . M a s , d e f i n i t i v a m e n t e , n ã o
ficaria n o m e s m o q u a r t o o n d e R a l p h d o r m i a . D e
f o r m a n e n h u m a . E c o m o e n c a r a r i a a i r m ã ? E se
R a l p h tivesse c o n t a d o t u d o p a r a ela? E l e n ã o era
gay e n ã o p o d e r i a ser c o n f u n d i d o c o m u m . E m
h i p ó t e s e a l g u m a !

Apreensivo e com o coração apertado, Hugo finalmente dirigiu-se para o sobrado da família, após uma ou duas horas. Os pais viajavam na companhia dos pais de Ralph; logo que chegou, encontrou a irmã e o primo juntos, rindo gostosamente, com se nada houvesse acontecido. Ralph não contara nada da a Kelly. Mas disso Hugo só saberia anos depois. Por muito tempo, ficou preocupado pensando se a irmã saberia de alguma coisa, do ocorrido entre ele e o primo. E, para mascarar a situação íntima, decidiu arranjar uma namorada, investir nas baladas mais audacio-sas; a partir de então, teve muitas garotas, muitas mulheres, criando fama de machão, de hétero convicto e praticante. E era o orgulho do pai.

Ralph voltara para a terra natal; como o primo permaneceu o mais silencioso possível, não dando chance a nenhuma conversa, manteve-se tranquilo, sem forçar qualquer situação entre ambos. Kelly, por sua vez, deduziu que os dois tivessem tido alguma discussão na praia naquele

dia. C o m o H u g o n ã o e s c o n d i a seu c i ú m e e m re-

42

l a ç ã o à p r o x i m i d a d e do p r i m o c o m a i r m ã - na v e r d a d e , essa a t i t u d e o c o r r i a m a i s d e v i d o a o m e - d o do q u e p o d e r i a ser r e v e l a d o a ela - , a m b o s s e m a n t i v e r a m a f a s t a d o s .

A s r e c o r d a ç õ e s d e H u g o f o r a m p e r t u r b a d a s q u a n d o R a l p h d e s c e u as e s c a d a s r a p i d a m e n t e e o c h a m o u , i n t e r r o m p e n d o o fluxo da m e m ó r i a :

- V e n h a , p r i m o ! A s m e n i n a s estão e s p e r a n - d o . T o d a s p e r g u n t a m p o r v o c ê .

- V e a d o d e s g r a ç a d o ! - insultou o p r i m o s e m o m e n o r pudor. R a l p h foi p e g o desprevenido e sen- tiu-se c h o c a d o c o m a s p a l a v r a s duras d o p r i m o .

S e m d i z e r p a l a v r a , R a l p h s u b i u a s e s c a d a s , a t ô n i t o c o m a r e a ç ã o de H u g o . D e p o i s de d e s p i s - tar, a l e g a n d o estar e x t r e m a m e n t e c a n s a d o e c o m dor d e c a b e ç a , d e s p e d i u - s e d e t o d o s , d e i x a n d o K e l l y i n t r i g a d a .

S e b a s t i a n o a c o m p a n h o u , depois de m u i t a in- sistência, até o hotel. D e n t r o do c a r r o , n ã o a g u e n -

tandomais, Ralphexplodiuempranto. Cho-
roucopiosamente. Sebastianparouocarronum
acostamentoqualquereesperouqueonovoami-
go seacalmasse. Asituaçãofavoreceuaproxi-
midadedeambos. AbraçandoRalph, Sebastian
acariciouseuscabelos, passouobraçoemtorno
de seus ombros e, sentindo seu perfume, deixou-
-se inebriarcomasensaçãodepazqueinvadiua
ambosnaquelamadrugada. Beijaram-sealimes-

mo, nummistodecarinho, ternuraecompaixão
inspiradospelomomentoqueRalphvivenciava.
Sebastianpermaneceuem silêncio; nãopergun-
tounada, respeitandoaemotividadedocompa-
nheiro. Apenaspronunciouumaspalavras:
- Quandovocêquiserfalaralgumacoisa,
estarei aqui. Querooque se sinta à vontade. Aci-
madetudo, querosermuitoamigocomquempos-
sa contar.
Sebastiandeixou Ralphnohotel, furtando-
-se atentarqualqueraproximaçãomaisíntima,

q u e p r o v a v e l m e n t e seria i n c o n v e n i e n t e n a q u e l e
m o m e n t o d e s e n s i b i l i d a d e . A p e n a s d e i x o u c o m
ele seu n ú m e r o de telefone.
A l g u m a coisa m u d a r i a p a r a sempre n a v i d a
d a q u e l a s p e s s o a s . D e R a l p h , S e b a s t i a n , H u g o e
Kelly. E de m a i s a l g u m a s pessoas t a m b é m , em
outras c i d a d e s , e m outros l u g a r e s . S ó q u e , n a q u e -
l e m o m e n t o , n e n h u m a delas s a b i a d e n a d a . E r a m
t ã o somente folhas l e v a d a s p e l o v e n t o do destino.
D E P O I S Q U E T O D O S S E F O R A M , K e l l y p r o c u r o u o
i r m ã o p a r a c o n v e r s a r . A s i t u a ç ã o entre a m b o s
n ã o era l á m u i t o b o a . K e l l y i n t u í a q u e a l g u m a
c o i s a o c o r r e r a entre o i r m ã o e o p r i m o .
- F a l e , H u g o , v a m o s ! D e s t r a v e essa l í n g u a e
me conte o q u e a c o n t e c e u - disse n u m t o m m a i s

firme q u e o h a b i t u a l .
- A c o n t e c e u o q u ê ? P o r a c a s o sou a g o r a res-
p o n s á v e l p o r t u d o q u e a c o n t e c e nesta c a s a ? **0** v e a -
d i n h o saiu c a n s a d o , c h a t e a d o o u c h o r a m i n g a n -
d o , e a g o r a sou eu o c u l p a d o p e l o c a n s a ç o dele?

- P u x a , m e u i r m ã o , n e m s e i o q u e p e n s a r d e v o c ê . C o m t a n t o r a n c o r a s s i m e u m h i s t ó r i c o t ã o c o m p l i c a d o c o m o o s e u , n ã o s e i o n d e s u a v i d a v a i d e s e m b o c a r , c o m o s e f o s s e u m r i o c h e i o d e detritos de r a i v a e ó d i o .

- V o c ê n ã o t e m n a d a a v e r c o m i g o e n ã o q u e r o m a i s s a b e r d e R a l p h . N ã o m e c h a m e p a r a n e n h u m e v e n t o e m q u e ele esteja presente.

- M a s ele n ã o fez n a d a c o m v o c ê ! N ã o p o d e a o m e n o s ser m a i s e d u c a d o , a t e n c i o s o o u , t a l - v e z , m e n o s i n t o l e r a n t e ? - a s p a l a v r a s s a í a m d a b o c a d e K e l l y c o m u m l a i v o d e r a n c o r c o n t r a o i r m ã o , d e r a i v a m e s m o , p o i s q u e t o d o s o s p r e - sentes a o e v e n t o , p r e t e n s a m e n t e u m a r e c e p ç ã o p a r a o p r i m o , p e r c e b e r a m a l g o diferente entre H u g o e R a l p h .

- M a s q u e d r o g a ! J o g a m a c u l p a em m i m p o r t u d o o q u e a c o n t e c e n e s t a f a m í l i a ! - p r o t e s t o u H u g o , d e f e n d e n d o - s e .

A t é e n t ã o , a f a m í l i a n e g a v a a d m i t i r q u e H u - g o s e e n t r e g a v a à s farras, à s b a l a d a s m a i s i n t e n -

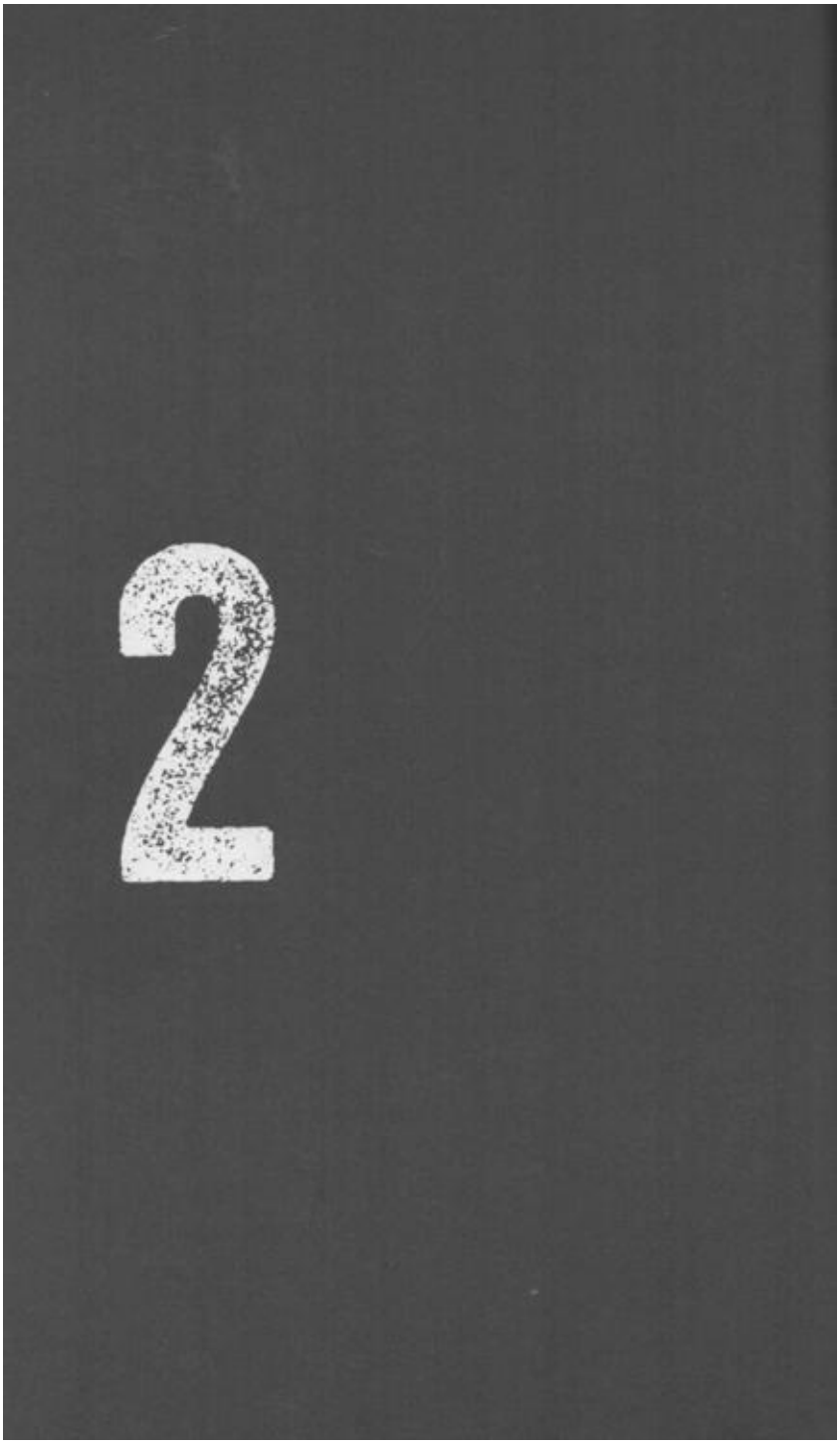
sas; d e d e t e r m i n a d o t e m p o p a r a c á , h a v i a s e e n -
v o l v i d o c o m a l g u m a s d r o g a s m a i s p e s a d a s . Isso

p r e o c u p a v a s e r i a m e n t e a f a m í l i a . P o r é m , n i n -
g u é m f a l a v a disso. H a v i a u m a p r o i b i ç ã o t á c i t a
d e t o c a r n o a s s u n t o a b e r t a m e n t e . A c r e d i t a v a m
q u e , n ã o f a l a n d o n o p r o b l e m a , ele d e i x a r i a d e
existir. **0** q u e todos n e m d e s c o n f i a v a m é q u e o
interior d e H u g o era u m v u l c ã o prestes a entrar
e m e r u p ç ã o . E l e e s t a v a e m p e r m a n e n t e confli-
t o c o m s u a i d e n t i d a d e s e x u a l , a t o r m e n t a d o p e l o
teatro q u e se i m p u n h a e e n c e n a v a a fim de o c u l -
tar o d r a m a interior q u e o c o n s u m i a . As r e c o r d a -
ções c l a r a s n a q u e l a noite, v í v i d a s c o m o n u n c a ,
f o r a m a g o t a d ' á g u a .
D i a a dia, H u g o se a f u n d a v a m a i s em d e s c u l -
p a s e fantasias, a l i m e n t a n d o u m a ilusão q u e p o -
d e r i a l e v á - l o d i r e t a m e n t e a o f u n d o d o a b i s m o .
O m é t o d o q u e e s c o l h e r a p a r a fugir de si m e s m o
e r a m as d r o g a s , o s e x o a v e n t u r e i r o c o m m u i t a s
m u l h e r e s , u s a n d o - a s c o m o f u g a , c o m o objeto se-

x u a l , s e m satisfazer-se, s e m e n c o n t r a r - s e . H u g o
p e d i a socorro a t r a v é s d e suas a t i t u d e s . O s desre-
g r a m e n t o s a q u e se e n t r e g a v a e r a m o c l a m o r p o r
a j u d a , a l i n g u a g e m n ã o a r t i c u l a d a de q u e l a n ç a -
v a m ã o p a r a d i z e r q u e e s t a v a infeliz e p e r d i d o .
K e l l y , m u i t o sensível à s i t u a ç ã o do i r m ã o ,
t o m o u u m a a t i t u d e q u e , p a r a u m m o m e n t o c o -
m o a q u e l e , era i n u s i t a d a ; a l g o q u e n ã o s e p o d e -
ria e s p e r a r d a p a r t e d e seus p a i s . H u g o j a m a i s
e s p e r a r i a q u e , e m m e i o a u m a d i s c u s s ã o , à s l á -

g r i m a s q u e c o m e ç a r a m a b r o t a r dos olhos da ir-
m ã , ela tivesse u m a i n i c i a t i v a dessas. G r i t a n d o
e c h o r a n d o a o m e s m o t e m p o , K e l l y a g a r r o u - s e
a o i r m ã o ; a b r a ç a n d o - o f o r t e m e n t e , e n q u a n t o ele
t a m b é m c h o r a v a , q u a s e e m c o n v u l s ã o , ela f a l o u ,
m o d i f i c a n d o o t o m de v o z :
- H u g o , m e u i r m ã o , olhe p r a m i m ! . . . S a i -
b a q u e e u t e a m o . E u t e a m o , m e u i r m ã o ! Seja o
q u e for q u e esteja a c o n t e c e n d o , p o d e c o n t a r c o -
m i g o . V o c ê s a b e disso, n ã o s a b e ?

0 i r m ã o , em p r a n t o s , d e s v e n c i l h o u - s e de seus b r a ç o s e, o l h a n d o firmemente em seus o l h o s , e m b o r a c o m o s seus p r ó p r i o s m a r e a d o s d e l á g r i - m a s , e s b o ç o u d i z e r a l g u m a c o i s a , m a s r e s o l v e u sair. P e g o u a s c h a v e s d o c a r r o e saiu p a r a u m l u g a r q u a l q u e r . C o r r e n d o feito l o u c o , p a s s o u n u - m a b a l a d a q u e v i u p e l o c a m i n h o e t o m o u a l g u - m a s b e b i d a s , n u m a m i s t u r a i n c o m u m até m e s - m o p a r a ele. E m s e g u i d a , e n t r o u n o v a m e n t e n o v e í c u l o e d e u p a r t i d a . H u g o p r e f e r i u fugir, fugir d e s i m e s m o , d e s u a i r m ã , d e s u a r e a l i d a d e . N ã o p o d e r i a a c e i t a r o s s e n t i m e n t o s , o s p r ó p r i o s d e s e - j o s , e e s c o l h e r a r e p r i m i r a s e m o ç õ e s d a m a n e i r a q u e s a b i a , c h a f u r d a n d o - s e a i n d a m a i s n a l a m a de suas e s c o l h a s , q u e p o d e r i a m l e v á - l o a c o n s e - q u ê n c i a s d r á s t i c a s p a r a s i m e s m o .


2

UM DIA QUALQUER, 3H31 DA MADRUGADA



s PRAIAS, a paisagem natural assombrosa, o Corcovado, o Pão de Açúcar: o Rio de Janeiro continuava a ser uma cidade maravilhosa. Apesar dos devaneios de seus habitantes, a cidade era atraente. Contudo, o trânsito às vezes se mostrava caótico, mesmo nas regiões em que predominava a beleza natural. Conviviam a natureza exuberante e a frenética vida urbana, com a louca corrida pela sobrevivência.

Após uma noitada cheia de emoções fortes e algumas bebidas para nublar a situação de desespero íntimo, o veículo corria pela Linha Vermelha com seu único ocupante. O consumo excessivo de álcool fazia com que ele já não dominasse completamente a máquina. Mesmo assim, sentiu necessidade de correr cada vez mais, embriagando-se na velocidade alucinante à qual se entregava como numa viagem psíquica provocada pelas drogas ou, talvez, numa atitude francamente suicida, embora irrefletida. Entre o ruído da música estridente e os carros que rodavam na pista, o veículo parecia deslizar, embora governado por alguém que já não mais se governava.

Hugo nem percebeu quando saiu da Linha

RIO DE JANEIRO

Vermelha e tomou caminho por uma marginal, entrando no fluxo de trânsito de maneira alucinante. A mente do rapaz condutor do veículo não conseguia coordenar mais, com precisão, os movimentos necessários para evitar acidentes. Dentro do automóvel, alucinado com os excessos daquele noite, Hugo trazia a alma atormentada por mil ideias que emergiam de si. As emoções vinham à tona arrebentando a máscara duramente mantida, a qual caía sob o efeito do álcool e de outra substância tóxica ingerida antes, na tentativa de maquiar seu conflito íntimo. Pensamentos, emoções e desejos contraditórios povoavam o panorama interior de Hugo.

52

Nas telas da memória, ele via as imagens das mulheres com as quais dormira e que, para ele, representavam apenas objetos sexuais destinados a sufocar o torvelinho de emoções e anseios que não tinha coragem de enfrentar. Aliás, ele não tinha vontade de enfrentar-se. Entregava-se ao desregramento da sexualidade como fuga da realidade íntima.

No instante seguinte, vinha-lhe à mente a figura de Ralph, o primo que vivera de Nova Iorque, o qual Hugo teimava em evitar rechaçar, devido às avalanches que irrompiam dentro de si à simples lembrança da pessoa de Ralph, que tornava patente sua condição de fragilidade emocional. O primo deixava-o à mercê de sensações descontroladas, com as quais não sabia lidar e, por isso, recusava enfrentá-las.

Era em meio a esse vaivém de emoções e sentimentos, culpas e castigo interior que o cli-

m a m e n t a l d e H u g o e s t a v a forjado.

R e v o l t a d o c o n s i g o m e s m o e c o m o m u n d o - o s e u m u n d o -, o r a p a z n ã o n o t o u q u e , à s u a frente, o sinal h a v i a se m o d i f i c a d o de a m a r e l o p a r a v e r m e l h o . A ú l t i m a c o i s a q u e p e r c e b e u de f o r m a m a i s ou m e n o s l ú c i d a foi o poste à s u a frente, c o n t r a o q u a l o v e í c u l o já se c h o c a v a c o m t o d a a força, t r a n s p o r t a n d o - o do e s t a d o a l t e r a d o de c o n s c i ê n c i a , f o r ç a d o p e l a s d r o g a s , à i n c o n s c i ê n -

c i a m a i s p r o f u n d a , a q u e o a c i d e n t e o i n d u z i a . Sopros de p e n s a m e n t o , fragmentos de m e m ó - ria e e m o ç õ e s petrificadas ante o susto, o p a v o r - o t r a u m a v i v i d o v i n h a - l h e à m e n t e v e z ou outra. H u g o p a r e c i a se d i l u i r p o r i n t e i r o n a q u e l e e s t a d o í n t i m o t o r m e n t o s o , a o q u a l se e n t r e g a v a e n q u a n t o t o d a a c e n a d o a c i d e n t e b o i a v a n a s i m a g e n s q u e se p a s s a v a m e m s u a v i s ã o interior, e n t r e c o r t a d a p e l o b a r u l h o d a sirene d a a m b u - l â n c i a q u e o t r a n s p o r t a v a a o h o s p i t a l m a i s p r ó - x i m o . P a r e c i a q u e o f i m h a v i a c h e g a d o . M e s -

mo as imagens fugidias cessaram por completo, ainda dentro da ambulância. O corpo desfalecera de vez.

BAIXADA FLUMINENSE

DESDE MUITO TEMPO se dedicava à fé evangélica. Tornara-se pastor de uma vertente do movimento neopentecostal e há alguns anos fundara a própria igreja, tentando transformar a vida sua e dos filhos e esposa num exemplo de dedicação, conforme sua visão da Bíblia. Mas o convívio familiar não fora exatamente aquilo que imaginara. **0** demônio tentava a todo custo botar sua alma a perder, usando um dos filhos, segundo acreditava, para atingir seu ministério divino. Justamente o filho ao qual devotava maior amor parece que se renderá aos ardis de Satanás, que

arrebatara a sua alma para as fileiras do inimigo. Já na adolescência, o filho demonstrava traços de um desvio comportamental impossível de ser admitido por um servo de Deus, segundo en-

tendia e defendia a interpretação de sua igreja. Muitas vezes pregara no púlpito a respeito dos pecados, da interferência maligna, satânica, que deveria ser extirpada do meio do povo de Deus, de sua igreja. E que os salvos jamais poderiam ser corrompidos pelas artimanhas e pelos dardos inflamados do Maligno. Até perceber que aquele filho, até então eleito para prosseguir no ministério, a quem ensinaria o ofício pastoral, mostra-ra-se mais sensível que os demais. Enfim, ora-paz declarara-se abertamente *gay* para a família. Longos períodos de jejum e oração, correntes de descarrego e outros métodos foram empregados como objetivo de afastar o demônio do mi-tado filho, que estava cada vez mais se distanciando dos conselhos cristãos dados pelo pai. A esposa, silenciosa, acatava cegamente os ditames do marido, pois a Bíblia asseverava que a mulher deveria ser totalmente submissa ao homem. Mesmo discordando do chefe da família, ela obedecia, pois, além do mais, era ele o pastor daquele

rebanho. E no seu silêncio e omissão, deixou o filho entregue aos piores momentos e tormentas decorrentes do fundamentalismo do pai e pastor.

55

Adir havia desenvolvido um sério problema cardíaco. A angina se instalara, e, no radicalismo de suas convicções, ele não admitia tratamento médico algum. Jesus haveria de curá-lo a qualquer custo. Não permitia, também, que mulher e filhos procurassem socorro médico. Que se entregassem a Jesus, e ele os curaria. Como algumas enfermidades não se curavam, dizia que não haviam entregue o coração plenamente.

Quanto ao filho *gay*, bem, a violência doméstica transformou-se em algo comum no cotidiano do rapaz, e talvez a expulsão de casa fosse para ele, entre os males enfrentados, o menor de todos. Fora acolhido generosamente por uma família de Petrópolis com a qual fizera amizade e encontrara grande afinidade.

Adir expulsou o filho de casa ainda antes que

completasse 18 anos de idade. Não admitiria um filho que depusesse contra sua profissão de fé e que, além disso, fosse a prova viva de que Jesus não "curava" a homossexualidade. Afinal, os sodomitas, os homossexuais, em sua corrente religiosa, eram considerados perdidos, afastados de Deus, e a prática homoafetiva, abominável, digna do fogo do inferno. E ponto final. A partir daquele momento, tinha somente dois filhos. **0** terceiro fora banido, deserdado, embora perante a comunidade de fiéis declarasse que tinha ido morar no exterior. Numa das pregações, acentuara:

- **0** mundo está perdido. Satanás é dono da vida de milhões de pessoas. Vejam, meus irmãos, o que dizem as Escrituras sobre Sodoma e Gomorra. **0** pecado dessas cidades foi exatamente o pecado do sexo, de homens que gostavam de outros homens; de homens que dormiam com outros homens. E vejam, meus irmãos muito amados, que Deus varreu aquelas cidades da face da

Terra. Aleluia! Por essa mesma razão, na atualidade, a maioria das cidades mais famosas, mais populosas do mundo, serão devastadas pelo cálice da ira de Deus. Aleluia! A Bíblia afirma: terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo. Oh! Glórias! Aleluia! Assim, o pecado dos sodomitas, do sexo praticado com pessoas do mesmo sexo, é a grande e terrível maldição que atrairá a ira de Deus no final dos tempos.

Sem maior fundamento do que a interpretação pessoal do texto bíblico, Adir pregava e condenava com fervor enquanto sua mente se recordava do filho. Seu coração, reprimindo a culpa e tudo o mais que sentia pelo filho, manifestava as emoções descontroladas e em ebulição na forma de dor física. **0** teor severo da pregação servia a dois propósitos. A o tempo que dissimulava a situação que vivia familiarmente, em casa, era também uma maneira de justificar a própria de-

cisão, atribuindo mais à punição divina e menos

à esfera p e s s o a l a a t i t u d e de b a n i r e d e s e r d a r o f i l h o q u e r i d o .

Os dois outros filhos s a í r a m de c a s a e f o r a m a s s u m i r c a d a q u a l seu p r ó p r i o ministério, e m o u - tras c i d a d e s . E r a m servos de D e u s , conforme o p a i a c r e d i t a v a e a eles se referia. E n f i m , n u n c a m a i s r e c e b e r a q u a l q u e r notícia do filho e x p u l s o ; j a m a i s tivera c o r a g e m d e p r o c u r a r s a b e r p o r o n d e a n d a v a , e m b o r a secretamente ansiasse p o r isso.

E m seu c o r a ç ã o , t i n h a s a u d a d e s ; e m sua m e n t e e seus p e n s a m e n t o s , sentia v e r g o n h a p o r h a v e r tido um filho *gay*. M a s ele, o p a s t o r das o v e l h a s d i v i - n a s , n e m sequer dera t e m p o de o filho a m a d u r e - cer seus sentimentos; n ã o e s p e r a r a o filho a d q u i r i r m a t u r i d a d e e v i v e n c i a r sua afetividade. E r a u m a a b o m i n a ç ã o . E x p u l s a r a - o c o m o a a l g u é m q u e n ã o merecesse j a m a i s misericórdia, c o m o q u e m c o - m e t e r a u m c r i m e h e d i o n d o . E t u d o e m n o m e d e D e u s , o P a i q u e era t o d o justiça e b o n d a d e .

A l g u n s a n o s de m u i t a d i s c u s s ã o no lar se p a s s a r a m ; a r e v o l t a da m ã e e m u l h e r c o m a se-

paração do filho parecia alcançar patamares santos nem sequer imaginados, de tal maneira que ela se distanciava da própria igreja que ajudara a fundar. **0** lar do pastor Adir desmoronava a passos largos, e ele mesmo, enfraquecido e cheio de culpas, forjou o clima propício à própria ruína.

58

"Meu Deus! - pensava. - Que está acontecendo comigo? O velho coração parece vacilar. Me salva desta hora, Senhor! Ah! Meus filhos, meus dois filhos queridos... Que vai ser de vocês sem seu pai para cuidar de suas salvação?"

Eclamava, alto e bom som:

- Oh! Senhor, eu te imploro, não me chames agora! Eu preciso ficar por mais tempo na Terra. De more tanto para construir a igreja, converter tantas almas ao Senhor e, agora, na hora de usufruir tudo isso, cá estou, preso ao leito, sentindo-me só, abandonado pelos filhos que o Senhor me deu...

"Não tem problema! Não importa! Na ver-

dade, eles não me abandonaram. Todos estão crescidos, educados e são missionários. Precisam levar a avante a obra que comecei. Por isso, foram reunidos no Senhor. Meus filhos! Todos estão no caminho certo, no caminho do Deus vivo.

"Ai! As dores..."

Mas o silêncio já não bastava:

- Socorro! Socorro! Alguém me ajude!

As imagens da vida do Pastor Adir passavam-lhe diante dos olhos. Era como num filme no qual ele era o protagonista e, ao mesmo tempo, o espectador de si mesmo. Os minutos se passavam, transformados em horas, e a aflição dos derradeiros momentos era algo difícil de ad-

m i n i s t r a r s e m u m a fé firme e inteligente.

- 0 s a n g u e de Jesus t e m p o d e r ! . . . Q u e e s - t á a c o n t e c e n d o c o m i g o , S e n h o r ? A B í b l i a n ã o diz q u e o S e n h o r s a l v a e c u r a ? P o r q u e n ã o me c u r a s ? P o r q u e n ã o m e c u r a s deste m a l ? A m e n t e c u l p a d a o u v i a v o z e s ; A d i r v i a v u l t o s e n v o l v e n d o - o , c h a m a n d o - o , p u x a n d o - o p a r a fora d o c o r p o . E r a u m misto d e c u l p a e crise p s i c ó t i c a . Nesse e s t a d o d e e n f e r m i d a d e d a a l m a , d a m e n t e doentia, o v e l h o p a s t o r s e a p e g a v a c a d a v e z m a i s à s interpretações pessoais d a s E s c r i t u r a s . N ã o a b r i a m ã o d e suas c r e n ç a s m a i s a r r a i g a d a s , e s - t r u t u r a d a s n o f u n d a m e n t a l i s m o e v a n g é l i c o .

" E s s a s v o z e s q u e o u ç o . . . serão o c o r o dos anjos? S e r á q u e o S e n h o r v e i o m e b u s c a r ? A h ! M e u s filhos, m e u s filhos! G r a ç a s a D e u s eu os c o n d u z i p a r a a s a l v a ç ã o . "

0 p r a n t o c o n v u l s i v o r o m p e u as b a r r e i r a s da e n c e n a ç ã o p a r a si m e s m o . A m á s c a r a de s a l v o e

desantidadecompulsória não resistiu às dores
etormentasqueseavizinhavam; otemorsubs-
tituiudeimediatoamaquiagemqueencobriaa
face interior desuaalma.
"Equantoao Carlos? Que será dele? Como
eugostariaqueoCarlostambémtivesse se sal-
vado... Mas ele se recusou a seguir os caminhos
do Senhor. Resolveu se entregar ao inimigo das
almas, aopoderdoDiabo. Eunãopodia dei-

xarqueelecontaminasseafamíliaemaculasse
aobratãoabençoadaqueentãocomeçavaa se
erguer. Mas os outros filhos, esses sim! Eles se
entregaramcompletamenteaoSenhoreouviram
minhavoz."
Aquelaaltura, dores e falta de ar produziam
tormentosmaiores. Ataquicardiaseestabeleceu,
enquantoapressão arterial demonstravaqueo
corpoestavano limite desuas resistências. Era
apenasumaquestãodetempo.
No íntimo, opastorenfrentava-se em meio a

angústia, apreensão e amargura. O medo da morte e do inferno somado à incerteza de um céu que pregara durante toda a vida pintava um quadro desolador, tormentoso. Tudo isso o consumia, enquanto os pensamentos já não se sucediam de modo racional. Era mapenas lampejos, pedaços de si, que a memória da mente eterna lançava no restante de consciência e lucidez.

A lembrança do filho Carlos o atormentava especialmente. Era o bastardo - ou pior, o renegado, aquele que se apartara da fé *escolhendo* comportamento proibido, diferente. Por causa dessa *escolha* maldita, merecia, também, uma resposta diferente. Fora alijado da convivência familiar. No entanto, agora que Adir se aproximava inexoravelmente dos momentos finais da

existência, a dúvida parecia ser a marca que teimava em romper as barreiras íntimas. Teria agido corretamente com o filho Carlos? - não tinha coragem de formular a hesitação em voz alta. E

os dois outros filhos, aos quais dedicara a vida, o amor e o conhecimento? Sumiram todos; não tinha notícias havia algum tempo.

Entre os fragmentos de emoções, pensamentos, inquietações e culpas, o suspiro final.

Estarrecido, desfalecido, trazia imagens congeladas nos olhos, que refletiam, no momento derradeiro, a aflição íntima. Pareciam vitrificados, como se trouxessem impressa, nas pupilas, a visão do filho abandonado. Enfim, a culpa se estabelecera de maneira intensa, quase infernal.

Chegara ao término, colocando ponto final à utilidade do corpo. Entretanto, a continuidade daquela vida era atestada pelas reticências que o morrer parecia grafar nas páginas da existência de Adir...

Muito embora a morte venha para todos em algum momento da linha do tempo, o desencarne, o desligamento da matéria, da carne e das questões terrenas é conquista de bem poucos.

O corpo entrou em convulsão, indicando que a

morteveio, masnãoofinal. Aqueleeraapenas
ocomeçodeumcapítulonovonolivrodavida.
Nadamais, nadamenos. Nastelasdamemória,
ouviaalguémchorardelonge:
62
- PastorAdir... PastorAdir...
Naqueleinstante, os olhos se fecharampara-
raomundodoschamadosvivos. Agora, abria-se
aalmaparaoenfretamentodesimesma. Pri-
sioneironumlapsodetempo, Adirmergulhava
nummundoprópriodeculpaseautopunições.
Eram3I131 damadrugadanumacidadequalquer
daBaixadaFluminense.

SÃOPAULO

A **VIATURACHEGARA** semprévioaviso. Aqueles
querepresentavamajustiçaeseinvestiamde
umaautoridademuitasvezesquestionáveldes-
ceramderevólverempunho, gritandoeagre-
dindotodosqueencontravamnoentroncamento
deumadeterminadaruacomumaavenidade
grandemovimento. Nãodistinguiamosmorado-

res do l o c a l , os t r a n s e u n t e s ou a q u e l e s q u e f a -
z i a m p o n t o n o e s q u e m a p e r i g o s o d e c o m é r c i o d o
c o r p o e da a l m a .
E r a um p o n t o d e p r o s t i t u i ç ã o . H á m u i t o q u e
a q u e l e l o c a l era f r e q u e n t a d o p o r g a r o t o s e g a r o -
tas de p r o g r a m a , os q u a i s a p r e n d e r a m a s o b r e v i -
v e r c o m a v e n d a de seus c o r p o s . **0** c l i m a p s í q u i c o
f a z i a c o m q u e o ar p a r e c e s s e irrespirável, d e v i d o
a o r e b a i x a m e n t o v i b r a t ó r i o . E s t r a n h o o d o r era
63
p e r c e b i d o n o ar, p o r q u a l q u e r um q u e ali p a s s a s -
se. M a s n e m todos e s t a v a m ali d e v i d o a o c o m é r -
cio dos sentidos. M u i t o s i a m e v i n h a m de seu tra-
b a l h o , e m d i r e ç ã o a a l g u m p o n t o de ô n i b u s , ou
b u s c a v a um t á x i , a f i m de r u m a r e m p a r a c a s a ,
já q u e o m e t r ô n ã o c i r c u l a v a n a q u e l e h o r á r i o .
P o r outro lado , m u i t o s h o m e n s e m u l h e r e s
d e s f i l a v a m p o r ali c o m o q u e e m b r i a g a d o s p e l a
rede d e p r a z e r e s o u p e l a f a c i l i d a d e do c o m é r c i o
i n c o m u m . A v i d a n o t u r n a e r a intensa, e as d r o -
g a s , b a r g a n h a d a s de f o r m a n a t u r a l , a t r o c o de

um p u n h a d o de reais ou de ofertas o u t r a s , à se-
m e l h a n ç a de um leilão dos sentidos e dos c o r p o s .
T ã o l o g o a p o l í c i a a p a r e c e u , c a d a u m dos
f r e q u e n t a d o r e s sentiu-se a m e a ç a d o e r e a g i u , c a -
d a q u a l à sua m a n e i r a . A l g u n s p r o c u r a r a m s i m -
p l e s m e n t e disfarçar, c a m i n h a n d o s e r e n a m e n t e
até d e s a p a r e c e r n u m dos c r u z a m e n t o s o u n o e s -
c u r o d e a l g u m a b r i g o . O u t r o s a g i r a m m a i s s u -
b i t a m e n t e , c o r r e n d o d e s v a i r a d o s e m m e i o aos
gritos e ao t u m u l t o . D o i s dos p a t r o c i n a d o r e s do
êxtase sensorial, p o r é m , traficantes d e d r o g a s ,
r e a g i r a m d e c o n f o r m i d a d e c o m a s e m o ç õ e s d e s -
c o n t r o l a d a s . H o u v e u m tiro, v á r i o s tiros, q u e
n i n g u é m c o n s e g u i u , e m m e i o à b a t i d a p o l i c i a l ,
d e t e r m i n a r de o n d e v i n h a m ou q u e m foi o a u t o r
d o p r i m e i r o d i s p a r o .
A p o l í c i a r e s p o n d e u à altura, no entanto n ã o

d e m o n s t r o u n e n h u m e s c r ú p u l o a o d e s c a r r e g a r
s u a s a r m a s . P o r t o d o l a d o , desespero e aflição.
U m a g u e r r a interna que p o v o o u a s mentes das

dezenas de habitantes que perambulavam por ali. Paloma vinha caminhando lentamente, até então. Saíra da boate na qual apresentava um *show*. Era transformista e aprendera a ganhar a vida dessa maneira. Durante o dia, trabalhava como o estilista de uma grife conhecida na capitai. A noite, principalmente nos finais de semana, aumentava seus rendimentos realizando apresentações artísticas em casas noturnas. Isso garantia o sustento, mas os recursos serviam sobretudo para patrocinar seu *hobby* predileto: ajudar as amigas em dificuldades - mulheres, travestis e transexuais. Paloma construíra o Palácio de Cristal, nome que dava à instituição ou à mansão que mantinha para abrigar e amparar as meninas da noite, aquelas que eram desprezadas pelos homens bons e por aqueles que estavam preocupados em manter o *status* familiar. Suas meninas, muitas vezes enfermas ou visivelmente sob ação de entorpecentes, eram amparadas e socorridas em sua Casa de Cristal, e da-

li e n c a m i n h a d a s a m é d i c o s e outros profissionais

d e s a ú d e q u e P a l o m a p a t r o c i n a v a n o silêncio,

s e m f a z e r a l a r d e e s e m d i v u l g a r seu t r a b a l h o .

T u d o isso era m a n t i d o c o m o d i n h e i r o de s u a s

apresentações artísticas e a ajuda de alguém que queria se manter no anonimato.

Entretanto, Paloma não vendia o corpo, não fazia comércio do sexo. Ela era artista e, como tal, ganhava a vida em meio ao brilho das luzes e ao aplauso daqueles que apreciavam suas apresentações.

Assim que virou a primeira esquina, Paloma - assim gostava de ser chamada quando em apresentação - ouviu o primeiro tiro. Alguém passou por ela, quase jogando-a no chão. Momentos antes ainda relembrava, enquanto andava, as cenas de sua adolescência, trazendo na alma a angústia pelo passado que se refletia em seu comportamento atual. Contudo, a corrida desenfreada das pessoas fez com que reagisse instintivamente. Correu também. Não sabia para onde.

Como estava ainda vestida com os trajes da última apresentação, de pronto foi confundida

c o m u m dos t r a v e s t i s q u e f a z i a m p o n t o n o l u -
gar. P a l o m a s e m o s t r o u a p a v o r a d a d i a n t e d a
a ç ã o d o s p o l i c i a i s . E r a m u i t a v i o l ê n c i a p a r a s u a
a l m a d e artista. E l a n ã o e s t a v a h a b i t u a d a c o m
a v i d a n a s r u a s ; n ã o f r e q u e n t a v a o s l u g a r e s d e
p r o s t i t u i ç ã o . A p e n a s g o s t a v a d e s e a p r e s e n t a r
v e s t i d a d e m u l h e r , r e p r e s e n t a n d o , n o s p a l c o s d e
c a s a s n o t u r n a s . P a l o m a e r a u m a p e s s o a d i f e r e n -
te, c o m u m c o m p o r t a m e n t o t a m b é m diferente.
66
S e n s í v e l d e a l m a e d e c o r p o ; u m a estrela e n c a s -
t e l a d a n u m c o r p o h u m a n o .
D e repente, r e c e b e u u m soco n o rosto e c a m -
b a l e o u ; um dos policiais a c o n f u n d i r a c o m os
prestadores d e serviço d a noite. T e n t o u prosse-
guir, m a s foi v i o l e n t a m e n t e i m p e d i d a . G r i t o u ,
t e n t o u despertar a a t e n ç ã o do p o l i c i a l , m a s em
v ã o . R e c e b i a p o n t a p é s e era a r r a s t a d a e m dire-
ç ã o a o c a m b u r ã o . O s tiros p a r e c i a m , aos p o u c o s ,
cbminuir. P o r é m , antes q u e P a l o m a fosse c o a g i d a
a entrar na v i a t u r a p o l i c i a l , a r r a s t a d a , a g r e d i d a

e f r a g i l i z a d a , u m a b a l a foi d i s p a r a d a . S e m a l v o certo, o projétil a c e r t o u em cheio a r e g i ã o p r ó x i - m a a o c o r a ç ã o d o transformista, d o h o m e m , d a mulher, d a artista d a noite p a u l i s t a n a . N i n g u é m s a b i a de q u e r e v ó l v e r a b a l a partira. N i n g u é m ali c o n h e c i a o p a s s a d o ou a i n t i m i d a d e de P a l o m a . O s a n g u e j o r r a v a de seu p e i t o . N e s s e m o - m e n t o , o p o l i c i a l q u e a r r a s t a v a P a l o m a p e r c e - b e u q u e fora s a l v o p e l o t r a n s f o r m i s t a o u t r a v e s - ti, c o m o ele s u p u n h a . A b a l a do r e v ó l v e r o teria a c e r t a d o e m c h e i o , c a s o n ã o e n c o n t r a s s e P a l o m a em seu p e r c u r s o . E l a teria se j o g a d o à frente do g u a r d a p a r a l i v r á - l o ? T u d o p a r e c i a q u e sim, m a s ele n ã o a c r e d i t a v a , n ã o t i n h a a b s o l u t a c e r t e z a . A v i a t u r a c o r r i a p e l a s a v e n i d a s , na t e n t a t i - v a de c h e g a r a o h o s p i t a l m a i s p r ó x i m o . O s p o l i -

ciais n ã o v i s l u m b r a r a m q u e s u a a ç ã o teria a q u e - l e d e s f e c h o . U m dos g u a r d a s , a t i n g i d o no b r a ç o , s a n g r a v a . U m artista d e a l m a sensível p a r t i a , d e i x a n d o o c o r p o físico i m ó v e l , e s t e n d i d o na v i a -

turapolicial.

Osguardasiamaohospitaltentandosocor-
rerocolegadetrabalho. Palomavoava. Pairava
maisalém, comoumapombadealmainebriada
ante a luz das estrelas. Abaixo, ficaram as luzes
dacidade. Suaalmapareciadivisarasluzesque
setornavam distantes; namentedesfilavamas
imagensdaspupilas, daspessoasqueajudava,
motivandopreocupaçãoemmeioaoestadoalte-
radodaconsciência, daalmadePaloma. Maise
maistinhaasensação de subir. Viaagoraas es-
trelas e parecia estar bem próximadelas. Esta-
va em êxtase, enquantoimagens e sensações se
sucediamemsuamemória espiritual. Seucorpo
pareciamaisdiáfano, menos sólido, maislumi-
noso. E as estrelas arecebiamcomo se fossem
luzesdaribalta, luzesdeumgrandepalco estru-
turadoemmeioaofirmamento. Asestrelas!...
Seráqueagora ela seria uma estrela também?
Entrelembrançasdopassado, cobrançasín-
timas, *flashes* de luz, vozeseaplausos, Paloma

partiatemporariamentedopalcodaTerra. As cortinas se fecharam, e mais uma to finda vana apresentação ou representação de uma vida. Seria a morte ou era apenas um marco em sua vi-

da, para um breve recomeço? Naquele momento, ela não saberia dizer. Apenas sentia, percebia intimamente, por meio de leve intuição, que agora, nos camarins da consciência, deveria limpar a maquiagem, tirar a máscara e mirar o espelho da própria alma. As luzes de um período da existência física se apagaram. Agora, Paloma seria tanto o personagem como o plateia e o diretor da própria vida.

Nesse exato instante, os relógios marcavam 3h31 da madrugada do mesmo dia, do mesmo ano em que se desenrolaram os demais eventos.

CURITIBA

A DEPRESSÃO INSTALARA-SE pOTCOmpletO. Ela havia procurado médicos e psicólogos. Ingeria medicamentos fortes havia já algum tempo.

Trinta e sete anos de vida física se esvaíam pouco a pouco. Intensa amargura, revolta pela vida e contra a sociedade: assim eram as circunstâncias na vida de Patrícia.

Sentimentos diferentes, estranhos, começaram a ser percebidos na adolescência. Porém, a educação que recebera, rígida, castradora, impedia que pudesse ao menos analisar racionalmente as emoções que trazia como características profundas de seu psiquismo. Mas... o tempo foi passando. No afã de viver dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, Patrícia até tomou a iniciativa de namorar alguns rapazes, embora lhe fosse impossível aprofundar os relacionamentos. Algo mais forte do que ela parecia repelir suas tentativas de aproximação com o sexo oposto.

O preconceito e o pavor de se descobrir, mais ainda de se declarar lésbica geraram dúvidas atrozes. Durante anos a fio, reprimira sua sexualidade e evitara o prazer diferente que seu corpo

lhe poderia proporcionar. A tradição espírita ortodoxa da mãe e a falta de uma formação cultural mais ampla de ambas limitavam as possibilidades de conversar abertamente sobre o assunto. Somente depois de muito tempo é que Patrícia chegou à conclusão de que era preciso muita coragem para se admitir *gay* ou lésbica para a família. Mas as circunstâncias fizeram com que se calasse. Era tão grande a dependência emocional; tão avassalador o medo do que viria algum dia a enfrentar, caso se visse sozinha pela vida...

Um dia confessou a um amigo médium e *gay* que frequentava a mesma comunidade que ela:

- **0** preconceito é tão grande em nosso meio religioso, que tenho a sensação de que estou condenada a esconder este desejo e me esconder atrás dele para sempre.

- Nem sei o que falar, Patrícia. Trabalho como médium e, sinceramente, não tenho nenhuma facilidade de comentar ou compartilhar com

ninguém sobre mim mesmo. Permaneço inquieto e, acho que por isso mesmo, minhas habilidades na área da mediunidade parecem não "decolar"; é como se eu estivesse travado. Não desenvolvo nenhum de meus projetos no campo da espiritualidade.

- Imagino o que você enfrenta por aqui, meu amigo. Agora que você vai embora, que pretende ir para São Paulo, quem sabe por lá encontre outra mentalidade no meio religioso e na cidade, como um todo? Aqui, no Paraná, acho que tudo é mais conservador. Quanto a mim, ficarei comigo mesma. Sem você por perto, não terei com quem me abrir.

Respirando um pouco, como que absorver forças para prosseguir em suas lutas, César, o amigo de Patrícia, retomou os pensamentos:

- Muitas vezes me vejo obrigado a me comportar, no centro espírita, de maneira hipócrita. Confesso que, se não me portar como a maioria, tenho medo de ser taxado de antidoutrinário, de-

s e q u i l i b r a d o o u o b s i d i a d o . I m a g i n e ! A i n d a hoje t e n h o i m e n s a d i f i c u l d a d e em a d m i t i r o simples ato d a m a s t u r b a ç ã o . O p r e c o n c e i t o q u e g i r a e m t o r n o d a s questões s e x u a i s é t a n t o q u e , e m u m

e n c o n t r o sobre s e x u a l i d a d e a o q u a l c o m p a r e c i , o orador, s e m o saber, a c a b o u d a n d o f o r ç a p a r a q u e m e u p r ó p r i o p r e c o n c e i t o s e fortalecesse a i n - d a m a i s . S a í d e l á a c r e d i t a n d o p i a m e n t e q u e o ato d a m a s t u r b a ç ã o atrai obsessores. E n e m p o s - s o d i z e r q u e i d e i a f i z d o c o n c e i t o d e h o m o s s e - x u a l i d a d e . . . S a í m e s e n t i n d o u m l i x o ! E o a g r a - v a n t e é q u e , c o m o fui r e p r e s e n t a r a i n s t i t u i ç ã o nesse tal e n c o n t r o , a c a b e i a d o t a n d o u m c o m - p o r t a m e n t o e u m d i s c u r s o t o t a l m e n t e diferentes d o q u e p e n s o , n a r e a l i d a d e . E u m a h i p o c r i s i a d a q u a l n ã o v e j o c o m o m e l i v r a r . . .

- C o m o a s s i m , C é s a r ? M a s v o c ê é t ã o m e n t e a b e r t a . . .

- N ã o m e s m o , P a t r í c i a ! D e jeito n e n h u m . A g o r a m e s m o e s t o u c h e i o d e d ú v i d a s . A o l o n g o

dos anos, acabei por adotar um discurso moralista para me esconder, movido pelo medo de ser rejeitado no ambiente espírita. Criei uma espécie de proteção em minhas falas e palestras, de modo a não me lembrar dos meus próprios questionamentos. Então, passei a engrossar a fileira daqueles oradores que acham por bem atacar a conduta homossexual, dizendo-a fruto da ação obsessiva, e reafirmando, ainda, que masturbação atrai obsessores e forma um quadro mental de sensualidade e erotismo, o que facilita o acesso de vampiros espirituais...

72

- Meu Deus, César! Não acredito!

- Isso mesmo, minha amiga. Por isso, não aguento mais essa máscara, que está me fazendo muito mal, e acredito que também a quem me ouve em discursos ou palestras. Não tenho forças nem coragem de romper com este sistema religioso que pensa assim. Essa é a razão principal que me fez resolver ir embora para São Paulo. Dei-

x a r e i t u d o a q u i e v o u r e c o m e ç a r a v i d a em outro lugar, e m b o r a c h e i o d e c u l p a s , a l é m d e p e n s a - m e n t o s e r a c i o c í n i o s q u e c o n s i d e r o i n a d e q u a d o s o u e r r a d o s . M a s n ã o sei q u e o u t r o c a m i n h o t o - m a r ; n ã o a g u e n t o m a i s . E s p e r o q u e p o r l á c o n s i - g a a l g u é m o u a l g u m g r u p o espírita q u e m e ajude a r e n o v a r m e u s conceitos e opiniões. M a s a q u i . . . P a t r í c i a p e r d i a a s s i m o ú n i c o a m i g o c o m q u e m p o d i a c o n f i d e n c i a r m a i s a b e r t a m e n t e seus desejos e s u a m a n e i r a de ser. E m b o r a o a m i g o a l i m e n t a s s e m u i t a s d ú v i d a s e tivesse a d o t a d o u m d i s c u r s o m o r a l i s t a p a r a o s d e m a i s , e x p e r i - m e n t a n d o conflitos a b r a s a d o r e s e m d e c o r r ê n c i a disso, era a l g u é m c o m q u e m t i n h a c o n d i ç õ e s d e c o n v e r s a r v e z o u outra. E n q u a n t o C é s a r , c h e i o d e t o r m e n t a s , p a r t i a p a r a o u t r o e s t a d o , P a t r í c i a n ã o t e v e c o r a g e m d e r o m p e r c o m a s i t u a ç ã o c o m a q u a l v i v i a . A c a b o u e n t r e g a n d o - s e à d e p r e s s ã o , q u e d i a a dia g a n h a v a t e r r e n o e m s u a a l m a . A d i f i c u l d a d e de q u e s t i o n a r a si m e s m a , de

enfrentar a situação castradora e opressiva criada em torno da sexualidade transforma a pessoa em carrasco da própria alma. Não entender a própria identidade sexual, não abordar a sexualidade de maneira sadia e coerente com os sentimentos, as emoções e a afetividade vivenciados é o mesmo que não conhecer os limites e os desejos pessoais; é tornar-se impotente para fazer a revolução na própria vida, o que tornaria a pessoa vitoriosa e realizada no âmbito afetivo.

Muitos que não tiveram a coragem de romper com o preconceito tornam-se amargos em dado momento de suas vidas, devido a questões de ordem social, religiosa ou familiar; muitas vezes, quando têm filhos, acabam reproduzindo com eles o contexto rígido, intolerante e discriminatório a que foram expostos, o que só faz perpetuar a infelicidade de todos.

De maneira semelhante, em agrupamentos sociais e religiosos, essas pessoas adotam discurso incentivador da repressão das energias afeti-

vas, a pretexto de incentivar seus seguidores a serem mais santos e bem resolvidos, mais equilibrados e corretos que os cidadãos comuns. Na verdade, a maioria dos que defendem essa cartilha reprime em si mesmos a afetividade e recusam-se a admitir sua sexualidade para si mesmos e perante os outros. Então, o discurso homofóbico e a atitude castradora, punitiva e escancaradamente preconceituosa constituem máscaras, muitas vezes usadas pelo indivíduo para esconder-se, para maquiar a própria condição sexual, que ele não tem coragem de admitir e viver de maneira nobre e sadia.

A mãe de Patrícia, rígida em seus princípios, por mais que amasse a filha, à sua maneira, não sabia se adaptar às ideias novas e ao progresso. Por isso, tinha enorme dificuldade em suprir ou mesmo compreender as necessidades emocionais daquela a quem criara de maneira rigorosa, dentro das limitações que tinha, inclusive de ordem

cultural. A mãe a amava e sofria calada, muitas vezes; revoltada, outras, pois não sabia como conduzir a própria filha ante os sentimentos, emoções e desejos diferentes que via brotarem a cada dia - e a cada momento morrerem junto com Patrícia.

Um ou outro olhar de mulher fazia Patrícia estremecer. Mas não! Não podia se permitir um comportamento dessa espécie. Precisava se corrigir emocionalmente - pensava muitas vezes -, como se isso fosse possível.

Patrícia digladiava consigo mesma. A tormentadas lutas íntimas, agravada pela ausência de César, a única pessoa com a qual tinha certa liberdade, foi aos poucos transformando a perso-

nalidade de Patrícia. Lentamente, ela se deixava levar pela amargura. Uma tristeza pálida mente percebida, de início, parecia se avolumar à medida que o tempo passava. Idas e vindas a psicólogos, depois psiquiatras e, até mesmo, a gurus,

igrejas e pastores apenas acentuava a disposição íntima daquela alma masculina aprisionada no corpo de mulher. O psiquismo de Patrícia não combinava de forma nenhuma com a morfologia orgânica. Isto é, não vivia apenas a atração por mulheres, duramente contida, mas se identificava como gênero masculino, num provável caso de transexualidade. Determinada a reprimir esse lapso impulsos naturais, ela converteu-se no maior impedimento à procura da felicidade. Pouco a pouco a depressão se instalava, aprofundando a amargura e a revolta. De alma atormentada, profundamente mal resolvida com a própria sexualidade - e, por conseguinte, com todos os aspectos da vida -, Patrícia atingira o ápice de sua existência conflituosa. E a completa dependência emocional em relação à mãe, que, a esta altura, dispensava cuidados em tempo integral à filha enferma, sobre o leito.

Os médicos não descobriam a causa da doença. A própria mãe não sabia o porquê de a filha

estar definhando, pois tinha severas limitações de conhecimento e cultura para compreender a

situação. A pressão arterial, notadamente alterada, resistia a todas as tentativas medicamentosas como intuito de regularizá-la. O coração apresentava crescimento indevido, causando sérios transtornos para o equilíbrio físico. Os rins, funcionando de modo irregular, já não cumpriam sua função. Patrícia estava inchando a cada dia, e a medicina não era capaz de ajudá-la.

Foi nesse estado de abalo físico e psicológico que, naquela noite, o coração resolveu dar a última batida, poucas semanas após Patrícia completar 37 anos de idade. Ataque cardíaco - dizia a mãe. Finalmente, o corpo físico não aguentou a pressão interna das emoções soterradas a qualquer preço. Era como se a alma de Patrícia explodisse, ao abandonar o corpo em caráter definitivo. Tudo o que reprimira durante a vida física vinha à tona de maneira avassaladora, explosiva,

descontrolada.

Patrícia parecia pairar, flutuar, enquanto sua consciência tentava de todas as maneiras juntar os pedaços de si mesma, de emoções, sentimentos, angústias e revoltas íntimas. Agora teria tempo, muito tempo para rever e avaliar sua vida.

Ela vivia, apesar da morte e além da sepultura...

0 relógio do tempo marcava exatamente 3I131 da madrugada.

SALVADOR

NA CAPITAL BAIANA, O barulho das sirenes incomodava profundamente. Sentia-se balançando de um lado para outro, jogado, chacoalhado; estava atormentado. Ainda repercutia em seus tímpanos, agora ultrassensíveis, o estampido da arma que alguém disparou. Estava numa ambulância a caminho do hospital. Não sabia quem o havia socorrido. **0** estado delirante parecia agora ser situação normal de suamente, pois via vultos, ouvia vozes; tudo indicava que chegara ao fim.

Lances de sua vida emergiam do psiquismo, transformando-se em *flashes* para logo depois formar imagens cenas *ideoplásticas,* ou seja, originadas pelo pensamento. Assistia a si mesmo em cada uma das etapas de sua vida, as quais se sucediam na forma de imagens mentais, enquanto a ambulância o transportava para o pronto-socorro mais próximo.

Jovem, alto, de olhos claros, sempre teve uma aparência que chamava a atenção de moças e rapazes. A boca carnuda emoldurando um farto sorriso exercera a tração sobre meninos e meninas por onde quer que andasse.

Desde bem cedo aprendera a tirar proveito

da bela aparência, beneficiando-se ao exibir o corpo. As frequentes ofertas de dinheiro e mordomias logo o conquistaram e, de sedução em sedução, foi-se lançando no mercado como executivo do prazer. Aprendeu a vender o corpo, a vida, a virilidade. Desde a adolescência descobriu que a vida a dotara de intensa força vital, que canalizou para a realização e a promoção do prazer sexual.

Cedeu ainda mais; após alguns meses se entregando ao comércio do próprio corpo, adentrou o mundo das drogas. **0** montante arrecadado mensalmente com a prostituição já não era obastante para sustentar os gastos com maco-

nha, cocaína e, depois, a heroína, da qual se fi-
zera escravo. Veio a necessidade de roubar para
manter o vício.
Para a família, sempre afirmou que trabalhava em comércio internacional e, devido às di-
ferenças de fuso horário, a empresa onde prestava serviço operava nos três turnos. Essa farsa
justificava as noites que passava fora e os dias em
que chegava, muitas vezes, ao nascer do sol. Como costumava contribuir regularmente com al-
gum dinheiro, isso acalmava a maioria, embora
a mãe desconfiasse de que o filho estivesse envol-
vido com algo inconfessável. Procurara o mari-
do para falar a respeito de seus receios e preo-

cupações, mas encontrou uma barreira imensa,
um silêncio inquebrantável. Assim, acomodou-
-se e, justificando-se perante a consciência por
meio da atitude refratária do esposo. Passou a
ignorar as próprias intuições acerca do filho, de
que algo estava errado com a conduta dele. Se-

rá que o pai sabia e se calava? A namorada do rapaz dava mostras nítidas de estar a par de algum a coisa, mas nada comentava, também. Tudo se passava como se houvesse um acordo tácito em vigor, uma proibição no ar, que ninguém conseguia romper.

0 rapaz vendera não somente o corpo, mas também a alma. Os poucos valores internos adquiridos no contato com a família foram diluídos ou ofuscados à medida que se envolvia com as drogas. **0** corpo, sem resistir ao abuso a que foi submetido, logo passou a apresentar sinais de desgaste, tal como uma máquina da qual se exigia além da capacidade.

Ronie fora chamado por um cliente que desejava satisfazer-se numa noite em que pretendia atingir o máximo da alucinação dos sentidos, inclusive com o uso de entorpecentes. **0** pedido viera na hora exata em que Ronie precisava de mais dinheiro para comprar drogas e abastecer-se por um período. Sendo assim, armara um

p l a n o p a r a e x t o r q u i r o p r e c i o s o m e t a l do cliente
8o
q u e a t e n d e r i a n a q u e l a m a d r u g a d a .
A s c e n a s e r a m v í v i d a s , e p a r e c i a q u e u m a
força s o b r e - h u m a n a o o b r i g a v a a r e v e r c a d a p a s -
so. Já n ã o s a b i a se e s t a v a de p o s s e do c o r p o ou
fora dele. E r a a q u i l o t u d o u m a d e s u a s v i a g e n s
a l u c i n ó g e n a s ? T a m b é m n ã o p o d e r i a r e s p o n d e r à
p e r g u n t a q u e e m e r g i a d e s u a c o n s c i ê n c i a . P r a t i -
c a m e n t e n ã o s e d o m i n a v a m a i s .
A s c e n a s c o n t i n u a v a m a suceder-se u m a a p ó s
a outra. V i a a si m e s m o e n t r a n d o em d e t e r m i n a -
d o b a r p a r a o tal e n c o n t r o . A p ó s a l g u m a s r o d a -
das d e u í s q u e , d o q u a l p o u c o b e b i a o u a p e n a s e s -
b o ç a v a e x p e r i m e n t a r , p o r é m i n d u z i n d o o cliente
a goles intensos, r e s o l v e u d a r o g o l p e . Ou melhor,
p r e p a r a v a - s e p a r a o g o l p e final. V i r o u - s e p a r a o
l a d o d i s s i m u l a d a m e n t e e p ô s a l g o n a b e b i d a q u e
d a r i a a o cliente rico. P o r é m n ã o p e r c e b e r a , e m
n e n h u m m o m e n t o , q u e o h o m e m e s t a v a a c o m -
p a n h a d o . D u a s outras pessoas o o b s e r v a v a m n o

instante em que batizara a bebida. Pretendia dar o golpe que representaria sua salvação, segundo acreditava. Tratava-se do crime conhecido como *boa noite, Cinderela,* célebre e temido entre bo ê-mios e frequentadores de casas noturnas.

Ao erguer o copo preparado na direção do cliente, foi violentamente abordado por aqueles que o observavam e já lhe conheciam a fama. O

soco foi tão forte que Roni e caiu no chão, rolando de dor. Mas o preparo físico o fazia resistente, e ele levantou-se imediatamente, já com arma em punho. O burburinho foi geral, enquanto pon-tapés e garrafas voavam de um lado para outro.

Do cliente, só via o vulto sendo retirado do local, e, atordoado, pareciam verem câmera lenta uma arma ser apontada em sua direção. Por um mins-tante, sentiu-se paralisado. Outras pessoas que haviam sido suas vítimas também estavam ali, ajudando o cliente a se liberar do *boa noite, Cin-derela,* um golpe no qual o indivíduo, sob o efei-

toda droga, temos pertences roubados, quando não é assassinado. Aqueles que escapam vêem-se com a saúde profundamente comprometida, às vezes com lapsos de memória, devido à droga ingerida em altas doses, até porque geralmente acompanhada de grande quantidade de bebida alcoólica. Além de, evidentemente, experimentarem forte abalo emocional.

Desta vez os planos de Ronie foram por água abaixo. De nada adiantaria o corpo sarado e fabricado nas academias ou os olhos prenhes de pujante magnetismo animal. Ainda em câmera lenta, divisou a arma e o disparo fatal. Desmaiou. Ou, quem sabe, morreu?

Tudo estava muito confuso em sua mente.

Tentava a todo custo movimentar-se sobre a maca da ambulância que atendera ao chamado de

emergência, mas o maravilhoso corpo não respondia às ordens mentais. Apenas o filme, a repetição de cada ato que vivera. E ra constrangido

a reverc a d a d e t a l h e . U m t ú n e l i l u m i n a d o , i m a -
g e n s q u e m a i s p a r e c i a m u m p e s a d e l o , e a l g o di-
ferente q u e o c o r r i a c o n s i g o e em t o r n o de si. S e -
ria a m o r t e ? A b a l a h a v i a a c e r t a d o o c o r a ç ã o ?
D e r e p e n t e , a s c e n a s f o r a m s e t o r n a n d o m a i s
v a g a r o s a s , até d e s a p a r e c e r em p o r c o m p l e t o . R o -
nie, a g o r a , p e r c e b i a u m e s t r a n h o silêncio.
P o r é m , t u d o s e p a s s o u em q u e s t ã o d e m i n u -
tos o u , t a l v e z , s e g u n d o s . U m forte t u r b i l h ã o p a -
r e c i a a r r a n c á - l o d e f i n i t i v a m e n t e d o c o r p o . S e n -
t i a - s e s u g a d o p o r u m t ú n e l r e p l e t o d e l u z e s q u e
se a l t e r n a v a m entre s o m b r a s e e s c u r i d ã o ; u m a
espécie d e b u r a c o n e g r o , i n c r u s t a d o d e holofotes
ou a l g o a s s e m e l h a d o , o q u a l f a z i a a l i g a ç ã o entre
o a q u i e o m a i s a l é m . N ã o t i n h a q u a l q u e r c o n -
trole sobre a s i t u a ç ã o .
0 m e d o i n c o m u m , o p a v o r e um p r a n t o c o n -
v u l s i v o e x p r e s s a v a m o desespero ante o i n e v i t á -
v e l . A g o r a t i n h a c e r t e z a d e q u e n ã o e r a a p e n a s
u m a v i a g e m c a u s a d a p e l o u s o das d r o g a s . A l g o
m a i s sério a c o n t e c i a . **0** t ú n e l de l u z e s c o l o r i d a s

absorvia todo o resquício de matéria da qual se impregnava e na qual estava mergulhado. Parecia que partes minúsculas do seu corpo se soltavam, embora se sentisse ainda inteiro, mas

inteiro sob outro ponto de vista. Segundo pressentia, despregavam-se placas de matéria orgânica do próprio organismo. Sentia-se livre de algo que não podia definir. Contudo, a mente, a consciência encontrava-se cada vez mais pesada. Verdadeiramente pesada. Então, veio a certeza absoluta, final, a sentença inexorável: acreditava piamente que estava morto, apesar de continuar pensando. **0** saber-se plenamente fora do corpo sobreveio exatamente às 3I131 da mesma noite de todos os demais acontecimentos em cidades a centenas e milhares de quilômetros dali.

SÃO PAULO

SÃO PAULO ESTAVA regurgitando de gente: era o dia em que ocorria a Parada Gay. César chegara recentemente à cidade e ainda não se enturma-

r a . H o s p e d a v a - s e e m u m h o t e l p r ó x i m o à r e g i ã o
c e n t r a l . D e i t a r a n a c a m a m a i s s i m p l e s d o hotel
q u e c o n s e g u i r a p a g a r c o m o s escassos recursos
f i n a n c e i r o s t r a z i d o s d e s u a c i d a d e n a t a l . A i n d a
n ã o s a b i a s e p a r t i c i p a r i a o u n ã o d a P a r a d a . N o
e n t a n t o , m e s m o q u e tivesse d e c i d i d o , e s t a v a e x -
t e n u a d o , m u i t o c a n s a d o n ã o s o m e n t e c o m a v i a -
g e m , m a s p o r q u e a m e n t e , e x c i t a d a , f e r v i l h a v a
d e ideias e e m o ç õ e s , n a q u e l e m o m e n t o e m q u e

p r o c u r a v a s e l o c a l i z a r , e n q u a d r a r - s e n a n o v a v i -
da q u e e s p e r a v a ter, a p a r t i r de e n t ã o .
D e i t o u - s e , c o m o s e d e i t a r a em t a n t a s o u t r a s
noites. M a s hoje, e s p e c i a l m e n t e , a c o n t e c i a a l g o
diferente. M u i t o e m b o r a o b a r u l h o do l a d o de
fora, na r u a , da m u l t i d ã o q u e se r e u n i a a q u i e
ali e m a l g u n s a m b i e n t e s n o t u r n o s , C é s a r c o n s e -
g u i u p e g a r n o s o n o . M a s n ã o e r a um sono i g u a l a
outros sonos. P e r c e b i a um ligeiro f o r m i g a m e n t o
p e r c o r r e n d o o c o r p o , c o m o se p e q u e n a s f o r m i g a s
c a m i n h a s s e m sobre s u a p e l e . S e n t i u o b r a ç o d i -

reito parecendo levitar, de maneira que não conseguia coordenar os movimentos. César definitivamente experimentava algo que jamais vivera, nem mesmo nas reuniões mediúnicas que costumava frequentar.

Estaria morrendo? Quem sabe, tendo um **AVC**? Não saberia dizer, pois o fenômeno era insólito e não havia experimentado nada parecido até então. Seu corpo, agora, todo vibrátil, balançava-se de um lado para outro, como se estivesse deitado numa rede. Ou não era seu corpo? Seria seu espírito, que ensaiava projetar-se para fora do corpo, num fenômeno paranormal? A sensação até poderia ser agradável, não fosse o pavor que o dominou. Tentou a todo custo movimentar braços, pernas ou qualquer parte do corpo. Em vão. Estava paralisado; parecia magnetizado de

tal maneira que, àquela altura, já não era capaz de sentir-se a si mesmo. Com certeza estava desencarnando. E nem sequer conseguira experi-

mentarnadadeintensonavida!-pensou.

"Seráquemereçosairdavidaassim,semao menosviveralgumacoisamaisprofunda?Epa-raondeirei?Paraoumbral?"

Omedotransformou-seempânicoenãopô-de perceberariquezadofenômenoqueocorria consigo.

"Ai,meuDeus!Seráquevoupro inferno? Proumbral?Seráquesãomeus obsessores que estãomearrastandoparaforadocorpo?Valha--me,Deus!Meajude,DoutorBezerra!..."

Césaresboçavaummistodegrito eoração, acreditando,agoracomabsolutaconvicção,que vivenciavaoprocessodedesencarne.Amen-te conturbada,cheiadeculpasinfundadaseba-seadasunicamentenaorientaçãoespiritualdefi-ciente,fezcomquesofressseamargurassemque tivesse feito algoparatanto.Aculpa,osproble-masmalresolvidosdaemotividadeeostabus incorporadosàscrençaspessoaisformaramum climamentalcomplexo,quevinculouCésara

determinadasituaçãooucondição. Comoseme-
lhanteatraisemelhante, ele foi arrastadomag-
neticamente, algemadoa certos problemaseà
dimensãomental, energéticaououtraqualquer, 86
naqualencontrariaoutraspessoasque, como
ele, precisavam de reflexões produtivas, a fim de
amadurecere despertar.


3



U M P L A N O M A I S S U T I L , i n v i s í v e l a O S
o l h o s h u m a n o s , d i v e r s o s p e r s o n a g e n s
s e r e u n i a m , nos b a s t i d o r e s d a v i d a .
P o d e r i a m ser classificados c o m o e s -
píritos- f a m i l i a r e s , seres q u e n ã o são
n e m santos, n e m anjos, a p e n a s h u -
m a n o s q u e v i v e m fora d o c o r p o físico, n o p e r í o -
d o entre v i d a s , m a s a i n d a inseridos n o p a n o r a -
m a h u m a n o d a c i v i l i z a ç ã o extrafísica.
- E m b r e v e v e r e m o s a l g u m a s a l m a s s e e n -
c o n t r a r e m p a r a , j u n t a s , d e s b r a v a r e m desafios
í n t i m o s e m c o m u m - disse certo m e n s a g e i r o , q u e
s e r e u n i a c o m a m i g o s i n t e r e s s a d o s n a f e l i c i d a d e
d e d e t e r m i n a d o g r u p o d e j o v e n s .

- P a r e c e q u e são m e n t e s e n t r e l a ç a d a s p o r v i -
v ê n c i a s e m c o m u m , c u l p a s e s t i l i z a d a s n a s m á s -
c a r a s q u e c a r r e g a m até n ã o a g u e n t a r e m m a i s
- o b s e r v o u um dos m e n s a g e i r o s , o r i e n t a d o r p a r -
t i c u l a r à e u m à o s p e r s o n a g e n s q u e d e s e m p e -
n h a v a p a p e l m o m e n t â n e o n o p a l c o d a v i d a , n o
m u n d o físico.
- T e n h o m i n h a a t e n ç ã o v o l t a d a p a r a um d e -
les, e s p e c i a l m e n t e . T e m o q u e o e s t a d o e m o c i o n a l
p o s s a l e v á - l o a um p r o v á v e l s u i c í d i o . Isso c o m -
p l i c a r i a m u i t o suas e m o ç õ e s , q u e , a esta a l t u r a ,
j á estão c o m p r o m e t i d a s .
- V e r e m o s o q u e é p o s s í v e l fazer. C o n t u d o ,
n ã o d e v e m o s i g n o r a r q u e nossos a m i g o s t ê m d e
escolher os p r ó p r i o s c a m i n h o s ; são eles q u e es-
c r e v e r ã o a história de suas v i d a s . E m b o r a c a i b a
a nós p r e s t a r a u x í l i o , n ã o p o d e m o s i m p e d i r q u e
v i v a m c a d a e x p e r i ê n c i a , q u e s o r v a m c a d a g o -
ta do v e n e n o ou e x p e r i m e n t e m o s a b o r do elixir
q u e e l a b o r a r a m . C a d a um p r e c i s a enfrentar-se.
Q u e m sabe, nesse encontro de a l m a s , de seres em

b u s c a d a p r ó p r i a felicidade, a l g u n s deles p o s s a m
e n c o n t r a r o c a m i n h o m e l h o r e m a i s excelente,
a q u e l e q u e os fará descobridores da felicidade?
- N ã o sei b e m se nós m e s m o s e n c o n t r a m o s a
f e l i c i d a d e . . . T a l v e z estejamos f a d a d o s a p r o c u -
r á - l a p o r t o d a a e t e r n i d a d e , t r o c a n d o de c o r p o ,
v i d a e e x p e r i ê n c i a , até q u e a l g u m dia p o s s a m o s 92
nos d e s c o b r i r p o r inteiro. Q u e p o s s a m o s brilhar,
enfim, s e m este p e s o q u e a l g u m a s e x p e r i ê n c i a s
n a T e r r a t r a z e m .
- T a m b é m sei q u e d e m a n d a r á l o n g o t e m p o
- f a l o u o u t r o espírito - até q u e t e n h a m o s res-
p o s t a s satisfatórias p a r a a s questões c o n c e r n e n -
tes à s e x u a l i d a d e . P o r é m , c o m o j á c a m i n h a m o s
u m p o u c o m a i s n a c o m p r e e n s ã o d e a l g u n s desses
p r o b l e m a s q u e a f e t a m d i r e t a m e n t e nossos a m i -
g o s n a T e r r a , creio q u e p o d e m o s i n s p i r á - l o s e m
seus desafios.
- N ã o p o d e m o s nos e s q u e c e r de q u e s o m o s
a p e n a s *espíritos familiares* - l e m b r o u um dos se-
res i n v i s í v e i s . - C o m o tais, m e s m o q u e t e n h a m o s

certa responsabilidade sobre a condução de nossos afetos, que enfrentam seus dilemas, temos de convir que nossas limitações são sérias. Não somos anjos. 1

- Quem sabe não é exatamente por isso que estamos aqui, observando e tentando auxiliados? Exatamente porque não somos anjos nem conhecemos nenhum anjo do lado de cá da vida. Possivelmente, tenhamos de ajudar nossos amigos, que vivem seus dramas e dilemas, justamente a se descobrirem humanos. Afinal, não é para isso que todos nascemos na Terra, de modo que aprendamos a ser humanos, na mais exata 93 acepção da palavra?

- Concordo plenamente - revelou o outro ser. — Vamos observar, inspirar e ajudar quanto pudermos. Devemos estar cientes de que cada um dos nossos pupilos, se assim posso dizer, traz uma marca íntima de sofrimento, decorrente de séculos de lutas, desacertos, construções e castrações mentais. São espíritos que naturalmente

m e n t e refletirão os p a d r õ e s m e n t a i s forjados ao

l o n g o d e s u a trajetória, d a s e x p e r i ê n c i a s q u e c u l -

t i v a r a m t a n t o d u r a n t e a v i d a a t u a l q u a n t o n a s

m u i t a s q u e t i v e r a m . A l é m d o m a i s , d e v e ser b e m

1 Cf. **K A R D E C** , Allan. *0 livro dos espíritos.* **I** ed. esp. Rio de Janeiro:

A

2005. p. 317-330, itens 489-521.

c l a r o p a r a n ó s , a fim de a j u d a r a d e q u a d a m e n t e , q u e o s e x o , neste m o m e n t o h i s t ó r i c o p e l o q u a l p a s s a a h u m a n i d a d e , é o g r a n d e desafio p a r a o espírito i n s e r i d o n a e x p e r i ê n c i a física.

- N ã o e n t e n d i o q u e q u e r d i z e r ou a o n d e de - seja c h e g a r c o m essa o b s e r v a ç ã o .

— E q u e , p a r a essas p e s s o a s c o m as q u a i s l i - d a m o s de f o r m a m a i s direta, o s e x o e a s e x u a l i - d a d e p a r e c e m ser u m desafio m u i t o m a i o r e m a i s a m p l o até m e s m o q u e o desafio d a p r ó p r i a v i d a e da m o r t e . E s t ã o a t r e l a d o s a o p a s s a d o , q u a n d o f i z e r a m e s c o l h a s , e l e g e r a m d e t e r m i n a d a f o r m a d e v i v e r q u e r e p e r c u t e a i n d a hoje, e m p l e n o s é - c u l o x x i , na m a n e i r a de e n c a r a r e m o c o t i d i a n o . 94

E m c e r t o s e n t i d o , p o d e - s e a f i r m a r q u e s u a s f a - m í l i a s , suas c o n q u i s t a s , seus i d e a i s e s u a r e l i g i ã o r e s u m e m - s e a o desafio d o s e x o . N ã o q u e r o , c o m isso, d i z e r q u e e s t ã o v i v e n d o n u m c i r c u i t o fe-

chado de pensamentos, mas que as situações de
sua vida não chegarão a bom termo, não encon-
trarão solução enquanto não resolver e mes sa es-
pécie de nó cármico. A vida sexual de todos eles
parece representar muito mais do que uma simp-
les vivência sexual, ou seja, é protagonista, e
não secundária no cotidiano de cada um. Vee m-
-se repletos de tabus, preconceitos, ideias equi-
vocadas e, por conseguinte, culpa, muita culpa,
que foi gerada pela educação familiar, religiosa
e social a que se submeteram.
- Você quer dizer que, enquanto não enfren-
tarem seus problemas e dificuldades de ordem
sexual, naquilo que afeta diretamente suas emo-
ções, estarão fadados a repetir as mesmas expe-
riências, até os resolverem?
- Não é bem assim. Tentarei explicar me-
lhor. Toda vez que qualquer um de nós, os seres
humanos em geral, deixamos algo mal resolvi-
do em nossa trajetória, parece que não consegui-
mos crescer. Um homem começa a caminhada,

seja na vida afetiva, profissional ou no outro âm-
bito qualquer; entretanto, quando falta pouco
95 para atingir suas metas de felicidade e realiza-
ção, algo parece dar errado e tudo desmorona.
Vez atrás de outra, a experiência se repete - e
vemos esse processo suceder com várias pessoas,
em diversas partes do mundo. Há quem julgue
que é magia que fizeram contra ele, que o azar
o persegue ou, ainda, que Deus não gosta dele.
No entanto, ao observarmos essa avalanche de
situações conflituosas ocorrendo com diferentes
indivíduos, podemos encontrar um denomina-
dor comum. E que deixara mal gonitidamente
mal resolvido em suas vidas, em sua caminhada.
Seja porque não se perdoaram por algo que jul-
gam ter feito de maneira incorreta ou antiética,
seja porque deixaram de pedir perdão a alguém
a quem prejudicaram e, para tais pessoas, esse
pedido seria crucial. Ou, então, trazem situações
mais complexas que poderiam ter enfrentado,
mas recuaram e desistiram.

- Compreendo - falou o companheiro do mundo invisível. - Então é a isso que você chama de nó cármico...

- Isso é apenas um termo do qual me utilizo, devido à precariedade de meu vocabulário. Em resumo, é algo assim. Uma situação mal resolvida pode representar um nó, uma pedra no caminho da pessoa; enquanto ela não retorna, enfrenta o desafio e se recompõe intimamente, fazendo as paz es consigo mesma, não consegue 96 avançar, atingir a felicidade ou a meta preciosa para sua alma. No caso presente, nossos amigos têm algo em comum: a sexualidade. E nós, também, temos algo em comum com eles, do contrário não estaríamos aqui, auxiliando-os da forma como podemos.

- Entendo, meu amigo. Olhando para mim mesmo, sei que deixei algumas questões, diga-mos, em aberto, pois me faltam elementos para poder enfrentá-las. Sei que assim permanecem, até uma próxima reencarnação, quando, quem

s a b e , terei m a i s c o n d i ç õ e s d e r e t o m a r m e u s p r o -
jetos d e v i d a .

- Eu t a m b é m - falou o o u t r o espírito. - V i m
d a ú l t i m a e x p e r i ê n c i a t e r r e n a c o m a l g u n s d e s a -
f i o s ; n ã o s o u b e r e u n i r forças n e m c o n h e c i m e n t o
a fim de s u p e r á - l o s .

- V e j a m q u e os i n t e g r a n t e s deste g r u p o de
e n c a r n a d o s q u e r e u n i m o s a p r e s e n t a m s i t u a ç õ e s
s e m e l h a n t e s entre si. N e s t e m o m e n t o , p o r m a i s
d e s a f i a d o r a s q u e s e j a m s u a s l u t a s e g u e r r a s í n -
t i m a s , são a p e n a s h u m a n o s . E s t ã o e m b u s c a d e
f e l i c i d a d e e r e a l i z a ç ã o . A l g u n s deles, p o r c a -
m i n h o s m a i s l o n g o s e , q u e m s a b e , m a i s s i n u o -
sos. M a s , c o m o d i z u m c o m p a n h e i r o m a i s e x -
p e r i e n t e : " N ã o e s t ã o sós a q u e l e s q u e a m a m " . E
e u a c r e s c e n t o : N ã o i m p o r t a o t i p o d e a m o r , o u
97 a f o r m a de a m a r . **0** q u e i m p o r t a é q u e a m e m ;
q u e c o n t i n u e m n a b u s c a p e l a f e l i c i d a d e , c o m o
n ó s . D e n o s s a p a r t e , p r e c i s a m o s a p e n a s a m p a r a -
d o s , s e m c o a g i - l o s , s e m t e n t a t i v a s d e d o u t r i n á -
-los o u , até, e n q u a d r á - l o s d e a c o r d o c o m esta o u

aquela opinião. Que cada qual descubra o pró-
prio caminho, que o conduzirá à realização inte-
rior, independentemente de sua forma de conce-
ber a felicidade.

Em dado momento da conversa entre os ha-
bitantes do Invisível, um dos integrantes do gru-
po perguntou:

- Qual sua opinião, caro Samuel, sobre os espíritos que, ao estagiar no corpo físico, passam pela experiência da homossexualidade?

- Este é um tema delicado, meu caro Nestor. Creio, sinceramente, que merece profundo respeito de nossa parte ao abordá-lo. Antes de tudo, carece da compreensão de alguns termos, a fim de que não geremos mais dúvidas ou mesmo recaiamos em erros de interpretação, tão comuns a quem se mantém na superficialidade do assunto. Primeiro, alguns termos empregados como sinônimos de homossexualidade precisam ser bem compreendidos, pois não são adequados, já que se referem a outros tipos de comportamento ou

identidade energético-espiritual.

- Você disse *energético-espiritual?* Nunca vi esse termo antes. Poderia esclarecer? 98

- Pois bem, meu amigo. Na Terra, entre os mais experientes no assunto ou mais esclarecidos, é comum distinguir entre identidade sexual e orientação sexual, que são duas coisas diferentes. A identidade sexual diz respeito a como o indivíduo se sente em relação ao sexo morfológico. Ele pode se ver em descompasso ou se sentir em harmonia com o tipo biológico do corpo que habita temporariamente.

" Explico melhor. Quando o espírito reencarna num corpo masculino, por exemplo, mas se sente um ser feminino, sua identidade sexual difere, portanto, da identidade física ou biológica. Diz-se haver aí um conflito de gênero. De outro lado, quando a alma reencarna num corpo feminino e seu psiquismo também se reconhece como um ser feminino, podemos dizer que a identidade sexual se iguala à morfológica, do seu corpo.

Portanto, a identidade do ser psíquico pode, em alguns casos, ser diferente daquela apresentada pelo corpo em que habita. Já a orientação sexual pode ser entendida como sendo o direcionamento do desejo sexual e da afetividade para parceiros do mesmo sexo ou do sexo oposto. Quando falo em identidade energético-espiritual, refiro-me a algo muito mais profundo do que os sinais meramente físicos e psicológicos; reporto-me a todo o arsenal de conhecimentos arquivados no corpo mental do indivíduo."

- Então, pode-se entender que alguns nascem com a identidade energético-espiritual diferente da identidade física e que isso pode ser algo programado anteriormente, isto é, no período entre vidas, também denominado *erraticida.de?2*

— Pode ser que sim, pode ser que não, meu amigo Nestor. Nem tudo é programado. Como regra geral, pelo menos ante o que temos ouvido do lado de cá, da parte de benfeitores mais experimentados, a programação reencarnatória 3

2 Cf. ibidem, p. 197, item 224.

3 Cf. ibidem, p. 216-226, itens 258-273.

ocorre s i m , m a s o b e d e c e a certos fatores. E n t r e eles, o e s c l a r e c i m e n t o e o m é r i t o do espírito reencarnante, além da tarefa específica que o indivíduo deve realizar na sua próxima etapa na Terra, se é este o caso. Do contrário, é preciso refletir.4

" I m a g i n e u m espírito comum, que não tem nenhum conhecimento de questões espirituais mais amplas e, talvez por isso mesmo, nenhuma atividade programada. Em determinada ocasião, ele se aproxima de um casal em plena realização do ato íntimo; dois parceiros sexuais, portanto. Muitas vezes, esse espírito é, por assim dizer, capturado magneticamente pelas forças sexuais que são exsudadas ali; nesse enlace magnético,

v ê - s e c a t i v o d a s e n e r g i a s g e r a d o r a s d o c o r p o físi-
c o , e m p l e n a a ç ã o n o útero f e m i n i n o . A v e r d a d e
é q u e m i l h a r e s de seres e n c o n t r a m - s e n e s s a c o n -
d i ç ã o d e u m a c o n c e p ç ã o m a i s a u t o m á t i c a , m a i s
da lei e m e n o s fruto de i n t e r v e n ç ã o e p r o g r a m a -
1 A leitura apressada do texto indicado na nota anterior pode levar a uma interpretação errônea, tomando-se o princípio geral como sendo válido para qualquer caso. Em resposta à primeira questão de Kardec sobre a escolha das provas, lê-se: "Ele próprio [o espírito] escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio". A partir disso, há quem acredite que sempre se planeja a reencarnação. Adiante, Kardec mesmo rejeita essa hipótese, que lhe parece insensata, ao indagar: "Como pode o Espírito, que, em sua origem, é
ç ã o espirituais. E l e s n a s c e m , m o r r e m e r e e n c a r -
n a m , s e m a o m e n o s ter c o n s c i ê n c i a d o p r o c e s s o
p e l o q u a l estão p a s s a n d o . S ã o c o m o s o n â m b u l o s ,
q u e v i v e m d o l a d o d e c á d a v i d a , m a s n ã o s a b e m
q u e j á m o r r e r a m o u d e s e n c a r n a r a m . N a s c e m n o
m u n d o das f o r m a s p o r i m p e r a t i v o d a lei d e a t r a -

ção dos corpos, segundo o mecanismo das leis divinas, em grande parte direcionados pelas leis físicas, inscritas e sintetizadas no **DNA** dos pais.

"Ante essa realidade, podemos observar espíritos comprometidos na área da sexualidade que precisam reencarnar e acabam atraídos para a formação de novos corpos. Eles não chega-

r a m a escolher, p e l o m e n o s n ã o c o n s c i e n t e m e n t e , o t i p o de c o r p o ou a e x p e r i ê n c i a p e l a q u a l p a s - s a r ã o . E i s q u e nesses c a s o s , m e u c a r o Nestor, a s leis físicas q u e r e g e m o n a s c i m e n t o b i o l ó g i c o já e n t r a r a m em a ç ã o , e a m ã e , p o r e x e m p l o , p o d e r á c o n c e b e r um c o r p o m a s c u l i n o de um b e b ê s a u - d á v e l , d o p o n t o de v i s t a b i o l ó g i c o . M e s m o a s s i m , simples, ignorante e carecido de experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?". Os espíritos lhe esclarecem, confirmando que tudo depende da maturidade do ser: "Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve"(ibidem, p. 216, 219, itens 258, 262. Grifo nosso).

o espírito q u e se a p r o x i m o u , n a q u e l e m o m e n t o d o e n l a c e m a g n é t i c o s e x u a l , p o d e r á ser u m e s - pirito de m e n t a l i d a d e , e x p e r i ê n c i a s e p s i q u i s - m o f e m i n i n o . E m b o r a e n t e n d a m o s q u e t u d o q u e ocorre n o m u n d o está dentro d o p l a n e j a m e n t o

d i v i n o e n a d a seja a l h e i o à s u a v o n t a d e , esse t i p o
d e r e e n c a r n a ç ã o n ã o o b e d e c e a u m p l a n e j a m e n -
t o efetivo d e a l g u m a e n t i d a d e m a i s e s c l a r e c i d a
o u dos p r o v á v e i s m e n t o r e s d o espírito r e e n c a r -
n a n t e . H o u v e m a i s o c u m p r i m e n t o d e u m a n e -
c e s s i d a d e d o q u e a e x e c u ç ã o d e u m p l a n e j a m e n -
t o d e t a l h a d o . 0
" R e s u l t a d o : q u a n d o o espírito a b r e os olhos
e t o m a c o n s c i ê n c i a da n o v a v i d a , já o c o r r e u a

união inevitável do espírito com a matéria. E ele nasce com a morfologia em dissonância com o psiquismo."

- Puxa, Samuel! A situação pode ser muito mais complexa do que imaginamos ou do que normalmente se ventila por aí. Posso entender, então, que nem sempre há um planejamento reencarnatório e que a maioria dos seres que reencarna no planeta pode nem saber o que se passa?

5 " [Deus] pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito" (idem. item 262a).

- Sim, provavelmente se possa afirmar que mais de 50% - isto é, a maioria — dos seres que desencarnam e reencarnam hoje, na Terra, nem sabem o que se lhes ocorre. Permanecem tão mergulhados em interesses próprios da esfera material que, ao chegarem do lado de cá da vi-

da, continua acreditando que estão vivos entre os vivos. E ao renascer, a maior parte nem cogita a reencarnação, tampouco compreende o que sucede. São os conhecidos sonâmbulos. Andam, vivem e caminham entre os desencarnados num plano bem próximo ao da matéria; por isso, dada a semelhança entre esse plano e o da matéria, não sabem distingui-los, pois o plano material é

a única coisa que conhecem. Nem se quer tive-ram o mínimo interesse em perceber e se escla-recer a respeito dessas diferenças.

"Sendo assim, como podemos imaginar, sim-plesmente, que haja um processo reencarnatório programado para todos os seres, sem levarem conta o esclarecimento, o comprometimento e a maturidade psíquica de cada um? Planejamento efetivo existe, é claro, mas me aventuro a afir-mar que esse tipo de planejamento é para quem tem uma tarefa a desempenhar, seja no campo espiritual, científico, artístico ou outro qualquer,

quemereçaumInvestimentomaisdetalhadoe exija um programareencarnatório, a fim de oferecer recursos à realização de um trabalho divinamente inspirado e preparado. É para quem deixará as marcas na história do mundo, da humanidade, mesmo que seja em grande notoriedade, numa comunidade familiar ou outro gênero. Enfim, é para quem conquistou esse tipo de interferência espiritual por menorizada ou para quem é alvo da intervenção de alguém de mais amplos recursos, que lhe abonou ou avalizou a reencarnação."

- Mas não existe o caso de algumas pessoas, reencarnadas como homossexuais, em que houve planejamento para que a experiência se desse nessas circunstâncias? 104

- Eclaro que sim, amigo! Mas podemos entender que foram fatores distintos, a depender da época e da cultura, que levaram este ou aquele espírito a optar por uma vivência assim. Primeiro porque, quando o espírito é consciente-

t e d e s u a r e a l i d a d e í n t i m a , o u u m p o u c o m a i s l ú c i d o a respeito, s a b e de a n t e m ã o q u e , em d e - t e r m i n a d a é p o c a d a h u m a n i d a d e , ele t e r á este o u a q u e l e t i p o d e p r o v a a o e s c o l h e r r e n a s c e r c o - m o *gay,* h o m o s s e x u a l , b i s s e x u a l o u t r a n s g ê n e r o . P o r e x e m p l o , a q u e l e s q u e v i v e r a m a c o n d i ç ã o h o m o s s e x u a l n o s a n o s 1920 ou 1930 e x p e r i m e n - t a r a m desafios b a s t a n t e diferentes d a q u e l e s e s - píritos q u e a m e s m a c o n d i ç ã o v i v e r a m a o r e e n - c a r n a r nos a n o s 1980, s o b r e t u d o e m s o c i e d a d e s ditas o c i d e n t a i s . P a r a l e l o s e m e l h a n t e p o d e ser feito ao se c o m p a r a r a c o n d i ç ã o social do h o - m o s s e x u a l n a R o m a o u n a G r é c i a a n t i g a s e , n o e x t r e m o o p o s t o , e m p a í s e s d e m a i o r i a i s l â m i c a , n a a t u a l i d a d e .

" P o r t a n t o , p o d e m o s e n t e n d e r q u e , s e a l g u m espírito o p t o u p o r u m c o r p o m o r f o l o g i c a m e n t e e m d e s a c o r d o c o m o p s i q u i s m o , m e s m o r e n a s - c e n d o em c u l t u r a s de m e n o r t o l e r â n c i a , é p o r q u e j u l g o u q u e a e x p e r i ê n c i a lhe serviria c o m o fator r e e d u c a t i v o . E n f r e n t a r a s dificuldades inerentes

à sociedade e à religião naquele contexto poderia
105 atuar como forma de limitar seus impulsos, caso tenha chegado à conclusão de que tais impulsos merecia m reajuste. Porém, certamente não são as mesmas razões que o movem na hipótese de reencarnar no século xxi ou mesmo nas últimas décadas do século xx, a não ser numa cultura mais isolada e tradicional. Como sabemos, a partir dos anos 1990, e talvez desde uma ou duas décadas antes, houve relativa abertura amental, social e mesmo religiosa, tendendo para a aceitação daquilo que a sociedade condenava, de modo geral, e até via como doença."

- Agora compreendo melhor, Samuel! Então, podemos afirmar que os espíritos que renascem na época atual, em circunstâncias semelhantes, têm outros objetivos, ao menos nos casos em que houver planejamento reencarnatório.

- E isso aí! De qualquer modo, na atualidade existem desafios os mais diversos acerca da sexualidade, os quais podemos analisar por ou-

tro p r i s m a . U m dos m a i o r e s p r o b l e m a s nos dias a t u a i s , p r i n c i p a l m e n t e entre e s p i r i t u a l i s t a s , são certos c o n c e i t o s d i s s e m i n a d o s d e f o r m a i r r e s p o n - s á v e l , s e m l e v a r em c o n t a os t r a n s t o r n o s e m a l e s q u e , d e m o d o lento e p r o g r e s s i v o , v ê m c a u s a n d o e c a u s a r ã o , em m é d i o e l o n g o p r a z o .

D a n d o u m t e m p o m a i o r p a r a a reflexão oportuna , a fim de q u e os outros espíritos p e n s a s s e m , j u n t a m e n t e c o m Nestor, S a m u e l prosseguiu: 106

- F a l o de m é d i u n s , o r a d o r e s e dirigentes espirituais q u e d i v u l g a m o u t e n t a m i n c u t i r n a m e n t e de seus a d m i r a d o r e s e d o p ú b l i c o em g e - r a l q u e são a s s e x u a d o s , q u e n u n c a f i z e r a m s e x o n a v i d a o u q u e s u b l i m a r a m a s e n e r g i a s s e x u a i s . T a l a t i t u d e é objeto de p r e o c u p a ç ã o de e l e v a d o s m e n t o r e s da e s p i r i t u a l i d a d e , t e n d o em v i s t a o erro q u e significa a m e r a r e p e t i ç ã o do d i s c u r s o de c a s t i d a d e d a igreja t r a d i c i o n a l , p r o p a l a d o por e x p o e n t e s de ideias q u e d e v e r i a m ser r e n o v a d o - r a s , e n ã o c o n s e r v a d o r a s .

" A d v i n d o s de um p a s s a d o em q u e se com -

p r o m e t e r a m d e m a s i a d o c o m d e s v a r i o s , q u e e n -
c h e m suas m e n t e s de c u l p a , e n a s q u a i s a i n d a
e c o a m o s c o n c e i t o s religiosos r e p r e s s i v o s , e x -
c l u d e n t e s e errôneos c u l t i v a d o s , esses e x p o e n t e s
t e n t a m d a r a i m p r e s s ã o de q u e são diferentes -
a l g u n s , até, m i s s i o n á r i o s i l i b a d o s - e p o r isso n ã o
f a z e m s e x o . C o m o s e a q u e l e s q u e f a z e m s e x o , se-
j a m h o m o s s e x u a i s o u h e t e r o s s e x u a i s , e s t i v e s s e m ,
p o r essa r a z ã o , distantes d e u m a e s p i r i t u a l i d a -
d e e r r o n e a m e n t e c o n c e b i d a n a s m e n t e s d e p r e -
tensos m i s s i o n á r i o s d a i n f e l i c i d a d e h u m a n a . O u
c o m o s e p r a t i c a r sexo fosse u m a c o i s a i m u n d a ,
i n d e s e j á v e l ou i m p u r a , a l i m e n t a n d o , a s s i m , a ar-
c a i c a m e n t a l i d a d e m e d i e v a l , i n f e l i z m e n t e a i n d a
t ã o e m v o g a , q u e d i v i d e o m u n d o entre s a g r a -
107 do e p r o f a n o e a s s o c i a o sexo ao p r o f a n o . O r a , o
c e l i b a t o d o d i s c í p u l o foi p o s t o e m x e q u e desde
L u t e r o , desde o a d v e n t o do p r o t e s t a n t i s m o , no
s é c u l o x v i ; v a m o s assistir a u m retrocesso desses
e m p l e n o s é c u l o x x i ? "
R e s p i r a n d o f u n d o , c o m o se quisesse c o n t e r a

indignação com a difusão de um equívoco desse porte, continuou:

- Com esse tipo de desinformação que prestam ao movimento espiritualista, tais lideranças acabam por sustentar e fomentar ideias distorcidas sobre a sexualidade humana. Muita gente aporta nos templos espiritualistas cheia de conflitos íntimos e em franco desequilíbrio emocional, que advêm da ignorância sobre este e outros temas. Lá chegando, percebe que a comunidade tem como parâmetros a castidade ou a sublimação, quando não ouve recomendações veladas ou explícitas de que o melhor é reprimir seus impulsos sexuais. Como resultado, acaba por aprofundar suas dúvidas, acentuando culpas e fortalecendo ideias errôneas acerca da sexualidade.

- Fico pensando, Samuel - disse agora outro dos invisíveis, Arthur. - Se esses expoentes estiverem mesmo falando a verdade, isto é, que nunca tiveram experiências sexuais, chega a imaginar se não precisam é de tratamento psi-

quiátrico ou acompanhamento psicológico. Pois é muito difícil de acreditar nisso que conta me 108 divulgam; no fundo, deve ser apenas para aparecerem diferentes ou mais elevados.

- Esse papo de terem sublimado as energias sexuais é algo descarado, descabido. **0** que isso quer dizer, afinal? Que a libido foi totalmente canalizada para outros aspectos e, portanto, não há relacionamento, masturbação ou nem sequer desejo? E isso é tido como saudável, no atual contexto da experiência humana? Imagine só! Recordo o que dizemos orientadores evolutivos da humanidade, sobre o sexo ser a última coisa que conseguiremos elaborar plenamente, a fim de convivermos com essa força de maneira harmoniosa e pacífica, ao longo dos futuros milênios. Então, só me resta concluir que essas pessoas querem, com suas afirmações, é sugerir que estão mais evoluídas, à frente da maioria.

- É como disse, certa vez, um expoente das ideias espíritas: "O espiritismo é religião de ca-

tólicos f r a c a s s a d o s " . E n t e n d o essa afirmativa, so-
b r e t u d o q u a n d o sei q u e q u e m p r o p a l a irrefletida-
m e n t e coisas assim, d e f e n d e n d o u m a s a n t i d a d e
i r r e s p o n s á v e l e c o m p u l s ó r i a , na m a i o r p a r t e d a s
v e z e s é e x - r e l i g i o s o , ex-freira ou e x - p a d r e reen-
c a r n a d o . N ã o se c o n t e n t a n d o em a t r a p a l h a r a
v i d a dos a n t i g o s p u p i l o s e p a r o q u i a n o s c o m os
a b u s o s p r a t i c a d o s e os c o n c e i t o s r e t r ó g r a d o s e
1 0 9 d e t u r p a d o s q u e d i f u n d i r a m sobre sexo e , t a m -
b é m , sobre a falsa v i r t u d e dos s a n t i n h o s forjados
p e l a Igreja, r e e n c a r n a r a m p a r a c o n t i n u a r p r e s -
t a n d o u m d e s s e r v i ç o à c a u s a de Jesus. C o m o o u -
trora, q u e r e m a l i m e n t a r a c r e n ç a na s u p e r i o r i d a -
de e na s a n t i d a d e de l i d e r a n ç a s r e l i g i o s a s , q u e ,
e x a t a m e n t e c o m o no c a s o d e s a c e r d o t e s , b i s p o s ,
c a r d e a i s e p a p a s , n ã o resiste ao m í n i m o e x e r c í c i o
do b o m senso e da r a z ã o .

A g o r a , r e s p i r a n d o m a i s f u n d o a i n d a , S a m u e l
r e t o m o u o p e n s a m e n t o :

- P r e c i s a m o s , e n t ã o , e n c a r a r a s e x u a l i d a d e
h u m a n a , em suas v a r i a ç õ e s e f o r m a s de m a n i f e s -

t a ç ã o , c o m o a l g o n a t u r a l , e n ã o e m p r e s t a r p e s o
t ã o g r a n d e à q u e s t ã o , g e r a n d o c u l p a e a c e n t u a n -
do os d r a m a s d a q u e l e s q u e estão a c a m i n h o do
d e s c o b r i m e n t o interior. S e x o , h o m o a f e t i v i d a d e ,
h o m o s s e x u a l i d a d e , m a s t u r b a ç ã o , b i s s e x u a l i d a d e ,
erotismo: n a d a disso j a m a i s foi p e c a d o n e m t a m -
p o u c o atrai obsessores, c o m o a f i r m a m a l g u n s , até
p o r q u e p e c a d o é u m a c o n c e p ç ã o c a t ó l i c a , forjada
c o m o intuito de c o i b i r o p e n s a m e n t o , a a n á l i -
se, a c o n s c i ê n c i a e as a t i t u d e s h u m a n a s d a q u e -
les q u e se s u b m e t e m à influência dessa e x p r e s s ã o
de r e l i g i o s i d a d e . De f o r m a e q u i v a l e n t e , u s a m o
c o n c e i t o e a e x i s t ê n c i a de obsessores - isto é, de
espíritos q u e e s t a b e l e c e m relações infelizes c o m
e n c a r n a d o s - e x a t a m e n t e c o m o os p a d r e s de a n -
t i g a m e n t e u t i l i z a v a m a figura do d i a b o , c o m o
n o
o b j e t i v o de c o i b i r a l i b e r d a d e de e x p r e s s ã o e a
f e l i c i d a d e a l h e i a , já q u e se s e n t e m infelizes, de
a l g u m a m a n e i r a . M a s , c o n v e n h a m o s , a i d a d e d a
i g n o r â n c i a j á p a s s o u h á m u i t o ! A i d a d e d a m a -

nipulaçãomental, emocionalecultural porparte dos religiosos foi algo marcante na história medieval; porém, estamos emplenoséculoxxi... Muitoembora ainda haja espiritualistas usando as mesmas máscaras de séculos atrás, paralisados e engessados no tempo.

- É possível compreender essa postura tão ultrapassada, presente em algumas pessoas, quando consideramos o peso da culpa que acompanha a tradição judaico-cristã, ao longo de mais de 2 mil

anos - falou Arthur. — E quando comparamos esse tempo com os menos de dois séculos de espiritualismo, num sentido mais amplo, é possível entender por que a maioria dos que hoje coordenam muitos movimentos de esclarecimento da humanidade ainda precisa se libertar de conceitos obsoletos, que embotam a mente tanto quanto a caminhada de muita gente.

Voltando-se para Nestor, Samuel falou, da forma como se fala, sem barreiras, a um amigo

de l o n g a data:

- T o d o s t r a z e m o s o p a s s a d o c o m p r o m e t i d o c o m a s q u e s t õ e s d a s e x u a l i d a d e , seja c o m o h e t e r o s s e x u a i s , b i s s e x u a i s o u h o m o s s e x u a i s q u e são c o n d i ç õ e s n a s q u a i s t r a n s i t a m o s a o l o n g o das e x i s t ê n c i a s . N ã o h á santos entre o s d e s e n c a r n a dos, p o r m a i s q u e esse fato d e c e p c i o n e n ú m e r o t ã o g r a n d e d e espiritualistas. N e m m e s m o e n tre o s c h a m a d o s m e n t o r e s , q u e m u i t o s m é d i u n s e a d e p t o s p a r e c e m ter b e a t i f i c a d o e c a n o n i z a d o , de m o d o a d a r m a i s *status* a seus dirigentes espirituais e sugerir q u e são m a i s e l e v a d o s q u e os d e m a i s . S o m o s t o d o s a p e n a s h u m a n o s .

" M u i t o d i s c u r s o q u e se o u v e a q u i , do l a d o de c á d a v i d a , p r i n c i p a l m e n t e entre espíritos a i n d a a p e g a d o s o u afeitos a o m o d o d e v i d a c a t ó l i c o o u religioso e x t r e m i s t a , t a l v e z até p o s s a soar b o n i t o , m a s a p e n a s c o m o d i s c u r s o , e m si. P o r é m , sinceramente, q u e r o v e r q u a n d o esses m e s m o s espíritos, santificados c o m p u l s o r i a m e n t e p e l o s v a l o r e s q u e lhes f o r a m i m p u t a d o s p o r seus m é d i u n s , e s -

tiveremreencarnados. Comodizemna Terra: na prática, a teoria é outra..."

Continuando a fala, agora mais recheada de emoção, para seus ouvintes do Invisível, Samuel prosseguiu:

- Eu mesmo, como bem me lembro - e como me lembro! -, trago da minha última existência na Terra muitas lembranças difíceis, que remontam aos meus primeiros momentos de infelicidade, naquela encarnação, quando confrontado com as deturpações e os preconceitos da cren- 112 ça neopentecostal, da forma como era cultiva- da no círculo familiar em que me criei. Ao longo do tempo, inconformado com as diretrizes que recebera e que me marcaram profundamente a existência, modifiquei o rumo de minha vida, absorvendo os ensinamentos do moderno espiritualismo, na interpretação do Evangelho segundo a ótica espírita. Só então é que consegui relativa liberdade mental e certa tranquilidade, embora ainda permanecesse agrilhoado a deter-

m i n a d o s c o n c e i t o s d i f u n d i d o s p o r a l g u n s e x p o -
sitores d a q u e l a s i d e i a s r e n o v a d o r a s . O s n o v o s
e n s i n a m e n t o s q u e a b s o r v i d e m o r a r a m a c r i a r
m a s s a c r í t i c a e m m i m , d e f o r m a a c a p a c i t a r - m e
a r e c o n h e c e r o n d e t e r m i n a v a a i d e i a espírita e
c o m e ç a v a o p o n t o de v i s t a a respeito d e l a , n e m
s e m p r e e n r i q u e c e d o r .
- Q u e r dizer, e n t ã o , q u e v o c ê n e m s e m p r e
esteve na p o s i ç ã o em q u e se e n c o n t r a hoje? -
q u e s t i o n o u Nestor.
- Q u e p o s i ç ã o , a m i g o ? A q u i sou a p e n a s m e r o
a p r e n d i z ; n a d a m a i s . N ã o sou mentor, s e g u n d o o
t e r m o q u e s e e m p r e g a n o m o v i m e n t o espiritualis-
t a . . . G r a ç a s a D e u s ! A s s i m , m e sinto m a i s livre,
m a i s h u m a n o e i g u a l aos outros, c o m q u e m c o n -
v i v o . S o u u m espírito familiar, a p e n a s isso. A l i á s ,
a m a i o r i a dos c h a m a d o s m e n t o r e s n ã o p a s s a de
espírito familiar, q u e deseja o b e m d a q u e l e s q u e
»3
lhe são caros, o s quais f i c a r a m n a o u t r a m a r g e m
da v i d a . T a n t o q u a n t o v o c ê e os d e m a i s , v e j o - m e

como alguém simplesmente humano, que precisa se dedicar, muito, ao estudo, a fim de praticar aquilo que aprende na escola da vida.

- Ah! Mas você é diferente. Já estudou muito mais do que a maioria de nós aqui; isso está implícito em suas palavras. Não pode negar que já é um instrutor de um grupo de espíritos, do lado de cá da vida.

- Instrutores não são anjos nem santos, Arthur! Trata-se apenas de um papel que desempenho, de uma palavra que define meus encargos por aqui. Nada além disso! Todos trazemos os desafios, problemas, complexos ou mesmo obstáculos criados em nossas experiências. Conhecimento, pura e simplesmente, não significa elevação. Quem muito conhece, muito está comprometido, ou muita responsabilidade tem.

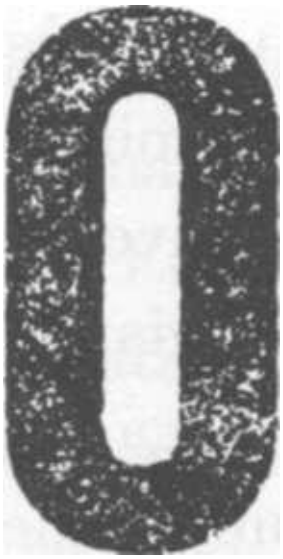
Sem colocar um ponto final no assunto, mas apenas dando uma pausa para melhor observar os amigos encarnados com os quais lidavam de forma mais direta, Samuel encerrou a etapa de

discussões como comentário:

- É preciso concentrar nossa atenção nos dramas de nossos amigos encarnados. Eles estão em situação delicada e merecem nosso concurso, embora devamos permanecer ocultos, porenquanto, observando o que faz e o que está por trás de suas palavras, intenções e atitudes. Eles precisam se encontrar, ou ao menos parar de fugir com tanto ímpeto, mas, para isso, o caminho pode ser longo. Pode ser de apenas um minuto... Quem sabe nesse minuto a eternidade se esconda, o tempo pareça dilatado e as oportunidades se renovem? Vamos, observemos o que ocorrerá no próximo minuto das vidas de nossos amigos.


4

3H32 DA MADRUGADA DA VIDA



AMBIENTE ESPIRITUAL fora e s c u l p i d o p e l o c a l o r e a r d o r das e m o ç õ e s c o n - t u r b a d a s d a q u e l e s espíritos. M e d o s , a n g ú s t i a s , s e n t i m e n t o s , e s p e r a n ç a s e e x p e c t a t i v a s d e c a d a u m deles contri- b u í r a m p a r a p l a s m a r a a t m o s f e r a p s í - q u i c a n a q u a l s e v i a m e n v o l v i d o s . Prisioneiros das p r ó p r i a s dificuldades í n t i m a s , d a c u l p a a b r i - g a d a n a m e n t e , e l a b o r a r a m i n c o n s c i e n t e m e n t e o a m b i e n t e espiritual o u fluídico a o derredor. A f i - n a l , a s u b s t â n c i a p l á s t i c a da m a t é r i a astral a s - s u m e a f o r m a q u e a m e n t e e as e m o ç õ e s lhe i m - p r i m e m . T a n t o o a s p e c t o p u r g a t o r i a l q u a n t o o celestial, a s s i m c o m o a s c a d e i a s q u e a g r i l h o a m

a criatura no Além, constituem meros reflexos de suamente. Quanto mais se crê, mais se vê. Contudo, as paisagens paradisíacas ou infernais, sensíveis ou grosseiras não refletem uma realidade permanente. Tudo é passageiro. Tudo é projeção das sombras ou das luzes que irradiam do ser.

A mente prisioneira da culpa, do remorso ou das angústias de uma existência mal definida ou mal resolvida exterioriza a paisagem íntima em torno de si. Da mesma forma, a mente sadia, que se esforça por cultivar emoções enobrecedoras e elevadas, projeta ao redor as imagens condizentes com a qualidade da vida mental superior.

Através de mil formas, de mil vidas, o ser eterno vai aprimorando o psiquismo em meio às contingências da vida material, social e familiar. Detentor de uma riqueza interior inestimável, o espírito investe nas sucessivas vidas, estagiando nas diversas expressões da forma, conforme a necessidade particular do momento evolutivo que atravessa. Homem e mulher são apenas aspec-

tos exteriores necessários ao m u n d o da f o r m a , 1 e

n e m s e m p r e a fisiologia representa o ser p s i c o -

l ó g i c o a p r i s i o n a d o nos limites do c o r p o . **0** sexo,

p a t r i m ô n i o s a g r a d o do espírito, é e x p r e s s ã o da

p o l a r i d a d e í n t i m a e a g u a r d a os séculos e milênios

p a r a ser c o m p r e e n d i d o .

A v i v ê n c i a da s e x u a l i d a d e será, dessa f o r m a ,

I 2 C

uma questão comportamental profundamente ligada às matrizes psicológicas construídas ao longo das vidas sucessivas. Não há como padronizar o comportamento como expressão do ser imortal, uma vez que a variedade tão grande de criaturas e de experiências não nos permite uma visão acertada, ampla e profunda da situação íntima de cada um. Tampouco é possível estabelecer regras rígidas para comportamentos, ideias e pontos de vista, classificando-os entre o que é e o que não é normal ou aceitável. Não há como dizer que este tipo energético ou aquela identidade afetiva e sexual seja a mais correta ou a única forma de expressão do ser.

Em cada vivência, uma aprendizado; em cada atitude, uma experiência. Bem e mal deixam de ter a conotação moralista e legalista para ceder lugar ao comportamento ético dos seres que

1 Cf. ibidem, p. 173-174, itens 200-202.

s e e m a n c i p a m m a i s e m a i s n a e s c o l a d a v i d a .
M u i t a s v e z e s , i n d i v í d u o s v e e m - s e reféns d e m e -
d o s , a n g ú s t i a s e p e s a r e s ; o u t r o s , em p l e n a fase
d e a p r i m o r a m e n t o í n t i m o , l i b e r t a m - s e d e t a b u s
e p r e c o n c e i t o s , a m p l i a m c o n c e i t o s e, a s s i m , e l a -
b o r a m o c l i m a m e n t a l e e m o c i o n a l em q u e v i v e -
r ã o , d e a c o r d o c o m a m a n e i r a c o m o t r a n s i t a r a m

n a ú l t i m a e x i s t ê n c i a física.
As prisões invisíveis - p o r é m , reais - q u e
c e r c e i a m a p r e t e n d i d a l i b e r d a d e são a p e n a s a
p r o j e ç ã o d o l a d o o b s c u r o , q u e e m e r g e d o i n c o n s -
ciente p r o f u n d o . T a l p r o j e ç ã o d e t e r m i n a o limite
d e a ç ã o d e c a d a u m . E i s p o r q u e o a m b i e n t e e s -
p i r i t u a l , físico ou social é o reflexo v i v o do m u n -
d o í n t i m o .
S e m escapar a essa realidade universal é que
Patrícia, P a l o m a , H u g o , R o n i e , C é s a r e A d i r apor-
t a r a m e m outra d i m e n s ã o d a v i d a , e m b e b i d o s e m
l e m b r a n ç a s , crenças, d ú v i d a s e conquistas p e s -
soais. E s t a v a m n u m a espécie de transição entre as

dimensões da vida; localizavam-se num plano on-
de, devido à sua extrema maleabilidade, a reali-
dade interior se fazia facilmente palpável.
Um sétimo personagem se encontrava ali, e
outros mais, invisíveis, imperceptíveis, com o in-
tuito de recebê-los ou, quem sabe, compartilhar
suas experiências.
Sentindo-se prisioneiros, embora sem celas
nem grades, mas também sem nenhuma possi-
bilidade de fuga perceptível naquele momento,
pouco a pouco foram se revelando intimamente.
Como que envoltos numa rede invisível, nu-
ma espécie de teia de aranha, que os cerceava por
inteiro e coibia movimentos mais amplos, ouviu-
-se a voz, quase um grito, do rapaz:
- Onde estou? Que desgraça é esta que me 122
aprisiona? - perguntou Ronie, ainda com fortes
imagens mentais do que lhe ocorrera.
- Quem são vocês? - gritava, sem obter res-
posta imediata.
Ao examinar a substância que o envolvia,

concluiuquesetratavadealgoparecidocom uma teia de aranha, porém feita de material pegajoso. Somente com grande dificuldade conseguia se desvencilhar da matéria que o dominava, mas parecia-lhe que uma força descomunal o arrastava de novo para aquela armadilha. Porém, a força parecia não ser externa, mas interna. Era algo que emanava dele próprio, pôde notar. Tomado de imensa angústia, logo percebeu que não estava sozinho ali. Havia vultos - outras pessoas ou outras almas.

Em determinado lugar, em meio ao lusco-fusco do ambiente, jazia Patrícia, deitada em posição fetal, gemendo baixinho.

Ajoelhado mais além, Adir, o pastor, parecia balbuciar algo com os lábios, acostumado a fazer uma oração puramente mecânica. **0** desespero íntimo parecia se avolumar.

- Onde estou? Será isto aqui o portal do inferno? Não pode ser! Não pode! Eu fui salvo. **0** Senhor está testando a minha fé...

Adirsaíacorrendodeumladoparaoutro,
natentativadesairdaquelasituação,encontrar

umaporta,umarespostaouexplicaçãoemseus
conhecimentoslimitados.Emvão.
Hugoparecia estar prestes a perder o juízo.
Vezououtradavagargalhadas,queseseguiam
logoapósintensopranto.Paloma,quieta,ca-
bisbaixa,pareciamergulhadaemseus próprios
pensamentoserecordações.Nãosabiaondeees-
tava.Nãoqueria saber. Tinhaamentefuncio-
nandoemcircuitofechado:pensavanaprópria
vida. Refletia.
Empé,alguémosobservava.Seriaapenas
umapessoaamais,ouváriasqueosobserva-
vam?Nãopodiam precisar. Pelomenos,nãopor
enquanto.Nãoviamovulto,oserdiretamente,
masopercebiam.Sabiamqueeramobservados.
Eraapenasumasombra?Umaaparição?Todos
pressentiamsuapresença,masninguémoco-
nhecia,tambémnãoseconheciam.Masseráque

q u e r i a m s e c o n h e c e r ?

- Q u e m são v o c ê s ? O n d e e s t o u ? - c o n t i n u a -

va R o n i e a gritar, a se e x a s p e r a r . T o m a n d o u m a

a t i t u d e , l e v a n t o u - s e m e i o c a m b a l e a n t e ; s e g u r a n -

d o a s p e s s o a s a o redor, s a c u d i a u m a u m seus

c o m p a n h e i r o s , e s t r a n h o s entre si.

- A c o r d e m , r e a j a m ! E s t a m o s t o d o s m e t i -

dos neste l u g a r e v o c ê s aí, p a r a d o s ? - b e r r a v a ,

a g i t a v a - s e e e x p r i m i a seu inferno interior a t r a -

v é s das a t i t u d e s v i o l e n t a s . T e n t a v a a t o d o c u s t o

o b t e r u m a r e a ç ã o d a q u e l a s p e s s o a s q u e e s t a v a m

c o m ele, c o m p a r t i l h a n d o o e s p a ç o . O u n ã o se-

ria u m e s p a ç o , seria u m a s i t u a ç ã o ? N ã o i m p o r -

ta. N a q u e l e m o m e n t o , n e m R o n i e n e m o s d e m a i s

s e q u e r s o n h a v a m c o m o q u e e s t a v a a c o n t e c e n d o .

N ã o h a v i a m s e p r e p a r a d o p a r a essa r e a l i d a d e .

E m m e i o à s t e n t a t i v a s d e d e s p e r t a r a q u e l a s

p e s s o a s , u m suspiro foi o u v i d o . U m suspiro p r o -

f u n d o , alto, p e r c e p t í v e l , q u e m e x e u c o m t o d o s .

F i c a r a m a p a v o r a d o s diante do d e s c o n h e c i d o . E

como não via a pessoa da qual partiu o suspi-
ro, o temor aumentou exponencialmente.
Um misto de medo e pavor pareceu acordar
alguns, enquanto Ronie parou, silenciou, tentan-
do perceber mais alguma coisa.
- **0** sangue de Jesus tem poder! - bradou
Adir, alto e bom som.
- Só faltava essa! - disse Ronie, entre o de-
boche e o desespero. - Um religioso, talvez um
crente miserável preso aqui comigo... E tenho
que aguentar cada uma, viu? Numa desgraça
dessas e ainda me vem um maldito crente...
- Você ouviu aquele suspiro profundo? -
perguntou Adir.
- Claro que ouvi! Não estou surdo!
Pensando um pouco mais, complementou:
- Ou melhor, não sei se ouvi ou se percebi.

Mas foi algo assustador.
Patrícia, recolhida em seu mundo particular,
ameaçou despertar, erguendo a cabeça, para lo-

g o depois deitar-se n o v a m e n t e . O u melhor, c a i r sobre a q u e l e solo indefinível. E l a sentia u m o d o r dificilmente s u p o r t á v e l ; l e m b r a v a f e z e s , p o d r i - d ã o , a l g o a s s i m . M a s será q u e o s outros t a m b é m s e n t i a m a m e s m a coisa?

H u g o p a r o u e m m e i o a u m a g a r g a l h a d a ; p e - trificado, a c o r d o u d o seu transe p r i v a d o . D e o n - d e v i e r a a g a r g a l h a d a ? D e q u e l o c a l ? D e q u e m ? N ã o s a b i a se o q u e o u v i r a e r a real ou um trote de seu s u b c o n s c i e n t e .

- 0 q u e está a c o n t e c e n d o ? O n d e estou?

O l h o u à v o l t a e só e n t ã o p e r c e b e u os o u t r o s .

C o r r i g i u - s e :

- O n d e e s t a m o s ? Q u e l u g a r é este?

R o n i e a d i a n t o u - s e :

- O n d e e s t ã o as p a r e d e s deste l u g a r ? ! - f a - l o u , p e r g u n t a n d o a q u a l q u e r u m , a p o n t a n d o p a - ra o p a s t o r A d i r . - Já n o t a r a m q u e a q u i n ã o t e m p a r e d e s ?

- S i m - r e s p o n d e u a l g u é m . - Já tentei u l t r a - p a s s a r certo l i m i t e , m a s n ã o c o n s e g u i . S e m p r e

q u e p e n s o c h e g a r a u m lugar, e s t o u d e v o l t a a o

p o n t o de p a r t i d a . Q u e l u g a r é este afinal? **0** q u e

n o s a c o n t e c e u ?

P a l o m a foi a p r ó x i m a a se manifestar, q u a s e

l e n t a m e n t e , depois de despertar de suas reflexões.

126

- A c h o q u e m o r r e m o s t o d o s . S o m o s a l m a s do o u t r o m u n d o , e isso a q u i é o p u r g a t ó r i o . . . Ou - f a l o u a g o r a m a i s p a u s a d a m e n t e e q u a s e m u i t o b a i x o - o inferno p a r t i c u l a r de c a d a um de nós.

- M a i s u m a . . . - o u v i r a m R o n i e d e b o c h a r . P e r c e b e r a m l o g o a p r e s e n ç a de P a l o m a , q u e se e r g u i a c o n s e r t a n d o a p e r u c a . A d i r i m e d i a t a m e n t e interferiu n a fala d e P a l o m a :

- 0 p u r g a t ó r i o n ã o e x i s t e . A B í b l i a n ã o f a l a d e l e . M a s a c h o q u e a l g o g r a v e n o s a c o n t e c e u . M a s n ã o m o r r e m o s , n ã o . S e e s t a m o s t o d o s c o n s c i e n t e s . . .

- Q u e m é v o c ê ? - p e r g u n t o u H u g o .

- M e u n o m e é P a l o m a . N ã o sei ao certo c o m o v i m p a r a r a q u i , m a s d e u m a c o i s a t e n h o certeza: e s t a m o s fora d o m u n d o . T a l v e z m o r t o s , t a l v e z s o n h a n d o ; q u e m s a b e n u m p e s a d e l o ?

A v o z de P a l o m a d a v a a i m p r e s s ã o de ser u m m i s t o d e v o z d e h o m e m e d e m u l h e r . U m

tom mais grave que o habitual, que ela conse-
guia disfarçar apenas levemente. Mas isso não
passou despercebido de Hugo e Ronie.
- E um travesti... - murmurou Hugo para
Ronie. **0** desgraçado é um boiola mesmo.
- E então ele está certo - respondeu Ronie
com um olhar de deboche para Paloma e quase
ignorando a observação do companheiro de in-

fortúnio. - Estamos mortos, e no inferno!
0 comentário e a atitude dos dois refletiam o
desprezo e, ao mesmo tempo, o preconceito.
Paloma levantou-se cambaleando e foi em
direção a Patrícia, que jazia deitada, ainda. Pas-
sou a mão em seus cabelos, sacudiu-a levemente,
na tentativa de acordá-la.
Neste instante, novo suspiro se fez notar.
Dessa vez, mais profundo, mais forte e percep-
tível do que antes. A reação de todos foi do mais
puro e autêntico pânico. Correram mais esmo, para
lá e para cá, na tentativa de se libertar em daque-

la situação. Porém, retornavam sempre ao mesmo lugar. Pareciam imantados àquele ambiente diferente, surreal.

Seria aquela uma prisão espiritual? Talvez, o portal do inferno de cada um? Ou foram abduzidos, de alguma forma que não sabiam explicar? Quanto mais corriam de um lado para outro, tentando encontrar uma saída possível, mais se deparavam consigo mesmos e chegavam a lugar nenhum. Talvez estivessem todos reféns de suas memórias, de sua própriamente? Mas, se era assim, como se encontraram todos, sem que nem se quer se conhecessem antes? Que mos reunir a ali? Ainda não havia matentado para certos detalhes. Não sabiam que todas as pessoas ali reunidas traziam uma característica em comum. Aliás, sabiam muito pouco de si mesmos. Enfim,

não adiantava correr, pois não havia saída, seja lá o que fosse aquele local ou aquela dimensão.

De qualquer modo, o medo, o pânico toma-

ra c o n t a de t o d o s ou q u a s e t o d o s . A p r e s e n ç a de
a l g u é m m a i s , q u e a p e n a s p o d i a m p e r c e b e r a t r a -
v é s d e outros sentidos, p o r s e n s a ç õ e s i n c o m u n s ,
e r a q u a s e a l g o p a l p á v e l , real, m a s n ã o p e r c e p t í -
v e l p e l o o l h a r ; p e l o m e n o s a i n d a n ã o . A v i s ã o de
t o d o s e s t a v a restrita, p r o f u n d a m e n t e restrita a si
p r ó p r i o s , e suas p e r c e p ç õ e s , e s t r i t a m e n t e l i g a d a s
a o s p r o b l e m a s e l i m i t a ç õ e s de c a d a u m . M a s o
m e d o p a i r a v a c o m o u m f a n t a s m a , e a dúvida ,
c o m o u m v u l t o , p e r s e g u i a a t o d o s .
N u m r e c a n t o q u a l q u e r o u n u m a s i t u a ç ã o se-
m e l h a n t e , d e r e p e n t e , q u a s e n u m p a s s e de má -
g i c a , a p a r e c e u u m r a p a z , n ã o s e s a b e de o n d e .
E r a César, q u e p a r e c i a h a v e r sido a b d u z i d o ,
t r a n s p o r t a d o p a r a o l o c a l c o m u m ou a d i m e n -
são m e n t a l da q u a l t o d o s s e e n c o n t r a v a m c a -
tivos. C h o c a d o , a p a v o r a d o , sentia-se deslizar,
q u a s e e s c o r r e g a r p e l o solo i n v i s í v e l . A l i á s , n i n -
g u é m a i n d a h a v i a p e r c e b i d o u m solo, u m c h ã o ,
n o sentido literal. S a b i a m c a m i n h a r ou de s l i z a r
sobre d e t e r m i n a d a superfície; e n t r e t a n t o , o q u e

e r a e m c i m a e e m b a i x o n a q u e l a s i t u a ç ã o ?

C é s a r c h e g o u e t r o u x e m a i s p â n i c o a o c o n -

t e x t o e m q u e t o d o s s e v i a m . A f o r m a c o m o s e

m a t e r i a l i z o u n o a m b i e n t e d a v a a i m p r e s s ã o d e

q u e e l e e r a u m f a n t a s m a , u m a a p a r i ç ã o q u e , d e

u m m o m e n t o p a r a o u t r o , t r a n s f o r m o u - s e e m a l -

g u é m t a n g í v e l , p a l p á v e l , m a s n ã o m e n o s a s s u s -

tador. H a v i a a l g o diferente e m César. E l e , q u a -

se s e m sentidos, q u a s e s e m se d a r c o n t a do q u e

o c o r r i a , o u s o u p e r g u n t a r . E a v o z q u e e m i t i u foi

u m a v o z diferente, t a m b é m . G u t u r a l , e r a q u a s e

u m sussurro:

- O n d e e s t o u ? E s t a r e i m o r t o ? Q u e m são v o -

cês, q u e s e a r r a s t a m p o r a q u i ? M e u D e u s , e s t o u

p e r d i d o , n u m l i m b o ? N o u m b r a l ?

- O u t r o p e r d i d o , c o m o nós. P e n s e i q u e a p a -

receria u m a a l m a p e n a d a q u e esclarecesse a si-

t u a ç ã o q u e e s t a m o s v i v e n d o - q u e i x o u - s e H u g o ,

e x a l a n d o desespero, m á g o a p r o f u n d a e r a i v a i n -

c o n t i d a . - M a s , n ã o ! O u t r o m i s e r á v e l q u e a p a r e c e

d o n a d a p r a a t o r m e n t a r a i n d a m a i s n o s s a v i d a .

- Q u e m são v o c ê s ? De o n d e v ê m ? - p e r g u n -

t o u o r e c é m - c h e g a d o .

- S o m o s c o m o v o c ê : m i s e r á v e i s , p e r d i d o s o u ,

e n t ã o , u m b a n d o d e g e n t e a b d u z i d a p o r a l g u m

ET d e s g r a ç a d o q u e n o s j o g o u a q u i e d e u o fora.

A d i a n t a n d o - s e a o s d e m a i s , P a l o m a s e a p r e -

s e n t o u , o f e r e c e n d o u m a i d e i a q u e t a l v e z p u d e s -

se a j u d a r :

- S o u P a l o m a . S o m o s sete p e s s o a s ao t o d o ,

c o m v o c ê . T a m b é m n ã o s a b e c o m o c h e g o u a q u i ?

T e m a l g u m a i d e i a d e c o m o v e i o p a r a este l u g a r ?

130

Quem sabe pode nos ajudar? Quem sabe se ten-
tarmos recordar o que aconteceu conosco pode-
remos nos auxiliar? Pelo menos tentar lembrar
as últimas coisas que nos ocorreram antes de
virmos para cá.

Balbuciando, quase chorando, o rapaz res-
pondeu, prestes a clamar por socorro:

- Meu nome é César. E, sinceramente, não
sei como vim parar neste lugar. Vocês não têm
nenhuma ideia? Se chegaram aqui antes de mim,
talvez saibam de coisas que não sei ainda...

- Lembro-me de ter saído da boate onde eu
trabalhava. Eu sou um artista, um transformis-
ta, e trabalho na noite para arrecadar fundos e
manter algumas pessoas necessitadas de auxílio.
Além disso, gosto muito do que faço. Me realizo
nos palcos.

- Travesti! Você é uma traveca, é isso. Co-
nheço bem esse tipo... - falou Ronie, agredin-

d o P a l o m a . P a r e c e q u e ele a d o t a v a u m t o m m a i s a g r e s s i v o t o d a v e z q u e se dirigia a ela.

- P a r a c o m isso, ô g r a n d ã o ! - p r o t e s t o u H u - g o , e m b o r a n ã o nutrisse n e n h u m a s i m p a t i a p o r P a l o m a . - V o c ê f a l a o t e m p o inteiro c o n t r a tra- vestis, c o n t r a q u e m v o c ê n e m c o n h e c e a i n d a e v i v e g r i t a n d o . A f i n a l , se é t ã o correto a s s i m , t ã o s a n t i n h o e m a c h o c o m o q u e r f a z e r parecer, p o r q u e s e i n q u i e t a t a n t o ? P o r q u e f i c a a t i r a n d o p e -

dras, agredindo? Não estamos todos na mesma? Não estamos tentando entender o que se passa por aqui, entre nós?

- Isso mesmo! - falou César entrando na conversa, a princípio timidamente. - Quem sabe tentando recordar, refazer os passos de cada um antes da chegada neste lugar não possamos juntar os pedaços de recordação e formar uma ideia mais exata do que é este lugar ou no que estamos metidos?

Olhando para Paloma, que estava quieta, quase cabisbaixa, pois sentira-se agredida mais uma vez, César prosseguiu:

- Continue a falar. Vamos, talvez encontremos um denominador comum nas histórias de cada um aqui.

- Boiolas!... - resmungou Ronie, calando-se em seguida.

- Bem, como eu dizia antes, sou artista. Mas

t a m b é m t r a b a l h o c o m o estilista n u m a e m p r e s a d e m o d a , n u m a grife c o n h e c i d a d a c a p i t a l p a u - lista. L e m b r o - m e a p e n a s q u e i a s a i n d o d o m e u a m b i e n t e de t r a b a l h o e n ã o tive t e m p o s e q u e r de t r o c a r d e r o u p a o u retirar a m a q u i a g e m . R e c e - b i u m t e l e f o n e m a d e u m a das m e n i n a s q u e t e n - t o auxiliar. E l a e s t a v a d e s e s p e r a d a , p r e c i s a n d o d e socorro, p o i s h a v i a t o m a d o u m a dose e x c e s - s i v a d e d r o g a . E s t a v a c a í d a n u m c a n t o d e r u a d e

u m a r e g i ã o h o r r o r o s a d a c i d a d e . E u m e d i r i g i a p a r a l á , p o r isso n e m p e n s e i e m retirar a p e r u - c a , a m a q u i a g e m o u a s r o u p a s q u e f a z e m p a r - t e d e u m p e r s o n a g e m q u e represento. A s s i m q u e virei a s e g u n d a e s q u i n a , o u v i tiros e um m o n t e d e p e s s o a s f u g i n d o , g r i t a n d o feito l o u c a s . N u n c a h a v i a p a s s a d o ali n a q u e l a h o r a , p r i n c i p a l m e n t e a p é ; j a m a i s p e n s e i e m t r a n s i t a r n a q u e l e l o c a l . F o i e n t ã o q u e fui a g r e d i d a p o r u m g u a r d a , u m p o l i c i a l . C a í no c h ã o , e o restante o c o r r e u t ã o d e - p r e s s a q u e n e m m e dei c o n t a dos d e t a l h e s . S e n t i

algonopeito, algumacoisaquerasgavaomeu peito. **0** interessante é que me toquei, procurei a possível ferida e não encontrei nada em meu corpo que explicasse aquela sensação. Sei apenas que dormi, ou desmaiei, para acordar, logo em seguida, neste lugar, junto de vocês.

Quase em pranto, Paloma foi logo perguntando, talvez para si mesma:

- Será que morri? Será que morremos?...

Foi o que me perguntei o tempo todo, desde que cheguei. Não sei quanto a vocês, mas, quanto a mim, tenho convicção de que não estou mais no mundo dos vivos.

- Está louca! Você está drogada, poraca- so? Se você está morta ou se sente como tal, então quer dizer que todos nós estamos? Não pode ser! Jamais! - falou Adir, quase aos prantos, pois

agora parecia que o desespero vencera a barreira da sua fé, da sua máscara de fé ou de culpa.

- Claro que esta...- começou Ronie, corri-

gindo-se ante o olhar de censura dos demais.-

Claro que Paloma pode estar certa. Eu me lembrei também: estava num bar, fui correndo ao encontro de um cliente que queria um programa de última hora...

- Programa? - perguntou Hugo, ao mesmo tempo que Paloma. - Que tipo de programa ao levaria um bar? Por acaso...

- Não! Vocês não entenderam. Não é isso que pensam... - tentou disfarçar Ronie. - Sou um executivo e trabalho com prestação de serviços a alguns ricaços da capital baiana...

- Peraí! Então, você veio de Salvador? - perguntou Hugo, profundamente inquieto, relacionando o que Ronie e Paloma haviam dito. - Se Paloma veio de São Paulo, eu vim do Rio de Janeiro e você, de Salvador, como pode? Viemos todos de lugares diferentes e estamos presos na mesma situação?

0 silêncio se fez de repente, como se todos estivessem pensativos ou tentando entender o

q u e b r a - c a b e ç a s .

- Eu v i m de C u r i t i b a - f a l o u César. - Q u e r dizer, m e m u d e i p a r a S ã o P a u l o r e c e n t e m e n t e . E os outros?

- Já verifiquei c o m os outros - disse P a l o m a .

- 0 p a s t o r A d i r é da B a i x a d a F l u m i n e n s e . S o b r e P a t r í c i a , n ã o c o n s e g u i saber. E l a está n u m a e s - p é c i e d e c o m a .

R o m p e n d o o silêncio q u e n o v a m e n t e se esta- b e l e c e r a , R o n i e c o n t i n u o u o relato:

- E u m e l e m b r o d e u m a b r i g a n o b a r o n d e e s t a v a . D e p o i s , e m m e i o a t o d a c o n f u s ã o , p a r e c e q u e m i n h a m e n t e v i a j o u feio e senti a l g u m a c o i - s a p e n e t r a n d o - m e , u m a b a l a , u m d i s p a r o d e a l - g u m a a r m a , a l é m d e p e d a ç o s d e m e m ó r i a s a i n d a r e l a t i v a s à b r i g a e m q u e m e e n v o l v i . N a d a m a i s !

- A f i n a l , o q u e v o c ê e s t a v a f a z e n d o , m e s m o ? Disse q u e era u m p r o g r a m a q u a l q u e r ? P o r a c a s o v o c ê é g a r o t o de p r o g r a m a ? E isso? - p e r g u n t o u H u g o , v i s i v e l m e n t e interessado n a história d e

R o n i e , e n c a r a n d o - o f i r m e m e n t e .

O interlocutor ficara t o t a l m e n t e indefeso a n -

te o o l h a r i n q u i r i d o r de H u g o e os olhares dos d e -

m a i s , q u e o e n c a r a v a m . N ã o c o n s e g u i a r e s p o n -

der; n ã o c o n s e g u i a negar. E isso foi o b a s t a n t e

p a r a q u e t o d o s s o u b e s s e m q u e e s t a v a m e n t i n d o .

- E n t ã o , v o c ê é g a r o t o de p r o g r a m a ! . . . É i s -

so! - f a l o u H u g o , n u m t o m i n c o n f u n d í v e l d e re-

p r i m e n d a , d e a c u s a ç ã o .

- E p o r q u e , e n t ã o , v o c ê t e n t a v a o t e m p o i n -

teiro m e recriminar, m e d i s c r i m i n a n d o e m e c o n -

f u n d i n d o c o m u m t r a v e s t i ? M e s m o q u e e u fosse

u m t r a v e s t i , m e s m o q u e v e n d e s s e m e u c o r p o , c o -
m o é q u e v o c ê s e a c h a n a c o n d i ç ã o d e a p o n t a r
m e u s possíveis erros se v o c ê p r ó p r i o v e n d e o cor-
p o ? E a i n d a se diz e x e c u t i v o . . . - f a l o u P a l o m a ,
a g o r a n u m t o m m a i s i n t e n s o , n u m a f o r m a d e s e
e x p r e s s a r antes n ã o p e r c e b i d a n e l a .
- Eu s o u o q u e sou e n i n g u é m t e m o direi-
t o d e m e punir, d e desrespeitar m e u estilo d e v i -
da. N i n g u é m a q u i p o d e m e censurar. E u v e n d o
o q u e é m e u , o q u e me p e r t e n c e e p r o n t o - f a l o u
b a t e n d o no p e i t o v á r i a s v e z e s , f a z e n d o gestos e
v o c i f e r a n d o p a l a v r õ e s , c o m o se isso fosse i n s p i -
r a r m a i s respeito.
0 p a s t o r A d i r , a p r o v e i t a n d o as r e v e l a ç õ e s de
c a d a u m , n ã o p e r d e u t e m p o p a r a emitir seu j u í -
zo e d a r s u a i n t e r p r e t a ç ã o da s i t u a ç ã o :
- S ã o t o d o s u n s p e r d i d o s ! S ã o p e c a d o r e s ,
prostitutos e s o d o m i t a s , filhos do p e c a d o e da
m a l d i ç ã o . S ó n ã o e n t e n d o o q u e o c o r r e u c o m i g o .

P o r q u e D e u s m e p u n i u m e d e i x a n d o a q u i , p r e -
s o c o m u m a g e n t e d o d e m ô n i o , filhos d o p e c a d o ,
c o m o v o c ê s ?
- O r a , ora, e n g u l a suas p a l a v r a s , crente dos
infernos! - v o c i f e r o u R o n i e , q u e p a r e c i a n ã o ter
t r a v a s na l í n g u a . - Se v o c ê está a q u i e se esta-
m o s t o d o s m o r t o s , c o m o diz essa b i c h i n h a , e n t ã o
6 p o r q u e v o c ê é t ã o p e c a d o r q u a n t o n ó s .
E em m e i o a g a r g a l h a d a s , m a i s de desespero

e n e r v o s i s m o , m a s t a m b é m c o m o defesa, R o n i e
p e r g u n t o u , e m t o m d e p r o v o c a ç ã o , t e n t a n d o ti-
r a r a a t e n ç ã o de si:
- E q u a l é o seu p e c a d o , s a n t i n h o do p a u
o c o ? Q u a l a s u a c u l p a p a r a estar a t r e l a d o a n ó s ?
- E u fui b a t i z a d o n o s a n g u e de Jesus. E u t e -
n h o m i n h a a l m a l a v a d a n o s a n g u e d o Senhor.
A p ó s b r e v e silêncio c o n s t r a n g e d o r , t o d o s e s -
c u t a r a m u m suspiro, u m fôlego d e a l g u é m q u e
p a r e c i a o u v i r a t o d o s e q u e c e r t a m e n t e registra-
ra o q u e A d i r h a v i a dito. **0** p a v o r n o v a m e n t e t o -

m o u c o n t a d e t o d o s , i n c l u s i v e d e César, q u e h a -
v i a c h e g a d o há p o u c o . E n o v a m e n t e o silêncio, a
a p a r e n t e c a l m a r i a , q u e e s c o n d i a a s t o r m e n t a s d e
c a d a u m , o m e d o q u e o s d o m i n a v a .
R o m p e n d o o silêncio, t a l v e z p a r a se distrair
d o t e m o r p e l o d e s c o n h e c i d o , A d i r t o m a v a a p a -
l a v r a , q u e m s a b e e n v e r g o n h a d o p o r h a v e r s e
p o r t a d o d e m a n e i r a t ã o p r e t e n s i o s a p e r a n t e o s
d e m a i s , t a l v e z p a r a d i s f a r ç a r a falta de e q u i l í -
b r i o , d e c o m p r e e n s ã o d o m o m e n t o p e l o q u a l t o -
dos p a s s a v a m , q u e m s a b e . . .
- E u senti dores n o c o r a ç ã o . D e s d e m u i t o
t e m p o v i n h a sofrendo c o m a a n g i n a e pensei sin-
c e r a m e n t e q u e D e u s h a v e r i a d e m e curar. S e m p r e
acreditei e p r e g u e i q u e Jesus c u r a e l i b e r t a . . . m a s
eu n ã o fui c u r a d o ! - d e m o n s t r a v a s u a a m a r g u r a
e d e c e p ç ã o n u m p r a n t o q u a s e c o n v u l s i v o . - P e n -

sei q u e , m e e n t r e g a n d o a o Senhor, ele m e l i v r a r i a
d a e n f e r m i d a d e . N ã o q u e r i a p r o c u r a r u m m é d i -
c o , p o i s , se eu o p r o c u r a s s e , isso significava ates-

t a r a i m p o t ê n c i a da m i n h a fé e do p o d e r de D e u s
de c u r a r e libertar. N ã o p r o c u r e i n e n h u m a a j u d a
h u m a n a , pois acreditei q u e o p o d e r do E s p í r i t o
S a n t o me c u r a r i a e o s a n g u e de Jesus me l a v a r i a
de t o d o o m a l . A h ! C o m o eu estive e n g a n a d o ! -
n o v a m e n t e , o p r a n t o c o n v u l s i v o . - Senti a m o r t e
c h e g a r b e m p e r t o , senti q u e a v i d a i a e m b o r a d o
m e u c o r p o , m a s e u sei q u e n ã o m o r r i . E u e s t o u
v i v o , a q u i , c o n v e r s a n d o c o m v o c ê s ; p o r t a n t o , n ã o
posso ter m o r r i d o . A l é m disso, se e s t a m o s j u n t o s ,
t e m a l g o de m u i t o e r r a d o nesta s i t u a ç ã o .
- E o q u e está e r r a d o , p a s t o r z i n h o ? O q u ê ?
- interferiu R o n i e de m a n e i r a s a r c á s t i c a , esbar-
r a n d o e m A d i r p r o p o s i t a l m e n t e .
- É q u e a B í b l i a p r o m e t e o p a r a í s o p a r a
q u e m a c e i t a r Jesus! E se n ó s m o r r e m o s de v e r -
d a d e , o q u e e u f a ç o a q u i , j u n t o c o m p e c a d o r e s ?
C o m p e s s o a s p e r d i d a s , c o m o s filhos d o inferno,
d o S a t a n á s ?
- A c o n t e c e , m e u a m i g o - interferiu a g o r a o
r e c é m - c h e g a d o C é s a r - , q u e m e p a r e c e q u e t o -

dos aquitemosumdenominadorcomum,ouao
menosamaioria,jáquenemtodosfalaramain-
da. Temosalgomuitomalresolvidocomrelação
às nossas vidas. Aoqueparece,aomenosPalo-

m a e R o n i e t ê m a l g o e m c o m u m , a l g u m a c o i s a q u e os m a n t ê m prisioneiros a este l o c a l . Só p r e - c i s a m o s s a b e r s e o s outros d e nós t a m b é m t e m o s o s m e s m o s m o t i v o s o u a s m e s m a s c o i s a s e m c o - m u m a s e r e m r e s o l v i d a s .

- E o q u e t e r í a m o s em c o m u m , c o n f o r m e v o - c ê p e n s a ? **0** q u e v o c ê t e m em c o m u m c o n o s c o ?

- N ã o sei b e m a i n d a , m a s a c h o q u e t e m o s d e descobrir. E d e s c o b r i r n o s s a s p e n d ê n c i a s t a l v e z seja a c h a v e p a r a nos c o m p r e e n d e r m o s e c o m - p r e e n d e r o q u e está se p a s s a n d o . Q u a n t o a m i m , sou espírita, ou fui espírita, c a s o esteja m o r t o , c o m o t a l v e z esteja. E sei q u e t e n h o m u i t a s coisas n ã o r e s o l v i d a s dentro d e m i m . P r i n c i p a l m e n t e em matéria de sexo , q u e s e m p r e foi a l g o c a r e n - t e d e r e s o l u ç ã o em m i n h a v i d a religiosa. S e m - p r e e n c a r e i o sexo c o m o a l g o c o m p l i c a d o e me p r i v e i de inúmeras oportunidades de me relacionar com outras pessoas. E u me p u n i n ã o me

permitindo viver a minha sexualidade. E, agora que talvez esteja morto, não há como esconder mais. Não há como não admitir para mim mesmo o quanto me castrei em nome da interpretação doutrinária à qual me habituei.

- Então você acha que todos nós estamos aqui porque temos alguma pendência na área sexual? É isso mesmo que acha? - perguntou Hugo interessado no assunto e já um tanto preo-

cupado consigo mesmo.

- Não sei se todos têm algo em comum nessa área, mas, quanto a mim, precisava desabafar. **0** impacto do desencarne, as sensações pelas quais passei, vendo-me sair do meu corpo... Foram muitas as tentativas de mexer os braços e as pernas, de conseguir falar ou gritar, me comunicar de algum jeito. Essas tentativas se mostraram infrutíferas; não pude mover o corpo e, enfim, me vi flutuando fora dele, como se eu fosse um fantasma.

- E u v i v o c ê s e m a t e r i a l i z a n d o diante d e n ó s .
P a r e c i a u m a f u m a ç a , u m a a p a r i ç ã o o u , q u e m
s a b e , u m a m e c h a d e a l g o d ã o m a i s sutil q u e foi
se j u n t a n d o e f o r m a n d o o seu c o r p o a t u a l , a
s u a a p a r ê n c i a . . . - interferiu P a l o m a , c o n v i c t a
de q u e t o d o s e s t a v a m d e s e n c a r n a d o s , m o r t o s , e
e r a m a l m a s d o outro m u n d o .
- E n t ã o é isso m e s m o ! E s t o u m o r t o , d e s e n -
c a r n a d o , e t o d o s a q u i t a m b é m . N ã o h á c o m o d u -
vidar. E u m a v e z q u e e s t o u d e s e n c a r n a d o , sinto
u m a g r a n d e a n g ú s t i a , u m a e s p é c i e d e c o b r a n ç a
i n t e r n a o u c u l p a . P a r e c e q u e n ã o v i v i p l e n a m e n -
te e q u e d e i x e i a l g o m u i t o p r e c i o s o p a s s a r d e s -
p e r c e b i d o .
- V o c ê s são do i n f e r n o , isso s i m ! - i n t e r v e i o
o p a s t o r A d i r , n u m t o m d e r e p r i m e n d a .
- V o c ê é q u e p a r e c e do i n f e r n o ! ! - senten-

c i o u H u g o q u a s e aos b e r r o s . - V o c ê é o q u e m a i s
a c u s a a t o d o s , o ú n i c o q u e se c o n s i d e r a s a n t i n h o
e b e m - r e s o l v i d o . F a l a , pastor, fala o q u e o p r e n -

de a n ó s . P e n s e b e m e d i g a - n o s : q u a l a c u l p a q u e
v o c ê t r a z e s c o n d i d a d e n t r o de v o c ê ? - desafiou-
- o , a g a r r a n d o o p a s t o r p e l o c o l a r i n h o e j o g a n -
d o - o no c h ã o ou n a q u i l o q u e se a s s e m e l h a v a a
u m solo. P a l o m a t e n t o u socorrer o m i s s i o n á r i o
m o r t o , d e s e n c a r n a d o , c o m o a c r e d i t a v a , m a s ele
se r e c u s o u .
- N ã o ! N ã o m e t o q u e , s u a p e c a d o r a , seu p e -
c a d o r d e s v i a d o de D e u s ! P a r e c e m e u filho C a r l o s .
A f a s t o u - s e de D e u s e a g o r a q u e r p a r e c e r b o a z i -
n h a , b o n z i n h o . M e d e i x a q u e e u n ã o m e r e ç o c o n -
v i v e r c o m p e c a d o r e s c o m o v o c ê .
- **0** q u e a c o n t e c e u c o m seu filho C a r l o s ? F a -
le, antes q u e eu o f a ç a m o r r e r u m a s e g u n d a v e z .
F a l e , crente das p r o f u n d e z a s ! - g r i t o u H u g o , sen-
do c o n t i d o p o r P a l o m a , q u e o a g a r r o u firmemen-
te, i m p e d i n d o q u e fosse m a i s a g r e s s i v o c o m Adir.
- P a r e , H u g o ! V o c ê n ã o p o d e f i c a r t ã o re-
v o l t a d o a s s i m . . . A i n d a n ã o s a b e m o s t u d o o q u e
p r e c i s a m o s saber. V o c ê p r e c i s a se controlar.
H u g o d e r r a m o u - s e em p r a n t o c o n v u l s i v o .

Choroumuitoedeixou-se sentar no chão à frente
dePaloma,queoamparavanosbraçosenquan-
toelesedesfaziaemlágrimas.Adirlevantou-se

e,erguendoacabeçanumaatitudevisivelmente
orgulhosa,declarou:
-Euoexpulseidecasa.Carlosfoiavergo-
nhadafamília.Eledesviou-sedosplanosdoSe-
nhor;mesmocomtodasascorrentesdeoraçãoe
jejum,mesmocomasunçõesdoEspíritoSanto,
elenãofoicurado.Tivedemandá-loemboradede
casa,senãoiacomprometeraobradoSenhor,o
meuministério.
-Entãovocêexpulsaoprópriofilhodeca-
saeaindasedizumpastor,umrepresentantede
Jesus?Possuiumministériodivino?Quedesgra-
çaéessadeministérioquevocêrepresenta?
-Eleerasodomita.Carlosgostavadeoutros
homens.Eraumpecadordeclarado;mesmoque
aindanãotivessecompletadoamaioridade,já
estavapredestinadoaofogodoinferno.Eunão

p o d e r i a p e r m i t i r q u e ele m a c u l a s s e a f a m í l i a n e m o t r a b a l h o q u e e u r e a l i z a v a n a igreja.

- M e u D e u s ! E n t ã o eu sei, a g o r a , o q u e nos u n e a t o d o s . A c u l p a , as coisas n ã o resolvidas q u e d e i x a m o s p a r a trás, as escolhas e decisões q u e g e r a r a m a s c u l p a s q u e c a r r e g a m o s . . . C é s a r t i n h a r a z ã o ! - f a l o u P a l o m a , l e v a n t a n d o - s e e d e i x a n d o H u g o n o l o c a l o n d e estivera c h o r a n d o .

- Q u e c u l p a q u e n a d a ! E u n ã o t e n h o c u l p a n e n h u m a , n ã o m e sinto c u l p a d o . E u fiz o q u e era correto. S i n t o às v e z e s é a falta do C a r l o s . . . - c o n f e s s o u A d i r .

1+2

- F a l t a o u c u l p a ? V o c ê p o r a c a s o s a b e o n d e ele s e e n c o n t r a ? P r o c u r o u s a b e r p a r a o n d e seu filho foi depois q u e o a b a n d o n o u , ou m e l h o r , q u e o e x p u l s o u d e c a s a ? T e m i d e i a d a t o r m e n t a p e l a q u a l ele p o d e ter p a s s a d o o u p a s s a a i n d a , p o r ter sido d e s p r e z a d o , d e v i d o a o seu p r e c o n c e i t o m i - s e r á v e l ? - p e r g u n t o u P a l o m a , m a n i f e s t a n d o s u a i n d i g n a ç ã o ante o q u e o u v i r a de A d i r . - E n t ã o é

isso mesmo! Talvez seja a culpa o que nos une, ou as questões sexuais não resolvidas que deixamos para trás.

- Eu não sinto culpa nenhuma - repetiu o pastor. - Nenhuma! Essa coisa de culpa é invenção de gente perdida. **0** sangue de Jesus me lavou de todo pecado, de toda culpa...

- É... Talvez isso seja verdade, pastor Adir. Talvez você esteja apenas com remorso e não se sinta culpado, ainda... Abandonar o próprio filho, ser homofóbico, fazer acepção de pessoas e ter um deus que escolhe quem vai ser salvo baseado na sua cartilha pessoal, num sistema de crenças bastante ultrapassado e, acima de tudo, excludente... Quem sabe seja isso mesmo! - falou César, revoltado com a posição e a arrogância do pastor.

- Eu, por mim - complementou Paloma -, jamais ia querer ser salva. Prefiro o inferno mil vezes, caso ele exista, do que ter de conviver com

143

pessoas s a l v a s e c o m esse t i p o de p e n s a m e n t o
c o m o o seu, Adir. V i v e r n u m c é u c h e i o d e crentes
h o m o f ó b i c o s , p r e c o n c e i t u o s o s , a r r o g a n t e s e i n t o -
l e r a n t e s , s e m n e n h u m a c o n s i d e r a ç ã o p a r a c o m
a s p e s s o a s d a p r ó p r i a f a m í l i a ? N ã o , p r a m i m
n ã o serve. Prefiro f i c a r n o inferno c u i d a n d o dos
o p r i m i d o s e d a q u e l e s q u e f o r a m rejeitados p e l o
seu d e u s , ou melhor, pelos q u e se d i z e m e l e i t o s . . .
A d i r c a l o u - s e , a o q u e t u d o i n d i c a v a , sentin-
do-se m a l c o m a s p a l a v r a s q u e proferira. E t a m -
b é m b a s t a n t e i n c o m o d a d o c o m a s q u e o u v i r a .
P a r e c i a n a s c e r u m s e n t i m e n t o d e r e v o l t a c o n t r a
s i m e s m o . C o m e ç a v a a s e e s b o ç a r nele u m p o u -
co de r e m o r s o , e as l e m b r a n ç a s do filho p e r d i d o
v i n h a m - l h e à m e m ó r i a . U m p o u c o m a i s d e t e m -
po e t o d o s p r e s e n c i a r a m o p a s t o r r o m p e r os l i m i -
tes do p r ó p r i o o r g u l h o , da p r e p o t ê n c i a e da p r e -
s u n ç ã o e c a i r e m l á g r i m a s . M a s e s t a v a s o z i n h o .
N i n g u é m ali se a t r e v i a a a m p a r á - l o , a g o r a . E l e

alimentaranoscompanheirosumsentimentode aversãocontraasuapessoa. **0** remorsoagorase instalaradefinitivamente, eoprantodesciain- tenso, semimpedimentos.

Aproveitandoqueocorreracom Adirareve- lação dos mais secretos sentimentos, Hugotam- bémrompeuasequência de fatos intragáveis. Abriu-se, porsuavez, provavelmenteinspira- dopelas histórias ali partilhadas. Aindaabalado

comapossívelcondiçãodemorto, comashistó- rias, oumelhor, osdramasdecadaum, aventu- rou-se a falar:

- Vivitodaaminhaadolescênciarevoltado comigomesmo. Tiveumaaproximaçãoquasese- xualcomumprimo - falou com a voz entrecor- tadapelopranto, nummistodevergonhaealí- vio. — Porém, criei umaaversãotãograande, por puroorgulho, pormedodeafamíliaeasocie- dademetacharemdegay, queme deixei afun- darnasbaladas, nasnoitadascheiasdebebida

e d r o g a , a fim de disfarçar m e u s desejos — estra-
n h o s desejos -, e n t r e g a n d o - m e a m u l h e r e s e m a i s
m u l h e r e s . T o d a v e z q u e sentia dentro de m i m o
desejo p o r outro h o m e m - a g o r a c h o r a v a p r o f u -
s a m e n t e - , e u m e e n v o l v i a c o m sexo e m a i s sexo,
de m o d o que as m u l h e r e s p a s s a r a m a ser obje-
t o s e x u a l p a r a m i m , a p e n a s isso. S e n t i a até r a i v a
delas e passei a ser a g r e s s i v o no s e x o , p o r q u e n ã o
r e s o l v i a m m i n h a a t r a ç ã o p o r c a r a s , p o r m a i s q u e
transasse c o m elas.
" T e n t e i a t o d o c u s t o a b a f a r m e u s s e n t i m e n -
tos, m i n h a s t e n d ê n c i a s , e p a r a isso usei c o m o ar-
ma a a g r e s s ã o c o n t r a t o d o s os *gays*. C h e g u e i a
p a r t i c i p a r d e a l g u n s g r u p o s q u e b a t i a m e m *gays*.
F i c á v a m o s à espreita e m a l g u m a r u a p r ó x i m a
d e b a l a d a s o u d e a l g u m b a r z i n h o o n d e s e r e u -

n i a m e , q u a n d o u m o u outro saía, o s s e g u í a m o s .
Aí eu d e s c a r r e g a v a t o d o o m e u ó d i o , t o d a a re-
v o l t a c o n t i d a dentro de m i m , d e v i d o à c o v a r d i a
p e r a n t e a n e c e s s i d a d e de a d m i t i r m e u s desejos

m a i s í n t i m o s e secretos. E s p a n q u e i diversos r a -
p a z e s e v i a nisso u m a f o r m a d e p u n i ç ã o p o r e u
m e s m o ser a s s i m e n ã o a d m i t i r . "
H u g o c h o r a v a e era de tal m a n e i r a franco,
q u e a g o r a P a l o m a e R o n i e se d e i x a r a m c o m o v e r
p e l a história d o r a p a z , a m p a r a n d o - o nos b r a ç o s .
H u g o l a m e n t a v a v e r d a d e i r a m e n t e a s o c o r r ê n c i a s
d a s q u a i s fora p r o t a g o n i s t a . A r r e p e n d i d o , tar-
d i a m e n t e , s e g u n d o a c r e d i t a v a , d i l u í a - s e e m dor,
a n g ú s t i a e p r a n t o c o n v u l s i v o .
P a s s a d o a l g u m t e m p o , q u e t o d o s s o u b e r a m
respeitar, e m p r o f u n d o silêncio, e e n q u a n t o A d i r
c h o r a v a p o r s u a v e z , s o z i n h o n u m c a n t o q u a l -
quer, H u g o c o n t i n u o u :
- F u i t ã o m i s e r á v e l c o m i g o m e s m o , q u e n o i -
tes e m a i s noites usei d r o g a s , s o m e n t e c o m a e s -
p e r a n ç a de a b a f a r esses desejos e s e n t i m e n t o s
q u e e m e r g i a m d e n t r o d e m i m . C r i e i u m a situa-
ç ã o c o m p l i c a d a entre m i m e m e u p r i m o , q u e v e i o
nos v i s i t a r há a l g u n s dias. D e s c o n t e i nele t o d a a
r e v o l t a p o r h a v e r m e i n i c i a d o nesse t i p o d e sen-

t i m e n t o , s e g u n d o s e m p r e pensei. - C h o r a v a a g o -

r a a i n d a m a i s i n t e n s a m e n t e , d e s o l a d o .

- N ã o se m a c h u q u e a s s i m , H u g o - disse P a -

l o m a , q u a s e m a t e r n a l . - N i n g u é m m e r e c e u m

sofrimento t ã o g r a n d e .

E H u g o , entre soluços e a r r e p e n d i m e n t o ,

p r o s s e g u i u :

- Eu e s p e z i n h e i o R a l p h , m e u p r i m o , e d i s -

farcei m i n h a a t i t u d e c o m o d i s c u r s o de m a c h i s -

m o , de c i ú m e s dele c o m m i n h a i r m ã . **0** p i o r é

q u e ele n ã o foi o c u l p a d o de n a d a . F u i eu q u e m

m e atirei sobre ele e r o u b e i u m beijo. E u q u e t o -

m e i a i n i c i a t i v a , e n ã o o c o n t r á r i o . A g o r a , d e p o i s

de m o r t o , t e n h o de a d m i t i r q u e sou e estou a p a i -

x o n a d o p o r ele. E u m e o d e i o ! . . .

P a l o m a a b r a ç o u H u g o , c o n d u z i n d o - o a u m

l u g a r p r ó x i m o . A f a g a v a - o , t e n t a n d o c o n s o l á - l o ,

m a s p a r e c i a q u e a dor d o a r r e p e n d i m e n t o h a -

v i a s e i n s t a l a d o nele. P a l o m a s o u b e interpretar

a q u e l e m o m e n t o d r a m á t i c o e d e i x o u q u e H u g o

se r e c o m p u s e s s e no p r ó p r i o r i t m o .

César, a g o r a profundamente e m o c i o n a d o c o m

t u d o q u e o u v i r a , c o m a história de v i d a de c a d a

u m , deixou-se d e r r a m a r p o r inteiro, falando m a i s p a r a si do que p a r a q u e m estivesse ao seu l a d o :

- P a s s e i i n ú m e r a s noites s e m s o n o , c h e i o de desejos. T e n t e i f a l a r c o m m e u s p a i s , m a s n ã o c o n s e g u i ; eles n ã o q u e r i a m t o c a r n o a s s u n t o . S e - xo era t a b u , e f a l a r de m e u s desejos, e n t ã o , n e m s e fala. E l e s p r e f e r i r a m i g n o r a r q u e t i n h a m u m filho *gay*... M i n h a m ã e até t e n t a v a c o n v e r s a r c o m m e u p a i , m a s ele s e r e c u s a v a t e r m i n a n t e -

m e n t e a t o c a r n o a s s u n t o . F u i c r i a d o p a r t i c i p a n - d o d a e v a n g e l i z a ç ã o infantil n o c e n t r o espírita, t o m a n d o p a s s e s e m a i s p a s s e s , m e s u b m e t e n - d o a o t r a t a m e n t o d e d e s o b s e s s ã o t o d o s o s m e - ses, p a r a "tirar a p o m b a j i r a de m i m " - a s s i m m e u s p a i s q u e r i a m e e x i g i a m . F o i desse jeito até e u a t i n g i r a m a i o r i d a d e . T r a n s f o r m e i - m e n u m a p e s s o a religiosa, q u a s e f a n á t i c a n a t e n t a t i v a d e a b a f a r m e u s instintos, q u e eu a p r e n d e r a a i d e n - tificar d e s d e os 10 a n o s de i d a d e .

C a b i s b a i x o , q u a s e lento, C é s a r f a l a v a p a u s a -

d a m e n t e , d a n d o t e m p o d e R o n i e o u v i - l o , d e A d i r p r e s t a r a l g u m a a t e n ç ã o e d e P a l o m a e s c u t a r s u a história, seu d r a m a p e s s o a l , m u i t o e m b o r a permanecesseaoladodeHugo.

- F u i i n f o r m a d o o u f o r m a t a d o , p o r u m dos o r a d o r e s espíritas q u e esteve e m m i n h a c i d a d e , d e q u e n ã o d e v e r i a n e m m e s m o m e m a s t u r b a r . Q u e m a s t u r b a ç ã o a t r a í a obsessores, q u e erotismo era p o r t a a b e r t a p a r a a influência espiritual.

A í entrei n u m p r o c e s s o d e repressão s e x u a l , dos instintos m a i s b á s i c o s , e sentia u m a c u l p a persistente, p o r q u e v e z o u o u t r a m e d a v a c o n t a d e q u e n ã o c o n s e g u i r i a r e p r i m i r a e n e r g i a s e x u a l p o r c o m p l e t o . R e s u l t a d o : a c a b a v a m e m a s t u r b a n d o e , l o g o a p ó s , m e l a v a v a , t o m a v a b a n h o e e s f r e g a v a m e u c o r p o até a r d e r . . . T i n h a v e r g o n h a d e m i m m e s m o e a f a s t a v a - m e p o r p e r í o d o s c a -

d a v e z m a i s l o n g o s dos t r a b a l h o s espirituais aos q u a i s e s t a v a a c o s t u m a d o , sentindo v e r g o n h a d e m i n h a c o n d u t a . N ã o t i v e c o m q u e m c o n v e r s a r

sobre o assunto, a não ser uma amiga que deixei em minha cidade, a Patrícia.

A tristeza parecia marcar o semblante de César, apenas um jovem cheio de culpas e de ideias equivocadas que lhe foram impingidas, insufladas por pessoas de religiosidade contagiosa, cuja visão engessada da vida as faz amordaçar os sentimentos mais profundos daqueles que encontram em seu caminho. Fazem os outros de vítimas de sua própria infelicidade, e tudo em nome do bem e da luz. Tão logo escutou César pronunciar o nome de Patrícia, Paloma acercou-se dele, deixando Hugo um pouco a sós em suas reflexões.

- Você por acaso falou *Patrícia?* É isso mesmo que ouvi?

- Sim! Patrícia era uma amiga com quem eu conversava frequentemente sobre nossas dúvidas, desabafando. Elas mesma viviadramas incríveis, pois teve uma educação muito castradora; ela também não se aceitava como o era. E ua deixei numa cidade vizinha a Curitiba e não tive

m a i s n o t í c i a s dela. M a s sinto s a u d a d e s d e nossas c o n v e r s a s .

S o n d a n d o m a i s u m p o u c o e e s t i m u l a n d o C é -

sar a c o n t i n u a r f a l a n d o sobre a a m i g a e s u a re-

l a ç ã o c o m ela, P a l o m a a t r e v e u - s e a m e n c i o n a r a p e s s o a q u a s e e m e s t a d o d e c o m a , o u d e s m a i a - d a n u m r e c a n t o q u a l q u e r d a q u e l e l u g a r insólito, q u e eles a i n d a d e s c o n h e c i a m do q u e se t r a t a v a e x a t a m e n t e e o n d e se l o c a l i z a v a .

- C h e g o u j u n t o c o n o s c o u m a m o ç a ; desde q u e a v i m o s , está n u m a espécie d e c o m a . A c o r d a v e z o u o u t r a e p r o n u n c i a a l g u m a s p a l a v r a s d e s - c o n e x a s , p a r a depois l a n ç a r - s e n o v a m e n t e a u m estado m e i o c a t a l é p t i c o . E n t r e a s p o u c a s coisas q u e f a l o u , d i s s e - m e q u e s e c h a m a v a P a t r í c i a . S e - r á q u e v o c ê p o d e r i a v i r c o m i g o e d a r u m a o l h a d a n e l a ? Q u e m s a b e p o d e ser s u a c o n h e c i d a ?

C é s a r s a i u i m e d i a t a m e n t e d a a p a r e n t e tris- t e z a q u e o d o m i n a v a , q u a s e u m a d e p r e s s ã o . A r - r a n c a n d o forças n ã o s e s a b i a d e o n d e , l e v a n t o u -

-se e se guiu Paloma. O curioso é que, à medida que caminhavam, constatavam que o lugar não tinha limites; voltavam ao ponto de partida, não importava para que lado fossem. Tudo levava a crer que estavam prisioneiros da própria mente.

Vez ou outra, imagens fugidias, sons estranhos, como se fossem os próprios pensamentos, apareciam e desapareciam como por encanto. Uma espécie de bruma ou neblina estava presente em todo lugar para onde iam.

Paloma se lembrava do gelo seco, da fumaça que estava habituada nos palcos onde atua-

ra. Num canto, Hugo continuou engatinhando, refém das recordações, emoções e mistérios que povoavam sua intimidade. Adir falava sem cessar, recitando algum salmo ou oração de forma mecânica, entre um gemido e outro, demonstrando que ainda chorava. Roni exingava, falava palavrões, sacudia ora Adir, ora Hugo e, mesmo nessa situação, procurava a todo custo censurar

Paloma, querendo massacrá-la como os mais baixos adjetivos, que usava a fim de diminuí-la. Dizia que ela estava tirando proveito da fragilidade dos outros, tentando tirar uma casquinha, aproveitar-se da infelicidade alheia e obter algum estímulo sexual... Enfim, o quadro era verdadeiramente confuso, intrincado, pois cada um, a sua maneira, externava emoções, sentimentos contraditórios, culpas, complexos e autopunições. Só não conseguiram ouvir Patrícia, que estava em algum ponto ali mesmo, junto de todos, porém prisioneira de seus pesadelos, num coma induzido pela culpa e pela infelicidade com a qual convivia e na qual mergulhara. César não sabia o que fazia ali. Cada vez mais, pensava estar morto, desencarnado, como Paloma mesmo acreditava e, até certo ponto, fizera os outros acreditarem também.

Paloma procurava por Patrícia no intuito de apresentá-la a César e verificar se era a mesma

p e s s o a a q u e m ele se referira em s u a história.

C o n t u d o , p o r m a i s q u e c a m i n h a s s e m , p a r e c i a m v o l t a r s e m p r e a o l u g a r d e o r i g e m . D e r e p e n t e , P a l o m a t e v e a i d e i a de sair c o r r e n d o em d i r e ç ã o a o l o c a l o n d e p e n s a v a ter d e i x a d o P a t r í c i a p e l a ú l t i m a v e z . E a s s i m fez. S a i u e m d i s p a r a d a , c o - m o s e estivesse n u m a c o r r i d a . E m d e t e r m i n a d o m o m e n t o , t e v e a i m p r e s s ã o d e q u e h a v i a r o m p i - d o a l g u m a b a r r e i r a .

N ã o r e g r e s s a r a a o l u g a r d e antes. E n c o n t r a - v a - s e só, s e m n o t a r a s u a v o l t a a q u e l e s c o m p a - nheiros q u e c o n h e c e r a n e s t a a v e n t u r a e s t r a n h a , b i z a r r a , i n e x p l i c á v e l . A o redor, i m a g e n s , sons, m ú s i c a s , q u e s e a l t e r n a v a m , e m diferentes esti- los. N a s i m a g e n s q u e a p a r e c i a m e d e s a p a r e c i a m , P a l o m a p ô d e identificar a l g o d e s u a p r ó p r i a v i - da. T e n t a v a v e r - s e , p e r c e b e r seu c o r p o , m a s a p e - n a s sentia-se v i v a ; n ã o c o n s e g u i a v e r a p r ó p r i a f o r m a , e m b o r a v e z o u o u t r a s e p e r c e b e s s e proje- t a d a em m e i o à f u m a ç a , à n u v e m e s t r a n h a q u e e n v o l v i a e p r e e n c h i a a q u e l e n o v o a m b i e n t e , c a d a

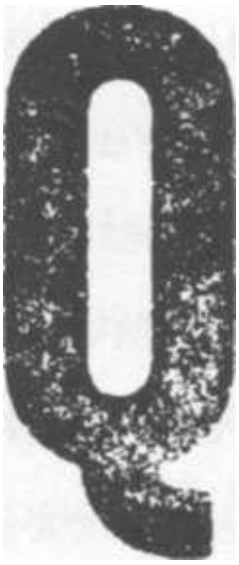
vezmaisexótico. Estariaprisioneiradaprópria
mente? Não saberia dizer. E rarefém de uma di-
mensão atemporal? Chegou a pensar assim, pois
parecia que ali o tempo não passava. Poderiam
estar naquela dimensão ou situação há apenas
uma hora ou há meses e seanos. Não havia como
mensurar o tempo. Sabia apenas que as sima-

gens, sensações e impressões eram oriundas da
própriamente.
Subitamente, uma vez mais se viu de volta
ao ambiente inicial. Estava perto de Ronie, e o
encontrou desesperado, com a fisionomia quase
irreconhecível. Parecia que o garoto de programa
estava com a aparência muito modificada ou se
modificando a cada instante. Aquilo era um pe-
sadelo? Era uma peça teatral que algum maluco
havia escrito ou era produto das culpas e memó-
rias de cada um deles? Ronie estava apavorado e,
quando Paloma tentou aproximar-se ainda mais,
começou a xingá-la, a berrar, descarregando o to-

da a r a i v a e a fúria sobre ela. P a l o m a ficou p e -
trificada ao p e r c e b e r a m u d a n ç a q u e se o p e r a v a
n a a p a r ê n c i a d e R o n i e . E l e e s t a v a desfigurado.
T o d o s p e r c e b e r a m , todos f i c a r a m b o q u i a b e r t o s ,
s e m s a b e r o q u e dizer ou fazer.


5

NA DIMENSÃO MENTAL



UE É AMENTE? Ainda falta amestudos entre os encarnados para definir o que ocorre nos escaninhos da vida mental e emocional. Por mais que a ciência tenha progredido, definindo alguns conceitos e situações, compreendendo certos fatos e ocorrências, a mente humana permanece uma incógnita em inúmeros aspectos. Como campo vasto a ser desbravado, representa o próximo grande passo nas pesquisas, uma vez que, para devassar essa dimensão na amplitude de suas peculiaridades, é preciso sensibilidade e novos sentidos, novos instrumentos e metodologias, ambos de ordem psíquica, mas que a ciên-

c i a a t u a l rejeita o u t e i m a e m desprezar, a o m e -
n o s e m â m b i t o oficial.
P e r a n t e a d i m e n s ã o m e n t a l , o leigo m u i t o
p r o v a v e l m e n t e a d e s c r e v e r i a c o m o u m l o c a l o n d e
t u d o p o d e ocorrer, o u q u a s e t u d o . T o d a s a s coisas
q u e s e i m a g i n a m possíveis n o u n i v e r s o r e a l m e n t e
o c o r r e m nessa d i m e n s ã o . A m e n t e h u m a n a n ã o
c o n s e g u e c o n c e b e r a q u i l o q u e é i n c o n c e b í v e l , q u e
n ã o p o d e existir o u realizar-se. E s s a a f i r m a ç ã o
p o d e ser r e f u t a d a , r e i n t e r p r e t a d a o u m e s m o c o n -
s i d e r a d a a b s u r d a , m a s fato é q u e a m e n t e é um
c a m p o p o u c o p e s q u i s a d o , p o u q u í s s i m o e x p l o r a -
do e l a r g a m e n t e d e s c o n h e c i d o . A t a l p o n t o q u e
s e t o r n a a v e n t u r e i r o atestar, c o m a b s o l u t a s e g u -
r a n ç a , q u e n a m e n t e n ã o o c o r r a este o u a q u e l e
f e n ô m e n o , a o m e n o s s e m e s t u d o m a i s a c u r a d o ,
t a x a n d o - o a p r e s s a d a m e n t e d e i m p o s s í v e l , t e n d o
e m v i s t a ali o p e r a r e m leis q u e c o n s t i t u e m v e r d a -
deiro mistério a d e s v e n d a r , pois em t u d o diferem
d a q u e l a s q u e r e g e m os p l a n o s físico e m e s m o e x -
trafísico, n a r e g i ã o m a i s p r ó x i m a à C r o s t a . Q u e m

p o d e g a r a n t i r q u e , n e s s a d i m e n s ã o , nesse m u n d o
de p e n s a m e n t o s , de f o r m a s m e n t a i s , de e m o ç õ e s
m a i s sutis e h a b i t a n t e s s e m f o r m a , n ã o se v e j a m
d e t e r m i n a d a s situações e n ã o g o z e m de existên-
c i a real certos d r a m a s e histórias de v i d a , sujeitos
a leis q u e lhe são p r ó p r i a s ? 1
Q u a n d o r e f é m da c u l p a e de m e m ó r i a s t r a u -

m á t i c a s e r e c a l c a d a s , b e m c o m o d e e m o ç õ e s n ã o e l a b o r a d a s n e m r e s o l v i d a s , d e f u n d o m a i s c o m - p l e x o , a m e n t e h u m a n a p o d e se sentir p r i s i o n e i r a n u m t e m p o d e t e r m i n a d o , n u m m i n u t o , n u m se- g u n d o , a p e n a s n e s s a d i m e n s ã o n ã o física, m u i t o e m b o r a , p a r a a p e s s o a e n v o l v i d a , tais instantes p a r e ç a m d r a m a s i n e s g o t á v e i s , q u a s e eternos. O u seja, u m m i n u t o n a d i m e n s ã o m e n t a l p o d e signi-

1 Na dimensão mental, atua o corpo homônimo, tão somente mencionado pelo consagrado espírito André Luiz (cf. **XAVIER**, Francisco Cândido e **VIEIRA**, Waldo. *Evolução em dois mundos.* 20a ed. Rio de Janeiro: **F E B ,** 2002. p. 27, cap. 2). Em livro anterior, no entanto, ele ilustra um desdobramento a que se submete, após o desencarne, a fim de visitar a ficar u m t e m p o b e m m a i s d i l a t a d o p a r a q u e m v i - v ê n c i a e x p e r i ê n c i a s nesse u n i v e r s o e s t r a n h o , i n - sólito, i n e x p l o r a d o e d e s c o n h e c i d o da m a s s a de h u m a n o s . U m m i n u t o , s e g u n d o o p o n t o d e v i s t a de q u e m se m o v i m e n t a e a t u a no p l a n o m e n t a l , p o d e diferir r a d i c a l m e n t e d a r e p r e s e n t a ç ã o t e m -

p o r a l desse m e s m o m i n u t o n a v i d a h a b i t u a l , n o
m u n d o d a s f o r m a s . **0** t e m p o é t ã o s o m e n t e um
c o n c e i t o , a i n d a q u e a a ç ã o e as impressões q u e
p r o d u z a n o c é r e b r o o u n a m e n t e d o i n d i v í d u o
p o s s a m ser p e r p é t u a s , p o s s a m se afigurar d u r a -
d o u r a s , difíceis d e e x p l i c a r o u c o m p r e e n d e r .
E m s u m a , a d i m e n s ã o m e n t a l a g e d e f o r m a
direta n o c é r e b r o h u m a n o e n a m e n t e , d e a c o r -

159

do como panorama que o ser apresenta em seu mundo íntimo. Dependendo das impressões causadas pelas experiências do cotidiano e da cota de culpa que o sujeito carrega, assim como das crenças pessoais, que impregnam amente de ideias, conceitos, opiniões e substâncias não físicas, mas reais, tal será a percepção do contato ou da imersão nesse universo mental. Aquelas impressões, sobretudo quando geradas em meio mãe, também desencarnada, porém localizada numa dimensão superior, que se depreende tratar-se da dimensão mental (cf. "O sonho". In: **XAVIER**, F. C. Pelo espírito André Luiz. *Nosso lar.* 3a ed. esp. Rio de Janeiro: **F E B ,** 2009. p. 215-220, cap. 36).

a estados de embriaguez dos sentidos e quando guardam relação com vivências que deixaram profundas marcas na alma, definem o padrão no qual a mente vive, age e reage. Influência semelhante também se verifica nas experiências extravagantes ou extremamente violentas, que cos-

tumamacarretarculpae, comoconsequência,
engendrammétodosesistemas de autopunição
nosescaninhosdamemória espiritual. Não há
comoarealidadementaldo espírito passarincó-
lumeedeixar de sofrer transformaçõesassocia-
das a tais fatores da históriapessoal.
Devidoa essas e outras razões, muitosindi-
víduostornam-se definitivamente prisioneiros da

dimensãomental, adquirindoaspectodeloucura.
É que o cérebro, incapaz de expressar os concei-
tos e ideias em que o ser está mergulhado, perde-
-se em meioaum mundo indefinível para muitos,
em meioàdimensãopuramentemental, porém
rechead adeemoçõesmais sutis, embora profun-
damentemarcantes.
Outros, ainda, vivemtemporariamente nesse
outro universo, vivo, de vida latente, e de lá ex-
traeminspiração, absorvemconceitos, ideias re-
novadoras, demodoque, aoregressarem, atuam
conformeoqueaprenderam; em outras palavras,

transitam entre os planos mental e físico - o tangível, o aparentemente real. Há, também, aqueles que paralá viajam em caráter provisório, mas sentem-se prisioneiros, como se prisioneiros fossem, de um universo paralelo, nem físico nem espiritual, algo entre o concebível e o inimaginável. E nesse mundo, quase indescritível pelo vocabulário e conhecimento humanos, movimentam-se por algum tempo, ao menos enquanto não esgotarem as possibilidades de reflexão sobre aspectos subjetivos da alma, tais como culpa, medo e castigo, que impingiram a si mesmos.

Nesta última situação, o plano mental pode-ráse assemelhar a uma prisão sem grades; um mundo-prisão onde o tempo pode pregar uma

peça, fazendo eclodir uma eternidade num único minuto. Ou num único minuto o drama de toda uma vida ou de várias vidas pode se refletir, num átimo, num écran de tempo; enfim, uma impressão ligeira, ocasionada por um abalo estrutural na realidade individual, o qual denominamos morte, ou quase-morte, ou impacto pré-desencarne. Essa prisão consciencial com frequência pode atrair outras mentes em igual estado, que porventura guardem sintonia com o mesmo gênero de conflito e culpa, formando-se, assim, uma comunidade baseada em situações mal resolvidas, em problemas a serem solucionados ou obstáculos a serem vencidos.

Aí está a circunstância em que se reuniram seres de diferentes procedências; pessoas definitiva ou temporariamente alijadas do corpo físico, nos processos conhecidos respectivamente como morte e desdobramento antefinal, sendo

este muitas vezes induzido por situações impac-
tantes, por acidentes ou incidentes na vida de
cada ser. Sem contar, ainda, a possibilidade da
projeção consciencial lúcida, necessária para re-
flexões mais profundas ou para o enfrentamento
dos desafios íntimos e mentais prementes.
A dimensão mental nem sempre apresen-
ta paisagens. 2 Muitas vezes, tais paisagens não
passam de projeção ou fruto da imaginação, ali-
mentada pelos medos e pela culpa; isto é, asso-

ciam-se ao clima psíquico mais ou menos pesado. Para alguns, a dimensão mental é um palco cheio de luzes; para outros, uma prisão sem grades; segundo outros, ainda, um limbo, o umbral, um simples pesadelo ou um inferno particular.

Embora esses indivíduos estejam aparentemente juntos, num mesmo espaço dimensional, vivenciam cada qual sua própria realidade íntima,

1 Para saber mais sobre a dimensão mental, vale consultar a obra indicada a seguir, que, na literatura espírita, é pioneira no que se refere aos pormenores que traz sobre o assunto (cf. **PINHEIRO**, Robson. Pelo espírito Joseph Gleber. *Além da matéria*. 2° ed. rev. Contagem: Casa dos Espíritos, 2011. p. 69-81. 115-123, 226-228, caps. 6-7,12, Entrevista:

necessária de ser desbravada, e ela não obedece exatamente a uma programação anterior, promovida por alguma entidade.

Tal é a situação vivenciada por personagens de uma história real, que ocorreu na linha do tempo; transcrita, apresenta-se de forma assus-

citar reflexões sobre os t e m a s e desafios q u e eles
e n f r e n t a r a m .
E m m e i o à s o b s e r v a ç õ e s q u e f a z i a m é q u e
S a m u e l o u v i u a s i n d a g a ç õ e s d e N e s t o r s e r e m e x -
t e r n a d a s d e m a n e i r a q u e p u d e s s e m , t a l v e z , e x -
p r i m i r a s m e s m a s d ú v i d a s d e outros c o m p a n h e i -
ros do Invisível:
- S e g u n d o p e r c e b o , s u r g e m d ú v i d a s n o d i a

163

a d i a q u e , e m b o r a n ã o f o r m u l a d a s e x p l i c i t a m e n -
te, a f l i g e m g r a n d e q u a n t i d a d e d e seres e n c a r n a -
dos. D i a n t e disso, q u e r i a f a z e r u m a p e r g u n t a ,
S a m u e l .
- F i q u e à v o n t a d e , N e s t o r ! E n q u a n t o obser-
v a m o s , i n t u í m o s e a u x i l i a m o s nossos a m i g o s e m
suas reflexões, r e s p e i t a n d o o jeito q u e c a d a um
t e m d e m a n i f e s t á - l a s , p o d e m o s i r c o n v e r s a n d o ,
c o m c e r t e z a .
itens 10-11). Mais detalhes sobre o corpo mental, como desdobramen-
to, patologias e tratamentos desse veículo, aparecem noutro livro do
mesmo autor espiritual (cf. **PINHEIRO**, Robson. *Consciência.* 2ª ed. rev.
Contagem: Casa dos Espíritos. 2010. p. 24-37. 51-61, 202-208).
Os p e n s a m e n t o s de N e s t o r f e r v i l h a v a m , e
seus q u e s t i o n a m e n t o s g i r a v a m e m torno dos m e s -
m o s p r o b l e m a s apresentados pelos c o m p a n h e i r o s
e n c a r n a d o s , os q u a i s e r a m o b s e r v a d o s e a u x i l i a -
dos d e p e r t o . D a s tantas i n t e r r o g a ç õ e s q u e n o t a -
va entre estudiosos e p e s q u i s a d o r e s da v i d a do

espírito a i n d a h a b i t a n t e s d o p l a n o físico, N e s t o r foi direto ao assunto q u e a b r i r i a a discussão:

- C o m o e n c a r a r o p r o b l e m a da s e x u a l i d a d e , c o n s i d e r a n d o a v i d a do espírito fora do c o r p o , após a m o r t e física, isto é, na erraticidade ou p e - r í o d o entre v i d a s ? Ao desencarnar, o espírito p o d e c o n t i n u a r sentindo desejos ligados à v i d a s e x u a l e afetiva, c o m o antes, q u a n d o h a b i t a v a a Terra?

Com um sorriso de profunda compreensão, Samuel sabia que a pergunta refletia a dúvida de bastante gente, encarnada e desencarnada. E sabia mais: que boa parte das pessoas não admitia nem sequer analisar a possibilidade ventilada por Nestor, embora sentissem em si mesmas algo do gênero.

- Claro que sim! - respondeu o instrutor.

- Nenhum de nós deixou de ser humano pelo simples fato de ter desencarnado ou morrido. Considerando que ainda habitamos uma dimensão ou um plano muito próximo à Terra, na sua esfera física, e também sabendo que impulsos, tendências e vontades nascem primeiramente na mente, 3 podemos compreender melhor que desejo e libido fazem parte da vida dos espíritos, tanto desencarnados quanto dos homens. Ao desencarnar, a maioria esmagadora dos espíritos estagia numa dimensão tão próxima à realidade-

de física q u e t u d o ali reflete o m u n d o m a t e r i a l ,
p o r é m m e l h o r a d o e m a i s intenso em t u d o . Ou o
c o n t r á r i o , se preferir: o m u n d o m a t e r i a l reflete a
d i m e n s ã o astral, m a s de m a n e i r a m e n o s v í v i d a e
e l a b o r a d a . A c i v i l i z a ç ã o e seus atributos - c o n s -
t r u ç õ e s , desafios, d e s c o b e r t a s , a v a n ç o s , saber,
ciência e m o d o de v i d a - c o n s t i t u e m t ã o somente
m e r o reflexo do q u e se vê do l a d o de cá da v i d a .
A s s i m t a m b é m as t e n d ê n c i a s , os desejos e os i m -

pulsos h u m a n o s ; todos estão latentes no espírito
i m o r t a l . E n t r e t a n t o , a f o r m a c o m o se m a n i f e s t a m
e são satisfeitos é q u e m u d a de a c o r d o c o m a di-
m e n s ã o em q u e se e n c o n t r a o espírito a p ó s o de-
sencarne. E m m a t é r i a d e s e x o , n a d a é diferente.
M e s m o s a b e n d o a r e s p o s t a , m a s c o n s i d e r a n -
do q u e suas p a l a v r a s s e r i a m t r a n s c r i t a s p a r a o
m u n d o dos c h a m a d o s e c o n s i d e r a d o s v i v o s , N e s -
tor r e s o l v e u f o r m u l a r m a i s u m a p e r g u n t a :
- E n t ã o q u e r dizer q u e o espírito f a z sexo do
l a d o d e c á d a v i d a t a m b é m ?
3 "A mente é a usina diretora que transmite as ordens do espírito e diri-
ge a comunidade orgânica" (**PINHEIRO.** *Além da matéria.* Op. cit. p. 71).
- E p o r q u e n ã o ? Já se s a b e q u e ele p o d e se
alimentar, t o m a r á g u a , a p r o v e i t a r t o d a s a s sen-
s a ç õ e s c o m u n s a o c o r p o físico; p o r t a n t o , c o m o
seria diferente no t o c a n t e a s e x o e s e x u a l i d a -
de? O c o r r e q u e n e m t o d o s m a n i f e s t a m desejos e
lhes d ã o v a z ã o d e i g u a l m a n e i r a o u c o m s i t u a ç ã o

m e n t a l e e m o c i o n a l e q u i v a l e n t e .

D e p o i s de d a r um t e m p o , e n o t a n d o o sorri-

s o discreto n a face d e c a d a interlocutor, S a m u e l

c o n t i n u o u :

- Na d i m e n s ã o em q u e nos e n c o n t r a m o s , o

p l a n o astral, são c o m u n s os m e s m o s sentidos e

e m o ç õ e s ; t u d o é a n á l o g o ao q u e ocorre na T e r r a ,

i n c l u s i v e as s e n s a ç õ e s dos c o r p o s espirituais q u e

nele h a b i t a m . E no m u n d o astral é c o m u m en-
c o n t r a r m o s seres q u e se s a t i s f a z e m p o r m e i o de
t r o c a s e n e r g é t i c a s s e m e l h a n t e s à s q u e o c o r r e m
n o m u n d o das f o r m a s . E nesse l o c a l o u s i t u a ç ã o
q u e está a m a i o r i a a b s o l u t a dos h a b i t a n t e s do
o r b e , a e x p e r i m e n t a r sensações de dor, frio, p r a -
z e r o u q u a i s q u e r o u t r a s , a s q u a i s p e r d u r a m o u
s e m o s t r a m a i n d a m a i s intensas d o q u e n o m u n -
do f í s i c o . 4

4 "0 corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é. pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato. nem o frio.

" S e n d o assim, n ã o é de se esperar q u e nossos
corpos espirituais, nesta d i m e n s ã o p r ó x i m a de-
m a i s ao p l a n o físico, a p r e s e n t e m m o r f o l o g i a e uso
t ã o distantes a s s i m do q u e se dá no m u n d o físico.
A título de e x e m p l o , do l a d o de cá da v i d a t a m -
b é m nos a l i m e n t a m o s , b e b e m o s á g u a e e s t a m o s

sujeitos à m e s m a lei de g r a v i d a d e , p e l o m e n o s
dentro dos limites dessa d i m e n s ã o além-física.
" S a b e m o s que t u d o o b e d e c e aos clichês m e n -
tais, a o m u n d o m e n t a l , à s crenças introjetadas
e m nossas m a t r i z e s d e p e n s a m e n t o . O r a , s e c o n -
s i d e r a r m o s q u e t e m o s i m p r e g n a d o n o s s a m e m ó -
ria espiritual c o m e x p e r i ê n c i a s v i v i d a s a o l o n g o

das e n c a r n a ç õ e s , é coerente inferir q u e o cor-
p o espiritual r e p r o d u z i r á sensações c o m o essas,
a p r e n d i d a s por séculos e séculos, desde fome e se-
de até frio e calor, p a s s a n d o p o r a t r a ç ã o , libido
nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se. [Porém,] Não vemos todos os dias a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito desse mal, como se real fora? (...) Toda gente sabe que aqueles a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro que lhes falta. (...) O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta [da dor] a impressão. *Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte""* ("Ensaio teórico da sensação nos espíritos". In: **KAHDEC.** *0 Liro dos espíritos.* Op. cit. p. 209, item 257. Grifo nosso).

e as d e m a i s reações de o r d e m s e x u a l , inclusive
a q u i l o q u e , n a T e r r a , c h a m a m o s d e t e s ã o o u e x -
c i t a ç ã o s e x u a l . Neste p l a n o i n t e r m e d i á r i o n o q u a l
nos e n c o n t r a m o s , t u d o a c o n t e c e , p o r é m , d e m o -
d o m a i s intenso a i n d a , e m r e l a ç ã o a o q u e ocorre

n o c o r p o físico. P e l o m e n o s a q u i , o n d e v i v e m o s , é a s s i m . " 5

N e s t o r p a r e c i a satisfeito c o m o q u e S a m u e l e x p ô s , pois s a b i a q u e m u i t a gente n o m u n d o físico t i n h a suspeitas e até c o n v i c ç õ e s de q u e ocorria t u d o isso, m a s q u a s e n i n g u é m t i n h a c o r a g e m de d e c l a r a r isso a b e r t a m e n t e e discutir o a s s u n t o. N o e n t a n t o , S a m u e l n ã o h a v i a t e r m i n a d o suas e x p l i c a ç õ e s :

- A c o n t e c e q u e t e m o s d i v e r s a s d i m e n s õ e s n o p l a n e t a , n a s q u a i s o s a s p e c t o s q u e e n v o l v e m a s e x u a l i d a d e p o d e m ser b a s t a n t e diferentes do q u e s e v ê entre n ó s , n a r e g i ã o e s p i r i t u a l q u e h a b i t a m o s . D e t o d o m o d o , a i n d a f i x a n d o a a t e n ç ã o n a s m a n i f e s t a ç õ e s de s e x u a l i d a d e entre os d e s e n -

5 "Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão: temo-los visto atravessar chamas, sem experimentarem qualquer dor. (...) A dor que sentem não é, pois, uma dor física pro-

priamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque *a dor não se acha carnados*, é interessante notar fatos como o seguinte, a título de exemplo. Um ente querido, do lado de cá da vida, ao escrever uma mensagem para os parentes próximos, através da psicografia, faz ligeira referência ao fenômeno sexual, que continua ocorrendo com ele, a despeito do que supunha sobre a condição de "morto". Frequentemente, denota não ter muitas explicações ou entendimento, mas observe o conteúdo das chamadas cartas consoladoras, isto é, as mensagens psicografadas por parentes, em particular dos recém-desencarnados. Trata-se de espíritos humanos, cuja grande maioria está bem próxima da realidade física, numa dimensão quase material. Em muitas das cartas, lemos frases do tipo: "Ainda sinto as mesmas necessidades do antigo corpo físico". Ou, então, de modo um pouco mais explícito: "Minha mãezinha querida, meu

p a i z i n h o a m a d o , sinto e m m e u c o r p o espiritual a
r e p e r c u s s ã o de a n t i g o s desejos e s e n s a ç õ e s q u e eu
localizada é porque não a produzem agentes exteriores. (...) Durante
a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito
por intermédio do perispírito [ou corpo astral] (...). Uma vez morto, o
corpo nada mais sente, por já não haver nele Espírito, nem perispírito.
Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, *porém, como já
não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral"* (ibi-
dem, p. **2 I O - 2 1 1 ,** item 257. Grifos nossos).
j u l g a v a p r ó p r i o s d o c o r p o f í s i c o " . E m p a l a v r a s
a s s i m , c h e i a s de significado e ditas à m a n e i r a de
c a d a u m , o espírito r e c é m - d e s e n c a r n a d o r e v e l a a
p e r p l e x i d a d e ante a s r e a ç õ e s d e n a t u r e z a s e x u a l ,
p o r v e z e s q u e s t i o n a n d o o fato de senti-las c o m o
antes, no c o r p o físico. C o m u m e n t e , isso se d e -
ve à o r i e n t a ç ã o espiritual r e c e b i d a , que e n s i n a v a
q u e s e t r a n s f o r m a r e m espírito i m p l i c a r i a p e r d e r
p o r c o m p l e t o a h u m a n i d a d e e d e i x a r de ter sen-
s a ç õ e s e p r a z e r e s q u e , s e g u n d o p e n s a v a , e r a m
c o m u n s a p e n a s aos e n c a r n a d o s . E n t ã o , o fato de
o sujeito e n c o n t r a r - s e do l a d o de cá c o m o cor-

p o espiritual t o t a l m e n t e f u n c i o n a l , c a p a z d e sentir desejo e ter r e a ç õ e s c o m o e r e ç ã o , no c a s o dos

q u e m a n t ê m a a p a r ê n c i a m a s c u l i n a , f a z c o m q u e ele fique e m d ú v i d a , até, d e q u e j á d e s e n c a r n o u . D a n d o u m p e q u e n o i n t e r v a l o , s a b e n d o q u e s u a s p a l a v r a s t e r i a m r e p e r c u s s ã o p r i n c i p a l m e n t e entre o s e n c a r n a d o s , S a m u e l c o n t i n u o u m a i s u m p o u c o :

- D i a n t e de i n ú m e r a s e v i d ê n c i a s e de n o s s a r e a l i d a d e do l a d o de c á , p o d e m o s afirmar que a m a i o r i a de n ó s , i n c l u i n d o o s m a i s b e m i n t e n c i o n a d o s e os m a i s e s p i r i t u a l i z a d o s entre os ditos d e s e n c a r n a d o s , p u r a e s i m p l e s m e n t e m o r r e m o s ; ou seja: d e i x a m o s o c o r p o físico na s e p u l t u r a ou c o n v e r t i d o e m c i n z a s p e l a c r e m a ç ã o , m a s a i n d a n ã o a p r e n d e m o s v e r d a d e i r a m e n t e a *desencarnar.*

N ã o nos l i b e r t a m o s , d e m o d o a l g u m , das i m p r e s sões dos sentidos m a t e r i a i s . Pois q u a n d o c o n s i d e r a m o s os séculos e milênios em q u e v i v e n c i a m o s e x p e r i ê n c i a s e m i n c o n t á v e i s c o r p o s , a o l o n g o de

m i l e u m a v i d a s , e n t e n d e m o s p o r q u e nossa m e n -
t e p e r m a n e c e i m p r e g n a d a das sensações d a m a -
téria, d a s impressões o r i u n d a s dos sentidos q u e
d e s e n v o l v e m o s n o c o n t a t o c o m o m u n d o m a t e -
rial, p o r m e i o do p r o c e s s o já d e n o m i n a d o *inte-*
lectualização da matéria,6 Nesse v a i v é m entre
o m u n d o extrafísico e o m a t e r i a l , n ã o p o d e m o s
c o n s i d e r a r tais sensações ruins ou d e s n e c e s s á -
rias; p e l o contrário, são m u i t í s s i m o necessárias
p a r a d e s e n v o l v e r m o s a sensibilidade, o respeito

ao s e m e l h a n t e , ao que é diferente e p l u r a l .
"É c o m o se a r e e n c a r n a ç ã o ou o m e r g u l h o
n a m a t é r i a p u d e s s e ser v i s t o c o m o u m a espécie
d e e x p e r i m e n t a ç ã o dos sentidos, v i s a n d o a o a p r i -
m o r a m e n t o do e s p í r i t o . 7 Em m e i o à c a p t a ç ã o e
ao d e s e n v o l v i m e n t o de sensações é q u e i m p r e g -
n a m o s fortemente nosso ser de i m p r e s s õ e s r e l a -
c i o n a d a s à v i d a m a t e r i a l , física, as q u a i s r e p e r c u -

6 "Que seria o nosso corpo, se não tivesse alma? 'Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um homem." (ibi-

dem, p. 139, item 136b).

7 "Todos são criados simples e ignorantes *e se instruem nas lutas e tribulações da rida corporat"* (ibidem, p. 137, item 133. Grifo nosso).

t e m , m e s m o depois d a m o r t e , e m nossos c o r p o s espirituais, energéticos e m e n t a i s . E o b s e r v e q u e tais sensações n ã o são s o m e n t e d e o r d e m m a t e - rial, m a s a i n d a e x t r a s s e n s o r i a l , e n e r g é t i c a e e s- p i r i t u a l - i n c l u s i v e no s e x o , q u e p r o p o r c i o n a a p e r m u t a d e e n e r g i a s t a m b é m d e c a r á t e r espiri- t u a l . E s s e p r o c e s s o é t ã o c r u c i a l p a r a o espírito q u a n t o foi, p a r a o p r i n c í p i o inteligente o u m ô - n a d a d i v i n a , a i m e r s ã o na m a t é r i a d e n s a , a fim de d e s p e r t a r os sentidos espirituais ao l o n g o d a s eras e, a s s i m , a d e n t r a r o reino h u m a n o .

"A r e c u s a em v i v e n c i a r a v i d a s e x u a l e afeti- v a , seja de q u e f o r m a for que se m a n i f e s t e , e q u i - v a l e a c o l o c a r barreiras à e v o l u ç ã o e é u m a p r o v a

v i v a de e g o í s m o . 8 A g o r a , se c o n s i d e r a r m o s a e x i s -
t ê n c i a d e outros d e p a r t a m e n t o s d a v i d a u n i v e r -
sal, outros m u n d o s e d i m e n s õ e s superiores, que
s o m e n t e nos séculos v i n d o u r o s c o n h e c e r e m o s a
f u n d o e serão nosso *habitat*^ aí p o d e r e m o s enten-
der q u e , nesses l o c a i s , o sexo d e v e se m a n i f e s t a r
de m a n e i r a singular. E n t r e t a n t o , isso só se d a -

8 "0 celibato voluntário representa um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus? 'Não, e os que assim vivem, por egoísmo, desagradam a Deus e enganam o mundo'." (ibidem, p. 413, item 698). Embora a resposta taxativa, no item seguinte os espíritos superiores admitem uma forma de celibato como meritória, porém apenas quando se traduz em proveito para a humanidade.

rá a p ó s o espírito e s g o t a r t o d a s as p o s s i b i l i d a d e s
d a v i d a n o sentido m a i s h u m a n o p o s s í v e l , v i v e r
t o d a s a s e x p e r i ê n c i a s h u m a n a s d e m o d o pacífi-
c o . A s s i m , q u e m s a b e u m d i a e x p e r i m e n t a r e m o s
sensações e e m o ç õ e s a n á l o g a s , p o r é m em r i t m o e
f o r m a diferentes d o q u e e s t a m o s h a b i t u a d o s ?

"Isto é, isso ocorrerá quando desencarnarmos, no sentido mais amplo do termo; quando deixarmos o mundo da carne e as impressões dos sentidos físicos, que ainda repercutem e, quiçá, norteiam as percepções de nosso perispírito ou corpo emocional; enfim, quando habitarmos mundos e dimensões imateriais ou puramente mentais - e outros superiores, ainda. Até lá, nos

milênios que nos esperam antes de alcançar a angelitude, seremos somente humanos. Enquanto não convivermos em paz com nossa condição humana, sem os preconceitos, tabus e culpas que carregamos, estaremos fadados a nos sentir incompletos em nossa busca pela felicidade."

A fala de Samuel foi muito esclarecedora para os espíritos que estavam ali, de plantão, para ajudar os amigos encarnados: Hugo, Ronie, Adir, Patrícia e os demais, que permaneciam carentes de auxílio e inspiração. Mas Arthur, não satisfeito com a explicação, resolveu tocar num

assunto que era, por assim dizer, um tabu ou um tema mal abordado e mal resolvido entre os espiritualistas encarnados, tanto quanto entre muitos desencarnados:

- E o que dizer da masturbação? Muitos espíritas dizem que masturbar-se atrai obsessores e que é uma prática não somente desnecessária, mas completamente desaconselhável. Mas entre certos evangélicos também existe uma quase proibição com relação ao tema, desde a prática até a mera discussão a respeito, mal vista mesmo quando no contexto da educação de jovens e adolescentes.

- Meu Deus, como os homens complicam as coisas! Como os religiosos, como o passado espiritual e a vida afetiva e sexual notadamente carentes de resolução, parecem fazer de tudo para complicar as coisas e tornar os outros tão infelizes quanto eles mesmos.

E dando um tempo para reunir seus pensa-

m e n t o s e a r g u m e n t o s de m o d o q u e ferissem o
m í n i m o p o s s í v e l os i n t e r l o c u t o r e s - os espíritos,
m a s s o b r e t u d o a q u e l e s q u e l e r i a m suas p a l a v r a s ,
m a i s t a r d e t r a n s c r i t a s p e l a m e d i u n i d a d e - , S a -
m u e l f a l o u p a u s a d a , p o r é m e n f a t i c a m e n t e :
- A m a s t u r b a ç ã o foi c o n s i d e r a d a um p e c a d o
p o r m u i t o s s é c u l o s , ante a i g n o r â n c i a espiritual
d e diversos p o v o s e e m d i v e r s a s é p o c a s d a h u -
m a n i d a d e . P r a t i c a d o p o r h o m e n s e m u l h e r e s , o
ato solitário d a m a s t u r b a ç ã o s e m p r e foi a s s o c i a -
do a a l g o a b o m i n á v e l e ofensivo p e l a s o c i e d a d e
religiosa, q u e l i g o u essa p r á t i c a a fatores m o r a i s
e religiosos, e s u a r e p r e s s ã o , a fatores a u t o p u -
n i t i v o s i n c o n s c i e n t e s . A l ó g i c a é: t o d a f o r m a de
p r a z e r sensorial é p r o f a n a e p e c a m i n o s a e, c o n -
s e q u e n t e m e n t e , d e v e ser b a n i d a .
" T a l a t i t u d e decorre, e m g r a n d e m e d i d a , d a
t r a d i ç ã o j u d a i c o - c r i s t ã , q u e i n f l u e n c i o u a h u m a -
n i d a d e de m a n e i r a e s p a n t o s a , e a i n d a a influen-
cia. C o m o disse, t u d o o u q u a s e t u d o q u e l e v a a o
p r a z e r e d e s p e r t a o p r a z e r no ser h u m a n o foi e

é classificado como pecaminoso ou impuro, portanto tem de ser evitado e combatido. Como contraponto a essa ideia assustadora, mas poderosa,

ao longo dos milênios a religião tem defendido que aquilo que implica sofrimento e privação, por outro lado, é considerado bom, desejável e meritório. Dessa forma é que jejuns, autoflagelações, penitências, sacrifícios e alguns comportamentos ou práticas que impõem dor, miséria e sofrimento são valorizados e, ainda hoje, tidos como algo positivo, benéfico e admirável - se não declarada, ao menos veladamente.

" Mesmo entre os adeptos das religiões pretensamente mais espiritualizadas ou que incentivam a compreensão e o raciocínio acerca da realidade, há inúmeras pessoas e expoentes que abraçam ou apregoam uma cartilha de sofrimento, de caráter pessoal ou social, como o grande método de redenção espiritual, como se sofrer fosse, em si mesmo, 'agradável a Deus'. Porve-

z e s , c h e g o a me p e r g u n t a r se n ã o é esse o p e n -
s a m e n t o p r e d o m i n a n t e . Q u a n d o d i v u l g a m tais
p r i n c í p i o s c o m o receita p a r a s e m a n t e r n a r o t a
d o controle espiritual o u d o c o n h e c i m e n t o s u p e -
r i o r , esses p o r t a - v o z e s d a c u l p a são vistos q u a s e
c o m o s a g r a d o s , e f r e q u e n t e m e n t e citados c o m o
e x e m p l o de r e n ú n c i a e a b n e g a ç ã o , m o d e l o s a d -
m i r á v e i s , m a i s p e l a p r i v a ç ã o autoinfligida d o q u e
p o r a q u i l o q u e e f e t i v a m e n t e fizeram p e l o b e m d a
h u m a n i d a d e . T e m o s d e e s t u d a r m a i s p r o f u n d a -
m e n t e esse t i p o de c o m p o r t a m e n t o , t ã o difundi-

do entre religiosos.
" P o r e x e m p l o , s e a l g u m a d e p t o c o m e n t a q u e
p a s s a r á férias n o u t r o p a í s o u q u e c u r t i u u m a
noite m a r a v i l h o s a c o m o c o m p a n h e i r o n u m final
d e s e m a n a c h e i o d e a v e n t u r a s , q u e , p a r a a m b o s ,
foi m o t i v o de a l e g r i a e c o n t e n t a m e n t o , n ã o r a r o
tais a t i t u d e s são c o n d e n a d a s , e se diz q u e a p e s -
soa e m q u e s t ã o está e s b a n j a n d o dinheiro. P i o r :
h á q u e m a r g u m e n t e q u e está v i v e n d o a s coisas

do mundo e que, por isso, tal estado de felicidade tal conquista não merecem ser divulgados nem sequer lembrados, pois podem incentivar os demais a abandonar a fé e viver 'no mundo'.

"Fico a me perguntar por que são tão enaltecidos os sofrimentos, as agruras, as privações, a escassez de recursos - pobreza e miséria chegam ao cúmulo de serem apontadas como virtude e sinônimo de autêntica espiritualidade! Como se não bastasse, em diversas culturas religiosas, quando se quer agradar a divindade, a pessoa promete abster-se de coisas boas da vida, desde sexo até determinados alimentos, impondo-se jejuns de natureza variada. Será que, no fundo, não está aí a imagem de um deus sádico, que se regozija com o flagelo de seus filhos? Por que afirmar e reafirmar que o prazer causa ou atrai o processo obsessivo, alimentando antigas crenças

e reforçando ideias medievalescas, se a própria história humana mostra que tudo quanto fizeram

foi afastar a i n d a m a i s a c r i a t u r a do C r i a d o r , s o -
t e r r a n d o - a n a s o m b r a d a i g n o r â n c i a , d a infelici-
d a d e , da falta de t o l e r â n c i a e s o l i d a r i e d a d e ?
" L e v a n t o essas questões m a i s p a r a p r o v o c a r
reflexões d o q u e d a r respostas. A f i n a l , e u m e s -
m o a i n d a n ã o c o m p r e e n d o a r a z ã o p e l a q u a l t ã o
g r a n d e n ú m e r o d e religiosos, s o b r e t u d o a q u e l e s
cujas crenças a p r e s e n t a m forte c o m p o n e n t e m í s -
tico e p o u c o r a c i o c í n i o , a se e m p e n h a r t a n t o p a r a
c o n v e n c e r os outros de q u e o l a d o b o m da v i d a
p o d e ser t r a d u z i d o c o m o a q u i l o q u e o h o m e m f a z
v i s a n d o a b a n d o n a r o prazer, seja do c o r p o ou da
a l m a . S i m , p o r q u e h á p r a z e r e s d a a l m a , t a m b é m .
" S e j a c o m o for, v o l t e m o s a o a s s u n t o d a se-
x u a l i d a d e e da m a s t u r b a ç ã o . D i z e r q u e o a t o da
m a s t u r b a ç ã o atrai obsessores é o m e s m o q u e di-
z e r q u e q u a l q u e r a t o q u e c o n d u z a v í c i o s a t r a i
espíritos afins c o m esse m e s m o a t o .
" S e q u i s e r m o s detalhar, p o d e m o s e n t e n d e r a
o b s e s s ã o , c o n f o r m e c o n c e i t u a d a p e l o c o d i f i c a d o r
do e s p i r i t i s m o , 9 c o m o a a ç ã o c o n s c i e n t e c o m o

fim de p r e j u d i c a r a v í t i m a ou o a l v o m e n t a l . E n -

t ã o , c o n s i d e r e m o s a p o p u l a ç ã o de d e s e n c a r n a -

dos d o p l a n e t a T e r r a , q u e é p e l o m e n o s c i n c o v e -

zes m a i o r q u e a d e e n c a r n a d o s . N o m í n i m o . D e

posse a p e n a s desse d a d o , é r a z o á v e l d e d u z i r q u e

n ã o existe l o c a l o n d e n ã o h a j a espíritos i g n o r a n -

178

tes, t u r b a s dos c h a m a d o s obsessores o u outros

espíritos, s i m p l e s m e n t e afins aos instintos, d e s e -

jos e c o s t u m e s h u m a n o s . P o r t a n t o , ficar i m u n e à

influência desses seres, a o m e n o s n o â m b i t o ter-

r e n o , dos e n c a r n a d o s , t o r n a - s e a l g o i m p o s s í v e l .

S o b r e t u d o p o r q u e , n a g r a n d e m a i o r i a dos c a s o s ,

entre o obsessor p r o p r i a m e n t e dito e a p r e t e n s a

v í t i m a , p e r m a n e c e m o s i n c a p a z e s d e aferir c o m

9 "A obsessão é a açã o *quase permanente* de um Espírito estranho,

que faz com que a vítima seja induzida, por uma necessidade in-

cessante, a agir nesse ou naquele sentido, a fazer tal ou qual coisa"

(K A R D E C , Allan. *Revista espírita.* Rio de Janeiro: **F E B ,** 2004. p. 406, v. **1,**

out 1858. Grifo nosso).

p r e c i s ã o q u e m é o obsessor de q u e m .

" S o b essa ótica, p o d e m o s e n t e n d e r q u e t o d a p r á t i c a , seja d e o r d e m s e x u a l o u n ã o , q u a n d o l e v a d a a o e x c e s s o e t r a n s f o r m a d a e m c o m p u l s ã o o u v í c i o , c e r t a m e n t e p r e j u d i c a r á q u e m a a d o t a .

" M a s c o n f u n d i r a o b s e s s ã o c o m o f e n ô m e n o da *indução espiritual"10* seria i g n o r a r p o r c o m p l e t o as n u a n c e s das trocas e n e r g é t i c a s de n a t u r e z a extrafísica. A n a l i s a n d o o p r o c e s s o o b s e s s i v o , a fim de d i v i s a r q u a n d o o v í c i o se t r a n s f o r m a em o b s e s s ã o , p o d e m o s o b s e r v a r q u e a i n d u ç ã o e s p i r i t u a l o c o r r e de m a n e i r a e s p o n t â n e a , c a s u a l e s e m ideia p r e d e t e r m i n a d a de p r e j u d i c a r n e n h u m a das p a r t e s e n v o l v i d a s . O u seja, t r a t a - s e a p e -

n a s d e a t r a ç ã o m a g n é t i c a b a s e a d a e m afinidade d e p e n s a m e n t o e e m o ç ã o , m a s n ã o constitui o b - sessão, e x a t a m e n t e . 1 1

10 A origem do termo *indução espiritual* remonta aos primeiros textos do Codificador: "Estamos *incessantemente cercados por uma multidão de Espíritos* que, por serem invisíveis aos nossos olhos materiais, nem por isso deixam de estar no espaço, ao redor de nós, ao nosso lado, espiando nossas ações, lendo os nossos pensamentos, uns para nos fazerem o bem, outros para *nos induzirem* ao mal, conforme sejam bons ou maus"" (ibidem, p. 405. Grifos nossos).

11 "Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. (...) A obsessão *consiste na tenacidade* de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele " S o b esse a s p e c t o , q u a l q u e r a ç ã o h u m a n a o u h á b i t o s de q u a l q u e r n a t u r e z a t e n d e r ã o a p r o v o - c a r a a t r a ç ã o de espíritos afins, m a s isso n ã o s i g - nifica, n e c e s s a r i a m e n t e , q u e esteja o c o r r e n d o u m p r o c e s s o o b s e s s i v o . O c o d i f i c a d o r do espiritismo afirma: *A obsessão é a ação* persistente *que um*

Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.12

"Isso posto, concluímos que o ato de mastur bar-se, em si, não causa obsessão, de forma alguma; não atrai obsessores. No entanto, qual-

quer ato que leve a uma dependência do ente ou a o vício das faculdades poderá abrir as portas para um processo mais complexo do psiquismo humano, inclusive para a auto-obsessão, paranóia, compulsão e dependência química, o que exigiria tratamento com bons profissionais de áreas como medicina, psiquiatria e psicologia, entre outras, dependendo do caso."

Samuel mostrava-se inspirado de tal forma atua" (**KARDEC**, Allan. *0 livro dos médiuns.* **I** ed. esp. Rio de Janeiro:

A

F E B , 2005. p. 355, item 238. Grifo nosso).

12 K A R D E C , Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo.* **I** ed. esp. Rio de

A

Janeiro: **F E B ,** 2004. p. 556, cap. 28, item 81. Grifo nosso.

e d a v a respostas t ã o a b r a n g e n t e s , q u e , p o r u m instante, seus i n t e r l o c u t o r e s q u a s e se d i s t r a í r a m dos r u m o r e s a d v i n d o s d o p e q u e n o g r u p o d e e n - c a r n a d o s a o q u a l d e d i c a v a m seu olhar. E l e p r o s - s e g u i a , r e t o m a n d o o a s s u n t o :

- Ao falar de m a s t u r b a ç ã o , e n e r g i a e a t o se- x u a l , seja este de c a r á t e r h o m o s s e x u a l , h e t e r o s - s e x u a l o u b i s s e x u a l , é p r e c i s o l e m b r a r q u e t o d o i n t e r c â m b i o s e x u a l está a s s o c i a d o a o e r o t i s m o , à s e n s u a l i d a d e e às fantasias s e x u a i s , e l e m e n t o s q u e f a z e m p a r t e , n a t u r a l m e n t e , d o c o m p o r t a - m e n t o p s í q u i c o h u m a n o . D e m i n h a p a r t e , a c r e - dito firmemente - e n f a t i z o u S a m u e l , c o n v i c t o -

que é impossível realizar o ato sexual sem esses componentes, tão intrinsecamente ligados à experiência humana, ao menos do que conhecemos da realidade da vida na Terra.

"E antes que alguém diga que estou fazendo apologia do desequilíbrio, seria muito bom distinguir erotismo, sensualidade e pornografia; esta última é algo muitíssimo diferente dos dois anteriores e, geralmente, acarreta sérias consequências.

"De todo modo, tendo em vista os componentes eróticos que envolvem o ato sexual, afirmar que masturbação ou atrai obsessor implica dizer que qualquer ato sexual igualmente os atrai! Reitero: não importa se a relação é de caráter heterossexual ou homossexual. Não há como negar que todas têm como componentes o erotismo e os apelos sexuais, sejam de natureza emocional ou física, os pensamentos sensuais e as fantasias, sem os quais não se realiza uma atividade sexual

s a d i a t a n t o q u a n t o satisfatória.

" N ã o c o n s i g o i m a g i n a r , p o r e x e m p l o , q u e a l g u é m p o s s a ler o E v a n g e l h o o u r e z a r u m a A v e - - M a r i a e n q u a n t o p e r m a n e c e a o l a d o d o c o m p a - n h e i r o ou p a r c e i r o s e x u a l , entre os e n c a n t o s e p r e l i m i n a r e s d o a t o . O u q u e f a ç a u m a p r e c e n a i m i n ê n c i a d e s e r e l a c i o n a r i n t i m a m e n t e , c r e n d o atrair, c o m isso, espíritos superiores p a r a p r o t e - g ê - l o o u , q u e m s a b e , f i c a r e m a t e n t o s a o q u e o c a s a l está f a z e n d o . P e l o a m o r d e D e u s ! . . . **0** q u e

caberá a um espírito superior ou minimamente sério, no que se refere a parceiros íntimos, é ficar de prontidão na ocasião da aproximação de ambos, seja esse um momento de encontro afetivo, genital ou outro qualquer."

Respirando quase fortemente, demonstrando certa ironia na expressão facial, Samuel prosseguiu, deixando seus ouvintes a chorar de rir:

- Pensando sobre tudo isso, é forçoso chegar à conclusão de que a caricatura de santidade, o excesso de cuidados religiosos e a superestimação do poder de ação e atuação do obsessor parecem ter tomado contadamente de inúmeras pessoas mal resolvidas, em cuja vida passada ou atual se desenvolveu uma relação conflituosa com a sexualidade, originando uma profusão de culpas e medos. Toda culpa gera a autopunição; mas nesse caso, não contente em punir-se, e evitando ao máximo esta ou aquela forma de sentir

prazer, que é uma busca tão natural ao ser humano, a pessoa quer tornar outros tão infelizes como ela; por isso, divulga ideias tortas e confusas, recorrendo ao "achismo

" Uma coisa é certa: os espíritos superiores não se ocupam desta e de outras questões do modo como espíritas e religiosos se ocupam. É como disse um sábio, certa vez: nem os espíritos superiores nem Deus se preocupam com o que o ho-

m e m f a z d o u m b i g o p a r a b a i x o ; eles estão p r e o -
c u p a d o s c o m o q u e o h o m e m r e a l i z a do u m b i g o
p a r a c i m a . E o q u e está a c i m a do u m b i g o ? **0** c o -
r a ç ã o ! Ou seja, a q u a n t i d a d e de a m o r q u e se c o -
l o c a n a q u i l o q u e se f a z . T a l v e z , esses espíritos
q u e i r a m d a r a e n t e n d e r a n ó s , os a p r e n d i z e s c o -
m u n s d a c a m i n h a d a h u m a n a , q u e d e t e r m i n a d a s
coisas são t ã o n a t u r a i s q u a n t o comer, beber, res-
p i r a r e c a m i n h a r .
" A c i m a d o u m b i g o está t a m b é m a sede d a
r a z ã o , q u e i n s t i g a o h o m e m a refletir sobre as
p o s t u r a s q u e a b r a ç a , e m p r e g a n d o o r a c i o c í n i o
p a r a i l u m i n a r o p o r ã o de seus m e d o s , c u l p a s e
d r a m a s p s i c o l ó g i c o s e a t á v i c o s . M u i t o s t o m a r a m
u m c a m i n h o c o m p l e x o p o r d e m a i s , a s s u m i n -
do p o s t u r a s c a s t r a d o r a s e t a b u s t í p i c o s da I d a -
de M é d i a . C o m o se n ã o b a s t a s s e , r e s s u s c i t a m o
c a d á v e r de seus t r a u m a s n u m a r o u p a g e m e s p i -
r i t u a l i z a d a o u espiritualista. U t i l i z a m p a l a v r a s ,

dogmas e sofismas próprios, a fim de enquadrar e embotar, no maior grau possível, mentes desprevenidas e inexperientes, ao invés de educá-las adequadamente, como reza a missão primordial de qualquer filosofia espiritualizante."

Voltando-se agora para Nestor, falou:

- É claro, reafirmamos, que tudo que leva a o vício pode, em alguma medida, ser prejudicial, além de gerar um componente espiritual fa-

vorável ao processo obsessivo. Mas pergunto: o que dizer da fofoca, do melindre, da maledicência, dos abusos de poder dentro e fora das comunidades religiosas? Como avaliar a disputa dissimulada para ser o melhor e, sem deixar o tema da conversa, os assédios sexuais e afetivos que ocorrem em todo trabalho, até nos de ordem espiritual, dentro do próprio centro espírita ou templo religioso?

"A autocrítica minimamente sincera mostra que nós, encarnados e desencarnados ainda

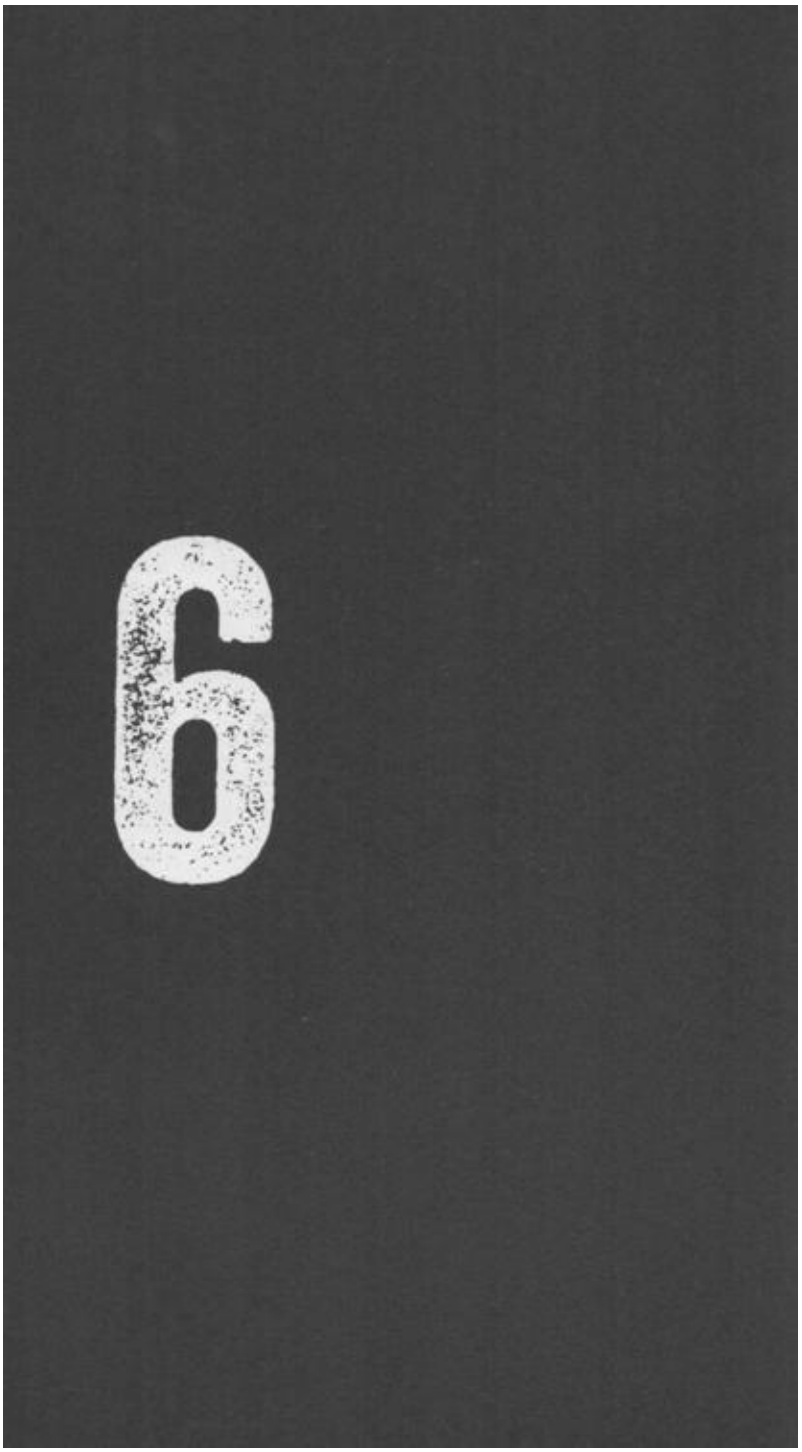
a p e g a d o s a c o n c e i t o s a r c a i c o s de um religiosis-
m o e x a c e r b a d o , repleto d e p e c a d o e c u l p a , c a -
r e c e m o s a l a r g a r nossos p e n s a m e n t o s e a c o m p a -
n h a r o progresso d a s ideias e da c i ê n c i a , a fim de
n ã o nos i l u d i r m o s c o m opiniões d e pessoas m a l -
- i n t e n c i o n a d a s o u , t ã o s o m e n t e , m a l - i n f o r m a -
das. Em t u d o , o b o m senso é o m e l h o r c a m i n h o .
A v e n t u r a r - s e a p r o p a l a r q u e isso ou a q u i l o atrai
o b s e s s o r e s . . . T a l v e z seja a h o r a de e s t u d a r m o s
m e l h o r e m a i s d e t a l h a d a m e n t e os processos o b -
sessivos p a r a depois a v a l i a r m o s se n ã o somos nós
m e s m o s e as ideias q u e c u l t i v a m o s os v e r d a d e i r o s
obsessores - e n ã o o c o n t r á r i o . "
U m a v e z m a i s , d e u u m p o u c o d e t e m p o p a -
ra as p a l a v r a s s u r t i r e m o efeito n e c e s s á r i o , p r o -
m o v e n d o reflexões m a i s p r o f u n d a s . A p ó s a l g u n s
m o m e n t o s de silêncio, c o n t i n u o u , a r r e m a t a n d o a

conversa:

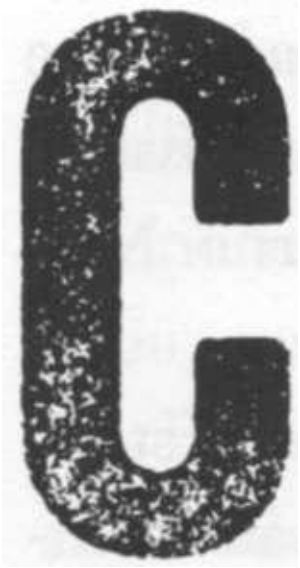
- Reportando-nos ao tema principal de nossa conversa, o mundo ou dimensão mental, podemos acrescentar que cada criatura se encontra, vivendo livremente ou agrilhoada, na dimensão mental que elaborou e elegeu para si. Em matéria de sexo, não poderia ser diferente: cada qual criou seu próprio mundo mental. A partir da história e da experiência particulares, estabeleceu posturas diante de proibições, opiniões e ideias, sejam concebidas a partir do estudo, da análise e da pesquisa, ou, ao contrário, associadas a preconceitos, atitudes arcaicas e pensamentos engessados. E, no presente caso, meus caros, os amigos diante de nós, com os quais estamos ligados através de laços por vezes ignorados, precisam de nosso concurso imediato.

Ao terminar o assunto, tão interessante quanto polêmico, Samuel voltou-se para os espíritos

assistidos pelo grupo, os quais vivenciavam uma experiência incomum no minuto mais precioso de sua atual existência. **0** grupo de amigos do Invisível teria muito em que pensar a partir das palavras de Samuel. Evidentemente, a abordagem dava margem a diversas outras indagações, porém o momento exigia de todos especial atenção àqueles que reclamavam cuidados especiais.


6

QUE É PRECISO PARA SER HOMEM?



ATIVA DE SUAS VIVÊNCIAS internas, Patrícia permaneciamergulhada na própria amargura. Entrevisões, sonhos e pesadelos, suamente perdera o controle por completo. Intimamente, até lutava para sair daquela situação, mas sentia que uma força oposta a puxava em direção ao mergulho cada vez mais profundo dentro de si mesma.

Um misto de tristeza, mágoa e desespero era o que irradiava de seu íntimo. As vezes, sentia uma mão tocar-lhe o rosto, os cabelos; notava ligeiramente que era a conchegada por algué minvisível. Novamente, as imagens de sua

t o r m e n t a í n t i m a v e n c i a m a resistência e ela re-
g r e s s a v a à s c a m a d a s m a i s p r o f u n d a s dos a r q u i -
v o s m e n t a i s .

0 i n c o n s c i e n t e é o g r a n d e p o r ã o da m e n t e
h u m a n a . N e s s a d i m e n s ã o m e n t a l d o p s i q u i s m o
p r o f u n d o , v i v e m p e r p e t u a d a s i m a g e n s robustas
de c o n t e ú d o e m o c i o n a l t r a u m á t i c o , a g u a r d a n d o a
h o r a certa d e emergir. E m a l g u m m o m e n t o , o ser
terá de enfrentar-se, e essas i m a g e n s v i v a s do p a s -
sado v i r ã o à t o n a de m a n e i r a m a i s ou m e n o s tor-
m e n t o s a , d e m o d o q u e sejam e l a b o r a d a s , t r a b a -
l h a d a s . M u i t a s v e z e s , a p e s s o a n ã o se sente forte o
suficiente p a r a enfrentar as a n g ú s t i a s e t o r m e n t a s
í n t i m a s , preferindo refugiar-se e m situações c o m -
p l e x a s , q u e a l e v a m ao i s o l a m e n t o ou a fugas e
m á s c a r a s , q u e s e r e v e l a m c o m o u m a t e n t a t i v a d e
encobrir-se, de m a q u i a r a r e a l i d a d e interna. N e m
s e m p r e o ser sai ileso dessa tentativa.

P a t r í c i a v i v i a essa r e a l i d a d e a g o r a . E s t a v a
p r e s a n o c o l i s e u m e n t a l , n u m a d i m e n s ã o a l é m -
-física, n a q u a l s e f i z e r a e x p e c t a d o r a d e s i m e s -

m a ; entre e m o ç õ e s fortes, d e s c o n t r o l a d a s , o s -
cilantes e i m a g e n s v í v i d a s de cores p u l s a n t e s ,
p i n t a d a s s e g u n d o a f o r ç a de s u a s p r ó p r i a s s e n -
s a ç õ e s . E r a m i m a g e n s q u e s u r g i a m a q u i e ali, n o
p a n o r a m a í n t i m o , e d e i x a v a m m a r c a s f u n d a s e m
suas r e c o r d a ç õ e s , t o r n a n d o a s e m o ç õ e s c a d a v e z
m a i s d e s a l i n h a d a s , n u m c í r c u l o v i c i o s o .
192
E n q u a n t o assistia i n t i m a m e n t e a o desfilar
das p e r s o n a g e n s , d e s c o b r i a q u e c a d a u m d a q u e -
les seres f a n t a s m a g ó r i c o s s e r e v e l a v a c o m o m á s -
c a r a de si m e s m a . E l a e r a a atriz e a e x p e c t a d o r a
d a q u e l e d r a m a q u e s e p r o j e t a r a , v i v o , e m s u a t e -
l a m e n t a l . F a c e t a s d e s u a p r ó p r i a p e r s o n a l i d a d e
o u de d r a m a s v i v e n c i a d o s e m a l g u m m o m e n t o
d a e x i s t ê n c i a - o u , q u e m s a b e , d a q u e l a e x i s t ê n -
c i a q u e j u l g a v a ter t e r m i n a d o . M a s s e m p r e a l g o
o u a l g u é m , u m p e r s o n a g e m d a h i s t ó r i a q u e ela
m e s m a forjara e v i v e n c i a r a . E n f i m , s u a v i d a e r a
um g r a n d e teatro, e as i m a g e n s q u e v i a e v i v i a
e m seu í n t i m o e r a m o reflexo d e u m a u t o r r e t r a -

to, um desfilar de seus personagens ou subper-
sonalidades. Um filme de sua própria vida? Pa-
trícia não tinha condições de saber, responder,
tampouco raciocinar a respeito. Ela apenas via e
vivia, condenada à angústia e à melancolia.
Por um prodígio que não podia explicar, fo-
ra levada a rever cada detalhe daqueles 37 anos
que vivera. Mergulhada num transe sutil e, ao
mesmo tempo, profundo, ela não conseguia in-
terferir no processo que ocorria nela e com ela.
As recordações a dominavam por completo. As
emoções definiam seu estado a partir de então;
era a expectadora da própria existência.
Paloma havia deixado Ronie de lado; busca-
va outro canto, chateada, magoada com o pala-

v r e a d o dele, c o m o m o d o c o m o se dirigia a ela, n u m a f o r m a d e i n t i m i d á - l a p o r a l g u m m o t i v o q u e n ã o p o d i a s e q u e r imaginar. O u p o d i a , m a s n ã o se a t r e v i a a f o r m u l a r o p e n s a m e n t o , o r a c i o c í n i o , e v i t a n d o - o dali e m diante. F o i q u a n d o e n c o n t r o u P a t r í c i a deitada, g e m e n d o b a i x i n h o , a o p a s s o que Ronie g r i t a v a a i n d a , m a s a g o r a e m p l e n o deses- pero. P a l o m a a m p a r a v a P a t r í c i a o q u a n t o p o d i a ; ao a p r o x i m a r - s e da g a r o t a , p ô d e p e r c e b e r a in- tensidade da a n g ú s t i a í n t i m a q u e a afligia. E n - q u a n t o s e e n v o l v i a c o m a s necessidades d e P a - trícia, P a l o m a p e n s a v a e m v o z alta, r a c i o c i n a n d o sobre a s i t u a ç ã o em q u e se e n c o n t r a v a m :

- Já e s t a m o s a c a m i n h o de d e s c o b r i r o q u e está a c o n t e c e n d o c o n o s c o ? T e m o s a l g u n s e l e - m e n t o s , m a s f a l t a m - n o s m a i s d e t a l h e s , q u e n o m o m e n t o n o s e s c a p a m p o r c o m p l e t o . P r e c i s a - m o s d e a j u d a e x t e r n a .

- E n ã o é isso m e s m o q u e e s t a m o s t e n t a n -

do o t e m p o t o d o ? E n c o n t r a r a j u d a ? - r e s p o n d e u H u g o , a l t e r a d o , d e m o n s t r a n d o i n q u i e t a ç ã o , r a i v a d i r e c i o n a d a a n ã o se s a b e q u e m - t a l v e z a si m e s m o - , a l é m d e m a i s a l g u m a c o i s a í n t i m a q u e n ã o se p o d e r i a definir.

S e m s e d e i x a r influenciar p e l a s e m o ç õ e s d e s - c o n t r o l a d a s d o c o m p a n h e i r o d e infortúnio, P a l o - m a c o n t i n u o u e x p r e s s a n d o o q u e p e n s a v a . Q u a - se i g n o r a n d o o r a p a z a l t e r a d o , disse:

- Falo assim porque vejo que estamos todos em situação semelhante. Estamos muito chocados e emocionados, cada um a seu modo. Que tal tentarmos acalmar os pensamentos e emoções e pensarmos em como conseguir ajuda?

- Parece fácil para você ê, não é? Arranque essa máscara de vez, se você ê pode, sua trave camal-resolvida! - respondeu Ronie, regressando de seu transe particular, mas em notório estado de perturbação. Parecia drogado, em visível desespero, mostrando desrespeito e revolta declarada. Respirando fundo e modificando por completo a fisionomia, Paloma expressou veemência e fortaleza antes não percebidas. Num tom de voz mais potente que o de Ronie, mais masculina que anteriormente, pronunciou:

- Pois bem, eu tenho coragem para isso! E vocês? Para viver a vida que eu vivo, é preciso coragem e sangue quente nas veias.

P a l o m a g e s t i c u l a v a , n a t e n t a t i v a d e m o s t r a r a g a r r a da q u a l era detentora. No entanto, R o n i e , em franco desequilíbrio, p r o s s e g u i u nas ofensas:

- A h ! S i m ! Q u e r d i z e r q u e é corajosa? O u será corajoso? E s t á t e n t a n d o e n g a n a r a q u e m ? P e n s a q u e p o d e d a r u m a d e h o m e m a í e s e e s - c o n d e r p o r trás d a m a q u i a g e m ? O u será q u e s u a c o r a g e m t o d a foi p a r a ficar p o r a í s e p r o s t i t u i n - d o c o m outros h o m e n s ?

195

Hugo e os demais jamais pensaram que Palo-
ma pudesse ter uma reação tão forte aos co-
mentários do rapaz. Levantando-se num átimo,
apontou o dedo em riste em direção a Ronie; fa-
lando forte, firme e com imenso magnetismo nas
palavras, externou sua indignação com o comen-
tário infeliz que ouvira:

- Parado aí, rapaz! - gritou a própria Palo-
ma, interrompendo Ronie. - Você nem faz ideia
do que é minha vida. E não sou prostituta. Nun-
ca vendi meu corpo a ninguém. Não vendi meu
corpo nem a minha alma. Seu imbecil! Veja seu
estado!... Sua aparência está se modificando ca-
da vez mais; sabe-se lá se esta não é sua verda-
deira aparência? Um vampiro de almas, de cor-
pos, um ser esquálido, de tanto sugar energias,
forças e a própria alma de seus clientes. Parece
estar com medo da própria sombra! Sem saber
o que acontece com você ou conosco, não quer

enfrentar a realidade e, por isso, se volta contra qualquer um que queira.

Respirando profundamente, demonstrando um vigor não manifestado até ali, tirou a peruca, limpou um pouco da maquiagem do rosto e apresentou-se como o sujeito determinado e firme que seus companheiros ainda não conheciam.

- Eu, pelo menos, tenho a coragem de pensar e raciocinar. E onde estão os seus valores de

macho neste momento? Hein? Diga onde escondeu a coragem de enfrentar a vida! Será que esse machismo todo não é suficiente para enfrentar a situação? Ou pensa que sou indefesa diante da arrogância e da agressividade, que parece ser tudo quanto há em seu repertório?

Voltando-se para os demais, enquanto Ronie se sentia diminuído diante do absurdo que cometera, continuou:

- Não somente você, mas todos aqui. Ficam pensando em situações mirabolantes para ex-

p l i c a r a l g o q u e r e j e i t a m s e m n e m s e q u e r p e n s a r no a s s u n t o . É isso q u e é c o r a g e m ? - i n d a g o u , ao final m i r a n d o H u g o forte e m a g n e t i c a m e n t e , o q u a l s e m o s t r a v a h i p n o t i z a d o p e l a f a l a v i g o r o s a d e P a l o m a .

O t e m p o p a r e c i a h a v e r p a r a d o . P a l o m a m o - v i a - s e n u m a r e a l i d a d e m e n t a l diferente. A l g o a m a n t i n h a l i g a d a à m e s m a f r e q u ê n c i a m e n t a l de H u g o , q u e t a m b é m s a b i a q u e e r a c a t i v o d e u m a s i t u a ç ã o d a q u a l n ã o t i n h a forças p a r a escapar.

A v i d a n o A l é m seria isso? A m b o s v i a m o s d e - m a i s c o m p a n h e i r o s s e m o v e r e m q u a s e e m c â m e - r a l e n t a , t a l v e z e m s u a p r ó p r i a r e a l i d a d e í n t i m a .

Q u e f e n ô m e n o seria esse? **0** q u e estaria o c o r r e n - d o c o m eles?

A g o r a e r a P a l o m a q u e m c h o r a v a , p o n d o a s e m o ç õ e s p a r a fora, c u s p i n d o s u a r e v o l t a e e x -

purgando de seu interior os traumas reprimidos.

Hugo, sem saber ainda o porquê, estava se sentindo prisioneiro do campo mental de Paloma.

Ele sentia e vivia cada emoção expressa por aquela alma feminina aprisionada no casulo de uma aparência masculina. Eles se viam, se sentiam.

Em pé, frente a frente com Hugo, Paloma derramou-se, abrindo as comportas da alma.

As palavras fluíam como líquido ora morno, ora quente e outra vez frio. Era emoções que precisavam ser enfrentadas. Era uma realidade que Hugo necessitava confrontar.

Não se sabia ao certo se os pensamentos se transformavam em palavras ou se, nessa dimensão temporal, as palavras eram apenas pensamentos, que irradiavam e se cruzavam, numa mistura de emoções e sentimentos.

Hugo, por sua vez, vivia intensamente tudo aquilo, deixando-se arrebatar pelo olhar de Pa-

loma, queofixava. Umaforçadescomunalirra-
diava dos olhos dela. Ou seria dele? Poucoim-
portava. Hugoapenasnãoconseguiasefurtar
àquelemomento, tantoquantonãopodiadeter
aavalanchedeemoçõesqueirrompiamdeseu
interior. Durantemuitosanos, tentoureprimir
essetormentoíntimodisfarçado, contidoatra-
vésdesuasatitudesestudadas. Masagora, mor-
toounão, sentia-seimpotente. Aslágrimasque

viarolardos olhos dePalomaferiam-lheaalma,
naqualdescobriaestranhasensibilidade, aaflo-
rar, submetendo-lheaforçaaparenteeamásca-
radomacho.
- Nãosouoquevocêpensademim! - co-
meçouaseexpressarPaloma, compalavrase
pensamentosintensos, conformeasemoçõesque
emergiamdesuaalma. - Soumaisforte doque
vocêimagina, maismachodoquetodosaqui! -
encarouHugo, virando-seemseguidaparaRo-
nie, comoaendereçar-lheoconteúdodesuas

palavras.

Hugo, ele próprio, parecia retrucar mentalmente as vibrações e palavras de Paloma, que lhe fixava o olhar de tal modo que não podia escapar.

Tampouco Ronie podia, que mais até então se dirigira a ela de maneira desrespeitosa e agressiva.

O diálogo prosseguiu, enquanto os personagens se moviam num estado mental diferente dos demais. Era a dimensão mental, alcançada naquele momento devido à força das emoções, que, antes contidas, explodiam como foguetes, elevando a frequência do pensamento daquelas almas.

- Sou uma alma feminina sim, sou e sempre fui o retrato da saudade. Saudade, sonho, fantasia, sensibilidade, emoção, gente. Sempre fui *gay*. Mas ser *gay* não é o que vocês, machões, pensam. Não! Vocês não sabem o que é ter uma

alma cor-de-rosa. Imaginam que ser *gay* é fazer sexo com alguém parecido com você, do mesmo sexo. Sabe porque pensam assim? É que vocês

genitalizamasrelações, erotizamoamoreain-
daassegura mque o *gay* não pode ser feliz... Ser
macho? Até animal é macho. Eu sou *gay* e sou
homem. Muitomaishomemdoquevocês. Sou
umhomemfeminino, sensível. Isso despertaem
vocêsopreconceitocontraaquiloque é diferen-
te. Vocês não suportamo diferente. Mas o mun-
do é feito de diferenças. A humanidade é plural.
Sou *gay*, sim, e sou feliz. Ser *gay* está na alma
das pessoas e não na genitália. Sinto-me feliz
porqueaprendiaamar.
Depois de respirar fundo e notando que os
interlocutores estavam dominados por suas pa-
lavras, pela força de seu magnetismo, além das
verdades que pronunciava, Paloma avançou ain-
da mais:
- Muitos genitalizam a ideia de ser *gay*.
Pensam que a homoafetividade está necessaria-
mente ligada à genitália, ao ato sexual puro e
simples. Podemos ser homoafetivos, homosse-
xuais, homoeróticos ou homoespirituais... Será

q u e v o c ê s q u e p e r s e g u e m , c a l u n i a m e r e j e i t a m os *gays* já p e n s a r a m nisso? Q u e o u n i v e r s o h u - m a n o é p l u r a l ?

E s e m d a r t e m p o p a r a respostas, p r o s s e g u i u ,

emocionada:

- Vocês não sabem - Paloma mirava ora um, ora outro -, você talvez nem suspeite a força que é necessária para alguém sobreviver, na vida que eu levei, sem se prostituir intimamente.

- Tudo na vida tem seu preço - ousou Hugo, interferindo na fala de Paloma e demonstrando grande insegurança na própria inflexão verbal, além de um incômodo profundo, que diluía sua alma.

Mais calma agora, observando o dilema na alma do outro, Paloma retrucou:

- É verdade! Tudo tem seu preço, ou melhor, todos têm seu valor e seus valores. Muitos se vendem como produto de um mercado humano ou subumano. Mas eu não me vendo, pois aprendi, por meio do sofrimento, que meu valor é muito maior do que o preço de mercado. Talvez - falou quase serena, voltando-se para Ronie

- , v o c ê t e n h a c o n f u n d i d o , e m s u a c a m i n h a d a , o q u e é p r e ç o e o q u e é valor.

E , s e n d o m a i s s u a v e n a f o r m a d e falar, q u a - se d e l i c a d a d e m a i s , sutil, c o n c l u i u o p e n s a m e n t o o l h a n d o n a d i r e ç ã o d e R o n i e :

- É p r e c i s o um p o u c o de d e l i c a d e z a e sentidos a g u ç a d o s e m a i s sensíveis p a r a n ã o se p e r d e r entre u m a e o u t r a coisa.

201

A conversa tocara intimamente Ronie, que se acuara em algum lugar, envergonhado. Baixando a cabeça, Paloma tirava o resto da maquiagem com as próprias lágrimas, esfregando o que restara, removendo os excessos. Passava as mãos sobre o rosto, deixando transparecer as feições masculinas, que, aos poucos, se revelavam, mostrando os traços que a maquiagem encobrira. Era um homem bonito. Rasgou o vestido como qual se cobria, mostrando-se por inteiro para Hugo.

- Veja, sou como você. Posso, se quiser, ter uma vida sexual como a sua. Tenho toda a virilidade de um homem. Mas não quero ser como você. Aliás, não sou como muitos por aí. Muitos homens que se comportam como machões estranham as mulheres e seus objetos sexuais. Transam com uma, outra e mais outra, e depois se reúnem para contar vantagens e disputar con-

quistas, desrespeitando aquelas que lhes abriram as almas, menosprezando as emoções, os sentimentos e as dores das mulheres com as quais estiveram ou queusaram.

"Eu aprendia amar. Sou homem e, sinceramente, não me esforço nem um pouco para ser macho, pelo menos não na concepção popular. Sou *gay* sim, e me orgulho de ser. Não me prostituo. Não vendo meu corpo nem minha alma a ninguém. Trabalho honestamente e, da arte, ga-

n h o m i n h a v i d a , c o n s t r u o a m i n h a d i g n i d a d e a c a d a d i a , a c a d a l á g r i m a , e m c a d a c o r a ç ã o q u e a u x i l i o o u e m c a d a m e n i n a q u e e u c o n s i g o a r r a n c a r d a p r o s t i t u i ç ã o e m o s t r a r u m c a m i n h o m e l h o r e m a i s d i g n o de viver.

" M u i t a s v e z e s , q u a n d o p a s s o e m d e t e r m i n a d o lugar, a l g u n s m a c h õ e s f a l a m entre si: ' L á v a i a b i c h i n h a , o b o i o l a ' . E l o g o p e n s a m , s e m ter c o r a g e m de falar: ' U a u ! C o m o é b o n i t o o d a n a d o ! Se eu p u d e s s e . . . ' E a s s i m c o m a m a i o r i a dos m a c h õ e s . G o s t a m de e s c o n d e r a s e n s i b i l i d a d e p o r detrás d a m á s c a r a d o m a c h o . T ê m m e d o d e e x p r e s s a r s e u l a d o f e m i n i n o , o u , q u e m s a b e , o s d e s e j o s m a i s secretos, os instintos m a i s d u r a m e n t e r e p r i m i d o s . P r e f e r e m s u s t e n t a r u m a f e i ç ã o d e m a c h o , m a n t e n d o u m t e a t r o p e r a n t e o s c o l e g a s , e c h a m a r a a t e n ç ã o p a r a a l g o q u e , n a i n t i m i d a d e, n ã o são. P e l o m e n o s , e u creio, n ã o são a s s i m t ã o f a n á t i c o s q u a n t o d i v u l g a m .

" S e r *gay* é a l g o q u e está na a l m a . E n ã o me
v e n h a c o m essa de q u e é u m a o p ç ã o s e x u a l ! -
e x c l a m o u m e i o a l t e r a d o , p o r é m s e m p e r d e r a
e l e g â n c i a . - E u n ã o optei e m m o m e n t o a l g u m .
E u s i m p l e s m e n t e sou o q u e sou. A m o , a s s i m c o -
m o t o d o s . D e u s m e fez a s s i m . "
O l h a n d o c a d a u m d i r e t a m e n t e n o s o l h o s ,
d a n d o u m a p a u s a p a r a p e n s a r e m , p r o s s e g u i u

l o g o d e p o i s :
- M u i t o s q u e se c o m p o r t a m c o m o m a c h õ e s
n ã o s u p o r t a m o diferente, a q u i l o q u e desafia seu
estilo d e v i d a . U s a m m á s c a r a s , m a s , e m a l g u m
m o m e n t o , a m á s c a r a c a i . N ó s t a m b é m u s a m o s
m á s c a r a s . . . S i m , u s a m o s m e s m o . M a s n o s s a s
m á s c a r a s são a a l e g r i a , as cores, a f a n t a s i a , a e s -
p o n t a n e i d a d e e t u d o a q u i l o q u e i n c o m o d a q u e m
está t r a n c a f i a d o e m u m c a s u l o d e i d e i a s .
M o d i f i c a n d o a e n t o n a ç ã o da v o z , a f o r m a de
expressar, P a l o m a c o n t i n u o u , f a l a n d o q u a s e d e -
v a g a r d e m a i s :

- E s t a m o s c o n q u i s t a n d o u m l u g a r n o m u n -
d o . É o p r o g r e s s o , e isso v o c ê s n ã o p o d e m deter.
V o c ê s n ã o p o d e m nos i m p e d i r d e a m a r , d e ser-
m o s o q u e s o m o s . N ã o , m e s m o !
O l h a n d o p a r a Adir, o pastor e v a n g é l i c o orto-
d o x o , a c e n t u o u s u a opinião sobre o f u n d a m e n t a -
lismo religioso:
- A religião, n ã o p o d e n d o c o n t e r nossas e m o -
ções e sentimentos, de u m a m a n e i r a i r r a c i o n a l ta-
c h o u - n o s d e p e c a d o r e s , d e s e q u i l i b r a d o s , o b s i d i a -
dos. E f a z isso i n d i s t i n t a m e n t e , n ã o interessando
o q u e c a d a um de nós é ou f a z . F o m o s r e d u z i -
dos à p r á t i c a s e x u a l : o sexo d a q u e l e c o m q u e m
se deita define o destino espiritual. M e u D e u s ,
q u a n t o contrassenso! C o m o se bastasse ser hete-
r o s s e x u a l p a r a ser feliz e a b e n ç o a d o . S o n h o c o m
o dia em q u e p o d e r e i entrar no t e m p l o e a d o r a r a

D e u s p u b l i c a m e n t e , d a m a n e i r a c o m o sou.
N o v a m e n t e e n c a r a n d o H u g o , q u e , a o l o n g o
d a v i d a a d o t a r a u m c o m p o r t a m e n t o m a c h i s t a e

cheiodepreconceitos,emborafossemmáscaras
paraencobrirsuarealidadeemocional,prosse-
guiumaisumpouco:
- Veja, Hugo, que sou homem. Você se esfor-
ça para ser ou parecer um macho aos olhos da
própria família, dos amigos e das mulheres...
Palomaagoraparecianão sentir mais for-
ças para continuar, ou não achava que Hugo e
os demais merecessem o esforço que fazia. De
qualquerforma, desabouemlágrimas, profun-
das, sentidas, como se expurgasse da alma algu-
manódoaoculta, queseliquefaziaempranto.
As lágrimas comoveram profundamente Hu-
go, que também se abria lentamente para encarar
a própria realidade. César tomou a atitude inespe-
rada de amparar Hugo, colocando o braço direito
em seus ombros, sustentando-o diante da fragi-
lidade emocional, que agora se revelava patente.
Adir, aindaenvoltonoorgulho, naprepo-
tência e na arrogância que demonstrara desde
o início, parecia não se comover com os dramas

alheios. Observava os companheiros com nítido olhar de desdém e superioridade, com a intenção de eliminá-los de sua realidade mental.

- Eu tenho certeza de que nós não morre-

mos; pelo menos eu não. Isso é muito claro para mim... - suas palavras pareciam desconexas, fora de contexto.

Estava com a ideia fixa, em circuito fechado de pensamentos. Talvez devido à culpa, reprimida e de modo algum admitida. A interrupção que causara, a intromissão no assunto abordado por Paloma parece ter exposto perante os colegas o grau de desequilíbrio dos pensamentos dele.

- Isso é impossível! - falava sem nexo, desconsiderando o tema da conversa ou do pronunciamento de Paloma, envolvendo-se ao máximo com suas crenças pessoais, seu fanatismo e extremismo religioso. — A Bíblia diz que os mortos não sabem coisa alguma. E os salvos estão dormindo no paraíso. Como eu fui salvo por Jesus e,

assimmesmo, estouaquicomvocês?...

Antesquepudesseconcluirseudiscurso, foi interrompidoemsuaspretensõesteológicas. Vindonãosesabedeonde, parecendomaterializar-se em meio às angústias expressas e emoções conflitantes, ele veio. Comosecaminhasse entre vapores, nuvensoutempestadesde sentimentos, ele apareceudemaneirasimples, mas de modo a impressionar:

- Isso quer dizer que todos estão fora da salvação, menosvocê, Adir, éclaro. Enãopodem ter morrido, de acordocomoseuraciocínio...

Avozressooufirmenaintimidadedecada um. **0** novopersonagemapareceraandando devagar, vindodealgumlugarqueninguémali poderia explicar, nemsequeradivinhar, paraespantodetodos.

- Quemévocê? Deondevem? — gritaram todosaomesmotempo. Queriamrespostas, eo estranhoparecia interferir exatamentenomo-

m e n t o do á p i c e do d e s c o n f o r t o e da s e n s i b i l i d a d e d a s a l m a s a p r i s i o n a d a s entre si.

- Isso m e s m o ! F a l a , c a r a ! - H u g o a v a n ç o u e m d i r e ç ã o a o d e s c o n h e c i d o , e m g r a n d e d e s e s p e r o. - D i g a c o m o e de o n d e v o c ê v e i o .

H u g o foi b a r r a d o , m i s t e r i o s a m e n t e , p o r u m c a m p o i n v i s í v e l p a r a t o d o s , u m a b a r r e i r a q u e n ã o s a b e r i a explicar. C a i u a o c h ã o , c o m o s e u m a força s o b r e - h u m a n a o h o u v e s s e b l o q u e a d o .

P a l o m a a d i a n t o u - s e ; v i n h a d o l o c a l o n d e P a t r í c i a p e r m a n e c i a , d e s a c o r d a d a . E l e g a n t e m e n t e se d i r i g i u ao e s t r a n h o :

- A c h o q u e v o c ê t r a z a l g u m a e x p l i c a ç ã o p a r a o q u e está o c o r r e n d o . O u m e l h o r , d a f o r m a c o m o a p a r e c e u , v o c ê d e v e ter u m a e x p l i c a ç ã o . . .

O estranho suspirou, f a z e n d o c o m q u e todos r e l e m b r a s s e m o s o m q u e o u v i r a m anteriormente.

- E n t ã o , e r a v o c ê ! - e x c l a m o u R o n i e . - E s s e suspiro q u e o u v i m o s v á r i a s v e z e s e n o s a p a v o r a -

v a e r a v o c ê ! E s t a v a a í n o s e s p i o n a n d o o t e m p o

inteiro...

-Nãoespionando,masparticipando,ob-servando,ouvindo-falouoestranho,deixandotranspareceremsuavozcertaironiarefinada.

-Meunomeé Samuel;podemmechamaras-sim.Estouaqui,comotodosvocês,embuscadeconhecer,desaber.Procurorespostas,também.

-Vocênãochegouagora?Estavaaíotempotodo,escondido?Onde?-indagouPaloma.

-Nomomentoemquevocêschegaram,jámeencontravaaqui.

-Comonãoovimosantes?

-Verounãoveréumaquestãodeatenção,deinteresse.Cadaumpercebeapenasaquiloso-bre oquedepositaatenção.Vocêsestavamtão assustadosepreocupadosconsigomesmosque nãoperceberamoquehaviaouháàsuavolta.

-Masnãovimosvocê!-falouAdir,nervoso.

-Estamosaquieu,Hugo,atal daPaloma,Césare...-balbuciou-Ronie,ecomcertezanenhumde nós ovimosantes.

- V e j a m c o m o n ã o r e g i s t r a m t u d o a o redor.

V o c ê , A d i r , n ã o c i t o u P a t r í c i a , q u e está d o r m i n -

do ali - o b s e r v o u S a m u e l , a p o n t a n d o p a r a o l a -

d o . - E n x e r g a r a m - s e e p e r c e b e r a m - s e de a c o r d o

c o m o s m e d o s d e c a d a u m ; até a g o r a , n ã o n o t a -

r a m q u e existe m a i s u m m e m b r o n o g r u p o e q u e

t a l v e z esteja e m s i t u a ç ã o s e m e l h a n t e . C o m e x c e -

ç ã o d e P a l o m a , n e n h u m d e v o c ê s está interessa-

d o e m v e r n a d a a l é m d a p o s s í v e l f u g a dessa r e a -

l i d a d e o u d a sua r e a l i d a d e .

- A c h o q u e e s t a m o s m o r t o s - t o r n o u a falar

P a l o m a . - E u m e l e m b r o de a l g u m a c o i s a q u e

m e a c o n t e c e u . . .

- V o c ê está ficando l o u c a c o m t u d o i s s o . . . -

f a l o u R o n i e , a l t e r a n d o o r u m o da c o n v e r s a . - Is-

so t u d o está d e i x a n d o a g e n t e de s e q u i l i b r a d o .

S a m u e l a p r e s e n t a v a - s e c o m u m a a p a r ê n c i a

c l a r a m e n t e distinta d a dos d e m a i s . A l t o , c l a r o ,

olhos v i b r a n t e s d e v i d a , t r a n s m i t i a c e r t a s e g u -

r a n ç a e s u g e r i a s a b e r b e m m a i s d o q u e de m o n s -

t r a v a . S u a s p a l a v r a s e r a m e n i g m á t i c a s , e a p r e -
s e n ç a i r r a d i a v a u m a e s p é c i e d e m a g n e t i s m o , q u e
c a d a q u a l i n t e r p r e t a v a d e m a n e i r a p e c u l i a r .
O b s e r v a n d o o jeito diferente e e n i g m á t i c o na
p o s t u r a d e S a m u e l , R o n i e p r o c u r o u u s a r seu p o -
der sedutor, t e n t a n d o , a o m e s m o t e m p o , a g i r c o m
discrição, p a r a q u e o s outros n ã o p e r c e b e s s e m .
- V o c ê d e v e s a b e r m u i t o m a i s do q u e f a l a
— disse R o n i e , e s b o ç a n d o um sorriso e s t u d a d o ,
q u e m a i s p a r e c i a u m a c a r e t a . R o n i e e s q u e c e u ,
p o r u m instante, q u e s u a a p a r ê n c i a , sua fisio-
n o m i a p a s s a v a p o r u m a sensível t r a n s f o r m a ç ã o .
- Q u e m s a b e p o d e m o s c o n v e r s a r à p a r t e e nos
e n t e n d e r m o s melhor. S e v o c ê s e a b r i r c o m i g o ,
t a l v e z p o s s a ser r e c o m p e n s a d o . . .

209

Novamente Samuel deu um longo suspiro.

Desta vez apenas Ronie o percebeu arrepiando-se e enchendo-se pavor de si mesmo, enquanto reconhecia que já não detinha o magnetismo de antes e que sua aparência repugnava até a si próprio. Estava esquálido, esquelético.

- Repare bem, rapaz - falou Samuel, de tal forma que somente Ronie o ouvisse. - Cada um de nós sabe muito mais do que dá a entender. As respostas para o que você procura estão dentro de você mesmo, assim como as respostas para minhas indagações estão dentro de mim.

Samuel deixou claro para Ronie que sua tentativa de seduzi-lo era ineficaz.

Dirigiu-se a Patrícia, que estava inquieta, apesar das tentativas de Paloma de acalmá-la. Tocou-lhe os cabelos e, aos poucos, seu sono agitado se tranquilizou.

Observadora, Paloma aproximou-se, deixan-

do os outros p e r d i d o s em i n d a g a ç õ e s e suposições.

- P a r e c e q u e v o c ê c o n s e g u i u , finalmente,

a c a l m á - l a . . .

C é s a r a p r o x i m o u - s e t a m b é m , m a s , p o r a l g u m

m o t i v o q u e n ã o saberia explicar, n ã o r e c o n h e c e u

a a m i g a . P e l o m e n o s n ã o n a a p a r ê n c i a , e m b o r a

seus sentimentos dissessem ser ela, de fato.

- E l a p r e c i s a d e m u i t o c a r i n h o . T e m n e c e s -

s i d a d e de se sentir a m a d a - r e s p o n d e u S a m u e l .

210

- A c r e d i t o q u e ela está m o r t a t a m b é m , c o m o todos n ó s . . .

- M o r t a ? - p e r g u n t o u S a m u e l , f a l a n d o um p o u c o m a i s alto, p a r a q u e os d e m a i s o o u v i s s e m . . .

- É isso m e s m o ! E s t o u c o n v e n c i d o de q u e m o r r e m o s t o d o s . O u p e l o s m e n o s e u m o r r i !

- M a s , se v o c ê m o r r e u , e os outros? Q u e m s o m o s n ó s e o q u e ocorre c o m c a d a u m ?

O l h a n d o p a r a o s outros m e m b r o s d o g r u p o , q u e o u v i a m a c o n v e r s a s e m interferir, P a l o m a c o n t i n u o u :

- V e j a , eu me l e m b r o de a l g u m a s s i t u a ç õ e s , a p e n a s . M a s são i m a g e n s b e m n í t i d a s . E u saía do t r a b a l h o e me dirigia a d e t e r m i n a d o lugar, q u e n ã o está b e m definido e m m i n h a m e n t e . O u - v i tiros e , n a t e n t a t i v a de f u g a , d e r e p e n t e m e v i n o m e i o de p o l i c i a i s . S e n t i p e r f e i t a m e n t e q u a n d o fui a t i n g i d a p o r u m a b a l a d i s p a r a d a n ã o s e sa- b e de o n d e . S ó isso; n o e n t a n t o a s i m a g e n s são

m u i t o fortes. D e p o i s d e t u d o isso, e s t o u a q u i ,
n u m l u g a r q u e f i c a e m l u g a r a l g u m , c o m p e s s o a s
c h e i a s d e m á g o a e d ú v i d a . E l a s t a m b é m n ã o sa-
b e m d e o n d e v i e r a m e x a t a m e n t e o u c o m o v i e -
r a m p a r a r a q u i e a g o r a . Aí , v o c ê p a r e c e q u e s e
m a t e r i a l i z a , ou m e l h o r , surge em m e i o a isso t u -
d o . C o m c e r t e z a m o r r e m o s t o d o s . C o m c e r t e z a !
- Se e s t a m o s m o r t o s , c o m o p o d e m o s estar

conversando, nos entendendo? Já pensou nisso?

- Ah! Mas o que morreu foi somente o corpo... - Paloma falou, olhando para César, que devia entender mais dessas coisas do que ela. - Já procurei em mim as marcas do projétil que me acertou e não encontrei. Estou me sentindo mais leve, apesar de não ter respostas para algumas coisas.

- Quem sabe - prosseguiu Samuel - você, eu e os demais não estamos aqui para resolver essas questões aparentemente sem resposta? Pode ser que todos estejam vivenciando uma oportunidade de solucionar questões pendentes de seu passado.

Você mesma já disse isso em outras palavras...

- Não entendi - respondeu Paloma.

- Veja bem! Você disse que tem certeza de que morreu; parece estar conformada com a condição da morte. Mas alguma coisa a incomoda. Você deixa transparecer em suas palavras

q u e existe a l g o e m seu p a s s a d o q u e p r o c u r a e s -
conder. U m a a p a r e n t e i n s a t i s f a ç ã o . . .
P a l o m a l e v a n t o u - s e d a p o s i ç ã o e m q u e s e
e n c o n t r a v a , a o l a d o d e P a t r í c i a , p e n s a n d o m u i -
t o n a s p a l a v r a s d o e s t r a n h o . T o d o s , a i n d a e m
silêncio, p a r e c i a m interessados n o q u e o u v i a m ,
m a g n e t i z a d o s , p o r a s s i m dizer, p e l a s p a l a v r a s d e
S a m u e l . D e p o i s d e m u i t o pensar, P a l o m a f a l o u
c o m c e r t a p a u s a n a v o z , a g o r a n u m t o m m a i s
m a s c u l i n o :
2 1 2
- A c h o q u e é isso m e s m o ! E s t a n d o m o r t a ,
p e n s e i q u e certas questões v i v i d a s p o r m i m t a m -
b é m e s t i v e s s e m . E n g a n e i - m e . T r a g o m a i s v í v i -
d a s a i n d a tais l e m b r a n ç a s o u i m p r e s s õ e s . Q u e m
s a b e e u e s t e j a . . .
- E s c o n d e n d o - s e atrás da p o s s i b i l i d a d e de
estar m o r t a p a r a o c u l t a r o u m a s c a r a r a l g o m a i s
p r o f u n d o do q u e a m o r t e - c o m p l e t o u S a m u e l .
- S e r á ? P e l o jeito v o c ê e n t e n d e b a s t a n t e de
p s i c o l o g i a . . .

- N ã o é essa a q u e s t ã o , P a l o m a . Em g e r a l ,
t o d a s a s p e s s o a s t r a z e m p r o b l e m a s n ã o r e s o l v i -
dos dentro de si. I n d e p e n d e n t e m e n t e de estar-
m o s m o r t o s , d e s e n c a r n a d o s o u v i v o s n o c o r p o
físico, é c o m u m q u e t e n h a m o s nossos m e d o s e
c u l p a s e p r o c u r e m o s nos e s c o n d e r a t r á s de m á s -
c a r a s c r i a d a s a o l o n g o d o t e m p o .
- A c h o q u e o p r ó p r i o fato de eu ser t r a n s -
formista, v i v e r a t r á s d e m á s c a r a s , m a q u i a g e n s ,
p l u m a s e l u z e s do p a l c o . . .
- V o c ê é u m a artista, u m a a l m a sensível. S o -
m e n t e isso!
- E u sei, e u sei, S a m u e l ! M a s n ã o p o s s o n e -
g a r q u e t a m b é m u s o m i n h a arte p a r a d i s f a r ç a r
d e t e r m i n a d a s coisas q u e a i n d a m e i n c o m o d a m
p r o f u n d a m e n t e .
- T a l v e z eu p o s s a ajudá-la, de a l g u m a forma.
- E aí, c a r a ? . . . - H u g o interferiu b r u s c a e

desrespeitosamente.-Agoravaidarumadepsi-
cólogo?Entraemnossasvidasevaisemetendo
assim,semmaisnemmenos?
-Cale-se!-Samuelfaloucomtalveemência
queHugoestremeceueseculocounumaposição
maisafastada.Pareciaqueirradiavadeamuel
umaforçatãomarcante,queninguémtevecora-
gemdeinterrompê-lonovamente.
Samueldirigiu-seaumlocalonde,mais
umavez,ninguémpoderiavê-lo.Observava.
Plantaraasementenocoraçãodepaloma.Esta,
porsuavez,percebendoqueosétimointegrante
haviadesaparecidotãosubitamentequantovie-
ra,aproximou-sedePatrícia,queagoraparecia
dormirmaistranquila.
QuandoPalomalevantouosolhos,percebeu
umaporta.Sim,umaporta,queparecia ter si-
dodesenhadaemcadadetalhe.Levantou-sein-
trigada,aproximando-sedolocalondeestavaa

abertura, daqualpareciairradiarumaluzsutil.
Masnãopodiadeixar Patríciaparatrás.
Voltou-senovamente, devagar, porémfirme,
etomou Patríciaosbraços. Deinício, Césarde-
monstrou ligeiro interesse, masemseguida sen-
tiu-se intimidado, aover Palomatãodecidida,
levando-anosbraços. Palomademonstrou força
eagilidadequeosdemaisnemsuspeitavam. De
todomodo, ficaramintrigadoscomsuaatitude,

pois não viam a abertura, a porta que Paloma enxergava. Também não souberam interpretar, explicar como ela sumira de um momento para o outro. Para eles, Paloma, carregando Patrícia nos braços, apenas sumira, desvanecera-se em meio a algum fenômeno inexplicável; somente isso. Entretanto, seu desaparecimento deixara, em cada um, um dilema ainda maior, um medo que se agigantava. Agora, sozinhos diante daquele novo fato, teriam de lidar com os próprios receios e frustrações. Querendo admitir ou não, tinham de concordar que, entre todos eles, Paloma fora a mais corajosa. E apenas a ela, ao que tudo indicava, a tal aparição chamada Samuel se dirigira de maneira mais pronunciada. Enfim, tudo estava ainda mais intrigante, complexo, difícil de explicar. Sem que o soubessem, Paloma permanecia no mesmo ambiente, porém isolada vibratoriamente, pois Samuel

precisavaauxiliá-ladomodomaisdireto. Elaes-
tavapreparadaparaasreflexões.
VendoSamuel,percebendo-lheapresença
alémdaabertura,que,talvez,fosseapenasuma
aberturamental,consciencial,Palomadepositou
ocorpodePatríciaumlocalquelhepareceia
confortável;aseguir,levantou-se,encarandoSa-
muelcomdesejosincerodeentenderasituação.
Emocionadaaoextremo,Palomainiciouum

relato, sentindo-se à vontade na presença daquele que, agora, já considerava mais próximo, quase um amigo. Encorajada, quem sabe, pelo olhar de Samuel, algumas lágrimas esboçando verter dos olhos, ela começou:

- Desde cedo me senti diferente. Sabia que algo dentro de mim pulsava com intensa sensibilidade, o que me fazia sentir e saber ser diferente dos outros meninos. Mas não fazia ideia de como exprimir minhas impressões. Talvez fosse algo intuitivo.

Palomapara para respirar mais intensamente, pois as lembranças pareciam sufocá-la.

- Fui crescendo, e meu corpo parecia refletir a minha alma. E não fiz uma opção para ser o que sou. Nasci com a alma mais sensível, tão somente, como é até hoje.

Inspirando o ar mais profundamente, ela reuniu forças e prosseguiu:

- A o s 13 a n o s de i d a d e , m e u c o r p o e r a a l g o g r a c i o s o . N e m t o t a l m e n t e m a s c u l i n o , n e m f e m i - n i n o . C r e i o q u e e r a u m a m i s t u r a e q u i l i b r a d a dos dois. E u m e d e l i c i a v a a o o l h a r n o e s p e l h o . T a n t o a s m e n i n a s c o m o o s m e n i n o s t i n h a m u m o l h a r diferente e e s p e c i a l em r e l a ç ã o a m i m . M a s eu n ã o e n t e n d i a direito o q u e o c o r r i a ; a p e n a s c u r t i a a q u i l o t u d o c o m o a l g o i n u s i t a d o . S ó isso!

" M e u p a i h a v i a a b a n d o n a d o m i n h a m ã e a s -

s i m q u e n a s c i ; m a i s t a r d e , m a m ã e s e u n i u a o u -
tro h o m e m , q u e a a m p a r a v a e m o c i o n a l m e n t e .
M a s ela n ã o s a b i a dos o l h a r e s indiscretos q u e ele
m e l a n ç a v a . N a q u e l a é p o c a , e u m e sentia e n v e r -
g o n h a d o , m a s a i n d a n ã o h a v i a d e s p e r t a d o p l e -
n a m e n t e p a r a as questões l i g a d a s à s e x u a l i d a d e .
O s e x o só foi f a z e r sentido p a r a m i m m u i t o m a i s
t a r d e . M e e n v e r g o n h a v a p o r q u e m e u p a d r a s -
t o m e t o c a v a d e f o r m a diferente. T e n t e i v á r i a s
v e z e s fugir; e v i t a v a , i n s t i n t i v a m e n t e , ficar a sós
c o m ele. P o r essa é p o c a , m u d o u - s e p a r a a v i z i -
n h a n ç a u m a f a m í l i a . H a v i a u m g a r o t o u n s dois
a n o s m a i s v e l h o d o q u e eu. T r o c á v a m o s o l h a r e s ,
à s v e z e s c o n v e r s á v a m o s .
" D e s p e r t a v a m i n h a s e n s i b i l i d a d e f e m i n i n a
e , hoje e u sei, m i n h a a f e t i v i d a d e . U m t o q u e , u m
beijo na face f o r a m o suficiente p a r a a f o g u e a r
m i n h a a l m a , e foi e n t ã o q u e m e v i a p a i x o n a d o
p e l a p r i m e i r a v e z .

"Mas meu padrasto, já desconfiado, certo dia pediu minha mãe para fazer algo no centro da cidade. Não houve como escapar da investidade le."

As lágrimas rolavam mais intensamente, e a história de Paloma acabou por comover Samuel.

- Fui violentado em minha própria casa e obrigado a sufocar minha revolta, tendo em vis-

ta as ameaças que meu padrasto me fez. Ele me dominou pelo medo. Fez de tudo para que me calasse; passei a evitar minha mãe por puro medo do que poderia ocorrer comigo ou com ela, devido às ameaças do meu padrasto.

"Durante dois anos fui obrigado a me submeter a seus caprichos.

"Nesse tempo, brotava em mim certa repulsa pelo meu corpo. Queria me esconder, a todo custo; fazer qualquer coisa para disfarçar a vergonha e o asco que meu padrasto produziu em mim.

"Quando completei 16 anos, experimentei a

m a c o n h a p e l a p r i m e i r a v e z . E l a m e serviu c o m o f u g a d a s i t u a ç ã o i n s u p o r t á v e l q u e e u m e v i o b r i g a d o a viver. M e u c o r p o , j á m a i s f o r m a d o , c a u s a v a i n v e j a e m certos r a p a z e s , t a n t o q u a n t o desejo. M a s n i n g u é m s a b i a d o t o r m e n t o e m q u e e u v i v i a . N ã o p o d i a c o n t a r n a d a à m i n h a m ã e , p o i s ela e s t a v a l o u c a m e n t e a p a i x o n a d a p o r m e u p a d r a s t o . N ã o sei c o m o ela r e c e b e r i a a v e r d a d e d u r a .

" S a í de c a s a . R e s o l v i c o l o c a r fim à s i t u a ç ã o . N ã o v i o u t r a m a n e i r a .

" F u i a b r i g a d o p o r a l g u é m q u e c o n h e c e r a n o c o l é g i o . E r a u m a d a s p e s s o a s q u e t r a f i c a v a a m a c o n h a , m a s foi a o p o r t u n i d a d e q u e e n c o n t r e i . L o g o m u d e i d e c i d a d e . N ã o foi fácil. H o j e m e p e r g u n t o : c a s o m e u p a d r a s t o n ã o tivesse feito o q u e f e z , e u seria c o m o sou? T e r i a e x p e r i m e n t a d o o s e x o c o m o u t r o h o m e m ? ' 1

218

- Reflita b e m , P a l o m a - i n t e r r o m p e u S a -
m u e l . - **0** q u e a a t o r m e n t a é o fato de ter feito
s e x o c o m h o m e n s ou a f o r m a c o m o c o n h e c e u a
e x p e r i ê n c i a s e x u a l ?
P e n s a n d o m a i s d e t i d a m e n t e , P a l o m a res-
p o n d e u , m e i o v a g a r o s a :
- S e m s o m b r a d e d ú v i d a , m i n h a m a i o r tor-
m e n t a foi a v i o l ê n c i a c o m a q u a l fui t r a t a d a p e l o
m e u p a d r a s t o .
- Pois é, m i n h a q u e r i d a . V o c ê m e s m a me dis-
se, em seu relato, q u e aos 13 a n o s já e m e r g i a do
seu interior t o d a a sensibilidade de u m a a l m a
feminina. A p a i x o n o u - s e p o r outro g a r o t o antes
m e s m o d e q u a l q u e r a c o n t e c i m e n t o t r a u m á t i c o .
C o n t u d o , p a r e c e - m e q u e n a d a h o u v e entre v o c ê s .
- N ã o ! F o i s o m e n t e u m beijo n a f a c e , a l g u n s
o l h a r e s , sorrisos. G u a r d o essa l e m b r a n ç a c a r i -
n h o s a , t e r n a , dentro d e m i m .
- E q u a n t o a seu p a d r a s t o ? Já lhe o c o r r e u

p e r d o á - l o ? P a r e c e - m e q u e a i n d a a g o r a v o c ê c a r -
r e g a u m a m á g o a p r o f u n d a dentro d e s i . . .
- C o m o p o s s o p e r d o a r ? A dor, q u e p e r s i s -
te dentro de m i m até hoje, n ã o d i m i n u i u . A i n -
v e s t i d a dele sobre m i m , o a b u s o s e x u a l p o r dois
a n o s s e g u i d o s , t u d o isso r e p e r c u t e a i n d a hoje e m
m i n h a v i d a . N ã o c o n s i g o m e r e l a c i o n a r m a i s i n -
t e n s a m e n t e c o m n i n g u é m , m e s m o q u e , p a r a o s

o u t r o s , e u p a r e ç a b e m r e s o l v i d a . T e n h o m e d o d e
m e entregar, m u i t o m e d o ; v e r d a d e i r o p a v o r . . .
- E p o r isso se vê a t o r m e n t a d a d e s s a f o r m a .
- A c h o q u e a e x p e r i ê n c i a c o m m e u p a d r a s -
t o m e a f e t o u p r o f u n d a m e n t e a v i d a . A n t e s d e
m o r r e r . . .
- A n t e s de m o r r e r ?
- B e m , v o u r e f o r m u l a r m i n h a fala. A n t e s d e
v i r p a r a r a q u i , e u t i n h a u m p a r c e i r o , u m n a m o -
r a d o . A l g u é m q u e e u a m o m u i t o e , t e n h o certe-
z a , sente o m e s m o p o r m i m , t a m b é m . M a s f i c o
i m a g i n a n d o q u a n t o ele sofre c o m i g o .

- N ã o e n t e n d i ! Se v o c ê s se a m a m , c o m o ele p o d e sofrer c o m v o c ê ?

- N a m o r a m o s j á h á a l g u n s a n o s . P o r é m , d e - pois d a e x p e r i ê n c i a c o m m e u p a d r a s t o , n u n c a c o n s e g u i m e entregar p l e n a m e n t e a n i n g u é m . V i - v e m o s um a m o r q u a s e p l a t ô n i c o . M e u m e n i n o - é c o m o n o s c h a m a m o s - m e a c e i t o u a s s i m m e s m o , q u a s e s e m c o n t a t o s e x u a l , í n t i m o . E m silêncio, ele sabe c o m p r e e n d e r . No e n t a n t o , sei q u e n ã o d e v e ser fácil p a r a ele.

- M a s t a m b é m n ã o d e v e ser fácil p a r a v o c ê .

- E n ã o é m e s m o ! Q u a n d o n o s a b r a ç a m o s , nos b e i j a m o s , v ê m à m e n t e as i m a g e n s do t r a u - m a q u e v i v i . Isso m e i n i b e e m e t r a z i m e n s o so- frimento. E , a s s i m , p e r c e b o q u e transfiro p a r a t o d a e q u a l q u e r figura m a s c u l i n a o t r a u m a v i v i - d o c o m m e u p a d r a s t o . E , p a r a as m u l h e r e s , ofe-

r e ç o o silêncio n e g l i g e n t e de m i n h a m ã e .

- Q u e tal v o c ê c o n t a r isso a seu n a m o r a d o ? J á p e n s o u na p o s s i b i l i d a d e ? T a l v e z ele p u d e s s e

a u x i l i á - l a . . .

- M a s n ã o c o m p r e e n d e q u e n ã o t e m m a i s jeito? E u m o r r i c o m a q u e l a b a l a p e r d i d a . . .

- M o r r e u ? . . . Interessante! - r e s p o n d e u S a - m u e l . - P a r a q u e m m o r r e u , até q u e s u a m e m ó r i a e s u a s e m o ç õ e s estão f u n c i o n a n d o d i r e i t i n h o . . .

- E s t á b e m ! - falou P a l o m a . - Seja lá o que for que nos a c o n t e c e u , a c h o i m p r o v á v e l e m u i t o difícil que eu t e n h a oportunidade de falar c o m ele.

- E se, até q u e o c o r r a essa o p o r t u n i d a d e , v o - cê a p r e n d e r a t r a b a l h a r essas e m o ç õ e s ?

- A g o r a s o u eu q u e n ã o e n t e n d o .

- V o c ê confiou em m i m se a b r i n d o , c o l o c a n - do a d e s c o b e r t o s u a v i d a í n t i m a , as dores e os t r a u m a s q u e e x p e r i m e n t o u . E se t e n t á s s e m o s a l - g o q u e f i z e s s e v o c ê s e l i b e r a r dessas e m o ç õ e s ?

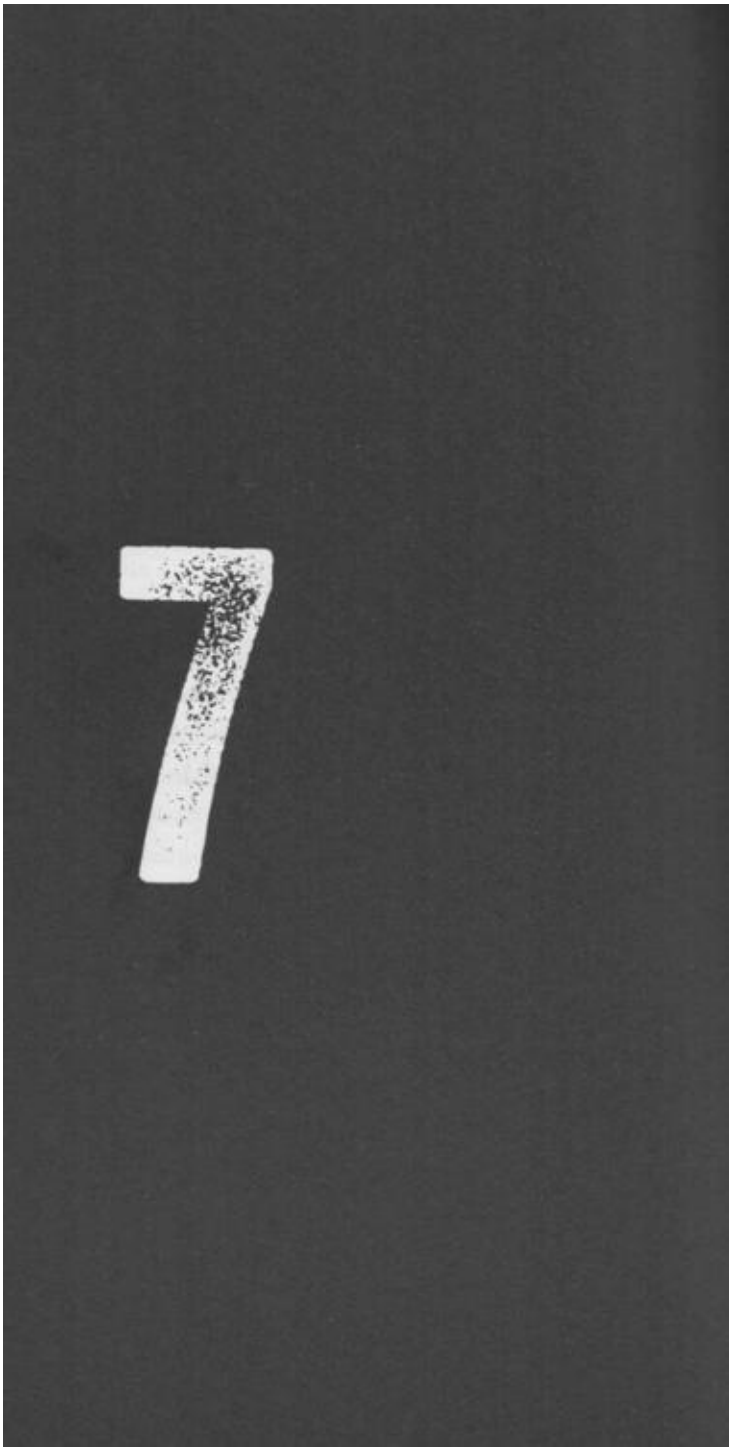
- V o c ê me a j u d a r i a ?

- P o d e m o s t e n t a r j u n t o s ! - sorriu S a m u e l , e n c o r a j a n d o - a a i n d a m a i s a confiar nele.

D e p o i s de a l g u m t e m p o em silêncio, P a l o m a r e s o l v e u a c e i t a r a a j u d a de S a m u e l .

Enquanto isso, Patrícia parecia menos agi-
tada; entregara-se a um sono suave. Samuela
afagava enquanto conversava com Paloma. Pa-

recia q u e sua interlocutora e s t a v a p r e p a r a d a p a r a u m m e r g u l h o n o p a s s a d o e e r a c a p a z d e enfrentar os traumas mais profundos e significativos de sua alma.


7

ENFRENTANDO OS TRAUMAS



ECHE os **OLHOS**, m e r g u l h e d e n -

tro de si m e s m a . . . - f a l a v a S a -

m u e l , d e f o r m a q u e s o m e n t e

P a l o m a o escutasse. E s t a v a m re-

c u a d o s , d e i x a n d o q u e o s d e m a i s

se p u s e s s e m a i m a g i n a r o q u e se

p a s s a v a . - S i n t a as e m o ç õ e s , d e i x e - a s e m e r g i r de

seu espírito. P e r m i t a - s e sentir as dores m o r a i s .

N ã o fuja das p r ó p r i a s dores. E n f r e n t e - a s . "

A l g o o c o r r i a n o interior d e P a l o m a . P a r e c i a

q u e u m a t e m p e s t a d e e m o c i o n a l se e s b o ç a v a em

seu â m a g o . A l g u m a s l e m b r a n ç a s , *f l a s h e s* d e m e -

m ó r i a , sons, a r o m a s ; a l g o i n c o m u m p a r a el a, até

a q u e l e m o m e n t o .

- Tente agora identificar a emoção mais forte, que a incomoda mais profundamente.

Uma lágrima desceu à face de Paloma.

- Vamos, Paloma! Não recue. Não se fixe nas imagens. Quero que perceba as emoções. O que a incomoda mais intensamente? Que tipo de emoção vêm à tona neste instante?

- Revolta! - chorava baixinho. - Revolta e rejeição... - respondeu Paloma, com voz quase inaudível.

- Hummm... Revolta e rejeição - repetia Samuel, tranquilo, interessado em auxiliar.

- Tente identificar essas emoções e perceber a ocasião em que elas se manifestam mais nitidamente... Procure notar em que momento de sua vida elas apareceram de forma mais marcante do que nunca.

Paloma respirou mais devagar, tentando mergulhar na memória das emoções, deixando as imagens mentais de lado e procurando cada gota de emoção que emergia:

- Quando eu morri - respondeu Paloma.

- Quando você morreu... - repetiu Samuel.

- Não, não! Quando o policial me pegou; e

logo depois, quando senti a bala...

- Detenha-se aí, neste ponto. A rejeição, quan-

do o policial a maltratou. A bala que abriu seu pei-

to e a revolta.

Samuel deixou Paloma refletir, fixar sua aten-

ção nas emoções, explorar cada sensação e senti-

mento advindos daquela experiência.

- Por que a revolta? Por que a rejeição?

Consegue responder essas perguntas?

- Revolta porque fui tratada como o ou mani-

mal. Me confundiram com alguém que estava ali

para se prostituir.

- E?

- E me senti rejeitada pela sociedade, pelo

mundo, pela vida.

Silêncio da parte de Samuel. Ele procurava

dar um tempo a Paloma, a fim de que ela mes-

m a refletisse a c e r c a d o q u e f a l a v a , d a s e m o ç õ e s fortes q u e v i n h a m à m e m ó r i a e do significado d e c a d a u m a . S ó depois d e a l g u m t e m p o é q u e p r o s s e g u i u :

- P e n s e b e m , P a l o m a . A p r o f u n d e - s e nessas e m o ç õ e s , b u s q u e - a s dentro d e v o c ê . . .

As lágrimas c o m e ç a r a m a descer mais intensas.

- E m q u e o u t r o m o m e n t o v o c ê identifica e s - sas e m o ç õ e s e m s u a v i d a ? T e n t e r e v e r o p a s s a d o ; veja e sinta q u a n d o essas e m o ç õ e s se m a n i f e s t a - r a m , e m o u t r a s o c a s i õ e s .

M a i s u m a v e z ela s e v i a r e g r e s s a n d o a o p a s - s a d o . A m e m ó r i a p a s s e a v a p o r e v e n t o s , t r a u m a s , a l e g r i a s e dores. A l g u n s instantes d e p o i s , P a l o 1

ma foi capaz de identificar, sob influência e amparo de Samuel, o momento exato que ela precisava ressignificar; o acontecimento primordial, que desencadeava as sensações que passaram a acompanhá-la nas horas graves da vida.

- Quando fugi de casa!...

Nova pausa, nova oportunidade de reviver a emoção e o abandono, de revisitar a experiência.

- **0** que você sentiu?

- Não me vejo fugindo. Vejo-me sendo abortada emocionalmente: sinto-me expatriada, expelida em direção ao mundo. É como se fosse expulsa do ventre de minha própria mãe. Guardo profunda revolta em relação a quem me o correu; principalmente, devido à forma como o o correu. Sinto como se eu fosse uma infecção na família, um câncer que se extirpasse: alguém que, sem saber porque, não foi compreendido...

- Mas você se aceitava? Você se compreen-

dia, afinal? P e n s e u m p o u c o sobre isso.

P a l o m a n e m p r e c i s o u p e n s a r m u i t o . A res-

p o s t a e s t a v a n a p o n t a d a l í n g u a :

- N ã o ! N a v e r d a d e , n ã o sinto q u e e u m e

aceitasse. E u v i v i a u m a i l u s ã o , e u t e n t a v a viver,

i d e a l i z a n d o u m futuro feliz, m a s n ã o m e p e r m i t i

v i v e r a m i n h a r e a l i d a d e n a q u e l e m o m e n t o . T i v e

e n o r m e dificuldade c o m i g o m e s m o .

- V o l t e m a i s a i n d a , P a l o m a . U m p o u c o m a i s .

T e n t e identificar, antes desse m o m e n t o , a s e m o -

ções q u e a i n c o m o d a m . . .

- N ã o p o s s o ! É d e m a i s p a r a m i m .

- T e n t e ! N ã o desista! V o c ê c h e g o u até a q u i ,

e p a r a isso foi n e c e s s á r i o c o r a g e m . V o c ê é c a p a z

d e prosseguir, sim. D e i x e a s e m o ç õ e s b r o t a r s e m

m á s c a r a s .

Mediante o incentivo de S a m u e l , ela foi avante:

- Vejo A n d r é .

- Q u e m é A n d r é ?

- 0 g a r o t o p o r q u e m me a p a i x o n e i . . .

- E as e m o ç õ e s ? Q u e r o s a b e r de suas e m o -

ç õ e s . **0** q u e A n d r é lhe i n s p i r a ?

- N ã o tive c o r a g e m de me a v e n t u r a r , de a s -

sumir. S e n t i m e d o de ser rejeitada.

- Q u e m p o r v e n t u r a a rejeitaria? S a b e i d e n -

tificar d e q u e m v o c ê t e m i a r e c e b e r rejeição?

- D e l e . . . A n d r é .

- E l e ? S e r i a ele m e s m o ?

- N ã o , n ã o sei e x a t a m e n t e . N ã o t e n h o certe-

z a . E u a c h o . . .

- V o c ê a c h a ? - S a m u e l n ã o d e u t e m p o p a -

ra a d ú v i d a se aprofundar. A t r a v é s de p e r g u n t a s

diretas, i n d u z i a P a l o m a a se p r o n u n c i a r , a e x -

p l o r a r a i n d a m a i s suas e m o ç õ e s , a enfrentar-se.

- N ã o ! T e n h o c e r t e z a , a g o r a , d e q u e e r a eu

m e s m a q u e e s t a v a m e rejeitando. R e j e i t a n d o . a

s i t u a ç ã o q u e e u n ã o c o m p r e e n d i a . R e v o l t e i - m e

p o r n ã o ter c o m q u e m c o m p a r t i l h a r a q u e l a a n -

g ú s t i a ; r e v o l t e i - m e p o r n ã o e n c o n t r a r a l g u é m

q u e me a u x i l i a s s e a c o m p r e e n d e r o q u e o c o r r i a

c o m i g o . E u e s t a v a só, e m o c i o n a l m e n t e . . .

P a l o m a c h o r a v a a n t e a c o n s t a t a ç ã o d a v e r -

d a d e í n t i m a .

- E n t ã o era v o c ê , P a l o m a . . .

- S i m , eu fiquei a m a r g a . Transferi p a r a o

o u t r o m i n h a r e v o l t a .

- R e t o r n e a i n d a m a i s . . . A p r o f u n d e - s e u m

p o u c o m a i s n a s e m o ç õ e s . . .

- Vejo m e u p a i . M e u p a i v e r d a d e i r o . . .

- 0 q u e v o c ê sente?

- E l e m e a b a n d o n o u . N ã o p e n s o u e m m a -

m ã e n e m e m m i m . N o s rejeitou, assassinou nosso

amor, nossas e m o ç õ e s . R e p u d i o u - n o s a b e r t a m e n -

te. Senti q u e era p o r m i n h a c a u s a . A c h e i q u e se

e n v e r g o n h a v a d e m i m .

0 p r a n t o se t o r n a v a c o n v u l s i v o . P a l o m a dei-

x a v a e m e r g i r t o d a a dor e a e m o ç ã o c o n t i d a p o r

a n o s e a n o s a fio...

- V á a i n d a m a i s l o n g e n o p a s s a d o . . . A p r o -

funde suas o b s e r v a ç õ e s . S i n t a - s e c o m a i n d a

m a i o r i n t e n s i d a d e . Q u e p e r c e b e ?

- S i n t o a s e m o ç õ e s d e m e u s p a i s . . . E u n a s -
cia. E r a u m a c r i a n ç a l i n d a , sorridente. M a s p a -
rece q u e m e u p a i q u e r i a u m a m e n i n a . S i m , u m a
m e n i n a era t u d o o q u e ele q u e r i a . P e r c e b o m i -
n h a e x p e c t a t i v a d e ser a f a g a d o , p e g a d o n o c o l o

e, de outro lado, a decepção de meu pai. Eu implorava para ser tocado, acariciado; minha única linguagem era o sorriso e o choro. Eu era um bebê. - Paloma chorava muito. - Meu pai se recusou a tocar em mim. Minha mãe se revoltou contra meu pai e demorou a me amamentar. Ela me culpava. Não a ouço falar nada... só percebo. Percebo a amargura e a frustração de minha mãe e a rejeição de meu pai. Eu queria colo, carinho e afago.

- Pare aí, Paloma. Interrompa a lembrança dessas emoções. Cerre as lágrimas. É preciso "congelar" a revolta e a rejeição.

Paloma fez o exercício mental e emocional sugerido por Samuel. Deixava-se conduzir plenamente pelo novo amigo.

- Vamos agora progredir no tempo.

- Estou exausta...

0 amigo de Paloma amparou-a com um abra-

ç o . D e i x o u c l a r o o a p o i o irrestrito n a q u e l e m o -
m e n t o e s p e c i a l p a r a s u a a l m a s e n s í v e l .
- Respire f u n d o ! R e s p i r e m a i s a i n d a e sinta -
-se a m p a r a d a . E s t o u a q u i , a seu l a d o .
À m e d i d a q u e P a l o m a se t r a n q u i l i z a v a , o c o r -
ria u m f e n ô m e n o interessante c o m seu c o r p o e s -
p i r i t u a l . M o d i f i c a v a m - s e g r a d a t i v a m e n t e a s fei-
ções f e m i n i n a s , q u e c e d i a m lugar, s e g u n d o a p ó s

s e g u n d o , à a p a r ê n c i a m a s c u l i n a , e m b o r a os tra-
ços fisionômicos p e r m a n e c e s s e m finos e e l e g a n -
tes, s e m o peso d e u m a f o r m a m a s c u l i n a m a i s
r u d e . E l a d e s c a n s a v a c o m o s olhos f e c h a d o s ; a o
a b r i - l o s l e n t a m e n t e , a fisionomia m u d a r a q u a s e
p o r c o m p l e t o . A s r o u p a s d e a g o r a n ã o e r a m m a i s
o v e s t i d o u s a d o p a r a as a p r e s e n t a ç õ e s artísticas;
n ã o era m a i s o v e s t i d o q u e r a s g a r a p a r a m o s -
trar-se a H u g o , a n t e r i o r m e n t e . N e s t e m o m e n t o ,
s u r g i a a p e r s o n a l i d a d e d e u m r a p a z e l e g a n t e , d e
c e r t a m a n e i r a forte, c o r p o definido, m a s s e m e x -
cesso d e m ú s c u l o s . O l h o s c l a r o s , q u a s e a z u i s . O s

cabeloscaíam-lhesobreatestasuavesemacios,
enquantoatrás,nanuca,eramrebatidos,mais
curtos.Palomaassumiraafeiçãomasculina,a
dequandonãoestavainterpretando,nopalco.
Eraohomemquerespondia,nocotidiano,pelo
nomedeHector.
Respeitandoomomentode Palomaou,en-
tão,Hector,Samuelconcedeuumtempopara
queserefizesse,reassumisseaposturaíntima
eidentificassepossíveismedos,afimdearregi-
mentarforçasinternasparacontinuar,dealgu-
mamaneira.
Anteadificuldadede Hector-Palomaem pros-
seguir,Samuellançoumãodeumrecursoum
tantoinusitado.
-Sevocêdesejar,Hector,tenhoumamigoque
possochamarparanosauxiliar.Trata-sedeuma

ajudasimples;porém,quemsabe,poderáimpul-
sionarvocê,livrando-odeumpoucodaangústia,
enquantoabsorvedelealgunselementosmaissu-

tis, que o farão sentir-se melhor para as reflexões futuras. Veja bem, não desejo induzi-lo, mas colocará disposição certos recursos interessantes e bastante eficazes. Quando julgar oportuno, pode contar comigo.

- E que recursos serão estes? - perguntou Hector ou Paloma com visível interesse, mas prestes a desfalecer, quase sem forças para dar continuidade ao processo de revisão e reorganização emocional e mental.

- Meu amigo é um médium. Por certo, a esta hora, está dormindo, mas isso não impede que auxilie você ou outros que desejem socorro. Podemos procurá-lo e isso não demora muito. Eu tentaria um método que consiste em acoplar você ao organismo mediúnico, de modo que fosse submetido àquilo que chamamos de choque anímico. Isto é, tão logo estivesse acoplado ao espírito do médium - falo assim para resumir o fenômeno -, receberia os fluidos benéficos que ele detém. Ao mesmo tempo, as angústias e dificul-

dadesmaisprofundaspassariamatravés dele e seriamdescarregadasnanatureza. Vocêcerta-mente se sentiria bastantealiviadoeprossegui-

ria suacaminhadabemmaisfortalecido.

Hector-Palomapensouporalgumtempo, que Samuel lhe concedeu, seminterrompersuas reflexões. Aocabodealgunsminutos, resolveu aceitarorecurso oferecido.

SamuelinspirouHectoralevantar-se. Posi-cionando-se ao lado dele, o instrutor pôs a mão direita sobre a fronte do transformista enquanto a esquerda amparava-onaalturadanuca. Sa-muelconcentrou-se poralguns instantes, tendo opensamento fixo noamigoencarnado, que, co-mo previsto, dormia, masestavadesdobrado, fo-radocorpo físico.

Imediatamente, oambiente à volta dos dois pareceu ter-se modificado. Emmeio a fluidos va-porosos, viram-se ambos ao lado da cama dora-paz, que estava deitado com a barriga voltada

p a r a c i m a . **0** c o r p o j a z i a sobre o leito, m a s seu espírito p e r m a n e c i a desperto, l o g o ali a o l a d o , c o - mo se a g u a r d a s s e a c h e g a d a de a l g u m dos m e n - sageiros c o m o s quais h a b i t u a l m e n t e t r a b a l h a v a .

- V o c ê , S a m u e l ? - f a l o u o m é d i u m d e s d o - b r a d o , surpreso. - N ã o e s p e r a v a q u e fosse v o c ê a m e p r o c u r a r p a r a o t r a b a l h o desta noite. E m q u e p o s s o ser útil, m e u a m i g o ? - f a l o u o m é d i u m fora d o c o r p o , j á o l h a n d o p a r a Hector, q u e a p r e - s e n t a v a sinais visíveis d e c a n s a ç o , d e s v i t a l i z a d o d e v i d o ao esforço de r e m e m o r a r o p a s s a d o e l i - d a r c o m a s e m o ç õ e s r e p r i m i d a s .

- Q u e b o m q u e está d e p r o n t i d ã o , m e u c a r o ! - r e s p o n d e u S a m u e l , d e i x a n d o c l a r o , a t r a v é s do p e n s a m e n t o , o q u e p r e t e n d i a , a fim de c o n c e d e r assistência i m e d i a t a ao n o v o p u p i l o . - P r e c i s o p r o m o v e r u m c h o q u e a n í m i c o . M e u a m i g o a q u i , q u e está q u a s e i n c o n s c i e n t e n o m o m e n t o , e m e s - t a d o a l t e r a d o d e c o n s c i ê n c i a , p r e c i s a d e e l e m e n - tos sutis, de fluidos n e r v o s o s p a r a r e c o m p o r - s e e

continuar sua vida, suas reflexões.

- Puxa, amigo, mas ele ainda está encarna...

Samuel fez um gesto rápido, interrompendo o médium, deixando claro com isso que não queria dar informações que pudessem dificultar o processo de revisão dos valores, de reavaliação emocional ao qual Hector se submetia. E antes que o médium pudesse externar qualquer comentário a respeito, Samuel perguntou, convidando-o ao trabalho:

- Topa participar, doando fluidos para que ele se refaça?

- E lá sou homem de perder a oportunidade de ser útil? Claro, amigo! Conte comigo.

0 que se passou foi algo impressionante, sob o aspecto fenoménico. O médium desdobrado concentrou-se profundamente; fazendo uma prece rápida, tomou seu lugar ao lado de Hector, que, de pé, parecia meio perdido, aéreo. Além do mais, não tinha conhecimento e muito menos os ses-

tavahabituadoaosfenômenosmediúnicos. Com
oauxílio de Samuel, o médium ministrava, no
amigo necessitado, algo que se assemelhava a
passes longitudinais. O novo ajudante pareceu
logo entrar em transe, enquanto sua aura irra-
diava energias benéficas, que eram canalizadas
por Samuel em favor de Hector, à medida que se
liberavam. Neste momento, o rapaz necessitado
foi levantando-se no ar, suspenso pelo magnetis-
mo de Samuel para, em seguida, ser conduzido
ao corpo do médium, que repousava sobre o lei-
to. **0** espírito de Hector-Paloma acoplou-se célu-
la por célula no corpo do médium, que antes se
aproximara muito dele.

Assim que Hector se conectou ao corpo do
médium, recebeu uma espécie de descarga mag-
nética de tamanha intensidade que se sacudiu
todo. Um vapor exalou de cada célula do corpo
deitado sobre o leito. Era o ectoplasma ou flui-

dovital,que,aocomandodamentedoauxiliar desdobrado,envolviaHectorelheconcediauma vitalidadeextra,energizandoseucorpoespiritual.Aseguir,omédium,aoladodoseucorpo, sentiu-seumpoucoangustiado.Eleabsorvera, porvontadeprópria,osfluidosadensadospelas emoçõesconturbadasdeHector.Eraumatroca magnética,energética:ambospermutavamjatos deenergias.Masasensaçãopercebidapelomé-

d i u m d u r o u p o u c o s m i n u t o s .

E n q u a n t o Hector, depois d e sentir u m f o r m i -
g a m e n t o a percorrer-lhe o c o r p o espiritual, arre-
g a l o u os olhos e p e r c e b e u - s e n u m c o r p o estranho,
deu-se ali m e s m o forte e s t r e m e c i m e n t o . I m e d i a -
t a m e n t e , v i u - s e l a n ç a d o p a r a fora d o c o r p o h o s -
p e d e i r o , a o t e m p o e m q u e o m é d i u m r e t o r n a v a
a o p r ó p r i o c o r p o , a s s u m i n d o a q u i l o q u e lhe per-
tencia d e fato. S a m u e l a m p a r o u H e c t o r q u a n d o
este s e c o l o c o u a c i m a d o c o r p o d o m é d i u m , a u -
x i l i a n d o - o a l e v a n t a r - s e , v i s i v e l m e n t e m e l h o r a d o .
Ao r e t o m a r o c o r p o físico, o m é d i u m a b r i u
os olhos, p e r c e b e n d o a p r e s e n ç a espiritual de S a -
m u e l e seu p u p i l o . L e v a n t o u - s e c o m forte n á u -
sea, p o i s p r o c e s s a v a os fluidos d e n s o s , a c a r g a
t ó x i c a a c u m u l a d a p e l a s e m o ç õ e s m a i s m a t e r i a l i -
z a d a s o u c r i s t a l i z a d a s , a b s o r v i d a s d e Hector. S a -
b i a m u i t o b e m o q u e s i g n i f i c a v a a q u e l e t i p o d e
a ç ã o . N u m g e s t o b r e v e , a g r a d e c e u a S a m u e l a

oportunidade de ser útil e sem demora se dirigiu ao lavabo, onde descarregou os fluidos densos através da urina. Logo depois sorriu, satisfeito com o trabalho da madrugada, e voltou a dormir, enquanto participava de outras atividades, em desdobramento.

Por meio de uma concentração breve, Samuel reconduziu Hector ao ambiente onde estavam antes. No plano mental, talvez tudo tenha

s e p a s s a d o e m a p e n a s a l g u n s s e g u n d o s ; d o p o n t o d e v i s t a d e H e c t o r - P a l o m a , e r a c o m o u m l o n g o t e m p o , p r o v a v e l m e n t e h o r a s e h o r a s .

Q u a n d o H e c t o r v o l t o u , r e n o v a d o p e l o s o c o r r o o p o r t u n o , m o s t r o u - s e m u i t o d i s p o s t o . A a n g ú s t i a h a v i a c e d i d o l u g a r a u m e s t a d o d e e s p í r i t o sereno, e m b o r a as reflexões c o n t i n u a s s e m .

A o regressar, n o t o u q u e , d u r a n t e a c o n v e r s a c o m S a m u e l , e s t i v e r a o t e m p o t o d o n o m e s m o a m b i e n t e dos c o m p a n h e i r o s d e j o r n a d a : H u g o , R o n i e , A d i r , P a t r í c i a e César. P o r é m , d e v i d o a a l g u m efeito o u artifício d a m e n t e , c o m p a r t i l h a d o p o r t o d o s , p r e v a l e c e r a a n o ç ã o de q u e e s t i v e r a a u s e n t e . E q u e e s t a v a m se m o v e n d o n u m a d i m e n s ã o p u r a m e n t e m e n t a l , n a q u a l c a d a u m e l a b o r a v a seu p r ó p r i o t e m p o , c r i a v a seu p r ó p r i o m u n d o , a i n d a q u e s e m a n t i v e s s e m l i g a d o s d e v i d o a p r o c e s s o s c o m u n s de c u l p a , m e d o e c a s t i g o , q u e i m p i n g i a m a si m e s m o s .

Na hora em que Hector, e não mais Palo-
ma, praticamente se materializou ante os olhos
assustados de seus companheiros, apresentava
visível transformação, com a aparência bastan-
te mudada. Ereto, elegante, traços finos e sem
a maquiagem, dirigiu-se imediatamente ao lo-
cal onde estava Patrícia, tomando-a nos braços.
Habituara-se a dar apoio a pessoas necessita-
das, como fizera durante longo tempo. As difi-

culdades íntimas? Os problemas? Muito prova-
velmente não estivessem de todo resolvidos, mas
tivera a coragem de enfrentá-los, sem fugir.
Voltando-se para Samuel, Hector comentou:
- Sinto-me refeito, porém ainda há muita
coisa a resolver dentro de mim. Quero agrade-
cer a ajuda inesperada. Acho que a morte é is-
to: a oportunidade de nos encontrarmos com nós
mesmos, nos encararmos, sem máscaras nem
maquiagem.
- Nem sempre é preciso esperar a morte para

esse enfrentamento, meu amigo. Muitas questões de ordem íntima podem ser trabalhadas quando se está de posse do corpo físico. Em diversas ocasiões, algum impacto mais forte faz com que emerjam do psiquismo certos fatos e memórias que ficaram gravados numa dimensão mais profunda, no chamado inconsciente. Nesses momentos, somos levados a rever nossos valores, avaliar nossas emoções e conceitos e, quem sabe, dar novo significado às vivências mais incômodas e até dolorosas, que calaram fundo na alma.

- Após avaliar melhor com mais fôlego minhas questões íntimas, chego à conclusão de que eu queria mesmo era ser feliz, nada mais...

Samuel soube interpretar aquele momento precioso das reflexões e conclusões de Paloma-

agora, Hector-, que disse mais:

- Creio que vivi o tempo todo em confronto comigo mesmo. Portal vez não compreender minha situação íntima, meus conflitos internos

e m a r c a n t e s , n ã o m e p e r d o e i , n ã o p e r d o e i m e u p a i n e m m e u p a d r a s t o . E u q u e r i a ser a c e i t o o u a c e i t a a t o d o c u s t o , m a s será q u e e u m e s m o h a - v i a m e a c e i t a d o ? S e r á q u e s o u b e c o m p r e e n d e r a m i m m e s m o ? **0** a b u s o c o m e t i d o p o r m e u p a - drasto d u r a n t e l o n g o t e m p o p o d e r i a ter e n c o n - t r a d o t e r m o c a s o m e decidisse a falar c o m m i n h a m ã e o u t o m a s s e q u a l q u e r a t i t u d e , o u p e l o m e - nos tentasse. M a s e u m e p e r g u n t a v a : será q u e ela m e o u v i r i a ? S e r á q u e enfrentaria m e u p a d r a s t o e p o r i a f i m a m e u h o r r o r ? P o u c o i m p o r t a . S e j a c o - mo for, a v e r d a d e é q u e me f a l t o u c o r a g e m . S a m u e l o u v i a a t e n t a m e n t e a s c o n c l u s õ e s d e Hector, e n q u a n t o ele a c a r i c i a v a o s c a b e l o s d e P a - trícia, t r a n s m i t i n d o - l h e e n e r g i a s b a l s â m i c a s s e m o saber. S a m u e l o l h a v a o r a p a r a u m , o r a p a r a outro e s o n d a v a a n a t u r e z a de Hector. P e r c e b i a a c a p a c i d a d e de a u x i l i a r e a d i s p o s i ç ã o c l a r a em fazer a l g o d e b o m p o r q u e m q u e r q u e estivesse e m seu c a m i n h o . C o m a q u e l e g e s t o , P a t r í c i a p a - r e c i a m a i s c a l m a e e n s a i a v a a c o r d a r do transe.

- Vejo que você tem alguma habilidade em ajudar os outros, meu amigo - falou Samuel, apontando em direção a Patrícia.

- Pois é - respondeu Hector, ligeiramente

sem graça com a observação do amigo espiritual. - Trabalhei na noite durante muito tempo, conforme já lhe disse. Resolvi fazer isso por dois motivos. Primeiro, era uma forma de me realizar como pessoa, como artista. Adoro a diversão, a noite, a fantasia, as luzes, o palco. Mas também encontrei na minha arte a forma de ganhar um dinheiro a mais. E ganhei muito dinheiro, muito mais do que com minha profissão oficial, de *design* de moda. Com essa renda extra e com o que meu namorado me ofereceu, pois me compreendia o desejo de ajudar, consegui comprar um casarão, que reformei usando a doação de um empresário que procurei e aceitou colaborar. Dei à casa o nome de Palácio de Cristal.

E sorrindo, ou melhor, rindo gostosamente,

satirizou:

- Nada mais bicha do que o nome Palácio de Cristal, né? . . . - as risadas foram gostosas; Hector já era capaz de rir de si mesmo e referir-se a si de maneira descontraída.

Ele prosseguia relatando sua história:

- Então, fiz algo que desejava há muito tempo. Junto com meu namorado, consegui arrebanhar algumas *meninas* - assim eu as chamava; eram travestis e garotas de programa -, que não conseguiam sair das drogas e da vida nas ruas, e

levá-las para o Palácio de Cristal. Ali recebiam um tratamento digno, humano. Eram conduzidas a médicos, psicólogos e outros profissionais. Conseguiu estabelecer uma parceria proveitosa com muitos desses profissionais, que frequentavam a noite, as boates. Conversava francamente com eles sobre meu projeto de vida e muitos se solidarizaram.

Respirando aliviado, Hector lembrava cada

detalhe de seu s o n h o p e s s o a l de a u x i l i a r a q u e l e s q u e n e c e s s i t a v a m .

- O projeto e s t a v a em p l e n o a n d a m e n t o . M a s e u h e s i t a v a em d i v u l g á - l o ; n ã o queria q u e a s p e s - soas e m g e r a l f i c a s s e m s a b e n d o . P e r m a n e c í a m o s no a n o n i m a t o , p o i s , se m u i t o s ficassem s a b e n d o o u p o r v e n t u r a fosse d i v u l g a d o n a m í d i a , p o d e - ria atrair curiosos, políticos q u e q u e r i a m se p r o - m o v e r e outras coisas indesejáveis. F o i q u a n d o a c o n t e c e u o incidente c o m i g o , q u a n d o me vi e n - v o l v i d a n a q u e l a b a t i d a policial. E n f i m . . . - suspi- rou. - A b a l a p e r d i d a me p e g o u de jeito.

D e p o i s d e u m p o u c o d e silêncio, d e s a b a f o u :

- S a b e , S a m u e l , n a v e r d a d e n ã o fui v í t i m a d e b a l a p e r d i d a . E u m e j o g u e i à frente d o p o l i - c i a l , n u m í m p e t o , s e m raciocinar, pois v i o r e v ó l - v e r sendo a p o n t a d o p a r a ele. A c h o q u e foi m a i s instinto do q u e a l t r u í s m o . **0** q u e eu n ã o e s p e r a - v a , d e v e r d a d e , e r a m o s p o n t a p é s , a s agressões d a p o l í c i a . M a s a tal b a l a q u e m e t r o u x e a o e n -

c o n t r o d a m o r t e . . .

- M o r t e ? Q u e m o r t e , H e c t o r ?

- D e s c u l p e , S a m u e l . Se m o r r e r é isso, e n -

t ã o a c h o q u e n u n c a estive t ã o v i v o q u a n d o a n -

tes. P o i s b e m , e u m e j o g u e i e m frente a o p o l i c i a l .

N e m sei ao c e r t o a m o t i v a ç ã o q u e me l e v o u a t o -

m a r essa d e c i s ã o s a b e n d o d o r i s c o , d o p e r i g o q u e

c o r r i a . S ó m e l e m b r o das i m a g e n s , dos sons, e n -

f i m , d a i m a g e m d o m e u m e n i n o , d o a m o r d e m i -

n h a v i d a - H e c t o r e s b o ç o u u m a l á g r i m a , q u e lhe

c a i u d o rosto.

- Se eu tivesse a c h a n c e de retornar, de reen-

c o n t r á - l o , a p ó s a s reflexões q u e f i z a q u i , c o m seu

a u x í l i o , c e r t a m e n t e ele teria u m a s u r p r e s a a g r a -

d á v e l c o m i g o . N o s s a r e l a ç ã o p r o v a v e l m e n t e seria

m u i t o m e l h o r , c o m m a i s q u a l i d a d e . S a b e d e u m a

c o i s a , a m i g o ?

- F a l e , Hector. D e i x e s u a a l m a d e r r a m a r - s e

p o r inteiro.

- E u c o m e ç a r i a t u d o d e f o r m a diferente.

M a s a i n d a t e n h o um desafio, e é p e n a q u e n ã o

p o s s a e n f r e n t á - l o , d e p o i s d o q u e m e o c o r r e u .

- P o s s o s a b e r q u e desafio é t ã o i n s t i g a n t e

p a r a v o c ê neste m o m e n t o ?

- C l a r o , S a m u e l , c l a r o ! Q u e r i a m u i t o r e e n -

c o n t r a r m e u p a d r a s t o . P r o c u r á - l o , e à m i n h a

m ã e , p a r a c o n v e r s a r m o s e , q u e m s a b e , e m v e z

d e p e r d o á - l o , p e d i r seu p e r d ã o . P r e c i s o m e s m o

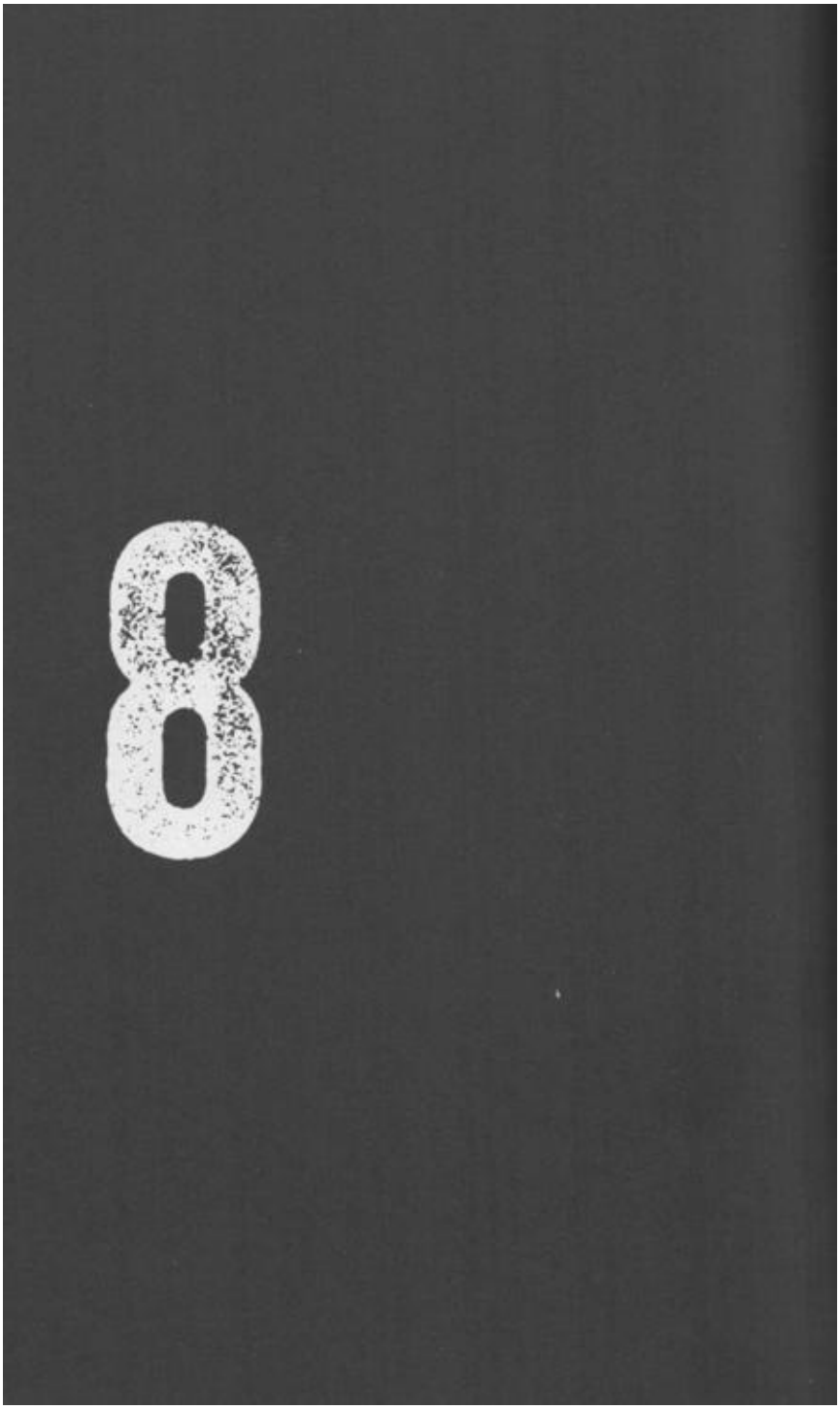
243

disso para poder prosseguir meu caminho e ser mais feliz. Queria lhes apresentar meu namorado e dizer-lhes quanto ele me faz feliz; queria falar das coisas que faço, não com o intuito de ser aplaudido ou reconhecido, mas para compartilhar, apenas isso. Sinto que estou cheio de vida e queria mesmo assumir minha condição, minha vida, meu amor perante meus familiares...

Enquanto acariciava Patrícia, Hector fechou os olhos, visualizando aquela imagem; era quase uma prece, uma rogativa.

Quando os abriu novamente, tomou um choque: estava noutro lugar, com outras pessoas.

Olhou para si e viu ainda os farrapos da roupa que usara na *performance* daquela noite, na boate onde trabalhava. Não sabia o que estava acontecendo. Não via mais Samuel, nem Patrícia, nem os demais.


8

SOMBRAS, PAISAGENS E IMAGENS SOTURNAS



NQUANTO TAIS a c o n t e c i m e n t o s m a r - c a v a m a e x p e r i ê n c i a d e P a l o m a , q u e a p r e n d e r a a s e a c e i t a r m e d i a n t e o e n - f r e n t a m e n t o d a s e m o ç õ e s m a i s c á u s t i - c a s , A r t h u r o b s e r v a v a o s d e m a i s c o m - p o n e n t e s d o g r u p o , q u e s e m a n t i n h a m prisioneiros da c u l p a e d a s q u e s t õ e s n ã o r e s o l v i - d a s . A r t h u r e N e s t o r c o m p o r t a v a m - s e c o m o S a - m u e l a n t e r i o r m e n t e . I n v i s í v e i s , p o r é m atentos, p r e s e n t e s . E foi em d e t e r m i n a d o m o m e n t o de d i s c u s s ã o entre R o n i e , H u g o e A d i r que A r t h u r r e s o l v e u a p a r e c e r , d a r o a r d a g r a ç a , c o m o a l - g u é m diria.

Q u a n d o c o m e n t a v a m o fato d e H e c t o r o u

Palomater sumidodocampodevisão, Arthur aproximou-selentamentedeRonie. Porém, es-tenãopodiavê-lo, ainda. Masnotandoquealgo oualguémestavapróximo, orapazseapavorou. Sentiu-searrepiarpor inteiro. Asensação de Ro-nie foi como se vivesse um pesadelo. Em todos os sentidos. Arthur aplicou-lhe um jato de sopro frio sobre a nuca e, logo depois, sobre o plexo so-lar, visando a acalmar-lhe as emoções. No entanto, a experiência fora percebida por Ronie apenas como um vento, algo que o roçava; um cala-frio. Amedrontado, deu uma volta em torno de si mesmo quase aos gritos, sem poder perceber visualmente a presença de Arthur, que tentava uma aproximação mais ostensiva. Ronie estava mergulhado em vergonha e culpa. Usava a más-cara de sempre, de pessoa resolvida, e a arma da violência verbal, com a qual se defendia atacan-do os outros, embora definitivamente não conse-guisse esconder-se ou enganar mais ninguém.

- Que é isso, Ronie? Está louco? Rodando

feito u m p i ã o , a s s i m . . .

- N ã o vê que t e m a l g u é m mais aqui, entre nós?

- N ã o v e j o n i n g u é m . V o c ê está p a r a n ó i c o !

- E o D i a b o ! A p o s t o q u e é o D a n a d o , q u e e s -

t á r o n d a n d o v o c ê s p r a l e v a r s u a s a l m a s c o m ele

- f a l o u A d i r q u a s e b e r r a n d o , pois p r e s s e n t i a a

p r e s e n ç a d e A r t h u r t a m b é m , e m b o r a n ã o c o n s e -

guisseexplicardeformainteligenteoqueoim-
pressionava.
Arthurmaisumaveztentouestimularo
campodevisãodeRonie,paraquepudessecon-
versardiretamentecomele,porém,destavez,
orapazquaseenlouqueceu.Pôs-seacorrerde
umladopraoutro,numavelocidadealucinante.
Denadaadiantava.Paraqualquerdireçãoque
apontasse,voltavasempreaomesmolugar.
Depoisdealgumtemponessaatitude,já
cansado,Roniecorriamenosvelozmente,até
quedeparoucomumasituaçãoincomum.Via-se
projetadoemdiversoslugares,comosseestivesse
numasalarepletadeespelhos.Paraqualquerla-
doqueolhasse,láestavaaprópriaimagem;não
viamaisoscompanheirosAdir,HugoouCésare
Patrícia,estahámuitotempoforadeseucam-
povisual.OpavordeRonieaumentouconside-
ravelmente.Tentavaapalparasimagenspara

v e r se r e a l m e n t e e r a m reflexos de a l g u m e s p e -
l h o , m a s n a d a . P a r e c i a q u e e s t a v a m t o d a s d e p é ,
m a i s reais d o q u e c o g i t a r i a s u a m e n t e t r e s l o u c a -
da. P a r a p i o r a r a s i t u a ç ã o , em c a d a r é p l i c a de si
m e s m o q u e o b s e r v a v a , h a v i a a l g o l i g e i r a m e n t e
diferente, u m a t r a n s f o r m a ç ã o o u d e f o r m a ç ã o n o
p r ó p r i o c o r p o , cujo reflexo p r o v i n h a n ã o s e s a b i a
d e o n d e n e m d e q u e m a n e i r a . N u m a d a s figuras,
v i a - s e c o m o u m c o r p o m e t a m o r f o s e a d o , d o t a d o

de fartos seios f e m i n i n o s , e o restante do c o r p o
p e r f e i t a m e n t e m a s c u l i n i z a d o , c o m p e l o s , m u i t o s
p e l o s . O u t r a i m a g e m o s t e n t a v a dois ó r g ã o s g e n i -
tais: o m a s c u l i n o , atrofiado, e o f e m i n i n o . R o n i e
g r i t a v a , q u a s e l o u c o . . .
- C o i t a d o do nosso a m i g o - falou A r t h u r p a -
ra seu c o m p a n h e i r o do Invisível, Nestor. - P a r e c e
q u e está sendo i m p e l i d o a e n c a r a r a p r ó p r i a rea-
l i d a d e í n t i m a . A s i m a g e n s são projeções d o seu
c o r p o m e n t a l , q u e j á está m u i t í s s i m o a d o e c i d o ,
d e v i d o ao estilo de v i d a q u e l e v o u na T e r r a e q u e

lhe afetou p r o f u n d a m e n t e a estrutura espiritual.

R o n i e e n s a i a v a correr, m a s as i m a g e n s de si m e s m o p a r e c i a m p e r s e g u i - l o ; v i n h a m - l h e a o e n - c o n t r o n a m e s m a v e l o c i d a d e e m q u e ele s e m o v i - m e n t a v a . E r a r e a l m e n t e u m a c e n a d e p e s a d e l o . A r t h u r a p r o x i m o u - s e n o v a m e n t e , p r o c u r a n - do a c a l m á - l o , a fim de q u e ele o p u d e s s e per- ceber. C o m b a s t a n t e d i f i c u l d a d e , a p l i c o u - l h e u m p a s s e l o n g i t u d i n a l e , l o g o a p ó s , u m sopro q u e n t e sobre a r e g i ã o frontal, entre os o l h o s . R o n i e d e - t e v e o s m o v i m e n t o s n u m í m p e t o , s e m , c o n t u d o , c o n s e g u i r livrar-se das visões d e s i m e s m o . P a - r o u c o m os olhos a r r e g a l a d o s e um grito de e s - p a n t o p a r a l i s a d o n o rosto. F o i e n t ã o q u e A r t h u r t e v e u m a ideia, q u e , t a l v e z , p u d e s s e f a z e r c o m q u e o r a p a z o e n x e r g a s s e . U m a v e z q u e R o n i e e s t a v a t ã o c o n e c t a d o , t ã o i m e r s o e m s u a p r ó p r i a

r e a l i d a d e , e m seu m u n d i n h o í n t i m o , ele n ã o ti- n h a olhos p a r a v e r a l é m . N ã o c o n s e g u i a registrar f o r m a s e seres m a i s sutis. A m e n t e do j o v e m g a -

roto de programa era reflém de um fenômeno co-
nhecido como circuito fechado de pensamentos.
Gravitava em torno da própria realidade, isolan-
do-se mais e mais do mundo objetivo.
Arthur resolveu assumir outra conforma-
ção externa, perispiritual, moldando os fluidos
próprios em redor. Enquanto o cavaleiro ia e
sutilmente a cabeça de Ronie, foi se adensando
pouco a pouco. Novamente o rapaz ficou hor-
rorizado com o que via. A mão de Arthur, ago-
ra numa forma feminina, de uma mulher negra,
foi a primeira a se materializar, segundo a ótica
de Ronie. Não foi a intenção de Arthur, mas foi
como Ronie registrou o fenômeno. Cada um vê
exatamente aquilo a que se capacitou, se assim
se pode dizer; escuta e percebe de conformidade
com determinados fatores, tais como a vida ín-
tima, a cultura e a forma de ver o mundo. Logo
depois da mão, os braços se mostraram, aparen-
temente donada, naquela dimensão inexplicável
para os conhecimentos dos personagens e, prin-

c i p a l m e n t e , d e R o n i e , q u e sentia e m e r g i r d e s u a

a l m a t o d o o m e d o e p a v o r , t o d a a c u l p a e t o d o

o p â n i c o , d e u m a s ó v e z . F i c o u petrificado. N ã o

c o n s e g u i a s e m e x e r , e n q u a n t o u m a n e g r a e l e g a n -

te, vestida em trajes que lembravam roupas africanas estilizadas, erguia-se ao seu lado. Arthur assumira a feição de sua última personalidade, na existência física mais recente.

Balangandãs, colares belíssimos e coloridos caindo-lhe ao peito, além dos cabelos elegantemente enroscados sobre a cabeça, num estilo africano inconfundível. Formas elegantes, embora dotadas de um quê diferente, quase masculino, sem perder, entretanto, a formosura e o jeito faceiro.

Quando a aparição terminou de se formar, Ron ie movimentou levemente a cabeça, engolindo em seco, num estado que psicólogos e psiquiatras da Terra provavelmente classificariam como crise de pânico. Esse era o panorama íntimo do rapaz.

Arthur, agora modificado, transfigurado, mostrava-se como outrora. Uma mulher de traços

firmes, q u e t r a b a l h a r a desde c e d o , desde tenra
i d a d e junto à família de Ronie, e fora deste a pri-
m e i r a b a b á . C r e s c e r a n a família, t o m a n d o c o n t a
tanto de R o n i e q u a n t o de seus i r m ã o s . P o r é m , no
estado em q u e ele se e n c o n t r a v a , n ã o l o g r a v a re-
c o n h e c ê - l a . O estado m e n t a l do r a p a z era o m a i s
desfavorável possível, d e v i d o a intensa c u l p a , ver-
g o n h a de si m e s m o e, s o m a n d o - s e a isso, ao p â n i -
c o , q u e s e instalara e m seu m u n d o íntimo.

254

A o m e s m o t e m p o e m q u e a a p a r i ç ã o falou, R o n i e saía c o r r e n d o , c o m o se lhe fosse p o s s í v e l ir p a r a outro lugar. N a s u a m e n t e infeliz e c u l p a d a , c h e i a d e t r a u m a s e m v i r t u d e d o estilo d e v i d a q u e e l e g e r a p a r a si, a v i s ã o d a n e g r a b a i a n a , e m - b o r a t o d a a e l e g â n c i a q u e d e m o n s t r a v a , se lhe a f i g u r a v a c o m o p r o d u t o d e u m p e s a d e l o , u m f i l - m e d e terror, d e v i d o a o i n u s i t a d o d o f e n ô m e n o , até o m o m e n t o i n e x p l i c á v e l p a r a ele.

- Q u e é isso, m e u rei? V i x e ! N ã o h á p o r q u e s e a p o q u e n t a r , n ã o . V e n h a q u e v o u t e ajudar, m e u anjo. E s t o u a q u i p r a c u i d a r d e v o c ê . . . N ã o m e r e c o n h e c e ?

S a i n d o e m d i s p a r a d a p a r a o u t r o l u g a r e p a - r a l u g a r n e n h u m a o m e s m o t e m p o , o r a p a z re- t o r n a v a s e m p r e à p r e s e n ç a d a m u l h e r v i g o r o s a q u e lhe f a l a v a . A v i s ã o da n e g r a e as i m a g e n s de si m e s m o p a r e c i a m se alternar, s e g u n d o o i n - t e r p r e t a v a , n u m a s u p o s t a p e r s e g u i ç ã o frenética,

como se ambas as aparições fossem estimuladas e produzidas por alguma estranha e invisível luz estroboscópica. Para sua mente, num estado de quase loucura, era como se uma imagem derivasse da outra, e a figura da mulher que tentava auxiliá-lo saísse de dentro das réplicas de si mesmo, que o atormentavam. E rata lo seu ponto de vista acerca do fenômeno. Enfim, era como ele

anteriormente percebia os vultos e as imagens fugidias que o perseguiam durante o transe proporcionado pelas drogas, cujo uso era frequente.

- Se acalme, meu rei! Fique assim, não!...

- falava como um sotaque baiano inconfundível.

Como Ronie não ficava quieto de forma nenhuma, resolveu tomar uma medida mais drástica para fazê-lo sair daquele transe louco, como se produzido por alucinógenos. A fim de fazê-lo parar, teria de provocar algo mais brusca, que lhe provocasse grande impacto, quase em nível físico, caso no corpo físico ele estivesse. Soprou

b e m forte n a r e g i ã o m a i s p r ó x i m a p o s s í v e l d o seu p l e x o solar. R o n i e se d e t e v e i m e d i a t a m e n t e , l e v o u a m ã o à b a r r i g a e v o m i t o u . V o m i t o u farta e i n s t a n t a n e a m e n t e . V o m i t o u a p o n t o de estremecer de fraqueza, logo caindo ao chão, quase desmaiado.

- Afe, bichim! E eu nem imaginava que tinha uma força assim, não!... Mas benfeito, seu menino, você fez por merecer. Imagina correr assim dessa nega, que muito lhe quer bem?

Quase sem fôlego, quase sem forças para se expressar, Ronie voltou-se para a mulher que lhe falava. Balbuciando feito um menino medroso, indagou:

- Quem é você? **0** que faz aqui?

- Ora, esse menino! Será que já se esqueceu de mim, é? Tôa vexada...

256

- E s t o u no inferno e n ã o c o n h e ç o n i n g u é m a c h e g a d o a m i m q u e esteja n a m e s m a s i t u a ç ã o d e s g r a ç a d a .

- M o d e r e s u a b o c a , m u l e q u e ! N e m p e n s e e m f a l a r desse jeito c o m i g o , q u e lhe m o s t r o d o q u e s o u c a p a z .

- E q u e m v o c ê p e n s a q u e é? A m u l h e r do d e m ô n i o ? P o r a c a s o está q u e r e n d o m e enfrentar t a m b é m , feito a q u e l e s m i s e r á v e i s e d e s g r a ç a d o s q u e estão presos a q u i c o m i g o ?

- N u m sei do q u e está f a l a n d o , n ã o ! Juro q u e n ã o sei.

- 0 H u g o , a b o i o l a da P a l o m a e t a m b é m a q u e l e crente d e s g r a ç a d o , q u e n ã o p a r a de m a n - g a r da g e n t e e dizer q u e e s t a m o s p e r d i d o s , no in- ferno. E t e m m a i s g e n t e solta p o r a í . . . t ã o l o u c o s q u a n t o e u e , t a l v e z , c o m o v o c ê t a m b é m .

- Q u e b o m q u e c o m e ç o u a falar! M a s n e m p e n s e e m d i z e r seus p a l a v r õ e s , m e n i n o . N ã o foi

a s s i m q u e e u lhe ensinei.

R i n d o , n u m a r i s a d a m a i s d e l o u c u r a d o q u e de d e b o c h e , o r a p a z f a l o u , ou t e n t o u gritar, n ã o fosse a falta de forças q u e o d o m i n a v a :

- E n s i n a r p a r a m i m ? V o c ê n u n c a m e c o - n h e c e u a n t e s desse i n f e r n o , o u m e l h o r - c o r r i - g i u - s e - , desse l i m b o a q u i . . . E n e m e u a c o n h e - ç o d e l u g a r a l g u m .

257

- A c h o q u e vô ter de falar m a i s sério c o m esse m e n i n o . . . M e u D e u s , m e u s santo, m e u s o r i x á ! . . .

A s s i m q u e p r o n u n c i o u essas p a l a v r a s , R o n i e p a r e c e u r e u n i r forças n ã o s e s a b e d e o n d e . L e - v a n t o u - s e , e m b o r a c o m e v i d e n t e esforço, m a s l e - v a n t o u - s e a s s i m m e s m o , c o l o c a n d o - s e e m frente à c h a m a d a a p a r i ç ã o :

- T ú n i c a ? E v o c ê , T ú n i c a ? N ã o a c r e d i t o q u e seja v o c ê q u e está a q u i nesse i n f e r n o . . . E isso m e s m o , v o c ê v e i o m e tirar d a q u i ! V e i o m e ar- r a n c a r desse lugar, q u e n e m sei o n d e fica. E u e s - t o u m o r t o , T ú n i c a , e s t o u m o r t o . . .

- A f e ! Q u e é i s s o ? ! D e i x o u de ser h o m e m ,
a g o r a ? V e m c o m esse m e d o t o d o , p a r e c e n d o m a -
r i q u i n h a , é ?
- É v o c ê m e s m a , n ã o é? S o m e n t e v o c ê p r a
falar a s s i m , desse jeito. E u m e l e m b r o !
E antes q u e T ú n i c a r e s p o n d e s s e - a l i á s , A r -
t h u r t r a n s f i g u r a d o e m T ú n i c a , a b a b á q u e t o m a -
r a c o n t a de R o n i e q u a n d o a i n d a c r i a n ç a - , ele
m a i s u m a v e z s e a s s u s t o u . A g o r a c o n s i g o m e s m o .
E n q u a n t o n o t a v a q u e o s reflexos d e s i p a r e c i a m
se diluir lenta, v a g a r o s a m e n t e d e m a i s - b a i a n a -
m e n t e , a l g u é m diria, n o r i t m o D o r i v a l C a y m m i
- , o r a p a z p e r c e b e u sérias m u d a n ç a s e m seu cor-
p o . A l i á s , sentiu m u i t o m a i s d o q u e p e r c e b e u .
V o l t a n d o a s costas p a r a T ú n i c a , o l h a n d o de u m
l a d o p a r a o u t r o , enfiou a m ã o dentro das c a l ç a s .
A r r e g a l o u os o l h o s , e um g r i t o lhe s a i u da g a r -

g a n t a , m a i s u m a v e z . . .
- C r u z , m e n i n o ! A g ô , m e u p a i ! P a r e c e q u e
v o c ê só s a b e g r i t a r . . . P a r e c o m isso e vire h o -

m e m de v e z .

O l h a n d o i n t e r e s s a d a p a r a R o n i e , q u e a i n d a

t i n h a a s m ã o s dentro das c a l ç a s , f a l o u :

- Q u e é q u e t e m aí dentro? F a l e c r i a t u r a ! . . . —

c o m p o r t a v a - s e c o m o a m a i s c o m u m das m o r t a i s .

R o n i e c o m e ç o u a chorar, t a l v e z de d e s e s p e r o

e a g o n i a , t a l v e z p o r q u e n ã o c o n s e g u i s s e e x p l i c a r

o f e n ô m e n o q u e o c o r r i a c o m ele e nele.

- E u . . . P a r e c e q u e estou v i r a n d o m u l h e r . . .

T e n h o u m a . . .

- A h ! D e i x e disso, R o n i n h o . . . d e i x e d e m e -

d o . V o c ê a g o r a h á p o u c o n ã o m e disse q u e e s t a v a

m o r t o ? N o inferno? E n t ã o ? S e está n o inferno,

q u e i m p o r t a s e v o c ê c o n t i n u a h o m e m o u m u l h e r ,

n ã o é m e s m o ?

- V o c ê n ã o e n t e n d e . . . eu t e n h o os d o i s !

Modificando o t o m da v o z , m u d a n d o por c o m -

pleto o a m b i e n t e de q u e i x a s , x i n g a m e n t o s e p a -

l a v r õ e s , T ú n i c a falou séria:

- V a m o s d e i x a r essas coisas de l a d o . Me fale,

m e n i n o . F a l e a g o r a o q u e v o c ê a n d o u a p r o n t a n -

d o . P a r e c e q u e está q u a s e l o u c o . M e c o n t a direi-

t i n h o o q u e a c o n t e c e u c o m v o c ê .

S e n t i n d o c e r t o influxo no o l h a r e na v o z de

T ú n i c a , R o n i e q u a s e e s q u e c e u a t r a n s f o r m a ç ã o

lhe que ocorria no corpo espiritual.

- E u não sei do que você está falando, não!

Juro que não sei.

- Deixa de tentar me enganar. Você está tão preocupado com as suas coisas de homem que parece não ter percebido sua aparência exterior. Por acaso já viu o próprio corpo, já?

Então Roni tentou se olhar, se perceber. Passou a mão pelo corpo, apalpando-se lentamente, para mais uma vez ficar sem saber o que lhe sucedia. Que transformações eram aquelas? O que estava acontecendo naquele lugar? Era prisioneiro de uma situação ou de um local a respeito do qual não tinha nenhuma explicação plausível. Agora, aquilo tudo que se passava com ele. Seu corpo se mostrava quase esquelético. Somente naquele instante notara as próprias mãos. Alongadas, ressequidas e, alongando-se mais do que o natural, seus braços. Tocou a

p r ó p r i a face e n ã o se r e c o n h e c e u . . . C o m c e r t e z a

n ã o era ele; n ã o era seu rosto. E seus m ú s c u l o s ?

N ã o era t ã o s a r a d o ? N ã o c a u s a r a t a n t o despeito

e m outros m a c h o s ? N ã o d e s p e r t a r a p a i x õ e s q u a -

s e i n s a c i á v e i s e m o u t r a s p e s s o a s , t a n t o h o m e n s

q u a n t o m u l h e r e s ? E a g o r a ? **0** q u e lhe s u c e d i a ?

S e m c o n c e d e r t e m p o a R o n i e p a r a d e m o n s -

trar u m a v e z m a i s o desequilíbrio interior através

d e m a n i f e s t a ç õ e s e x t r a v a g a n t e s , m a s c o m p r e e n -

d e n d o o m o m e n t o desafiador, de e x t r e m a sensibi-
l i d a d e p a r a s u a a l m a , T ú n i c a o u s o u insistir:
- F a l e , m e n i n o ! F a l e , h o m e m ! **0** q u e v o c ê
a n d o u a p r o n t a n d o p r a estar desse jeito? P a r e c e
u m v a m p i r o . . . A l i á s , a c h o q u e v o c ê s e transfor-
m o u t a n t o q u e n e m v o c ê s e r e c o n h e c e m a i s .
R o n i e d e s a b o u c h o r a n d o . M a s , d e s t a v e z ,
n ã o foi u m c h o r o d e p u r o d e s e s p e r o . A g o r a t o -
m a v a c i ê n c i a d a s u a s i t u a ç ã o , q u e n ã o era l á
g r a n d e s c o i s a s . P o r u n s instantes, c r u z a r a m - l h e
a m e m ó r i a espiritual c e n a s , p e r f u m e s , cores,
i m a g e n s e outros e l e m e n t o s de s u a existência.
Q u e fizera c o n s i g o m e s m o ? S e m e s p e r a r p o r n o -
v a s p e r g u n t a s , pois j á t r a z i a respostas p a r a i n ú -
m e r a s questões a i n d a n ã o f o r m u l a d a s , f a l o u , o u
melhor, d e s a b a f o u :
- E u m o r r i , T ú n i c a . E u m o r r i ! M a s foi t u -
d o c u l p a m i n h a . P l a n e j e i u m g o l p e n u m c l i e n -
t e e ele j á e s t a v a p r e p a r a d o , m e e s p e r a n d o c o m

amigosdele. Namesmahora, derelance, tam-
bémvialguémcontraquemeuhaviaaplicado
omesmogolpe...
Comosenãosoubessedenada, Arthur,
transfiguradonafigurafirme, poderosaeforte
dababádeRonie, questionou, maisumavez:
- Masquetipodecliente, meumeninno? E
quegolpe?

261

E ainda sugerindo, pelas perguntas, que nada sabia da vida do rapaz, prosseguiu:

- Como você sabe que morreu? E não me diga que estava tentando roubar algum cliente seu! Nem acredito, meu menino! - disse ela, afagando a cabeça de Ronie, que por instantes repousou em seus ombros, chorando, ainda. Um choro profundo, sentido. Um pranto de quase arrependimento, de remorso, mesmo.

- Depois que você morreu, eu me transformei, Túnica! Trabalhei muito, fui um executivo de primeira - disfarçou, tentando não se expor mais do que lhe convinha, ocultando a verdadeira feição de suas atividades. - Trabalhei na área de vendas de produtos muito especiais. Tinha clientes ricos, os mais ricos de Salvador e de outras capitais do Nordeste.

Túnica não esperou que as mentiras de Ronie chegasse em algum patamar onde seria im-

possível retornar, numemaranhadodeintrigas,
engodoseoutrassituaçõespiores. Interferiu ra-
dicalmente. Levantou-se, deixandoqueorapaz
continuassesentadonumsoloquaseinvisível,
imperceptível. Então disse, cheia de furor:
- Nãomintapramim, Ronie! Vocêestáten-
tandoseesconderatrásdamentirapraquê?
Não disse que está morto? - falavacomvozpo-
tente, forte, e mirava o rapaz frente a frente. -
Não sabequeeujápartidavidafísicaestou

aquiaoseulado?Porqueamentira?Aquinão adiantacamuflaroqueagentefez.Nãohácomos e esconder.

Aindacomlágrimasnosolhos,eassoandoo nariz,totalmenteabaladocomaaparênciaesquelética e o cheiro que, de um momento para outro, começou a exalar do próprio corpo, falou com voz entrecortada, demonstrando esforço:

- Euvendiameupróprio corpo, Túnica!...

- e o pranto aumentou ainda mais ao confessar seus atos, como se a declaração a Túnica, que lhe devassava a intimidade, subitamente aumentasse a realidade dos fatos. Talvez chorasse inspirado pelo remorso, que tardiamente, segundo acreditava, assumia proporções imensas em sua mente e seu coração. Angustiado, aflito, com mágoas não expressas e pensamentos afogueados de raiva, de um ódio dirigido contra tudo e contra todos, contra Deus e o mundo, menos contra Tú-

n i c a , m a n i f e s t o u - s e , depois d o silêncio d a b a b á ,
q u e lhe r e s p e i t a v a o m o m e n t o de a g o n i a interior:
- V e n d i m e u c o r p o , T ú n i c a ! A p r i n c í p i o ,
c o m a d e s c u l p a de q u e p r e c i s a v a de dinheiro p a -
ra c o m p l e m e n t a r a r e n d a familiar. M a s somente
depois d e m u i t o t e m p o tive d e a d m i t i r p r a m i m
m e s m o q u e e u n ã o p r e c i s a v a disso, desse c o m p l e -
m e n t o q u e s e t r a n s f o r m o u n u m v í c i o m i s e r á v e l .

263

- D o b r e s u a l í n g u a , m o c i n h o ! V o c ê s a b e m u i -
t o b e m d o q u e sou c a p a z d e fazer c o m v o c ê . . .
A g o r a , c o m a n d a n d o a s i t u a ç ã o e d i r i g i n d o
as p e r g u n t a s de m a n e i r a a f a v o r e c e r u m a c a t a r s e
d e R o n i e , i n d a g o u :
- **0** q u e o l e v o u de v e r d a d e a t o m a r esse c a -
m i n h o , R o n i e ? **0** q u e d e u e m s u a c a b e ç a p r a fa-
z e r isso c o n s i g o m e s m o e c o m p e s s o a s q u e n ã o
t i n h a m n a d a a v e r c o m s u a s i t u a ç ã o ?
B a l b u c i a n d o e m m e i o a a l g u m a s l á g r i m a s
q u e a i n d a c a í a m d e s u a face, t e n t o u até mentir,
m a s n ã o c o n s e g u i u , a o o l h a r p a r a o s olhos n e -
gros e cheios de m a g n e t i s m o de T ú n i c a :
- N ã o sei se foi r a i v a ou se foi b u r r i c e m i -
n h a , m e s m o . P r i m e i r o e x p e r i m e n t e i o s e x o l o u -
c a m e n t e , c o m m u i t a s m u l h e r e s , u m a atrás d a
o u t r a , e t a m b é m e m o r g i a s . D e p o i s p e r c e b i q u e
a l g u n s h o m e n s m e o l h a v a m d e m a n e i r a diferen-
te. E a p ó s a l g u m t e m p o resistindo à i d e i a q u e

me perseguia e aplanos mirabolantes de ganhar dinheiro fácil, me vendi pela primeira vez. Foi assim, de um em um, que me viciei.

- Afe, meu rei, nem sei o que dizer. Naque-la época em que eu morava com vocês, nunca notei que você ou seus irmãos precisassem disso para viver. E sua mãe então, a pobrezinha, dei-xou um dinheiro muito grande pra vocês como herança. Não precisava de forma alguma fazer isso. Que coisa...

- Gastamos tudo, Túnica! De minha parte, gastei com mulheres e noitadas. Viajei muito e aprendia ser um caramentiroso, a usar da habi-lidade de mentir para conseguir regalias, mani-pular as pessoas e tirar tudo o que eu queria de-las. Mas não funcionou por muito tempo...

- Não consigo entender, Ronie, com a edu-cação que vocês receberam... Eu mesma acom-panhei de perto cada um de vocês - Túnica fa-lava, embora soubesse de cada detalhe. Queria

e s t i m u l a r o r a p a z a refletir e a d e s a b a f a r .

- E u m e n t i até nisso, T ú n i c a . F i n g i q u e i a à s a u l a s n a f a c u l d a d e . E l a b o r e i u m a história t o d a c o m p l i c a d a p a r a e n r e d a r n o s s a m ã e e m e u p a i , q u e a i n d a hoje p e n s a q u e sou u m e x e c u t i v o .

- O u , q u e m s a b e , ele s a i b a da v e r d a d e e n ã o q u e i r a t o c a r n o a s s u n t o !

- N ã o sei se ele desconfiou de m i m . . . M a s a g o r a n ã o t e m m a i s jeito. P a r e c e q u e o t e m p o a q u i p a r o u , q u e e s t a m o s p a r a l i s a d o s e m a l g u m l i m b o , e a ú n i c a coisa b o a q u e me a c o n t e c e u nesse t e m p o t o d o foi v o c ê a p a r e c e r a q u i .

I n t e r r o m p e n d o u m p o u c o a f a l a , n o v a m e n - te l e v o u a m ã o ao interior da c a l ç a , t o c a n d o - s e , a p a l p a n d o - s e . . . c h o r a n d o n o v a m e n t e . . . e s t a m - p a n d o u m a c a r e t a q u e p o d i a ser i n t e r p r e t a d a c o - m o p a v o r .

265

- V o c ê p l a n t o u s e u futuro, R o n i e . T a l v e z te-
n h a m e n t i d o t a n t o , l e v a d o t a n t a s p e s s o a s n o
e n g o d o , u s a d o seu c o r p o a tal p o n t o c o m o i n s -
t r u m e n t o p a r a c o n s e g u i r o q u e q u e r i a , p a r a e n -
g a n a r e m a n i p u l a r , c o m o v o c ê m e s m o disse, q u e
a g o r a s e u espírito está s e m e t a m o r f o s e a n d o p o r
c o m p l e t o , s e m c e s s a r . . . M u d a n d o d e " c a r a " o
t e m p o t o d o .
- E u fui u m v a m p i r o , T ú n i c a . . . N a v e r d a d e ,
é isso q u e fui, e foi no q u e me e s p e c i a l i z e i . Eu
v a m p i r i z a v a c a d a p e s s o a q u e e n t r a v a e m c o n t a -
to c o m i g o . **0** s e x o e a s e n s u a l i d a d e , m e u c o r p o e
m i n h a m e n t e , p o r inteiro, f o r a m o s i n s t r u m e n t o s
q u e utilizei p a r a e n g a n a r , roubar, t r a p a c e a r . . .
- E a g o r a , c o m o v o c ê acredita q u e está m o r t o ,
sua m e n t e reflete no c o r p o espiritual t u d o a q u i l o
q u e v o c ê fez c o m os outros, ou seja, s u a r e a l i d a d e
í n t i m a . S u a m e n t e está m o l d a n d o seu c o r p o .
- Eu a b u s e i de h o m e n s e m u l h e r e s , e n ã o

somenteabuseicomoinventeidesculpaspara enganarafamília,minhamãeemeusirmãos. Ninguémficousabendodaminhaverdadeira natureza...

-Quemsabeagentepossaajudarvocê,meu menino?

-Ajudar?Comoajudaraalguémqueusou dosexo,damentiraedoprópriocorpopara afundarosoutrosnalama?Emaisainda,Túni-ca:euaprendiausardrogas.Primeirofoiama-

conha, depois veio a cocaína e a heroína. Foi então que descobri que precisava de cada vez mais dinheiro para manter o vício, a academia, que tinha de ser a mais cara, e as roupas de grife, que eu vestia sempre para conseguir o que queria. Tudo, absolutamente tudo eu usava, eu sugava, eu roubava; só não roubei o sangue de minhas vítimas.

Respirando muito fundo, quase sem ter o que dizer, uma vez que Ronie descortinava toda a sua vida privada com ela, Tú nica não fazia outra coisa senão escutá-lo e rezar baixinho. Depois de um prolongado silêncio, tocou o corpo de Ronie e falou, mostrando as transformações que a mente produzia sobre o corpo espiritual:

- Veja, Ronie, como a mente é poderosa. Ela imprime no espírito as marcas do caráter, das aquisições e das ruínas às quais a pessoa se entregou durante a vida. Você agora ostenta este

aspectonãoéporpunição divina, masporquea culpaémuitogrande. Vocêmesmo estásepunindo. Comonestadimensãonãohácomosees-conderdesimesmo, vemàtonaarealidadee, comela, todooconteúdodesuaalma. Evidenciam-seasmáscarascomwasquaissecobriue emergedo seu interior averdadeira face de seu espírito. Reparecomonãoadiantaocorpinho

sarado, asacademias, quedãoformaaocorpo, asmarcasfamosasdas roupas, queapenasencobremsuanaturezareal. Semterumdirecionamentonavidaesemumideal, umobjetivo maior, tudoisso passa.

- Eoque faço agora, Túnica? Estouno inferno, ounolimbo, enãoquerocontinuarassim, me transformandodesse jeito. Ondeeuvouparar?

- Dealgumamaneira, Ronie, vocêestátraçandoosrumosdapróximaencarnação. Seu espírito guardaráasmarcasdocorpoquevocê usaránumaoutravida.

- O u t r a v i d a ? E n t ã o terei o p o r t u n i d a d e d e

m e m o d i f i c a r ?

- T o d o s nós t e m o s m u i t a s e m u i t a s c h a n c e s

em v á r i a s v i d a s , v á r i a s existências - a s s e v e r o u

T ú n i c a , s e m d a r m a i o r e s d e t a l h e s . - **0** q u e i m -

p o r t a é q u e a p e s s o a deseje se m o d i f i c a r de v e r d a -

de, g e n u i n a m e n t e . M a s u m a c o i s a é certa: c o m o

v o c ê a b u s o u d e m a i s do sexo e da s e x u a l i d a d e , de

h o m e n s e m u l h e r e s . . . C o n s e g u e i m a g i n a r o t a n t o

de g e n t e q u e , a troco de prazer, teve as energias

vitais s u g a d a s p o r v o c ê ? Tente i m a g i n a r !

0 r e m o r s o p a r e c e u b a t e r f u n d o na a l m a de

R o n i e , m a s n ã o a i n d a o a r r e p e n d i m e n t o .

- M a s t o d o s eles t i v e r a m o q u e p r o c u r a v a m ;

a todos dei p r a z e r . . .

- V o c ê v e n d e u prazer, ou melhor, se v e n d e u .

E c o m o v o c ê m e s m o se definiu, no início de n o s -

s a c o n v e r s a , v o c ê s e t r a n s f o r m o u n u m e x e c u t i v o ,

só q u e n u m e x e c u t i v o de c o r p o e de a l m a . V e n -

deu a si p r ó p r i o , a s u a a l m a , m u i t o m a i s do q u e

a o c o r p o .

- M a s e u t i n h a n e c e s s i d a d e d o d i n h e i r o . . .

- A o q u e p a r e c e , m e u m e n i n o , t o d a s a s p e s -
soas q u e s e v e n d e m l a n ç a m m ã o d a m e s m a d e s -
c u l p a . T o d o s q u e o f e r e c e m c o r p o s e a l m a s a t r o -
co de d i n h e i r o , prazer, d i v e r s ã o , p o s i ç ã o social
o u o u t r a v a n t a g e m q u a l q u e r a l e g a m n e c e s s i t a r
do d i n h e i r o . E m a i s a i n d a . . . c o s t u m a m dizer
q u e é p o r p o u c o t e m p o . E só p o r c a u s a de u m a
d í v i d a , u m p r o b l e m a d e f a m í l i a , coisas a s s i m .
P e l o q u e e n t e n d o , c o m v o c ê n ã o é diferente. P e -
l o m e n o s m e u f i l h o p o d i a i n v e n t a r u m a d e s c u l p a
m a i s o r i g i n a l !

- M a s e u r e a l m e n t e p r e t e n d i a t e r m i n a r c o m
essa v i d a , T ú n i c a ! E u e s t a v a p r o g r a m a n d o ar-
ranjar u m e m p r e g o . . .

- Q u a n d o , R o n i e ? Q u a n d o ? - p e r g u n t o u num
t o m q u a s e r í s p i d o . - N ã o t e m v e r g o n h a na c a r a ?
E v e n d o q u e R o n i e c u r v a v a a c a b e ç a num
c l a r o gesto de v e r g o n h a de si m e s m o , a r r e m a t o u :

- A c h o q u e v o c ê a i n d a n ã o se a r r e p e n d e u

d e n a d a q u e f e z ! C o n s e g u e a i n d a m e n t i r p r a s i m e s m o , c o m o s e isso resolvesse s u a s i t u a ç ã o , q u e n ã o é n a d a b o a .

269

0 r a p a z d e s a b o u a chorar. E, ao m e s m o t e m - po em q u e se d a v a o p r a n t o , as i m a g e n s m e n t a i s v o l t a r a m a p e r s e g u i - l o . I a m e v i n h a m de l u g a - res diferentes. I m a g e n s de si m e s m o em diversas situações. A g o r a , entretanto, acrescidas de figuras outras, t a l v e z seus fregueses, suas v í t i m a s energé- ticas. R o n i e l e v a n t o u - s e e c o m e ç o u a correr n o - v a m e n t e . M a s , c o m o antes, n ã o c o n s e g u i a fugir, ir a l u g a r n e n h u m . E s t a r i a preso n u m a d i m e n s ã o diferente? E r a t u d o projeção d a p r ó p r i a m e n t e , j á a f e t a d a p o r t a n t o uso de d r o g a s , ou seria projeção d o inconsciente, d e v i d o a o peso d a c u l p a ?

R o n i e e s t a v a repleto d e t r a u m a s r e l a c i o n a - dos t a n t o à s e x u a l i d a d e q u a n t o à m a n e i r a c o m o e n c a r a v a a v i d a d e p r o s t i t u i ç ã o . I n v e n t a r a u m a j u s t i f i c a t i v a p a r a si, u m a m e n t i r a , e essa m e n t i - r a t o r n a r a - s e r e a l i d a d e , e m b o r a u m a r e a l i d a d e

alternativa, fabricada por ele mesmo, mas que passara a ser seu mundo real. Acreditava piamente nas histórias que concebia. Entre as imagens que via e que eram projetadas, quem sabe, a partir da própria memória ou do cérebro ex-trafísico, aparecia perambulando pelas ruas em busca de fregueses. E entre outras tantas recordações e imagens mentais, apareciam as cenas da infância e da adolescência, com destaque para o jeito e a malícia ao lidar com os demais, sempre tentando manipulá-los e extrair-lhes algo para o proveito pessoal. Uma sucessão de intrigas, pro-

blemas, drogas, inferninhos, até a doença.

Ah! A doença... Começou a se instalar quando se sentiu ameaçado pela polícia pela primeira vez. Um ataque de nervos. Roni e sofria de narcolepsia, uma condição que o levava a dormir durante horas e horas a fio, toda vez que tinha uma baloemocional. Ninguém era capaz de acordá-lo. Foi assim que diversas vezes acordou

seminu, que lhe roubaram roupas, documentos e dinheiro em mais de uma ocasião. E agora? Será que estava vivendo um pesadelo durante um desses ataques?

Enquanto corria de um lado para outro, corria de si mesmo - e sofria. Era o seu inferno particular. Quase louco, acabou por esbarrar em Túnica, que o amparou e o fez deitar-se no chão, no lugar onde ela estava. Quando o tocou nesse estado de quase demência, também conseguiu ver as imagens projetadas pela mente irrequieta.

Ela pôde então avaliar a gravidade e a intensidade do problema vivido por Ronie. Ele se encontrava num estado lamentável. Seu espírito estava doente; sua mente, enferma. Ronie precisava urgentemente de ajuda externa, embora Túnica não estivesse certa de que ele quisesse ser ajudado. Passando as mãos em seus cabelos, ela inspirou-lhe calma e relativa tranquilidade. Ronie

dormiu longamente. Mas não foi um sono bom

ou c a l m o . E l e teve p e s a d e l o s , intensos e significa-
tivos p e s a d e l o s .

- M e u m e n i n o , q u e v o c ê fez c o m s u a v i d a ?
C o m o c h e g o u a este estado? - A g o r a era T ú n i c a
q u e m c h o r a v a , e n q u a n t o a l g u m a s l á g r i m a s c a í a m
sobre a face de R o n i e , q u e p e r m a n e c i a d e i t a d o
e m seu c o l o .

0 m u n d o m e n t a l . U m a d i m e n s ã o t o t a l m e n -
t e d e s c o n h e c i d a p e l a m a i o r i a dos seres h u m a -
n o s . I m a g e n s e p a i s a g e n s , p e r s o n a g e n s m u i t a s
v e z e s s e m f o r m a , m a s p r e s e n t e s , reais, i n t e n s a -
m e n t e reais; c o r e s , sons, e m o ç õ e s das m a i s v a -
r i a d a s e intensificadas p e l a força do p e n s a m e n -
to, as q u a i s se m a n i f e s t a m ali da m a n e i r a m a i s
v e e m e n t e e a g u d a p o s s í v e l . S e m b a r r e i r a s , s e m
o b s t á c u l o s , a s e n e r g i a s d o espírito i r r o m p e m d a
i n t i m i d a d e d o ser, d e t a l sorte q u e n ã o h á c o m o
i m p e d i - l a s de se expressar, de se r e v e l a r em t o d a
a s u a p u j a n ç a .

Nesse c o n t e x t o , a s forças d a a l m a p o d e m s e
e x p r i m i r de m o d o a l e v a r o ser à e x p e r i ê n c i a m á -

x i m a d o a m o r e d o prazer, n u m a d i m e n s ã o m a i s
a m p l a e i m a t e r i a l , o u , e n t ã o , i n d u z i - l o a enfren-
t a r seus f a n t a s m a s e t e m o r e s m a i s p r o f u n d o s e
p r o n u n c i a d o s , c o m a m á x i m a força q u e o alto
g r a u d e c u l p a a r q u i v a d o n a p r ó p r i a a l m a v e n h a
a i m p u l s i o n a r .
Q u a n d o s e e n c o n t r a c a t i v o dessa d i m e n s ã o ,

o ser n ã o f a z a p a s s a g e m p o r esse m u n d o em c a -
r á t e r v o l u n t á r i o , t a m p o u c o p o r p r o c e s s o n a t u r a l
d e e v o l u ç ã o . N ã o . E l e fica a í d e t i d o p o r a l g u m
i m p a c t o m a i s b r u s c o e até v i o l e n t o , q u e a b a l a
s u a s estruturas p s i c o l ó g i c a s ; e n t ã o , n ã o a g u e n -
t a n d o o m u n d o s o t u r n o e s o m b r i o c r i a d o p o r
si m e s m o , p a s s a a e x t e r n a r o p a n o r a m a íntimo
q u a s e a u t o m a t i c a m e n t e . É a s s i m q u e f o r m a , no
e n t o r n o , u m inferno o u p u r g a t ó r i o d e n a t u r e z a
e q u i v a l e n t e à q u e l a e n c o n t r a d a dentro d e si.
T a l v e z s e trate a p e n a s d e u m a defesa n a t u -
ral da m e n t e . I n c a p a z de s u p o r t a r em seu b o j o o
c a u d a l d e sofrimento p r o d u z i d o p e l o p r ó p r i o e s -

pírito, exteriorizada, de maneira audaciosa, o conteúdo mental e emocional. Manifesta-se, assim, nas paisagens, imagens e personagens sombrias que faz eclodir, e que, ao aparecerem, povoam o ambiente dessa dimensão tão sensível ao pensamento e às emoções. Surgem figuras e cenas fugidias, paisagens quase oníricas, surreais; personagens forjados no cerne da mente daquele que se precipita nesse plano, e nele se tranca fiapor meio dos ferrolhos do pensamento desgovernado pela culpa, que, contudo, não pode matar o conteúdo macabro das próprias criações mentais infelizes. Nessa condição, não há como o ser escaparempregando apenas forças pessoais, subjetivas, sem recorrer a auxílio externo. Sozinho,

ele não é capaz de emergir desse mundo que não é imaginário, mas no qual a imaginação do entia desempenha papel de protagonista, denunciando o grau de felicidade ou infelicidade desse ser que é vítima de si mesmo.

Enquanto Roni dormia o sono atormentado em que se lançara, imagens de uma vida passada ou de outras vidas desfilavam perante os olhos de seu espírito demente. Sentia-se um vampiro energético, espiritual, segundo a própria definição que empregara, embora fosse impotente para descrever em toda a abrangência e intensidade o significado dessas palavras, no tocante à sua condição real. Conforme ele mesmo deixava transparecer, o quadro íntimo era ainda pior, mais degradado, então exibido sem máscaras nem maquiagem. Via-se ora como dono de um bordel, ora como prostituta, que desfilava entre palacetes e mansões de políticos do início do período republicano, no Brasil da virada dos séculos XIX e XX. Outras vezes, sentia-se manipulando ideias, pensamentos e documentos, bem como roubando vítimas, das quais subtraía dinheiro, fortunas, ceifando-lhes também a vida. Enfim, as cenas se sucediam num clássico pesadelo de enredo amargo, que ele protagonizava e,

s i m u l t a n e a m e n t e , assistia; u m a t r a m a d i g n a d e
c o n t o s de horror.
274
Q u a n d o n o t o u q u e o r a p a z e s t a v a t ã o i m e r s o
e m v i v ê n c i a s p e s s o a i s , p r o f u n d a s e s o t u r n a s , T ú -
n i c a r e s o l v e u interferir, a p l i c a n d o - l h e m a g n e t i s -
mo v i g o r o s o e f a v o r e c e n d o - l h e o despertar.
A o a b r i r o s o l h o s , R o n i e p e r m a n e c e u ali, p a -
r a d o , q u a s e p a r a l i s a d o , d e olhos f i x o s e m T ú n i -
c a , ou c o m o se a p e r p a s s a s s e e e n x e r g a s s e a l é m
d e u m v é u i m a g i n á r i o , d i v i s a n d o a l g u m u n i v e r s o
q u e a i m a g i n a ç ã o doente c o m p u s e r a , n u m r e l a n -
c e n ã o i d e n t i f i c a d o , i m p r e c i s o n a l i n h a d o t e m p o
d e s u a e x i s t ê n c i a . A l i , e n s i m e s m a d o , o l h a r v i t r i -
ficado, s o m e n t e a p o u c o e p o u c o d e s p e r t a v a d a -
q u e l a espécie d e s o n a m b u l i s m o i n d u z i d o p e l a
c u l p a e p e l o r e m o r s o . N ã o o b s t a n t e , o a r r e p e n d i -
m e n t o a i n d a e s t a v a distante de se manifestar, de
surgir o u e m e r g i r das s o m b r a s d a m e m ó r i a .
Em seu m u n d o íntimo é noite, profunda noite,
n a q u a l u m a r o n d a d e s o m b r a s p o v o a - l h e a m e -

m ó r i a espiritual, o cérebro extrafísico. Em suas
m e m ó r i a s , n a q u e l e m o m e n t o d e reflexões alicer-
ç a d a s e m elipses m e n t a i s , n ã o h a v i a m a t r i z e s q u e
c a p t a s s e m , n a q u e l e e n t r e l a ç a r d e p e n s a m e n t o s
a n g u s t i o s o s , s e q u e r u m gosto s u b l i m e , u m m o -
m e n t o b r e v e d e a l e g r i a g e n u í n a . F a l t a v a m - l h e o s
registros de u m a felicidade q u e cheirasse o c h e i -
r o m o r n o d e u m d i a d e v e r ã o o u o frescor d a g o -
t a d e o r v a l h o , q u e i m p r i m e m nos sentidos u m a
q u a s e s o b r e n a t u r a l s e n s a ç ã o desse a r o m a de fe-

l i c i d a d e . N ã o c o n h e c i a o nosso p e r s o n a g e m , e m
suas r e m e m o r a ç õ e s , o g a r g a l h a r infantil q u e i n s -
p i r a v a e n l e v o e satisfação, ou outro q u a l q u e r fato
m a r c a n t e , feliz, t a l v e z , q u e m sabe, r e g i s t r a d o e m
suas m e m ó r i a s m a i s a n t i g a s ; n ã o ! E essa tétrica
r e a l i d a d e , e m o l d u r a d a e a r r e m a t a d a n a s forjas
d a m e m ó r i a c u l p a d a , d e v i a - s e a o p e s o q u e n u t r i -
r a a c u l p a , a q u a l se a s s e m e l h a v a a u m a b i g o r n a
o n d e s e m o l d a r a seu m u n d o interior. N ã o c o n s e -
g u i r a firmar s u a a t e n ç ã o s e q u e r n a l e m b r a n ç a d o

a f a g o de u m a m ã e , a q u a l p u d e s s e a l i v i a r a t e n -
são i n t e r n a d a a l m a q u e a r d i a , o u p r o d u z i r u m a
polifonia cuja h a r m o n i a í n t i m a p u d e s s e perceber,
c o m o e m u m coro d e v o z e s s u b l i m e s , q u e t a l v e z o
fizesse e m e r g i r da m e l a n c o l i a a r r í t m i c a à q u a l se
e n t r e g a r a seu ser em sofrimento.

T ú n i c a , a c a d a instante e m q u e t e n t a v a a u -
xiliar, v i a - s e e n r e d a d a n u m a teia d e n a r r a t i v a s
m e n t a i s , c o m o s e l e n d o estivesse u m r o m a n -
ce *noir*, de t e x t u r a s sólidas e relevos m a r c a n t e s ,
cujo e n r e d o , r e c h e a d o de suspense e de m i s t é -
rio, h o u v e s s e s e t r a n s f o r m a d o n a v i d a d e R o n i e .

A e x i s t ê n c i a dele fora, q u a s e t o d a ou na m a i o r
p a r t e , a m b i e n t a d a e m c e n á r i o s e x ó t i c o s , sórdi-
dos e sujos, os q u a i s e l e g e r a c o m o t e m á t i c a n a -
tural p a r a s u a p a s s a g e m terrena. A s r o u p a s d e
grife, os m ú s c u l o s t o r n e a d o s ou f a b r i c a d o s e as
p a l a v r a s d e s e n s u a l i d a d e q u e d e s t i l a v a m o s l á -

bios fartos, cheios de malícia, não puderam mascarar o panorama atípico de seu drama pessoal. Tampouco amenteado e cidadã equase demente, portanto as mentiras e tanta agressividade e emocional, exalada sob o império da brutalidade dos instintos; nem mesmo aquela mente, que aprendera a fantasiar, escamotear, gerar e parir novas e alternativas realidades, conseguiu evadir-se da verdade que o fazia sofrer.

Sem ser conivente com o drama daquela existência, abundante nos sabores exóticos do prazer desmedido e irresponsável, Tú nica a tudo assistia, observava a vida mental do seu pupilo. Representada nas telas vívidas daquela dimensão surreal, trazia o seu Roninho como ator principal de uma trama fechada, da qual se via impotente para libertá-lo.

O rapaz consumira drogas como se consome o alimento necessário à manutenção do corpo.

Com esse consumo, tinha por objetivo colorir ou mascarar o estado da consciência, que cobrava dele utilizando promissórias escritas com letras fermentadas pela dor e pela culpa, executadas devido à imputabilidade do espírito devedor. As drogas lhe desestruturara a tessitura sutil do psicossoma, desestabilizando os centros de força, responsáveis por manter a conformação externa e interna do corpo espiritual adequada à habi-

tação do ser. Perdia gradativamente a forma, de modo irreversível naquele momento em que se encontrava.

A proporção que despertava, parecia que o corpo espiritual, mais desfigurado ainda, refletia cada vez mais seu panorama íntimo, que era muitíssimo diferente do que qualquer organismo físico poderia expressar. Por fora, de posse do corpo, talvez fosse o retrato da beleza, expressa na musculatura bem torneada e na elegância das linhas e dos traços; no mundo íntimo e nas-

t r u t u r a espiritual, p o r é m , a s i t u a ç ã o e a p a r ê n c i a
e r a m b e m d i v e r s a s .
T ú n i c a n o t o u n u m r e l a n c e c o m o o s c a b e l o s
do r a p a z , o u t r o r a v i g o r o s o s e s e d o s o s , c a í a m às
m e c h a s , e n q u a n t o ele p e r m a n e c i a d e i t a d o , e m
p o s i ç ã o fetal, sobre seu c o l o . A m a i o r p a r t e do
seu c a b e l o caíra ; e n t r e t a n t o , r e s t a v a m p e q u e n o s
tufos p e n d i d o s , e x a l a n d o c h e i r o forte e n a u s e a -
b u n d o , q u e d e n o t a v a m , n o a s p e c t o e x t e r n o , o
retrato í n t i m o da d o r e da a g o n i a , q u e lhe t o -
m a r a m a a l m a de assalto à m e d i d a q u e se c o n -
f r o n t a v a e se p e r c e b i a t a l c o m o era, s e m a b ê n -
ç ã o do e s q u e c i m e n t o e da c a m u f l a g e m oferecidos
p e l o c o r p o físico. Os olhos v i d r a d o s e s e m v i d a
m a i s p a r e c i a m o s d e u m f a n t a s m a o u o s d e a l -
g u é m cuja v i t a l i d a d e fora u s u r p a d a a o m á x i m o ,
e s g o t a d a n a í n t e g r a , c o m o s e n u m c o n t o d e ter-

ror a l g u m v a m p i r o n ã o deixasse restar u m a g o t a
s e q u e r de s a n g u e n a s v e i a s de s u a v í t i m a . A a p a -
r ê n c i a e r a m a i s p r ó x i m a d e u m a p e s s o a g r a v e -

mente anêmica, indescritivelmente cadavérica, e distante do aspecto de um jovem saudável e viril, como se apresentava na Terra, quando envergava o corpo que tanta gente atraiu e porque se viu apaixonada. Tal era a expressão mais exata do feitio e da vida mental de Ronie - totalmente distinta daquilo que demonstrava antes, quando buscou, a todo custo, invadir a privacidade dos outros membros do grupo, alojado temporariamente naquela dimensão, como fizera sobretudo com Paloma, na tentativa de sequestrar-lhe forças vitais através da violência verbal, exaurindo-a, feito um vampiro de energias humanas.

- Por que tanta violência em sua alma, meu menino? Não consigo entender tanta revolta em sua vida, como você se trata e trata as outras pessoas, com tanto desprezo e desrespeito assim... - as lágrimas de Túnica caíam-lhe sobre a face, agora macilenta e esmaecida.

- Túnica... Me salva, Túnica!

- Não posso fazer mais do que te amparar,

meu rei. Depende exclusivamente de você recomeçar, fazer uma nova história, reescrever sua própria vida.

- Então me tira desse inferno de dor... Por

favor, me ajuda, minha Túnica!

- Estou aqui, meu rei. Espera eu até que você chegue ao arrependimento. Sua negação o poder fazer milagres. Vou rezar, vou pedir aos meus sagrados orixás para te dar força para você se modificar. Quem sabe um recomeço?

- Eu tenho medo, Túnica. Eu tenho medo de repetir tudo, de novo... Minha presença faz mal a qualquer um com quem entro em contato. É quase instintivo: eu roubo as energias dos outros, eu sugo, mato a vida e a esperança das pessoas enquanto as deixo embriagadas com a ilusão do prazer que proporciono e uso como instrumento para me saciar.

- Então, meu rei, você terá de recomeçar do zero, com um outro corpo, uma vida totalmen-

tenova. Paraoseucaso, voltaraomesmocorpo seria prejudicial, seria prolongaraagoniasuae daqueles com quem você se relaciona. Mas, mesmo isso, eu não posso decidir por você. Não está em minhas mãos decidir se continuará a viver no mesmo corpo ou em outro, em outra existência. Você está paralisado no tempo, dentro da eternidade de um minuto, e suamente, meu rei, é prisioneira das próprias criações. Você precisa despertar para o arrependimento, sem o que não haverá mudança de vida.

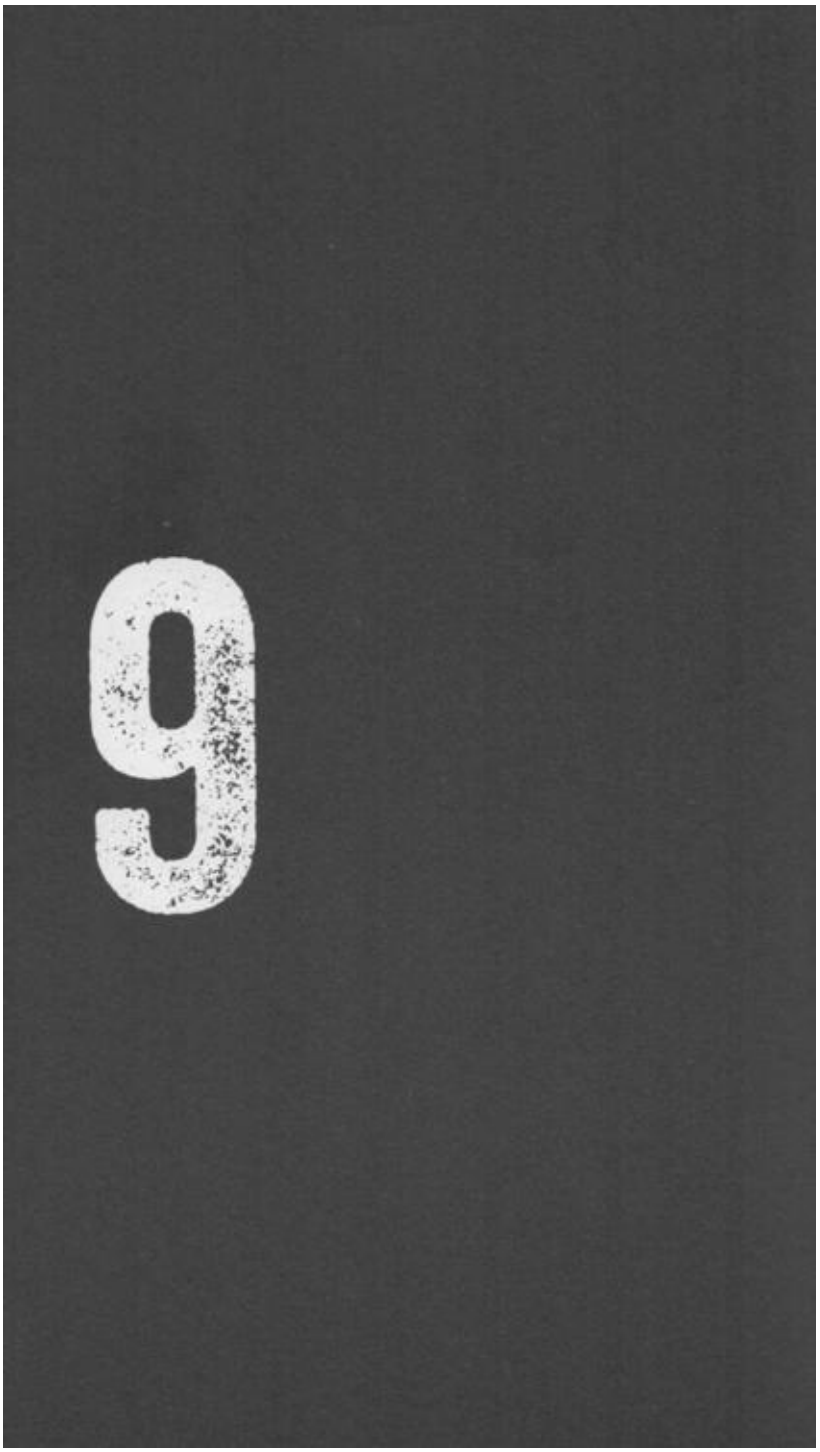
E Tú nica deixou Ronie estirado no solo da-

quele local quase indescritível, por se tratar de um mundo diferente do habitual, onde as pessoas estão acostumadas a viver. A situação de Ronie não havia mudado, lamentavelmente. Ele experimentara o gosto das próprias criações mentais e emoções em ebulição; ficara frente a frente com a realidade da vida do entiaquele-va va, do consumo das drogas e, até, de estupros

q u e h a v i a c o m e t i d o , entre diversos outros a b u -
sos q u e p e r p e t r a r a c o m o l e n i t i v o p a r a s u p o r t a r a
s o r d i d e z de s e u c o t i d i a n o . O c o r p o e r a a m e r c a -
d o r i a q u e c o m e r c i a l i z a v a : a a l m a j á fora v e n d i d a
ao p r e ç o da i n f e l i c i d a d e . E os v a l o r e s , i m p r e s s o s
n a a l m a p e l a e d u c a ç ã o q u e r e c e b e r a d a m ã e e
d a a m a , q u e o r a o a m p a r a v a , f o r a m e s c o n d i d o s
n u m r e c ô n d i t o q u a l q u e r , m u i t o p r o f u n d o de s u a
c o n s c i ê n c i a . A a l m a de R o n i e p r e c i s a v a de silên-
c i o . P e d i a s o n h o s , s o n h a d o s e v i v i d o s , e - q u e m
s a b e ? - um i n t e r v a l o p a r a r e v i g o r a r o espírito e
r e c u p e r a r os v a l o r e s , r e d e s c o b r i r as v i r t u d e s .
M a s isso n ã o p o d e r i a ser p a t r o c i n a d o p o r T ú -
n i c a , q u e a g o r a se a f a s t a v a , p r o f u n d a m e n t e t o -
c a d a p e l a s i t u a ç ã o do p u p i l o , a q u e m d e v o t a v a
t a m a n h a afeição. N e m as forças dos seus orixás
p o d e r i a m t r a n s m u t a r o íntimo de R o n i e ; n ã o n a -
quele m o m e n t o , n ã o s e m seu c o n s e n t i m e n t o , n ã o
s e m q u e t o m a s s e as rédeas do processo. T ú n i c a

28l

se d i s t a n c i o u e, à m e d i d a q u e o fazia, m o d i f i c a v a a a p a r ê n c i a do seu espírito, r e a s s u m i n d o a feição de Arthur, o c o m p a n h e i r o invisível q u e , a partir d a q u e l e instante, invisível ficaria n o v a m e n t e , a g u a r d a n d o o desfecho q u e as forças s o b e r a n a s do universo p a t r o c i n a r i a m na v i d a de Ronie. Infelizmente, ela o u ele n ã o p o d e r i a fazer m a i s n a d a . R o n i e , a r r o t a n d o i g n o r â n c i a , p e r m a n e c e u d o r m i n d o o sono das v a i d a d e s , entre l e m b r a n ç a s m i r a b o l a n t e s de suas e x p e r i ê n c i a s e figuras q u e d e s f i l a v a m entre s u n g a s , b i q u í n i s e c o r p o s d e s n u d o s , e x i b i n d o a l u x ú r i a de seus v a l o r e s d e s v i r t u a d o s , entre o s v a p o r e s d o e c t o p l a s m a e x s u d a d o , v a m p i r i z a d o e u s u r p a d o de suas v í t i m a s . A s s i m a d o r m e c e u n o v a m e n t e , p a r a a c o r d a r s o m e n t e m a i s t a r d e , n o u t r o lugar, n u m a c i r c u n s t â n c i a e m q u e enfrentaria n o v a e x p e r i ê n c i a , d i a m e t r a l m e n t e o p o s t a a t u d o q u e desejara, p l a n e j a r a e a q u e e s t a v a h a b i t u a d o .


9

SAINDO DO ARMÁRIO, DO MAIA, DA ILUSÃO



o **MESMO MOMENTO** em que Arthur assumia a forma de Túnica perante seu pupilo, Hugo presenciava mais um acontecimento na dimensão onde se sentiam prisioneiros. Talvez desolado com a própria situação e com as demais ocorrências, tais como o sumiço de Paloma e o inexplicável desaparecimento de Ronie, já estava em certa medida insensível a qualquer outro fenômeno. Convencera-se de estar morto. E, uma vez morto, restavam-lhe tão somente traumas e dores, como o arrependimento por não ter se revelado antes do acidente ou pela forma como tratou o primo e a irmã, fatos que lhe mar-

caram de modo indelével o pensamento.

Dessa maneira um tanto apática, não se assustou como Roni ao ver a figura de Nestor saindo de algum lugar que não saberia explicar, inaudito, tornando-se tangível diante dele, no exato instante em que se perdia em divagações mentais. Refletia sobre seu comportamento e cobrava-se por haver mascarado a tal ponto as próprias emoções. Nestor estava sorridente, emoldurando-se numa luminosidade suave, embora mantivesse a feição humana quase totalmente natural, não fosse aquele quê de espiritualidade que o envolvia, além da aura suavíssima que irradiava de sua presença.

- Como vai, Hugo? Parece meio distante...

Pensando em quê? - perguntou Nestor, tão logo se aproximou de Hugo, sem lhe dar tempo para nenhuma reação. Olhando para a aparição como se estivesse olhando para alguém conhecido e com quem já mantivesse algum relacionamento amistoso, Hugo comentou, quase indiferente:

- M a i s u m f a n t a s m a neste m u n d o s o m -

b r i o ! . . . E n t ã o p a r e c e q u e hoje o s f a n t a s m a s re-

s o l v e r a m a p a r e c e r , e n q u a n t o outros d e s a p a r e -

c e m s e m d e i x a r v e s t í g i o .

- F a n t a s m a s ou n ã o , e s t a m o s a q u i j u n t o s , e

a c h o q u e p r e c i s a m o s a p r o v e i t a r a o p o r t u n i d a d e

p a r a nos c o n h e c e r m o s m e l h o r . Q u e m s a b e , tirar

d ú v i d a s , r e s o l v e r p e n d ê n c i a s ? . . .

O l h a n d o m e i o d e b o c h a d o , c o m o s e a q u e l a

c o n v e r s a n ã o o interessasse, H u g o p e r m a n e c e u

u m p e r í o d o e m silêncio, m i r a n d o n o u t r a d i r e ç ã o .

N e s t o r s o u b e respeitar este m o m e n t o e s e n t o u -

-se a o l a d o dele. S o m e n t e depois d e u m p o u c o d e

t e m p o é q u e H u g o e s b o ç o u u m a r e a ç ã o :

- Q u e m é v o c ê , afinal? E o q u e f a z neste

m u n d o d e m o r t o s - v i v o s ? P o r a c a s o c h e g o u a q u i

a g o r a o u e s t a v a a í n o s o u v i n d o , e s p i o n a n d o , c o -

m o o o u t r o q u e a p a r e c e u a q u i antes?

- D i g a m o s q u e sou u m a m i g o seu; a l g u é m

q u e v o c ê n ã o v ê h á m u i t o t e m p o . E q u e t a m b é m

estavaaqui,nãoespionando,masesperandoo momentoidealparanosencontrarmos.Aguar-dava,quemsabe,umapausaemsuasemoções, que lhe favorecesse m e ver.

- Entãoéumaalmatambém,ummorto?

- Digamosquetodosjámorremosinúme-ras vezese,agora,estou inserido no seu mun-domental,particular.Talvezaquiloquevocê chamademortenãoseja exatamenteo fim, mas umaoportunidadederecomeço,dereescrevera próriahistóriademaneiramaiselaborada.

- Vocêparececonheceralgumacoisade mim,daminhaangústia!

- Nemtantoquantopensa,mas se desejar

u m a m i g o p a r a d e s a b a f a r . . .

- P o r a c a s o e x i s t e m a m i g o s no inferno?

E x i s t e a l í v i o a p ó s a m o r t e ?

- M o r t e ? Q u e m o r t e ? A c h o q u e , p a r a q u e m

a c h a q u e m o r r e u , v o c ê até está m u i t o c o n s e r v a -

do - falou n u m ar de b r i n c a d e i r a o a m i g o n ã o

m a i s i n v i s í v e l .

- Eu me l e m b r o q u a n d o o carro b a t e u no p o s -

te, depois q u e saí d a L i n h a V e r m e l h a . P e l o m e n o s

a c h o q u e m e l e m b r o ; tenho a l g u m a r e c o r d a ç ã o . . .

- M a s v e j a p o r si m e s m o - f a l o u Nestor. -

S e u c o r p o n ã o p a r e c e n e m u m p o u c o d e s t r o ç a d o .

Q u e m s a b e . . .

- A c h a q u e e s t o u v i v e n d o u m p e s a d e l o ? -

i n t e r r o m p e u - o . - S e r á ?

- B e m , n ã o sei q u a n t o a v o c ê , H u g o , m a s eu

n ã o m e sinto p e r s o n a g e m d e u m p e s a d e l o .

- E n t ã o e s t a m o s m o r t o s m e s m o , v o c ê e eu .

E se estou m o r t o n ã o i m p o r t a m m a i s m i n h a s re-

flexões, m e u a r r e p e n d i m e n t o o u m e u desejo d e m u d a n ç a .

- O r a , o r a , m e u a m i g o ! E n t ã o v o c ê c o n f e s s a q u e está a r r e p e n d i d o de a l g o e q u e t e m até dese- j o d e m u d a r ?

- Isso n ã o i m p o r t a m a i s p a r a q u e m m o r r e u , i m p o r t a ? S e e u n ã o p o s s o m a i s v o l t a r n e m r e m e - d i a r m e u s erros, é t u d o b o b a g e m .

- A l t o l á ! D i z e m p o r a q u i q u e a q u e l e s q u e a m a m s e m p r e e n c o n t r a m u m b u r a c o n a s e p u l -

t u r a e p o r ele p a s s a m a o m e n o s u m a m e n s a g e m p a r a o s q u e f i c a r a m , p a r a seus afetos. Q u e m sa- b e a g e n t e n ã o a l a r g a esse b u r a c o u m p o u c o m a i s e v o c ê c o n s i g a v o l t a r ?

- V o c ê é l o u c o , m e s m o - a f i r m o u H u g o , le- v a n t a n d o - s e . - N u n c a o u v i falar d e u m m o r t o q u e v o l t a s s e à v i d a .

- V o c ê n ã o é c r i s t ã o ? Ou n u n c a t e v e s e q u e r u m a s e m a n a d e e n s i n a m e n t o c r i s t ã o n a v i d a ?

- E o q u e t e m isso a ver, l o g o a g o r a ? N ã o e s - t a m o s neste l i m b o , neste p u r g a t ó r i o p a r t i c u l a r ?

- B e m , o u v i c o n t a r a história de um h o m e m e s p e c i a l q u e v o l t o u da m o r t e , q u e c o n s e g u i u a v i t ó r i a sobre o m o r r e r e r e t o r n o u p a r a os seus. N ã o q u e eu seja religioso, m a s a história é b a s - tante c o n v i n c e n t e e a c h o q u e ele a b r i u as p o r t a s desse c h a m a d o m u n d o dos m o r t o s . Q u e m s a b e n ã o seja a h o r a de t e n t a r m o s ?

- L o u c o v a r r i d o ! N ã o resta d ú v i d a . A q u i

t e m a p e n a s g e n t e c o m o v o c ê e eu, q u e e s t a m o s
d e t i d o s , p e r d i d o s neste lugar. P r o v a v e l m e n t e é a
m i n h a m e n t e d o e n t i a , são m i n h a s c u l p a s e m e u
r e m o r s o q u e c r i a m situações c o m o esta.
- N u n c a o u v i u falar de Jesus e da ressur-
r e i ç ã o ? D e c o m o ele v o l t o u aos a m i g o s , q u e lhe
e r a m c a r o s ? P o r isso n ã o h á c o m o d e i x a r d e
acreditar. D e s d e s e m p r e , a m o r t e n u n c a se c o n s -

t i t u i u n u m p r o b l e m a i n s o l ú v e l . M u i t a g e n t e b o a
e até da o p o s i ç ã o t e m v o l t a d o e visto de p e r t o
p a r e n t e s e a m i g o s , até m e s m o c o n v e r s a d o c o m
eles. C o m o disse u m s á b i o : " T u d o é p o s s í v e l a o
q u e crê"1 .
- N ã o me d i g a q u e v o c ê é crente, t a m b é m ?
F e i t o a q u e l e p a s t o r l o u c o q u e v e i o p r a c á c o n o s -
c o , n o s a t o r m e n t a r . . .
- P o d e ser q u e sim, p o d e ser q u e n ã o .
- M e u D e u s d o c é u ! P a r e c e q u e u s e i d r o g a
m a i s u m a v e z . . .
- E v o c ê a l g u m a v e z u s o u ?

A p e r g u n t a p a r e c e ter t o c a d o em c h e i o as
1 Mc 9:23.
l e m b r a n ç a s d e H u g o . Q u a n d o ele s e v o l t o u p a r a
v e r o a m i g o q u e c o n v e r s a v a c o m ele, N e s t o r j á
e s t a v a de pé a seu l a d o .
- E e n t ã o , H u g o ? V o c ê c o m e n t a v a sobre as
d r o g a s . . .
- B e m , eu n ã o t e n h o n a d a a perder, m e s m o .
S i m , e u usei; n a v e r d a d e , e u a b u s e i d e d r o g a s ,
m u l h e r e s e b e b i d a s . T a l v e z seja p o r isso q u e e s -
t o u a q u i , prisioneiro d e m i m m e s m o , neste infer-
n o m e n t a l , d o q u a l n ã o c o n s i g o m e retirar.
- E q u e m s a b e c o n v e r s a n d o m a i s v o c ê se
sinta m e l h o r , d e m o d o q u e p o s s a m o s e n c o n t r a r
um jeito de a l a r g a r o b u r a c o e p a s s a r p o r ele?
- L á v e m v o c ê , c o m s u a s h i s t ó r i a s . M a s s e

q u e r s a b e r m e s m o , s e t e m e s t ô m a g o p a r a a g u e n -
tar, a q u i v a i . E u usei m u i t a s coisas e a g o r a m e
a r r e p e n d o d e t o d a s elas. D e v e r d a d e , m e arre-
p e n d o p o r q u e sei q u e p o d e r i a ter feito m e l h o r ,

diferente, e v i v i d o c o m m a i s q u a l i d a d e . C h e g o a p e n s a r q u e eu p o d e r i a ter sido feliz e feito o u t r a s p e s s o a s felizes, t a m b é m . M a s . . .

- M a s se p e n s a a s s i m , se c h e g o u a essa c o n - c l u s ã o m e d i a n t e s u a s reflexões, e n t ã o v o c ê n ã o está n o inferno. T a l v e z c o m p e n s e l e v a r a t e r m o suas i d e i a s e p e n s a m e n t o s . . .

- E u v i v i m e e s c o n d e n d o d e m i m m e s m o . M i n h a s e m o ç õ e s , m e u s desejos e m i n h a s p r e f e - r ê n c i a s . M e e s c o n d i a t r á s d a s d r o g a s e , c o m b a - l a d a s e m u l h e r e s , m a s c a r e i m e u s instintos e d e - sejos. M a s e u . . . - ficou reticente, t a l v e z r e c e a n d o ser m a i s p u n i d o do q u e s u a m e n t e já o p u n i a , c a s o se revelasse p o r inteiro.

- F i q u e à v o n t a d e , H u g o . Eu t a m b é m te- n h o m u i t a s coisas m a l r e s o l v i d a s e m m i n h a v i d a . P o r é m , me conscientizei delas e t e n h o p r o c u r a - d o enfrentá-las. Q u e m sabe p o s s a m o s c o m p a r t i - l h a r nossas e x p e r i ê n c i a s e, assim, v e r q u e n ã o é s o m e n t e v o c ê q u e m errou? T o d o s nós e s t a m o s n o c a m i n h o , t e n t a n d o acertar m a i s e errar u m p o u c o

menos. Mas desconheço, em qualquer lado da vi-
da, que em não tenha errado de muitas maneiras.
Portanto, seja bem-vindo ao time, à humanidade.

293

Hugo até conseguiu esboçar uma espécie de sorriso ao ouvir o companheiro falar assim.

- Me sinto mais aliviado com sua fala.

- Veja que não estamos no inferno, pois, como você disse anteriormente, no inferno não há alívio.

Hugo olhou Nestor seriamente, franzindo ligeiramente o cenho, e notou que algo estava se modificando em seu estado de espírito. No entanto, não conseguiu comentar sobre isso, ainda. Não ousou procurar palavras que expressassem essa sensação. Mas prosseguiu:

- Em determinado momento da minha vida, eu me deixei envolver pelo preconceito. Experimentei uma aproximação com uma pessoa que deveria ter sido alguém muito importante na minha vida afetiva. Mas ele era do mesmo sexo que eu. E eu tive medo de ser considerado um boiola, um *gay*. E aí me ferrei! - relatou Hugo, lamentando a postura e as atitudes que lhe marcaram

a c a m i n h a d a a p a r t i r da o c a s i ã o m e n c i o n a d a .

- N ã o s e p r e o c u p e , a m i g o . C o m t o d o s n ó s o c o r r e r a m fatos s e m e l h a n t e s . A c h o m e s m o q u e t o d o s o s seres h u m a n o s v i v e r a m m o m e n t o s e m q u e e s c o l h e r a m u m c a m i n h o diferente d a q u e l e q u e g o s t a r i a m , i n t i m a m e n t e . O s fatores q u e f a - v o r e c e r a m tais e s c o l h a s ? T a l v e z sejam u m m i s t é - rio, c o m o mistério é a i n d a a i n t i m i d a d e de t o d o s n ó s . M a s c o n t i n u e , c o n t i n u e . . .

294

- V o c ê n ã o a c h a e r r a d o u m h o m e m ter s e a p r o x i m a d o d e o u t r o c o m o e u fiz, c o m i n t e n - ç õ e s s e x u a i s ? S e n t i n d o a t r a ç ã o p o r o u t r o , d o m e s m o s e x o ?

- De f o r m a a l g u m a ! E o q u e há de e r r a d o e m a m a r ? A l g u é m n o m u n d o será t ã o s a n t o e t ã o r e s o l v i d o q u e t e n h a m o r a l suficiente p a r a j u l g a r o s outros? C o m o p o s s o j u l g á - l o s e t r a g o c o m i - g o questões p a r a a s q u a i s , a i n d a hoje, n ã o t e n h o respostas satisfatórias?

M a i s a l i v i a d o a i n d a , c o m o s e c o n v e r s a s s e c o m u m a m i g o q u e o c o m p r e e n d i a , q u e n ã o o m a r g i n a l i z a v a e t a m p o u c o c o b r a v a dele q u a l - q u e r p o s t u r a d e s a n t i d a d e , H u g o s e a b r i u p o r i n - teiro, a g o r a s e m r e s e r v a s :

- V i v i m i n h a v i d a f u g i n d o d e m e u s senti- m e n t o s . F u g i d a p r o x i m i d a d e c o m m e u p r i m o R a l p h . P o i s foi ele q u e m d e s p e r t o u e m m i m esse t i p o de a t r a ç ã o , de s e n t i m e n t o .

Hugo lembrava-se do primo e da forma como o tratava.

- E como me arrependo de ter sido tão rude, tão estúpido como fui com ele. Nem dei a ele chance de conversar comigo sobre o acontecido em nossa adolescência. Aliás, não me dei chance nenhuma de pensar, de sequer mencionar o assunto - mais uma vez, lembrou-se de seus modos e fez rápido silêncio, respeitado por Nestor, que definitivamente não pretendia interferir ou impedir que Hugo se manifestasse no ritmo que lhe conviesse.

Após olhar o amigo nos olhos, quase pedindo socorro, numa atitude quenão passou despercebida a Nestor, Hugo retomou a palavra:

- Joguei-me nas baladas, tentando curtir as mulheres, ou melhor, abusando do sexo com elas. Todas as vezes que eu procurava alguma mulher, pensava e tinha plena convicção de que eram objetos sexuais. E usava para desafogar minhas mágoas, meu desencanto e a covardia em

m e assumir, e m enfrentar m e u s s e n t i m e n t o s . F o -
r a m d e z a n o s de p u r a f u g a . E as d r o g a s q u e usei,
e u a s usei q u a n d o n ã o d a v a m a i s c o n t a d e a f o -
g a r m i n h a s e m o ç õ e s , isto é, q u a n d o o sexo for-
t u i t o c o m m u l h e r e s n ã o era suficiente p a r a s u f o -
c a r m e u s desejos p o r o u t r o h o m e m .
- P u x a , a m i g o ! - f a l o u Nestor, a g o r a , v i s i -
v e l m e n t e t o c a d o p e l a história de H u g o . - P a r e c e
q u e v o c ê sofreu m u i t o m a i s do q u e c u r t i u a v i d a .
H u g o c o m e ç o u a d e r r a m a r a l g u m a s l á g r i -
m a s de sincero a r r e p e n d i m e n t o , de desejo de f a -
z e r m e l h o r e refazer s u a v i d a .
- E u n ã o c o n v e r s a v a m a i s c o m m i n h a m ã e e
tive m e d o d e o l h a r nos olhos d o m e u p a i . M i n h a
i r m ã , ela sofria c a l a d a , pois e u n ã o a g u e n t a v a
o l h a r p a r a ela p e n s a n d o q u e p o d e r i a s a b e r d e a l -

g u m a coisa q u e s e p a s s a v a d e n t r o d e m i m . . .

- Q u a n t a a n g ú s t i a e a p r e e n s ã o ! E se ela s o u -

b e s s e ! ? Q u a l seria a r e a ç ã o q u e v o c ê a c h a q u e

ela teria?

E n x u g a n d o a s l á g r i m a s , H u g o p e n s o u u m

p o u c o e r e s p o n d e u :

- N a é p o c a e u n ã o p e n s e i . M a s a g o r a , depois

d e m o r t o . . .

- M o r t o ? T e m c e r t e z a m e s m o d e q u e está

m o r t o ?

- D e p o i s do a c i d e n t e - c o r r i g i u H u g o -, t e -

n h o p e n s a d o m u i t o e m c o m o ela r e a g i r i a . S o -

m e n t e a g o r a m e dei c o n t a d e q u e m i n h a i r m ã ,

a K e l l y , e r a u m a g r a n d e a m i g a d a m i n h a a l m a .

U m a a l m a g ê m e a , t a l v e z , c o m o d i z e m p o r a í .

I n f e l i z m e n t e , p e r c e b i a p e n a s a g o r a q u e e l a m e

a j u d a r i a , q u e me a p o i a r i a e teria sido u m a força

p a r a m e a m p a r a r a s e m o ç õ e s , q u e , n a q u e l e s m o -

m e n t o s , e s t a v a m e m e b u l i ç ã o . N u n c a a o u v i m e

recriminar por nada. Aliás, só tenho lembranças boas dela. Quanto aos meus pais... bem, não sei se seria a mesma coisa.

- E como você acha que eles agiriam, caso soubessem do tormento emocional que vivia? Ou conhecessem sua verdadeira identidade energética, sexual?

- Sabe de uma coisa? Somente agora penso nisso pra valer, mas, caso eu tivesse compartilhado com a Kelly, sinceramente, eu me importaria muito pouco com a reação dos meus pais. Sei que minha irmã me apoiaria; hoje tenho certeza disso. E eu fugi tanto, dela inclusive...

- E de você... E do seu primo, pelo visto.

Pensando um pouco mais, porém agora sem cobrar-se aquilo para o que não estava pronto, Hugo se aventurou a dizer:

- Acho que a gente precisa amadurecer um bocado, até mesmo para aceitar nossas emoções, descobrir nosso estilo de vida e aquilo ou quem

nos fará felizes. P e n a q u e , n o m e u c a s o , precisei m o r r e r p a r a e n t e n d e r isso; tive de e s p e r a r o a c i - dente p a r a despertar.

s

- E, a m i g o , às v e z e s é a s s i m , m e s m o . M a s o q u e i m p o r t a é q u e v o c ê se sente m a i s a l i v i a d o , p e l o q u e p a r e c e .

- S i m ! A c h o q u e é a p r i m e i r a v e z q u e me sinto a s s i m desde q u e m o r r i - e, e n c a r a n d o N e s - tor m a i s u m a v e z , r e s o l v e u r e f o r m u l a r - , isto é , desde q u e c h e g u e i a q u i .

- Aí p o d e ver, e n t ã o , q u e este inferno a q u i até q u e n ã o é lá t ã o r u i m . Q u e a t a l da m o r t e , c o m o v o c ê diz à s v e z e s , n ã o t e m f o r ç a suficiente p a r a c a u s a r n o s s a i n f e l i c i d a d e n e m p a r a nos se- p a r a r d e q u e m a m a m o s .

- E u n ã o h a v i a p e n s a d o nisso. P e l o m e n o s , n ã o dessa m a n e i r a . P a r e c e q u e m e u s p e n s a -

mentos, agora, estão mais desembaraçados, que fluem com mais facilidade...

- É porque você venceu suas mágoas, como outras pessoas por aqui.

- Falando nisso, você tem notícias de Paloma? E do Ronie? **0** que aconteceu com eles?

- Deixemos isso pra lá, Hugo.

- Não! Eu quero saber o que aconteceu com eles. Paloma estava sofrendo muito, e Ronie, coitado, nunca vi tanto rancor e ódio juntos.

- Repare que você já está construindo seu céu particular; está saindo tanto do armário quando do inferno.

Agora Hugo conseguiu rir de verdade. Aliás, os dois caíram na gargalhada, que acabou rompendo de vez as barreiras internas de Hugo. Ele se mostrava bem mais descontraído. E assim que deixou as amarras de lado, assim que se libertou dos pensamentos em torvelinho que o atormen-

t a v a m , da c o b r a n ç a i n t e r n a e de b o a dose de c u l -
p a , p ô d e v e r a l g o diferente ao redor. A p a i s a g e m
o u t r o r a i n c o m p r e e n s í v e l , os v a p o r e s de fluidos de
u m m u n d o surreal c o m e ç a r a m a t o m a r f o r m a .
V i a cores, sentia a r o m a s ; sensações u m p o u c o
m a i s a g r a d á v e i s . S u a m e n t e s e l i b e r t a v a p o u c o
a p o u c o da e s c u r i d ã o da c u l p a . Em m e i o a essa
t r a n s f o r m a ç ã o i n t e r n a t a n t o q u a n t o e x t e r n a , H u -
go c o m e ç o u a o u v i r sons de pessoas c h a m a n d o -

- o . P a r e c i a q u e e r a m pessoas e s t r a n h a s . . . S e n t i u ,
e n t ã o , u m c h o q u e n o p e i t o , u m c h o q u e elétrico;
era c o m o se estivesse sendo e l e t r o c u t a d o .
- C a l m a , m e u a m i g o . C a l m a . . . - f a l o u N e s -
tor p a r a ele, a o m e s m o t e m p o e m q u e r e p o u s a -
v a o b r a ç o direito sobre seu o m b r o , c o n f o r t a n d o -
- o. - E s t e m u n d o a q u i é o reflexo da s u a m e n t e .
A c a l m e - s e e n ã o se p r e o c u p e c o m o c h o q u e q u e
v o c ê t e m a i m p r e s s ã o de sentir. V a m o s c o n v e r s a r
m a i s u m p o u c o , v a m o s ? T e m o s a i n d a u m p o u c o
de t e m p o . A l i á s , t e m p o é o q u e n ã o n o s falta.

Hugo voltou o pensamento para as pala-
vras de Nestor e conseguiu se concentrar no que
ele dissera. **0** amigo agora conduzia a conversa,
através de algumas perguntas marcantes e bas-
tante significativas:
- Se você tivesse a oportunidade de voltar,
meu amigo, qual seria o objetivo principal de
sua vida, a partir das reflexões que fez?
Hugo pensou um pouco, esquecendo-se da
sensação de choque que percebera antes, porém
não ignorando a mudança radical que se opera-
va no ambiente à sua volta.
- Eu com certeza procuraria Ralph e minha
irmã e, quem sabe, até minha mãe. Falaria para
ele sobre meus sentimentos, sobre minhas emo-
ções e pediria desculpas. Aliás, tenho tanta gente
a quem pedir desculpas... Sem falar na Kelly!
300
Pondera ndo sobre o que Hugo fala ra e ela-
borando melhor o pensamento, no intuito de for-
mular uma pergunta que ocasionasse um impac-

t o efetivo e m seu interlocutor, N e s t o r p r o s s e g u i u :

- 0 q u e a c h a , e n t ã o , q u e p r e c i s a r i a m u d a r o u f a z e r p a r a a t i n g i r esse o b j e t i v o , d o q u a l a c a - b o u d e m e f a l a r ?

D e s t a v e z , foi H u g o q u e m refletiu, p a r e c e n - d o s e o c u p a r e m e s c o l h e r a s p a l a v r a s . E n t r e t a n - to, m u i t o m a i s t r a n q u i l o do q u e se sentia a n t e - r i o r m e n t e , n e m se d e r a c o n t a de q u e l e v a v a a c o n v e r s a n a m a i s p u r a n a t u r a l i d a d e . A n a t u r a l i - d a d e de q u e m e s t a v a v i v o , e n ã o m o r t o , confor- m e a c r e d i t a v a i n i c i a l m e n t e .

- *É* certo q u e eu t e r i a de estar v i v o . Q u e r di- zer, n ã o p o d e r i a estar m o r t o p a r a r e a l i z a r m e u o b j e t i v o . P r e c i s a r i a me sentir v i v o e ter a c o n v i c - ç ã o d e estar n o m e s m o m u n d o dos m e u s f a m i l i a - res, de K e l l y e R a l p h . C o m o v o c ê d i z , Nestor, se este é o outro l a d o da v i d a , e n t ã o n ã o t e n h o c o - m o refazer m i n h a v i d a a q u i . E u teria d e voltar, d e a l g u m a m a n e i r a .

- E c o m o voltaria, se já disse q u e está m o r t o ?

- E o tal b u r a c o na s e p u l t u r a ? P o r certo eu

faria dele um túnel, mas retornaria de qualquer

jeito para recomeçar, ao menos para falar com

Ralph e minha irmã sobre meus sentimentos.

Enfim, acho que pediria a ajuda a eles.

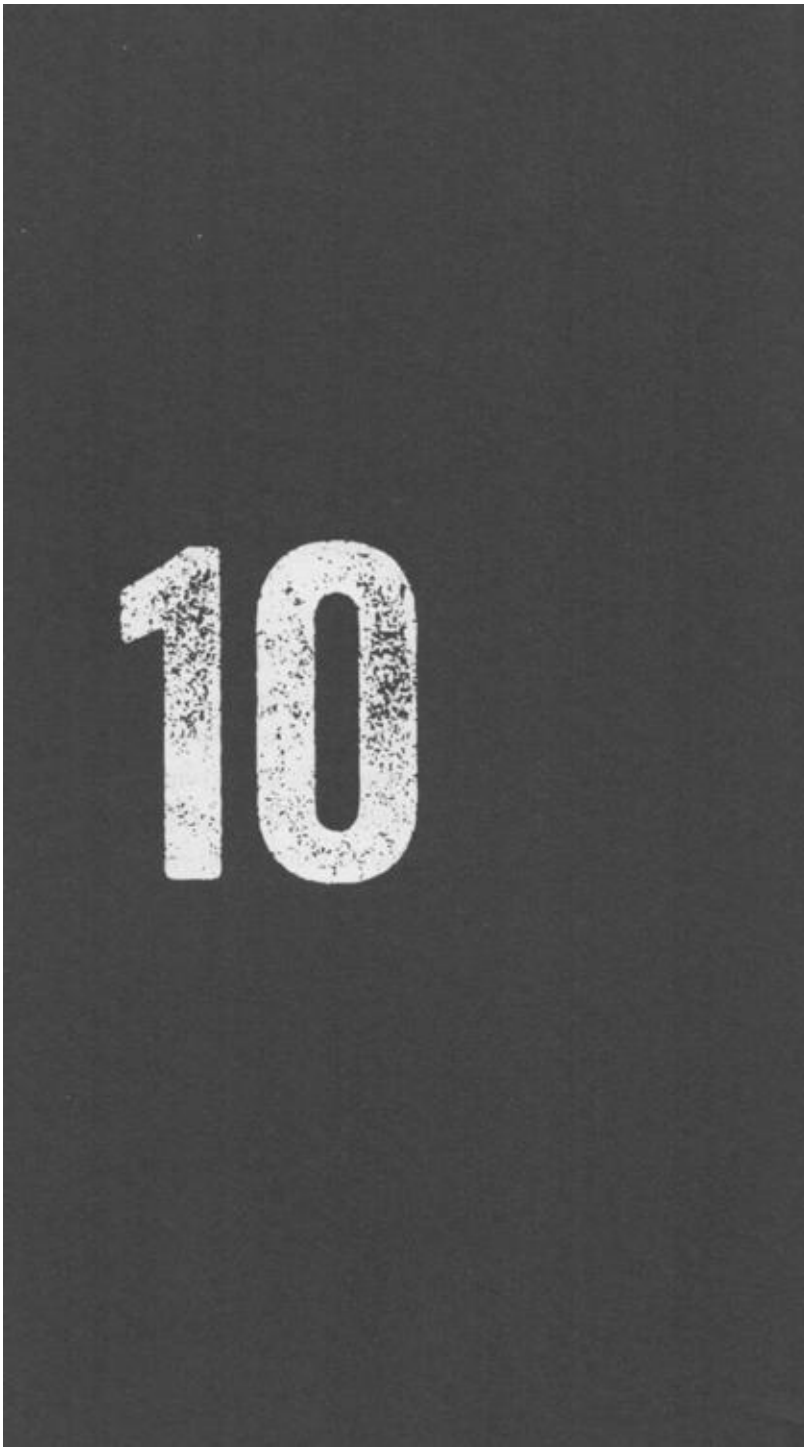
301

- E o q u e lhe i m p e d e de f a z e r isso? Me di-
g a : o q u e , neste e x a t o m o m e n t o , i m p e d e v o c ê de
voltar, já q u e está se s e n t i n d o melhor, m e n o s p e -
s a d o , m e n o s d e n s o e m a i s livre, i n t e r i o r m e n t e ?
O l h a n d o p a r a N e s t o r e s e n t i n d o a l g o estra-
n h o a c o n t e c e n d o nele e em t o r n o dele, c o m o se o
m u n d o a s u a v o l t a , o m u n d o m e n t a l , estivesse fi-
c a n d o t r a n s p a r e n t e , e ele p r ó p r i o , m a i s p e r m e á -
v e l , n u m e s t a d o d e q u a s e i m a t e r i a l i d a d e , r e u n i u
f o r ç a s , e n q u a n t o N e s t o r o fixava c o m o o l h a r :
- O r a , eu p r e c i s a r i a de o u t r a o p o r t u n i d a d e !
R e c o m e ç a r n a m e s m a v i d a o u e m o u t r a , c o m o
v o c ê disse p r a m i m . . .
A g o r a o u v i a N e s t o r q u a s e d i s t a n t e , c o m o s e
este g r i t a s s e e s e u g r i t o fosse s e n t i d o e p e r c e b i -
d o e m m e i o a u m a n é v o a o u b r u m a q u e s e p a -
r a s s e a s d i m e n s õ e s .
- E n t ã o se dê essa o p o r t u n i d a d e , m e u a m i -
g o ! E s c u t e o c o r a ç ã o e deixe as b a r r e i r a s de l a -

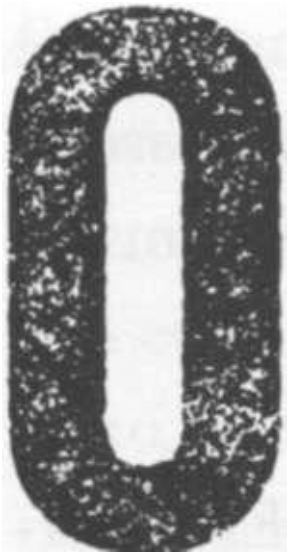
d o . P e r m i t a - s e voltar. Q u e i r a a r d e n t e m e n t e v o l -
tar, ser feliz o q u a n t o p u d e r . . . - a v o z de N e s t o r
p a r e c i a ser m a i s p r e s s e n t i d a d o q u e o u v i d a , p r o -
p r i a m e n t e , e m b o r a , m e s m o a s s i m , g r a v a d a n a
a l m a , n a m e m ó r i a espiritual d e H u g o , d e m o d o
i n d e l é v e l .
E u m a v e z m a i s ele sentiu o c h o q u e , c o m o se
estivesse r e c e b e n d o u m a d e s c a r g a elétrica. **0** c o -
r a ç ã o c o m e ç o u a b a t e r a c e l e r a d o . O u v i a v o z e s ,

302

n ã o m a i s a v o z d e Nestor, m a s v o z e s d e u m m u n -
d o q u e c o n h e c i a m u i t o b e m . A l é m d e t u d o , sen-
tia-se m a i s m a t e r i a l i z a d o . H u g o v e n c e r a a s b a r -
reiras da p r ó p r i a a l m a . P r e c i s o u m o r r e r a fim de
despertar p a r a o v a l o r de seus sentimentos.


10

O DESPERTAMENTO



s **ACONTECIMENTOS** p a r e c i a m q u a s e si-
m u l t â n e o s . P r i m e i r o foi P a l o m a , q u e
se r e v e l a r a e se d e s c o b r i r a , enfrentan-
do t r a u m a s e e s t a b e l e c e n d o m e t a s p a -
r a a l c a n ç a r a felicidade. E m s e g u i d a ,
R o n i e , q u e n ã o d a v a m o s t r a s d e h a -
v e r se r e n o v a d o , m e s m o diante d o c h o q u e c a u -
s a d o p e l o e v e n t o q u e s u a m e n t e classificou c o m o
a m o r t e . M a i s tarde, H u g o , q u e , a r r e p e n d i d o p e -
lo estilo de v i d a q u e l e v a v a , c o n s e g u i u s u p e r a r os
limites, enfrentando seus h á b i t o s n o c i v o s e suas
atitudes, a s q u a i s r e c o n h e c e u c o m o i m p r ó p r i a s .
N ã o se r e s o l v e u ; aliás, n e n h u m dos nossos a m i g o s
se r e s o l v e u ou se t r a n s f o r m o u em santo, anjo ou

pessoaespiritualizada. Muitolongedisso! Seconseguissemserapenashumanos, isso já seria bom demaisparaseu projeto de vida espiritual.

Aquelesque, até então, resolveram enfrentar os conflitos íntimos, maisprofundos, alcançaram uma vitória extraordinária. Os que relutavam ou acreditavam não deter forças para tanto, apenas adiavam indefinidamente o encontro, se não com a felicidade, ao menos com um estado interior mais satisfatório e de maior contentamento. Não obstante, diante das expectativas no horizonte de cada um, não poderia evitar as reflexões necessárias à transformação, no momento em que tivessem maturidade. Cada qual, a sua maneira, enfrentava os desafios internos e despertaria no ritmo próprio, no tempo pessoal, para realidades completamente diversas, em estados de espírito variados.

Entrementes, Samuel acudia Patrícia, que agora repousava nos braços de César. Este percebeu que Paloma sumira; não tinha explicações

p a r a o f e n ô m e n o , q u e p a r e c i a se repetir c o m um e outro dos c o m p o n e n t e s d a q u e l e g r u p o d e p e s s o a s , r e u n i d a s p o r u m a força superior e i n c o m u m . E m u m m o m e n t o d e reflexão, t a l v e z d e o r a ç ã o , p e n - sara em s u a a m i g a P a t r í c i a e sentira-se finalmen- te a t r a í d o p e l a g a r o t a j o g a d a ao c h ã o , ali, o t e m - p o t o d o . D e i x a r a - s e t o c a r p e l o e s t a d o d e b i l i t a d o

d a c o m p a n h e i r a e , m e s m o n ã o t e n d o c e r t e z a a b -
soluta de q u e e r a a m e s m a p e s s o a q u e c o n h e c e -
r a e m s u a c i d a d e n a t a l , r e s o l v e u socorrê-la. E s s a
atitude definiu seu futuro, s u a v i d a .
A s s i m q u e S a m u e l a c h e g o u - s e a P a t r í c i a ,
a m b o s , S a m u e l e C é s a r , n o t a r a m q u e ela c o m e -
ç a r a a falar. Se antes se m a n t i n h a em seu p e -
s a d e l o i r r e q u i e t o , p o r é m silencioso, a g o r a seus
l á b i o s p a r e c i a m d e n u n c i a r q u e u m m u n d o s e e x -
t e r n a v a , q u e ela n ã o c o n s e g u i a m a i s r e l e g a r a o
m u n d o í n t i m o o p r o d u t o de seus p e s a d e l o s e e x -
p e r i ê n c i a s . Se estes e r a m reais ou fictícios, isso
e r a o q u e m e n o s i m p o r t a v a p a r a S a m u e l , q u e
s o u b e b e m i n t e r p r e t a r a s p a l a v r a s d e P a t r í c i a .
P a r a ele, o q u e a s s o m a v a e g u a r d a v a significado
e r a m a s reflexões, a s e m o ç õ e s e x p r e s s a s n a q u i l o
q u e ela d e s t i l a v a p e l a b o c a . S o m e n t e a n a l i s a n d o
tais e m o ç õ e s p o d e r i a m c o n h e c e r algo mais a r e s -
p e i t o d a g a r o t a , d a m u l h e r q u e j a z i a ali, d e i t a -

da, como morta-viva, entre as fronteiras de dois mundos.

- Patrícia, Patrícia!... Acorde, minha querida. Estamos aqui ao seu lado. Sinta-se amparada. Somos amigos!

Parecendo falar sem raciocinar, Patrícia balbuciava, como se estivesse embriagada pelas imagens que surgiam em suas mentes, prendendo-309-a ao passado. Estava congelada no tempo, disso não havia dúvida.

- Amigos?! Não tenho amigos... Me sinto abandonada. Mas, também, quem precisa deles, os amigos?

César segurou-a juntamente com Samuel, tentando confortá-la ou transmitir-lhe alguma energia benéfica, pois era prisioneira de seus pesadelos, de suas lembranças.

- Talvez não devêssemos acordá-la, César. Quem sabe ela precise externar suas emoções, como todos nós, quando nos sentimos angustiados? No caso dela, em particular, tudo indi-

c a q u e é r e f é m d o p a s s a d o , p o s s i v e l m e n t e d e u m p a s s a d o e m q u e f o i v í t i m a d e s i m e s m a . A g o r a , e a p r ó p r i a c o n s c i ê n c i a q u e a t u a c o m o u m v e r d u g o i m p i e d o s o . . . F a ç a m o s o seguinte. V o u m i nistrar-lhe u m p o u c o d e m a g n e t i s m o n o c e n t r o d a m e m ó r i a , a s s i m e l a t e r á c e r t a t r a n q u i l i d a d e p a r a r e v i v e r a q u i l o q u e a p r ó p r i a c o n s c i ê n c i a lhe c o b r a , seja o q u e for q u e a i n c o m o d a t a n t o . C o m esse p r o c e d i m e n t o , ela f i c a r á m a i s t r a n q u i l a , a p e s a r d o p e s o d e certas r e c o r d a ç õ e s .

- M a s será q u e a c o i t a d i n h a a g u e n t a r á r e m e m o r a r os fatos q u e a i n c o m o d a m ?

- Se ela está t ã o aflita c o m a l g u m a v i v ê n c i a o u e m o ç ã o pretérita, n ã o h á o u t r a s a í d a , a n ã o ser revisitar o t r a u m a e, d e p o i s , ressignificar essa e x p e r i ê n c i a . . .

C a l a n d o - s e , C é s a r a p e n a s a c o m p a n h o u o trabalho de S a m u e l . A m b o s p r e s e n c i a v a m o q u e se p a s s a v a c o m P a t r í c i a , o u v i n d o e v e n d o suas m e m ó r i a s . A m e n t e p e r t u r b a d a a g o r a e x t e r n a v a

imagens em torno de si. E os dois permaneceram, também, como espectadores das emoções, traduzidas nas figuras em movimento e nas palavras balbuciadas.

Patrícia já não tinha sonhos. Minutos antes, os pesadelos se transformaram apenas em lembranças. Em meio a cenas e paisagens de um mundo quase delirante, povoado de emoções conturbadas, ela vivia e respirava. Mergulhada naquele universo particular, ouvia e via além das palavras e imagens.

Em um recanto qualquer de sua memória, parecia encontrar-se um lugar onde somente havia pássaros mortos, cujo canto havia silenciado. Ela os enterrara nos escaninhos do tempo, da memória espiritual. Junto a uma multidão de mortos, e em prantos, sentada ao lado de fria sepultura, ela apreciava o próprio cadáver. De repente, sente-se sangrando, temas mais variadas sensações horripilantes, nos funestos acontecimentos que sucediam no interior da própria se-

pultura. Um torpor profundo envolvia sua alma,
devido a uma culpa também profunda, imensa,
impenetrável como a neblina de uma noite de

311

invernorigoroso. Sentiaaalmadegenerar-se, re-
negadaeobrigadaaremexernoprópriotúmulo
frio, fétido eúmido.
Asrecordaçõesdasúltimasexperiênciassur-
giamcomonévoasderios escuros elagossom-
briosemnoitesinvernais. Nasimagensquevia
eexternava, lançava-seàságuasprofundas
eturvasquebemrepresentavamsuamemó-
ria, seushorroresepesadelos. Nadamaisha-
via. Eracomoseelanadasseemáguasparadas,
águasintranquilas, águasdereminiscências tão
gélidasquantoassensaçõesporelas evocadas.
Quaseseafogavaaoencontrodasemoçõescris-
talizadas, vividas, sorvidasaomáximo, asquais
lheembriagavamoespíritocomoovinhoper-
didolançadofora, quecontinuavadegustan-
do, semcessar, nataçadaspróprias amarguras
elembranças. Quemsabetais emoçõesseas-
semelhassemàmaréébriadeummarbravio,

o n d e m a r u j o s d e o u t r a s á g u a s t a m b é m s e l a n -
ç a s s e m , e m b r i a g a d o s n a s m i r a g e n s d e a l g u m a
sereia a e n t o a r s e u c a n t o sedutor, p e r i g o s o , ar-
d i l o s o e l e t a l .
D e s f i l a v a m figuras de m u l h e r e s , q u e ela se
p u n h a a tocar, a p a l p a r , s u a d a - o u , na v e r d a -
de, s u a d o , pois n a q u e l e transe j á n ã o m a i s s e re-
c o n h e c i a n o c o r p o f e m i n i n o . V i a , s i m , p r i m e i r o
a p e n a s o d o r s o , a seguir o e s p é c i m e m a s c u l i n o

por inteiro, repleto da volúpia que as mulheres e alguns homens disputavam a ouro, apostas, tapas e facadas. Os homens? Ela, ou melhor, ele ainda se vê beijando-os. E se observa junto aos amigos em pleno enredo de manipulação, procurando sexualizar a relação a todo instante, tocar e acariciar veladamente, mas sempre abusando, ousando, insinuando-se.

Foi quando sua alma pareceu recitar uma prece, um pedido de socorro, um arremedo de oração, embora não de arrependimento, mas sem busca de tranquilidade, a fim de que pudesse viver sem a libidinosa excitação do sexo fácil, pago, comprado, forçado. Ou respirar sem a pútrida sensação de asco em relação a si mesmo - ou si mesma? Já não sabia a que gênero pertencia ou como qual se identificava, ou do qual mera-mente se excluía.

- Deus!... - pensava, quase sem manifes-

t a r s e n t i m e n t o . - R e s p o n d e i - m e , p o r a m o r o u ,
s i m p l e s m e n t e , m o v i d o p e l a m i n h a d o r , í n t i m a ,
eterna, q u e p e s a c o m o p e s a a m i n h a c u l p a . R e s -
p o n d e i a m i m , p e c a d o r e p e c a d o r a , de q u a n t a s
c u l p a s e m e d o s são feitos os m e u s p e s a d e l o s m a i s
s o m b r i o s q u e os de t o d o s os h u m a n o s ?
E m s e g u i d a , u m silêncio m o r t a l s e p r o n u n -
c i a , a p o n t a n d o m u i t o m a i s r e s p o s t a s internas d o
q u e p a l a v r a s e x p r e s s a s . E l o q u e n t e entre t o d o s o s
313
silêncios, D e u s se c a l a , e o p e s a d e l o a p r o f u n d a - s e
a i n d a m a i s , g r i t a n d o u m g r i t o silencioso n a a l m a
a f o g a d a em l e m b r a n ç a s difíceis de suportar. E os
m a i s p r o f u n d o s m e d o s de P a t r i c i a - e s p i r i t o se ar-
r e b e n t a m n a a l m a s e m l i m i t e s , c o n s i d e r a d a p o r
si m e s m a c o m o a l m a p e c a d o r a . P u n e - s e a si pró-
p r i a c o m as dores d e m i l p e c a d o s c a l a d o s , m u -
dos, p r o f u n d o s ; c o m o s c o n s t r a n g i m e n t o s d e m i l
c h i b a t a s , g r i l h õ e s , c o n d e n a ç õ e s e j u í z o s . Fortifi-
c a d a p e l a c u l p a s e m r e m o r s o , a a l m a c a s t i g a - s e ,
a u t o f l a g e l a - s e n a s e s t â n c i a s forjadas p e l a p r ó -

p r i a m e n t e e m e f e r v e s c ê n c i a c o n d e n a t ó r i a .

O **LOCAL** É **UM BORDEL**, n u m r e c a n t o s o m b r i o do R i o de Janeiro. T r a t a - s e do b o r d e l de F e l i c i a n a M a r i a dos P r a z e r e s . U m l u g a r sujo e m todos o s sentidos, m a s m u i t o c o n c o r r i d o , r e c e b e n d o u m a p l a t e i a de q u a s e todos os h o m e n s de posse e de a l m a c o r r u p t a da c i d a d e , m e s c l a d a a c o r r u p ç ã o à v i l a n i a e ao erotismo e x a c e r b a d o . E ele se vê n e s - se recinto o b s c u r o , q u e b e m lhe representa o espí- rito i n q u i e t o , m a l i c i o s o , t e r r i v e l m e n t e sarcástico e p o r n o g r á f i c o . V ê - s e e f e t i v a m e n t e a r r o m b a n d o a v i r g i n d a d e de u m m a n c e b o a i n d a j o v e m , l á pelos seus 1 5 a n o s , u m a q u a s e c r i a n ç a n a a d o l e s c ê n c i a d a v i d a . C o m o cliente d o b o r d e l , depois d e v á r i a s noites c o m p r a n d o e u s u f r u i n d o do p r o d u t o c o -

m e r c i a l i z a d o p e l a v i l ã das v i d a s h u m a n a s , a p r ó - p r i a F e l i c i a n a dos P r a z e r e s , a v e r d a d e é q u e ele se sentia no direito. Direito de experimentar, deflo- rar, desrespeitar a v i d a e as v i d a s de u m a c r i a n - ç a , um g a r o t o e v á r i o s outros g a r o t o s , os q u a i s

exigia como prêmio pela assiduidade rebuscada de prazer e se do vício de sua paixão. Freguês fiel, sentia-se à vontade, sentia-se como quem está em casa naquele trágico reduto de sensualidade vil, fermentada pela proeza irresponsável de seus *habitués*. Ali, garotinhos e garotinhas eram disputados a preço de ouro, mas fora ele próprio quem iniciara a busca frenética por corpos juvenis e até infantis, imaturos para o sexo, naquele covil fétido e sombrio, cuja missão exclusiva era saciar o apetite sexual dos mais abastados e depravados. Com seu membro em riste, penetra a alma, muito além do corpo, dora a paz submetido à mão poderosa de seu desequilíbrio. Rasga-lhe os sentimentos, as emoções e marca muitíssimo fundo o psiquismo, a alma jovem, ainda bem mais do que o corpo que se contorcia, desesperança-do, em espasmo, gritando e gemendo e uivando de dor. Vivendo uma dor pungente e ignorada, como a de um animal ferrado a marteladas ou, então, marcado com ferro em brasa, oga-

roto sofria, tentando esquivar-se inutilmente. E quanto maior resistência oferecia ao insano homem, mais este demonstrava sentir o prazer dos loucos, ao subjugar os oprimidos e dominar física, emocional e espiritualmente os vencidos. No vai vém da atitude abjeta, ignominiosa e irresponsável, o cidadão sente-se explodir de prazer. Seu sêmen, como a lava de um vulcão, arrastava consigo a juventude, a esperança, a integridade e o chão daquele que se afogava em lágrimas, saliva e sangue. A secreção vertia, ainda, o magnetismo reverso e cruel, as anomalias energéticas que se reportava ao infame vulgar, aquele que exauria as reservas da alma alheia - além dos corpos - por puro gozo. Ao longo dos anos, o sujeito se aperfeiçoara em desprezar o pranto dilacerante e as agruras causadas, a agonia e os sulcos profundos, as labaredas que arderiam por anos e anos na mente violentada e esquartejada do garoto a seus pés. E depois deste, outros e

m a i s outros e o u t r a s t a m b é m .

N a s m e m ó r i a s de P a t r í c i a , a c e n t u a - s e a p r e -

s e n ç a d e F e l i c i a n a , f i n g i d a m e n t e d o r m i n d o n u m

c a n t o d o a m p l o a p o s e n t o , n a c o m p a n h i a d e s u a

p u p i l a m a i s n o v a , t a m b é m deflorada p e l o i n s a -

c i á v e l apetite d o h o m e m , q u e a g o r a está a o l a -

d o d o g a r o t o . E s t e g r i t a , e m p â n i c o , e s v a i n d o -

-se em s a n g u e e l á g r i m a s , a m e n t e a s s i n a l a d a e

i m p r e g n a d a , t a l v e z p o r séculos , p e l a i n s p i r a ç ã o

s o m b r i a do espírito v i o l e n t a d o e do c o r p o m a s -

sacrado, graças à inconsequência e à sordidez de um homem cuja masculinidade seria mais bem comparada à de uma besta selvagem. Enquanto ado nado cortiço arremedao sono mentiroso que pretende isentá-la ou dissimular-lhe a culpa, ele continua vasua investida animalesca.

Alves de Castro já havia se saciado grotescamente inúmeras vezes ao lado da cafetina Feliciana, como um incubo cheio de desenfreado prazer e sensualidade desmedida, exasperada. Divertira-se provocando do ressentindo a dor alheia, o que lhe aumentava sobremaneira o gozo ao usurpar as energias, o magnetismo e a vitalidade das vítimas quase infantis, dos garotos e garotas de que mau feria seu demoníaco prazer.

Alves de Castro estirava-se sobre a cama, após a invasão perpetrada no corpo adolescente e desesperado. Repousava nuea squeroso, ofegante, com as pernas em cima do garoto, aguardando

u m t e m p o n ã o d e t e r m i n a d o , a fim d e r e c o m e ç a r
s u a i n f a m e tarefa d e p r a z e r s e l v a g e m .
E n t r e o p r a n t o , as l á g r i m a s v e n c i d a s , as d o -
res h o r r e n d a s dificilmente s u p o r t a d a s e i g n o r a -
d a s , c r u a m e n t e c a u s a d a s , o m e n i n o g e m i a , fus-
t i g a d o n o c e r n e d a p r ó p r i a a l m a . A f i n a l , fora
s u b m e t i d o a o desrespeito m a i s v i l , a o a t o m a i s
cruel q u e a l g u é m p o d e r i a p r a t i c a r , a o c r i m e h e -
d i o n d o q u e s o m e n t e o t e m p o , a r e e n c a r n a ç ã o

e as leis impressas na consciência do agressor poderiam um dia reparar, elaborando as experiências dos envolvidos em novas oportunidades. Gravava-se na memória de ambos a trágica noite do desencanto de uma alma vilipendiada e vendida ao prazer torpe de seu grande vilão.

Ainda aos 29 anos, Alves de Castro aventurou-se em direção ao Velho Mundo. Buscava novas formas de prazer, pois aquelas com as quais se habituara já não lhe contentavam os sentidos, tampouco lhe saciavam os instintos. **O** ímpeto do já decadente senhor não mais se satisfazia como o que encontrava nos bordéis da cidade da luxúria, a babilônia do Novo Mundo. Levou três vítimas de suas taras sexuais, compradas a preço de banana aos pais igualmente inconsequentes; os jovens adolescentes, passando por seus sobrinhos queridos, embarcaram com ele rumo ao mundo velho. Aportaram em seu destino exauridos, dre-

n a d o s e d o e n t e s , c o m a s a l m a s r e s s e q u i d a s , e m v i r t u d e dos a b u s o s aos q u a i s f o r a m s u b m e t i d o s nos m e s e s d e v i a g e m . L o g o f o r a m d e s c a r t a d o s e m p r a ç a p ú b l i c a , n a c i d a d e d e L i s b o a , pois A l - v e s d e C a s t r o d i z i a - s e e n f a d a d o d e s u a c o m p a - n h i a . A b a n d o n a d o s à p r ó p r i a sorte, os m e n i n o s se s e n t i a m m a i s felizes c o m o p e d i n t e s de e s m o l a , r e a l i z a n d o p e q u e n o s furtos ali e a c o l á , e m b o r a a d o e c i d o s p e l o a b u s o a q u e f o r a m e n t r e g u e s d u -

rante os meses que passaram junto do vampiro de corpos e de almas.

Um deles realçava nas imagens da mente de Patrícia, mais do que todos. Era de Alves de Castro o predileto, imensamente marcado em seu psiquismo e atormentado, pelo resto da vida, com as lembranças, os sobressaltos e os pesadelos advindos dos abusos que sofrera.

Mas as imagens na mente de Patrícia não paravam por aí... A memória extrafísica registrava os momentos subsequentes de loucura, de vício e dependência sexual, os quais se traduziam nas aventuras pelas cidades do norte de Portugal, da Espanha e da França. E eis que seu foco mental alocalizou numa abadia, onde se viu num festim dos sentidos em meio a monges, padres e freis, além de comerciantes e nobres disfarçados de religiosos. Ali, durante uma orgia promovida com seus convivas, encontrou seu fim, como

r e s u l t a d o dos a b u s o s q u e infligira a c r i a n ç a s e
a d o l e s c e n t e s - um dos q u a i s , p a r a seu infortú-
n i o , p e r t e n c e n t e à f a m í l i a de um dos c o n v i d a d o s
da v e l h a a b a d i a . **0** dia e r a 13 de a g o s t o de 1856.
E a m e n t e de A l v e s de C a s t r o , a p a r t i r de e n t ã o ,
c o n g e l o u - s e n a q u e l e t e m p o , r e v e r b e r a n d o e a l i -
m e n t a n d o a s i m a g e n s e m e n s a g e n s q u e s u a v i d a
l i b e r t i n a e m i t i a p a r a a s c é l u l a s sensíveis d o cor-
p o espiritual.

319

Após a morte do corpo num recanto imundo da construção secular - pátio e paisagem das mais horrendas manifestações do instinto e da volúpia, disfarçadas de assembleias religiosas - , passou a vagar de ano a ano, sem conseguir se desvencilhar das impressões do assassínio violento e torturante, que revivia incessantemente. Até que um dia, Feliciana, a mulher dos prazeres, reencarnou na região sul do Brasil, e ele foi ralevado magneticamente até ela, pelo odor dos fluidos da mulher com quem mantivera cumplicidade frenética e libertina, cometendo os maiores abusos que lhe marcaram a existência. Sentiu-se atraído, quase amordaçado, intensamente magnetizado pelas energias e orgias do útero de Feliciana, então reencarnada. Ocorrência se deu numa noite em que ela se entregara a um homem que logo a abandonaria, após momentos de desmesurado prazer. E foi assim que reencar-

nou, que renasceu Patrícia, cheia de culpas, de dores emocionais indizíveis, marcada pela melancolia e pela depressão.

Como abusara de homens, mulheres e crianças indefesas, as leis da vida, inscritas na própria consciência, incumbiram-se de forjar o clima de infelicidade sob o qual viveria Patrícia, à procura de afeto, respeito e reconhecimento na nova experiência, bem como na nova identidade

sexual e personalidade. Espírito inconformado com o corpo feminino, que habitava por impositivo da própria consciência, não detinha uma programação reencarnatória prévia e detalhada.

Pôde assistir ao surgimento do desejo por outras mulheres e, algumas vezes, por certos homens, muito embora aos próprios traumas que trouxe impressos na memória espiritual a impedissem de externar, mais uma vez, a soma de seus desejos mais secretos. Em outras palavras, vivia a submissa aos medos e culpas que trouxera do perío-

do entre vidas, refém dos crimes hediondos que perpetrara.

Tal era a atmosfera mental e emocional de Patrícia, que presenciava, em nítidas, vívidas e recorrentes imagens, experiências que tivera, histórias similares em horror que se repetiram em mais de uma ocasião, em outros tempos, em outras vidas.

SAMUEL E CÉSAR se entreolharam, respeitosos perante o momento e as experiências vividas por Patrícia na personalidade de Alves de Castro, enquanto César reconhecia, pelo desfecho da história, a amiga tão querida de uma cidade escondida no sul do Brasil, de onde viera, num município da região metropolitana de Curitiba. Com

os olhos em pranto, César ousou se pronunciar:

- Meu Pai! Que dor tamanha se passa em sua alma... Que sofrimento imenso ela experimenta, nessa agonia em que vive mergulhada. Agora compreendo as dificuldades que enfrentou

com sua mãe e as emoções estão conturbadas.

— Patrícia parece despertar agora, César. Não podemos fazer muita coisa por ela, a não ser ampará-la no que precisar. Sem dúvida, ela pode ser considerada uma espécie de suicida emocional. Matou a própria vida através da culpa e do remorso. É prisioneira, ainda, de lembranças que marcam a sua alma com letras de fogo. Posso afirmar que se encontra num estado que antecede a loucura.

- Mas, como estamos todos mortos, Samuel, será que não há como fazer alguma coisa por ela? Levá-la para um hospital do lado de cá da vida, por exemplo?

- Mortos? Puxa vida, parece que você e todos sofrem da síndrome da morte mal resolvida. Quem disse que você está morto?

- E não estou? Eu me vi saindo do próprio corpo...

- Você foi trazido aqui, meu amigo, para amparar a mulher que, em outra vida, abusou

de v o c ê .

- E n t ã o eu f u i . . .

.322

- 0 g a r o t o e s t u p r a d o p o r ela na e n c a r n a ç ã o anterior, q u a n d o s e e n c o n t r a v a n u m c o r p o m a s - c u l i n o ! D a í v ê m seus d i l e m a s d i a n t e d o s e x o , s u a d i f i c u l d a d e e m e n c o n t r a r - s e , e m v i v e r a v i d a se- x u a l d e m a n e i r a m a i s p l e n a , s e m c u l p a s .

- M e u D e u s , m a s eu g o s t o t a n t o de P a t r í - c i a . . . C o m o p o d e isso?

- G r a ç a s a D e u s ! S e n ã o , n e m sei o q u e seria dela. M e s m o t e n d o c o n h e c i d o o espiritismo em m e i o a p e s s o a s t ã o r a d i c a i s e o r t o d o x a s , v o c ê foi a b e n ç o a d o p o r ele. **0** a m b i e n t e e m q u e c o n h e c e u a d o u t r i n a , m e s m o repleto de ideias a b s u r d a s e e q u i v o c a d a s a respeito de s e x u a l i d a d e , foi b o m p a r a v o c ê . M u i t o b o m m e s m o , c o n s i d e r a n d o q u e seu espírito d e p a r o u - s e c o m c e r t o fator e d u c a t i - v o . E m b o r a fosse d e s n e c e s s á r i o ser d a m a n e i r a c o m o o c o r r e u , s i n c e r a m e n t e , v a l e u a p e n a , pois e x e r c e u sobre v o c ê a l g u m limite, e v i t a n d o q u e

desenvolvesserancoreimpulsosvingativos, dor emocionalecomportamentosexacerbados, até mesmosádicos, todos altamenteprováveis, em virtudedasreminiscências. Além disso, aproximidadeeaamizadecomPatrícia, as conversas sobre a sexualidade de ambos, quem sabe, tenham amenizado as duras recordações gravadas em sua memória espiritual.

- Em alguns casos, parece que o mal se transforma em bem... No meu caso, principal-

mente. Mas confesso, Samuel, que tenho muita coisa por resolver. Agora, com a revelação do que me ocorreu no passado... Nem sei dizer com certeza ao me expressar direito, mas, de alguma forma, de alguma maneira que não sei dizer, sinto-me comprometido com Patrícia... Queria muito ajudá-la... mas não sei como.

- Vamos encontrar um jeito, meu amigo. De qualquer modo, agora sabemos um pouco a respeito das angústias e da história de vida dela,

a l é m d e p o d e r m o s e n t e n d e r p o r q u e r e j e i t a v a
t a n t o o p r ó p r i o c o r p o e a p r e s e n t a v a t ã o g r a n d e s
conflitos n a á r e a d a s e x u a l i d a d e . Isso j á n o s ofe-
rece b a s t a n t e s recursos p a r a a u x i l i á - l a .
- A c h o que, do l a d o de cá da v i d a , a gente t e m
m a i s recursos, até, do que q u a n d o e n c a r n a d o s .
- A i , m e u D e u s ! M a i s u m a v e z . . . L á v ê m v o -
cês c o m essa m a n i a de d e s e n c a r n a r ! - r e c l a m o u
S a m u e l , t e a t r a l .
- D e s c u l p e , d e s c u l p e ! . . .
- B e m , v a m o s v e r o q u e p o d e m o s f a z e r p o r
n o s s a a m i g a .
T o m a n d o fôlego, S a m u e l a p l i c o u u m sopro
q u e n t e sobre a fronte de P a t r í c i a , e n q u a n t o ela
d e s p e r t a v a d o p e s a d e l o , u m p o u c o tonta, s e m sa-
b e r ao certo o q u e o c o r r i a ou o n d e e s t a v a . C é s a r
a a m p a r o u n o s b r a ç o s , m e s m o após d e s c o b r i r o
q u e s e p a s s a r a e m o u t r o t e m p o , e m o u t r a v i d a .

A p e s a r d e t u d o , p a r e c i a s o b r e v i v e r u m a a m i z a d e
i n t e n s a entre a m b o s .

- C é s a r ? V o c ê a q u i ? E n t ã o , n ã o f i c o u e m
S ã o P a u l o ?
C é s a r o l h o u p a r a S a m u e l , s e m s a b e r o q u e
d i z e r o u c o m o s e c o m p o r t a r e m r e l a ç ã o à a m i g a .
A i n d a a s s i m , a r r i s c o u :
- E s t a m o s n u m l u g a r b o m , m i n h a q u e r i d a ,
j u n t o c o m a m i g o s q u e n o s q u e r e m b e m . E s t e é
S a m u e l - f a l o u a p o n t a n d o p a r a a q u e l e q u e o s
o r i e n t a v a .
- O l á , P a t r í c i a , s e j a b e m - v i n d a . . . L o g o , l o g o
r e t o r n a r á p r a c a s a , refeita.
- V o l t a r p a r a c a s a ? - q u e s t i o n o u C é s a r n o -
v a m e n t e , p e n s a n d o q u e P a t r í c i a o u e l e , o u a m -
b o s , e s t i v e s s e m m o r t o s . N ã o c o n s e g u i a s e c o n -
f o r m a r c o m o fato de q u e e s t a v a d e s d o b r a d o ,
s i m p l e s m e n t e fora d o c o r p o . M e s m o q u e a c e i t a s -
se isso, ele a c r e d i t a v a p i a m e n t e q u e P a t r í c i a e s -
tivesse m o r t a .
- E c o m o disse Jesus - r e s p o n d e u S a m u e l ,
s e m d a r m a i o r e s e x p l i c a ç õ e s . - " N a c a s a d e m e u
P a i h á m u i t a s m o r a d a s " . 1

- E m i n h a m ã e ? O n d e ela está? - t o r n o u P a -

trícia. - E v o c ê , César, c o m o c h e g o u a q u i ? E s t o u

n o h o s p i t a l , n ã o estou?

- C a l m a , d o n z e l a ! - b r i n c o u S a m u e l , p r o c u -

r a n d o descontrair o a m b i e n t e . - T u d o a seu t e m -

325

p o . A g o r a v o u l e v á - l a a u m l u g a r o n d e p o d e r á

r e p o u s a r até se sentir m a i s forte. C é s a r p r e c i s a

v o l t a r e ficar c o m sua m ã e , l e v a n d o notícias suas.

D a q u i a p o u c o , q u e m s a b e , v a m o s v e r c o m o aju-

dar v o c ê no retorno ao lar.

- V o u v o l t a r ?

- Q u e é isso, m e n i n o ? D e i x a de ser a g o u r e n -

t o ! C l a r o q u e v a i , n ã o lhe disse? - S a m u e l f a l o u ,

v o l t a n d o - s e p a r a César, c o m o jeito dos q u e se

c o n h e c e m h á m u i t o t e m p o . - V o c ê p r e c i s a voltar,

r a p a z ! H á m u i t a c o i s a n ã o r e s o l v i d a d e n t r o d e

si; p r e c i s a l i d a r c o m elas. A l é m d o m a i s , t e r á u m

1 Jo 14:2.

desafio p e l a frente: v i s i t a r a m ã e de P a t r í c i a e l e -

v a r notícias d e l a . . .

- C o m o a s s i m ?

E s t e n d e n d o o b r a ç o em d i r e ç ã o à fronte de César, i m p ô s - l h e a m ã o direita; n u m s ó m o v i - m e n t o , p e r c o r r e n d o da testa até a a l t u r a do p e s - c o ç o , m a g n e t i z o u o r a p a z . E n q u a n t o C é s a r se d e s m a t e r i a l i z a v a d a q u e l e a m b i e n t e , s e n d o re- c o n d u z i d o ao c o r p o , o instrutor a c r e s c e n t o u :

- V o c ê s a b e r á ! S a b e r á o q u e fazer e c o m o fazer. E u estarei a u x i l i a n d o - o . V á , r a p a z , e trate d e v i v e r a v i d a . E v i v a b e m , d e s t a v e z ! S e m c u l - p a s , s e m m e d o s . . .

C é s a r s u m i a à frente de P a t r í c i a e S a m u e l .

326

A moça, ainda meio sonolenta, não sabia explicar a situação; acreditava estar sonhando ou algo assim.

Embora estivesse longe de equacionar os dramas impressos ao longo do tempo em seu psiquismo; ainda que permanecesse psicologicamente marcado pelas experiências de outras vidas, César enfrentara o problema, dele se conscientizando. Porém, sem o amargor, a angústia e sem cultivar ódio contra seu agressor, agora transformada na sombra de mulher que ajudara, de algum a maneira, amparar. A atitude dele foi determinante para seu futuro; abriu-lhe as portas para uma experiência renovada, fértil de valores nobres e salutares.

Patrícia foi conduzida por Samuel a uma instituição de amparo e reeducação no espaço; através da memória espiritual e das marcas psicológicas impressas em sua própria alma, ela revivera

cadafato,cadadorcausada,cadalancedahis-
tóriapessoalgravadanosregistrosdotempo.Os
traumaseasdificuldadesemocionais,revividos,
servirampараdespertarodesejoderеavaliar,
derecomeçaredерecomporasmatrizesdoes-
píritoemnovasexpressõesdeamorverdadeiro,
genuíno,real.
Atadaaoscompromissosassumidosperante
asleisdavida,Patríciareencarnaria,agora,pa-

r a u m a e t a p a d e r e e d u c a ç ã o d o espírito, n a q u a l p o d e r i a redimir-se, q u e m s a b e - a d e p e n d e r de s i m e s m a - , c o m o m é d i u m d o t a d a d e h a b i l i d a - des n a á r e a d a c u r a . P o r m e i o d a s e n e r g i a s , dos fluidos q u e d o a r i a , p o d e r i a auxiliar, entre outras p e s s o a s , a q u e l e s q u e o u t r o r a p r e j u d i c a r a . E m p a - r a l e l o , n o c a m p o profissional a t u a r i a n a á r e a d a p s i c o l o g i a , a s s i m c o n t r i b u i n d o p a r a a r e c o n s t r u - ç ã o d o p s i q u i s m o d e q u a n t o s , n o p a s s a d o , m a n - c h a r a e m a c h u c a r a , c o m o desrespeito s e m limite à q u e l a s a l m a s , i n v a d i d a s p o r s u a p r o m i s c u i d a d e . P r o g r a m a d a , s u a r e e n c a r n a ç ã o seria a c o m p a - n h a d a d e p e r t o p o r S a m u e l , q u e s e c o m o v e r a a n - te a história d a q u e l e espírito e suas n e c e s s i d a d e s d e r e c o m e ç a r . A l v e s d e C a s t r o , t r a n s f i g u r a d o n a a p a r ê n c i a e na p e r s o n a l i d a d e de P a t r í c i a , a g o r a e r a c o n d u z i d o a v i v e r d e t e r m i n a d a s s i t u a ç õ e s , a fim de q u e e n c o n t r a s s e n o v a s o p o r t u n i d a d e s de r e d e n ç ã o .

Mais tarde, durante o tratamento e a preparação no hospital, assistida por Samuel, ela escreveria uma mensagem através da mediunidade. Em uma casa espírita de Curitiba, endereçou-a à sua velha mãe:

Mãezinha querida,

Abençoe o meu espírito necessitado do seu

amor e das suas orações. Venho dizer, mamãe,

328

que a morte não existe e que estou aqui para atestar a continuidade da vida e a imortalidade. Estou aqui nesta tarde, a sua Patrícia, através da mediunidade, sendo abençoada com a oportunidade de rever minha vida sob o patrocínio de um dedicado amigo espiritual. Ele me ampara as palavras e os pensamentos, ainda conturbados e necessitados de muito amor. Não foi você a responsável pelo meu estado emocional. Entendi tardiamente a causa do que ocorreu comigo. A não aceitação da minha condição, do corpo que eu habitava, estava diretamente relacionada ao estilo de vida que eu levara na existência anterior. Portanto, minha mãe, não se martirize! Tudo concorreu para meu despertamento, para a conscientização dos deveres que assumi perante minha própria consciência, os quais devo agora enfrentar como desafio à minha felicidade.

Não encontrei ninguém que me repreen-
desse pelo que fui ou pelo que sou. Ao contrá-
rio, fui amparada e estimulada a prosseguir na
busca pela felicidade. Do lado de cá, tenho re-
visto meus valores, enfrentado minhas emoções.
Mediante o amparo a mim oferecido, reavaliei
o passado, no qual vi terríveis erros cometidos
e, somente então, pude compreender as dificul-
dades emocionais com as quais convivi ao lon-

go de minha última experiência como sua filha.
Nosso passado, minha mãe, se entrelaça em ca-
deias e algemas de comprometimento moral.
Agora, peço-lhe que continue orando por
mim, pois, sem o apoio das preces suas e do
meu querido César, não conseguirei levar a ter-
mo os projetos de recomeço que foram elabora-
dos para a recuperação de minha alma.
Não chore, mãezinha! Procure aprender a
servir e amar, aceitando em seus braços o afa-
go e o carinho de filhos alheios, de outras mães,

aprendendo assim a refazer suas emoções e a enfrentar os desafios que emergem de seu próprio passado. Ame os filhos alheios, ampare o quanto puder aqueles que serão conduzidos ao seu regaço, pois assim aprouve à Divina Providência lhe conceder esta oportunidade, minha querida, como acréscimo de misericórdia.

Em breve devo enfrentar novamente o mergulho na carne, e espero sinceramente que a bênção do esquecimento venha me propiciar a tranquilidade necessária ao trabalho que preciso realizar em meu próprio benefício. Foi-me dada a oportunidade de trabalhar como médium na próxima reencarnação, na doação completa aos deveres assumidos em nome do amor que um dia desenvolverei. Mais uma vez, voltarei com as emoções reclamando muito tra-

balho, mas dedicando-me à recuperação das almas por mim prejudicadas.

Espero, minha mãe, que Deus me conceda

forças para caminhar com êxito nesse projeto de recomeço. Espero, ainda, que um dia possamos nos reencontrar, sob a luz das estrelas, com as almas redimidas, e abraçar-nos, minha mãe, sabendo que, por mais que tenhamos errado, Deus nunca nos desampara o desejo de começar de novo.

Deixo aqui meu amor, minha eterna saudade e o beijo de gratidão por haver me recebido como mãe nesta minha última experiência física. Deixo, através de você, lembranças e a enorme gratidão ao César. Diga a ele, quando se encontrarem, que peço seu perdão, do qual necessito para acalmar os gritos de socorro que emanam de minha alma. Tanto quanto possível, farei de tudo para trabalhar através dele por algum tempo, antes de reencarnar, pois foi ele quem me ajudou, me amparou as emoções e abriu as portas de novas oportunidades para meu espírito profundamente endividado.

Com amor, sou sempre a filha que nunca a

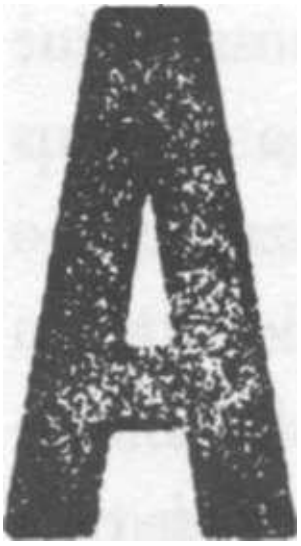
esquece, sempre necessitada das suas orações,

Patrícia.

331



O FILHO PRÓDIGO



ssim **QUE A D I R** se viu sozinho - cada um de seus companheiros pareceria haver sumido de sua visão -, a culpa explodiu. Emergiu com todas as forças, embora ainda tentasse racionalizá-la e esconder-se sob o fundamentalismo, que caracterizava o modo de ser e viver do ex-pastor. Agora, ele tinha certeza: estava numa espécie de ante câmara do inferno. Não acreditava no purgatório, pois, segundo argumentava, a Bíblia, na qual base ara suas interpretações, não menciona o limbo ou purgatório. Entretanto, diante do pavor causado pelo fato de que suas orações não eram ouvidas - pe -

l o m e n o s n ã o d a f o r m a c o m o e s p e r a v a - , sentia q u e as b a r r e i r a s entre a s a n i d a d e e a l o u c u r a , q u e m a n t i n h a m s u a m e n t e r a z o a v e l m e n t e c o e - rente, p a r e c i a m e r o d i d a s o u c o r r o í d a s p o u c o a p o u c o . Q u e d a v a m - s e ante a f o r ç a c r e s c e n t e d a s l e m b r a n ç a s , d a c u l p a e d a c o n v i c ç ã o , c a d a v e z m a i s forte, d e q u e h a v i a c o m e t i d o u m p e c a d o m o r t a l , a n t e s i g n o r a d o . E s s e c o n j u n t o d e f a t o - res, a c e n t u a d o p e l o r a d i c a l i s m o q u e a l i m e n t a - v a suas c r e n ç a s p e s s o a i s , i r r o m p e u d e m a n e i r a a v a s s a l a d o r a e m seu p s i q u i s m o .

T i n h a a m e n t e i r r e q u i e t a , cujas m a t r i z e s se f o r j a r a m sob o efeito de f o r m a s - p e n s a m e n t o i n - t e n s a s , p r e n h e s d e e m o ç ã o . C o m a v i d a m e n t a l e l a b o r a d a sobre c o n d u t a s a n t i é t i c a s , m e s m o q u e o ser n ã o r e c o n h e ç a a n a t u r e z a d o e n t i a de seus h á b i t o s , tais c r e n ç a s a r r a i g a d a s e e n r a i z a d a s são d e t a l m a n e i r a d a n i n h a s q u e a c a b a m l e v a n d o a u m a r e a ç ã o d e a u t o p u n i ç ã o , u m a espécie d e b o i - cote à f e l i c i d a d e . E s s e era o e s t a d o da m e n t e c u l - p a d a do p a s t o r de v i d a s , de a l m a s , o p a s t o r Adir.

Imagens religiosas pareciam ir e vir em sua mente. Igrejas que, de repente, desmoronavam, apodrecidas como por encanto. Caíam, despedaçavam-se, como se tijolos e paredes inteiras fossem tombar sobre ele e soterrá-lo. Os sons eram perfeitamente audíveis em sua mente. Barulho de construções desmoronando; hinos de louvor sobrepujados por ruídos que cresciam até se tornar o ribombar de tremores de terra imaginários. Em meio a tudo, cruzes e mais cruzes que vinham ao chão e se partiam... Em seguida, todas elas pareciam erguer-se num monte à sua frente, para o qual desejou ir. Caminhava sem cessar em direção à colina mística, mas nunca chegava a lugar nenhum. Ofegava, ensaiava correr, mas tropeçava ou se exauria em esforços inúteis. "Senhor, tende piedade de mim, teu servo fiel!" Súplicas, clamores, protestos e exigências... tudo em vão. Adirse achava prisioneiro de um circuito fechado de culpa e autopunição. E as maldições

em q u e a c r e d i t a v a e q u e proferia do p ú l p i t o , nos j u l g a m e n t o s e n a s p a l a v r a s c o n d e n a t ó r i a s e m q u e se e s p e c i a l i z o u , t o d a s se t o r n a v a m r e a l i d a d e - s u c e d i a m - s e u m a a u m a a a t o r m e n t á - l o . C r u z e s e m a i s c r u z e s a g o r a o p e r s e g u i a m e n - q u a n t o ele g r i t a v a t r e s l o u c a d o , c o r r e n d o e m d i s - p a r a d a , f u g i n d o s a b e - s e l á p a r a o n d e , p e r s e g u i - do e p e r s e g u i n d o . O n d e e s t a v a a v i d a eterna? O n d e , o c é u dos justos, as h a r p a s a n g e l i c a i s , as c a s c a t a s e fontes de á g u a p u r a da n o v a Jerusa- l é m , q u e o d e v e r i a e s p e r a r de p o r t a s a b e r t a s ? O n d e as t r o m b e t a s , os clarins e os anjos; o n d e o l a d o direito d o t r o n o d o Senhor, q u e c e r t a m e n - t e lhe p r e p a r a r a l u g a r c a t i v o ? A s i m a g e n s das igrejas q u e se a u t o d e s t r u í a m o p e r s e g u i a m s e m

cessar. E ele corria para a elevação avistada ao longe - o Monte Calvário, segundo acreditava -, sobre o qual divisava uns sem-número de cruzes. A paisagem era emoldurada por um céu plúmbeo. Embalando o cenário bizarro, fruto de sua mente em ebulição, o som de trovões e tempestades o ensurdecia; enlouquecia à visão de raios e relampejos em cores fortes, cuja aparência se comparava à de tintas e mais tintas que vertiam do céu, subitamente, derramadas ou arremessadas por louco pintor.

As tonalidades berrantes, os trovões e o ventanda valeram puramente o produto de suas culpas. A mente adoecida não suportara o peso de anos e anos de crenças e atitudes intolerantes, extremadas e fundamentalistas, cuja conta, então, era cobrada pela consciência, que ferviacomo se chaleira fosse, entre imagens e paisagens para ele assustadoras. Assustadoras, atemorizadoras,

apavorantes, mais até do que os chifres da pró-
pria besta, conforme acreditava, pois que estes
saberia como enfrentar. Habituado a pintar um
mundo de pecados, com dramáticas imagens de
um possível fim, incluindo a intervenção divina
que colocaria ponto final à história da humani-
dade pecadora, ele próprio se via mergulhar nes-
sa atmosfera, que criou e alimentou durante to-
do o seu ministério.

As crenças pessoais, admitidas como verdadeiras, mesmo contendo elementos absurdos, consegue originar imagens, alimentar formas-pensamento e manter paisagens de alegria ou de dor, conforme o conteúdo emesmo o sentimento inspirado pela própria consciência, onde estão inscritas indelevelmente as leis divinas e das quais ninguém, nenhum ser poderá se furtar ou burlar.

Adi rouviu uma voz, várias vozes, um coro de vozes cavernosas, apocalípticas, infernais, provenientes de onde seu espírito doente de culpa situou a imagem das cruzes bizarras, avistadas há pouco:

- Adir, Adir, por que me crucificastes?

As estranhas palavras, cobrança da própria consciência, eram ouvidas como se fosse mesma voz do próprio Cristo, de acordo com o que acreditava. Adir gritava, em prantos. Lágrimas irrom-

p i a m , b e m c o m o a s e m o ç õ e s , e n q u a n t o p e r s e g u i a a s c r u z e s , p o r é m n ã o l o g r a v a c h e g a r a o l o c a l o n - d e a p a r e c i a m , e m s u a v i s ã o interior. L o u c u r a ? Ou o j u í z o final?

- Senhor, eu n u n c a faria isso c o n t i g o ! . . . - c l a m a v a , d e s e s p e r a d o ante a c o b r a n ç a de s u a m e n t e e n s a n d e c i d a .

- A d i r , A d i r ! N ã o confiei m e u filho a ti? Q u e f i z e s t e c o m i g o ? M e crucificaste d u a s v e z e s ?

S e m e n t e n d e r a v o z d a p r ó p r i a c o n s c i ê n c i a a f o g u e a n d o - l h e a a l m a , o r a a c r e d i t a v a q u e e r a o C r i s t o a lhe c o b r a r a l g o q u e n ã o p o d i a c o m - preender, o r a s u s p e i t a v a q u e e r a u m a p e ç a p r e - g a d a p e l o d e m ô n i o , o i n i m i g o d a s a l m a s , confor- m e d i z i a p a r a si.

- Adir, olha p a r a m i m , a q u e m crucificaste!...

E n o v a m e n t e r e l â m p a g o s e t r o v õ e s p a r e c i a m p i p o c a r n a i m e n s i d a d e d o c é u d e s u a c o n s c i ê n - cia. A m e d i d a q u e cores fortes se a l t e r n a v a m no a m b i e n t e à v o l t a , a face de A d i r se t r a n s f i g u r a -

v a , a p r o x i m a n d o - s e d o retrato d a d e s t r u i ç ã o .

- M e u D e u s ! Me p e r d o a , me p e r d o a . . . - fa-

l a v a c h o r a n d o , g r i t a n d o , n u m inferno m e n t a l e

e m o c i o n a l característico d a m e n t e e m desequilí-

b r i o . - Eu falei q u e aqueles outros e r a m do d e m ô -

n i o , disse q u e e s t a v a m p e r d i d o s e, a g o r a , q u e m se

sente p e r d i d o sou e u . . . - E o p r a n t o sofrido cor-

ria-lhe em c a s c a t a s , sobre a face e n r u g a d a .

Q u a s e s e m f ô l e g o , e m d e t e r m i n a d o m o m e n t o

p a r e c e u a l c a n ç a r o m o n t e o n d e a v i s t a v a as c r u -

zes - e l e m e n t o s n o s q u a i s , s e g u n d o s u a fé isenta

de r a c i o c í n i o , e n c o n t r a r i a t o d o o p o d e r de D e u s

r e v e l a d o . P a r a ele, a q u e l a v i s ã o era o s í m b o l o de

u m a força superior, d o C a l v á r i o . T r a t a v a - s e d o

l u g a r e x a t o , s e g u n d o p r e s u m i a , d e m o d o literal,

no q u a l Jesus h a v i a sido e x p o s t o ao v i t u p é r i o e

a o e s c á r n i o d e assassinos. A s i m a g e n s p a r e c i a m

a g o r a estar e m c â m e r a lenta o u , q u e m s a b e , ele

p r ó p r i o s e a p r o x i m a v a e m c â m e r a lenta. M a s o s

raios e t r o v õ e s c o n t i n u a v a m a e n v o l v e r a p a i s a -

g e m m e n t a l p i n t a d a c o m a s cores fortes d e e m o -
ções c o n t u r b a d a s .
- Adir, Adir, p o r q u e me crucificaste? O n d e
está o filho q u e confiei a ti?
G a r g a l h a d a s , g a r g a l h a d a s d e d e b o c h e , e m
m e i o a gritos q u e r e m e t i a m a a l g u é m s e n d o tor-
t u r a d o , p a r e c i a m v i r d o l o c a l o n d e a s c r u z e s
e s t a v a m . A v i s ã o do pastor, elas e s t a v a m m a i s
p e r t o , e ele foi se a c e r c a n d o delas l e n t a m e n t e ,
v e n c e n d o o v e n d a v a l q u e q u e r i a lhe i m p e d i r a
a p r o x i m a ç ã o . E r a u m q u a d r o m e d o n h o d e s e
ver, p r o d u t o de u m a i d e o p l a s t i a forjada e m a n t i -
d a p e l a f o r ç a d a c u l p a e d a s c r e n ç a s a l i m e n t a d a s
d u r a n t e a v i d a inteira.
Q u a n d o enfim c o n s e g u i u c h e g a r o m a i s per-
t o p o s s í v e l d o l o c a l o n d e , s e g u n d o s u a v i s ã o i n -
terior, e s t a v a m m a i s d e d e z c r u z e s i m e n s a s , n e -
g r a s , e r g u e n d o - s e c o n t r a o c é u t a m b é m n e g r o ,
c o b e r t o p o r n u v e n s colossais, a p o c a l í p t i c a s , q u a -
s e infernais, A d i r p a r o u , a i n d a m a i s a s s u s t a d o .
O l h o s e s b u g a l h a d o s e m a r e j a d o s , b o c a e n t r e a -

b e r t a c o m o se visse o D i a b o em p e s s o a , p r e s e n -
c i o u u m m o v i m e n t o q u e a s c r u z e s d e s c r e v i a m
e m t o r n o d e s i m e s m a s . E l a s s e v i r a v a m , c a d a
u m a m o v e n d o - s e l e n t a m e n t e , e v i n h a m n a dire-

ç ã o de A d i r . P a i r a n d o sobre as c r u z e s , e s t a v a a
figura de Jesus, s e g u n d o ele a c r e d i t a v a . M a s era
u m Jesus c o m p l e t a m e n t e sujo, d e f o r m a d o , difi-
c i l m e n t e a s s e m e l h a d o à n o ç ã o q u e f a z i a m dele
os religiosos. A despeito disso, A d i r c o n s e g u i u
v e r u m a f i g u r a q u e , e m b o r a diferente, e s t r a n h a ,
q u a s e i n u m a n a , era i n t e r p r e t a d a p o r seu espíri-
t o c o m o s e n d o Jesus. N a v e r d a d e , e r a m d i v e r s a s
r e p r e s e n t a ç õ e s desse Jesus e s c a t o l ó g i c o , q u e e n -
t ã o ria, d a v a g a r g a l h a d a s d e m o n í a c a s , o r a a p r e -
s e n t a n d o o s dentes q u e b r a d o s , o r a d e s c e n d o d a
c r u z e v i n d o em s u a d i r e ç ã o , c o b r a n d o - l h e a c u l -
p a p e l a c r u c i f i x ã o . U m a a u m a a s i m a g e n s p a r e -
c i a m a d q u i r i r v i d a . D u a s delas d e s c e r a m d a c r u z
e c o m e ç a r a m a p u l a r sobre o solo, c o m o c r i a n -
ças n e r v o s a s , g e s t i c u l a n d o e g a r g a l h a n d o c o m o

loucas. Outra forçava a própria cruz onde esta-
va pregada a se curvar, como se a madeira tivesse elasticidade. O rosto do Cristo mostrava-
-se transfigurado no máximo de horror possível à sua visão interior. Era a caricatura de um ser tresloucado, que se inclinava na direção de seu espectador e era posta em evidência por uma luminosidade ora roxa, ora vermelha, algo temível, medonha mente confundido pelo pastor com o Cristo em que ele afirmava acreditar.

De repente, em vez da imagem de Cristo crucificado, estranhamente se comportando e se

transfigurando à sua frente, a fisionomia do filho Carlos estava estampada sobre a cruz. Na memória de Adir, afetada pela loucura que aparentemente lhe dominava o mundo interior; em sua visão escatológica de um mundo que se derretia em figuras horrendas, bizarras, demoníacas - fruto de sua própria culpa -, o seu Cristo, o seu Jesus, agora com o rosto do filho escorraça-

d o , c o b r a v a - l h e , a i n d a :

- Adir, Adir, p o r q u e me crucificaste? O n d e

está o filho q u e a ti confiei?

N ã o h a v i a m a i s c o m o fugir à s i m a g e n s , q u e

a g o r a d e s c i a m das respectivas c r u z e s , das m e s -

m a s cruzes q u e s e c u r v a v a m sobre u m A d i r a t ô -

nito, p a r a l i s a d o d e p a v o r , c o m p o n d o u m a c e n a d e

terror d i g n a dos m a i s h á b e i s escritores do gênero.

A d i r foi a o c h ã o , sentindo-se s u f o c a d o pelas c r u -

zes e pelos p e r s o n a g e n s m a c a b r o s de s u a história

d e v i d a , d a v i d a í n t i m a , m e n t a l , q u a s e insana, n a

q u a l s u a m e n t e m e r g u l h a v a c a d a v e z m a i s .

N o e x a t o m o m e n t o e m q u e g r i t a v a , p e d i a

p e r d ã o e c l a m a v a p e l o filho C a r l o s , o q u a l d e s -

p e d i r a d e s u a p r e s e n ç a a i n d a j o v e m , e m r a z ã o

d o f u n d a m e n t a l i s m o r e l i g i o s o ; nesse e x a t o i n s -

tante, u m v u l t o é a v i s t a d o e m m e i o a o r i b o m b a r

dos t r o v õ e s .

É S a m u e l , q u e se a p r o x i m a l e n t a p o r é m fir-

m e m e n t e , c h a m a n d o - o :

- A d i r , A d i r , a c o r d a d o p e s a d e l o , A d i r !

S a m u e l foi a v i s t a d o p e l o p a s t o r c o m o s e f o s -
s e u m anjo, u m m e n s a g e i r o d e D e u s e m m e i o à
p a i s a g e m d o s e u inferno p a r t i c u l a r , q u e h a v i a
sido c r i a d o p e l o seu p r ó p r i o m a g n e t i s m o a s s o -
c i a d o a o p o d e r d o p e n s a m e n t o . U m p u r g a t ó r i o ,
o n d e s u a a l m a s e r e f u g i a r a , a r d e n d o e m s u a inti-
m i d a d e c o m o f o g o d e m i l b r a s a s .

S a m u e l a p r o x i m o u - s e d e v a g a r , l e n t a m e n t e
d e m a i s , s e g u n d o a c r e d i t a v a A d i r , m a s s e a p r o x i -
m a v a , e s t e n d e n d o s u a m ã o p a r a a m p a r a r o p a s -
tor q u e e s t a v a c a í d o , e x t e n u a d o , s e m f o r ç a p a r a
resistir à c o b r a n ç a da p r ó p r i a c o n s c i ê n c i a . S e -
g u n d o a c r e d i t a v a , as c e n a s e t o d o o e n r e d o em
q u e e s t i v e r a m e r g u l h a d o d u r a r a m u m a e t e r n i d a -
de. À s u a v i s ã o , ficara v a g a n d o , f u g i n d o e e n -
f r e n t a n d o os horrores do seu p e s a d e l o p o r a n o s a
fio, até q u e a q u e l e anjo do S e n h o r o a b e n ç o a r a ,
a p a r e c e n d o p a r a r e s g a t á - l o . E a s s i m q u e S a m u e l
o t o c o u , a s i m a g e n s d e Jesus, c a d a u m a e m seu
instante, g r a d a t i v a m e n t e se d i s s o l v e r a m , derre-

teram, liquefazendo-se e empoçando no chão, porém adquirindo aspecto viscoso, irreconhecível, indescritível por qualquer vocabulário conhecido. Dali, aquele líquido estranho emanava-se nas entranhas da terra ou do local sob os pés de Adir.

Samuel estendeu-lhe a mão, levantando-o,

aconchegando-o ao peito. Adir chorava. Então ele chorou não o pranto dos desesperados, como antes, mas o pranto do remorso, que precede o arrependimento. Deixou-se afundar nos braços de Samuel, que, inspirado pelo momento tão particular, tão especial para a almaresgatada, trazia os próprios olhos marejados e permanecia em silêncio. **0** velho pastor deixou suas emoções romperem todas as barreiras concebíveis ao se permitir ser amparado pelo suposto anjo, o mensageiro divino que o abrigara ao peito.

- Calma, Adir, calma... Descanse um pouco e deixe fluir a dor. Libere-se da culpa que o con-

s o m e - f a l a v a p a u s a d a m e n t e S a m u e l , e n q u a n t o
p a s s a v a a m ã o sobre a c a b e ç a do h o m e m q u e se
d i l u í a e m p r a n t o c o n v u l s i v o .
A d i r n o t o u q u e , à m e d i d a q u e f i c a v a p r ó x i -
m o de S a m u e l , a s i m a g e n s m e n t a i s s e d i s s i p a -
v a m , a a n g ú s t i a delas a d v i n d a a l i v i a v a , o infer-
no a q u e se v i r a p r e s o p a r e c i a esvaecer. Ao t e n t a r
s e d e s v e n c i l h a r de S a m u e l , t u d o v o l t a v a c o m t o -
da a f o r ç a de suas e m o ç õ e s d e s a l i n h a d a s , d e s -
c o n t r o l a d a s . A s i m a g e n s d a s c r u z e s , d o seu C r i s -
t o de m o n í a c o , à s a v e s s a s , b e m c o m o a face d o
filho e x p u l s o do a m b i e n t e f a m i l i a r - t u d o retor-
n a v a q u a n d o t e n t a v a se a f a s t a r d o "anjo b e n d i t o
d o S e n h o r " .
345
N o v a m e n t e o t e m p o p a s s o u , s e g u n d o o p o n -
to de v i s t a de A d i r , c o m o se fora u m a eternida-
de. A m e n t e do a n t i g o p a s t o r n ã o c o n s e g u i a m a i s ,
d e v i d o à c a r g a de c u l p a , livrar-se do f a n t a s m a
do filho, cuja i m a g e m v i r a se transfigurar, s u b s -
tituindo os traços de Jesus, em pose d e m o n í a c a .

A mente se impregnara daquelas memórias, das terríveis figuras vivas, da lembrança do filho, de modo aparentemente irremediável. Fora profundamente afetado, e suas crenças, naquele momento, não se mostraram satisfatórias nem sequer para amenizar, muito menos para livrá-lo do tumulto a que se entregara emocionalmente. Sentia-se num tribunal, prestes a ouvir a sentença - a sentença emitida pela própria consciência -, em cuja estrutura íntima, imaterial, estivesse escrito, em letras de fogo, o juízo sobre os atos e atitudes, tardiamente reconhecidos como errados. Soltando-o aos poucos, Samuel mirou a figura do pastor e compadeceu-se. Aliás, sentiu pena, mesmo. Nunca pensou que sentiria pena de um ser humano - especialmente de Adir - no nível em que sentia.

0 homem à sua frente pareceu se recuperar, gradualmente, do abalo que o subjugara. Adir levantou o olhar em direção a Samuel e lhe disse, quase humilde:

- V o c ê v e i o m e tirar deste l u g a r ? V e i o m e l i -

v r a r do inferno a q u e me l a n c e i ?

346

O l h a n d o o h o m e m sofrido, d e p r i m i d o , ator-

m e n t a d o , o instrutor r e s p o n d e u m e d i n d o c a d a

p a l a v r a , u m t a n t o q u a n t o reticente:

- É, pastor, v o c ê c o n s e g u i u forjar seu p r ó -

p r i o i n s t r u m e n t o d e tortura. C o m o v o c ê m e s m o

disse, foi o inferno no q u a l *você* se j o g o u . M a s ,

i n f e l i z m e n t e , n ã o c a b e a m i m t i r á - l o d a q u i . N ã o

m e s m o !

E antes q u e S a m u e l c o n c l u í s s e seu p e n s a -

m e n t o , A d i r o i n t e r r o m p e u , m o d i f i c a n d o i m e -

d i a t a m e n t e a fisionomia e a a t i t u d e í n t i m a , n u m

q u a s e a c e s s o d e fúria, t e n t a n d o a g a r r a r S a m u e l ,

s a c u d i n d o - o , g r i t a n d o a p l e n o s p u l m õ e s :

- M i s e r á v e l , d e s g r a ç a d o , filho do inferno e

d a p e r d i ç ã o ! E n t ã o v o c ê é u m anjo d e S a t a n á s

- f a l o u , e n f a t i z a n d o a p a l a v r a - d i s f a r ç a d o em

anjo d e l u z , e m anjo d e D e u s . . . V o c ê t e m d e m e

tirar d a q u i . E u n ã o a g u e n t o m a i s ficar n e s t e . . .

- C a l a - t e , h o m e m ! - g r i t o u S a m u e l em alto v o l u m e , i n s p i r a n d o t e m o r e m Adir, o q u a l r e c u o u c o m p l e t a m e n t e m o d i f i c a d o ; c o m o antes d o p e s a - delo a q u e se entregara, l o g o a s s u m i u a p o s t u r a farisaica, o r g u l h o s a e prepotente, e s b r a v e j a n d o :

- V o c ê ! A p o s t o que v o c ê é um dos p e r d i d o s d o inferno, u m d a q u e l e s q u e v i e r a m c o m o s d e - m a i s - referia-se a H u g o , R o n i e , P a l o m a e os o u - tros. - E u m a a l m a a r r e b a t a d a p o r S a t a n á s !

- N ã o , Adir, n ã o sou n e m anjo e n e m d e m ô -

nio. M a s m e p a r e c e q u e v o c ê a g o r a s e r e c u p e r o u , v o l t o u a o seu n o r m a l . E n f i m , a m i m m e p a r e c e que n ã o m u d o u n a d a , n u n c a m u d o u .

- M u d a r o q u ê ? S o u u m servo d e D e u s ! E u vi o inferno e v o l t e i s o z i n h o dele, s e m a j u d a n e - n h u m a a n ã o ser de m i n h a fé. R e t o r n e i p r a teste- m u n h a r o p o d e r da s a l v a ç ã o . E n ã o p e r t e n ç o aos p e r d i d o s . . .

M a s a s s i m q u e p r o n u n c i o u a p a l a v r a *per- didos,* A d i r r e t o m o u o p r a n t o . E r a c o m o se a l -

ternasse entre m o m e n t o s d e a r r e p e n d i m e n t o o u de c u l p a e r e m o r s o e, em s e g u i d a , m o m e n t o s em q u e r e a s s u m i a a p o s t u r a a u t o r i t á r i a e r a d i c a l do v e l h o pastor.

- A c u l p a o c o n s o m e , n ã o é, p a s t o r ? M e s m o a s s i m q u e r se dizer m e l h o r e c o l o c a os d e m a i s c o m o p e r d i d o s ? ! E c o m o se sente em r e l a ç ã o a C r i s t o ? C o m o s u a c o n s c i ê n c i a v ê a a t i t u d e q u e t e v e c o m o p r ó p r i o filho? - S a m u e l a t i ç o u - l h e os p e n s a m e n t o s , t e n t a n d o p r o v o c a r reflexão.

- 0 S e n h o r me c o b r a a l g o p a r a o q u e a i n d a n ã o estou p r e p a r a d o . . .

- 0 S e n h o r ou s u a c o n s c i ê n c i a ?

D e m o n s t r a n d o u m a d e s o r g a n i z a ç ã o m e n t a l intensa, p a r e c e u n ã o e n t e n d e r ou i g n o r a r a per-g u n t a de S a m u e l , t r a z e n d o à t o n a u m dos fato-res de i n c ô m o d o :

- M a s a B í b l i a diz que sexo entre h o m e n s é

p e c a d o . D e u s destruiu S o d o m a e G o m o r r a p e l o p e c a d o d o h o m o s s e x u a l i s m o , d a p e d e r a s t i a ! C o -

m o e u p o d e r i a s u p o r t a r a l g u é m n a f a m í l i a d e -
p o n d o c o n t r a D e u s e s u a lei? U m f i l h o q u e s e
e n t r e g o u a S a t a n á s dentro d a m i n h a p r ó p r i a c a -
s a . . . Isso d e s m o r a l i z a r i a m e u ministério e d e s -
truiria m i n h a igreja.
- M a s p e n s e b e m , pastor. Se D e u s d e s t r u i u
S o d o m a e G o m o r r a , c o n f o r m e v o c ê interpreta,
p e l o p e c a d o d a h o m o s s e x u a l i d a d e , e n t ã o p o d e -
m o s p r e s u m i r q u e D e u s m u d o u o jeito d e a g i r ?
M u d o u de i d e i a e se a r r e p e n d e u ao l o n g o dos
t e m p o s ?
- De jeito n e n h u m . D e u s é o m e s m o o n t e m ,
hoje e e t e r n a m e n t e . . .
- E n t ã o , p o r q u e ele n ã o destruiu c i d a d e s c o -
m o S ã o P a u l o , N o v a Iorque, S ã o F r a n c i s c o , R i o
de Janeiro e tantas outras c i d a d e s no m u n d o ?
P o i s nelas há m i l h a r e s e m i l h a r e s de *gays*, m u i t o
m a i s do q u e t i v e r a m S o d o m a e G o m o r r a reuni-
d a s . .. Ou ele m u d o u de ideia e se a r r e p e n d e u ou
n ã o t e m m a i s poder. C o m o v o c ê e x p l i c a isso?
- V o c ê é do d e m ô n i o ! É e n v i a d o de S a t a n á s

p a r a p r o v o c a r a ira d i v i n a - f a l o u , e s p u m a n d o e

v o c i f e r a n d o c o m o l o u c o .

- M a s p a r e c e que foi v o c ê q u e m p r o v o c o u a

ira dele, s e g u n d o acredita. O u estou e n g a n a d o ?

N ã o foi v o c ê q u e m f i c o u v a g a n d o , g r i t a n d o e e m

p r a n t o s , c o r r e n d o de si m e s m o ? N ã o era v o c ê ,

Adir, q u e m e s t a v a prisioneiro d o p r ó p r i o inferno?

- V o c ê é um espírito m a l i g n o ! É um d e m ô -

nio das p r o f u n d e z a s dos infernos! S a i d e m i m ,

S a t a n á s ! **0** s a n g u e de Jesus t e m p o d e r . . .

- S e r á q u e v o c ê n ã o resiste a um s i m p l e s

q u e s t i o n a m e n t o , a outras p e s s o a s q u e p e n s e m e

v e j a m a v i d a d e m a n e i r a diferente d a sua? A o

q u e m e p a r e c e , A d i r , q u a n d o q u a l q u e r p e s s o a

lhe a p r e s e n t a u m a r g u m e n t o , q u e s t i o n a n d o seu

p o n t o d e v i s t a , t a l v e z p o r f a l t a d e c o n h e c i m e n -

t o o u desespero v o c ê p r o n t a m e n t e classifica essa

p e s s o a c o m o e n v i a d o d o d i a b o .

- E u sou u m servo d o Senhor, d o D e u s A l t í s -

s i m o e , p o r isso, n ã o p o s s o estar e r r a d o .

- A h ! É ? . . . M e s m o a s s i m , q u e r o lhe p r o p o r
o seguinte e x e r c í c i o . Q u e t a l a g e n t e se e n t e n -
der, se r e s p e i t a r e c o n v e r s a r ? V o c ê a p r e s e n t a seu
p o n t o de v i s t a e eu a p r e s e n t o o m e u , t u d o dentro
d a B í b l i a , e s t r i t a m e n t e d e a c o r d o c o m o q u e v o c ê
a c r e d i t a . Se v o c ê estiver certo e c o n v i c t o do q u e
e n s i n a , respeitarei s u a v i s ã o e i n t e r p r e t a ç ã o e me
c a l a r e i . C a s o a v a l i e q u e m e u s a r g u m e n t o s estão
corretos e l h e p a r e c e r e m m a i s claros e l ó g i c o s ,
v o c ê a p e n a s refletirá sobre eles; n ã o p e ç o n a d a
m a i s d e v o c ê . Q u e t a l ?
A d i r f i c o u u m p o u c o quieto, t a l v e z m a i s c a n -
s a d o de seus próprios a r g u m e n t o s s e m f u n d a -

m e n t o d o q u e m e d i t a n d o n a p r o p o s t a d e S a m u e l .
- Veja q u e n ã o lhe p e ç o n a d a d e m a i s - tor-
n o u o instrutor. - A p e n a s c o n v e r s a r m o s dentro
dos ensinos d a B í b l i a . . . E , p a r a q u e v o c ê n ã o f i -
q u e p e n s a n d o q u e s o u u m espírito d o m a l q u e -
r e n d o d e s v i a r s u a a t e n ç ã o , q u e tal a g e n t e orar?
P e d i r a D e u s t r a n q u i l i d a d e m e n t a l e e m o c i o n a l

paracaptarmosainspiraçãodivina?

Anteapropostarenovada, Adirprestoumais atenção, conseguiuverumpoucomaisalémdo orgulho, daprepotênciaedoradicalismo.

- Orar?

- Sim, orar! Quemsabevocênãofazaora- ção? - propôsseaproximandoligeiramentedo pastor, porémsemtocá-lo.

- Eunãopenseiquevocê orasse.

- Eutambémnãopenseiquevocê orasse.

Então, estamosmaisoumenosquites...

Adirconseguiuachargraçanasituação, mas logovoltouaficar comacaratipicamenteem- burrada, ademonstrararrogância.

- Então eu oro, pois a quis ou o pastor, o ser- vodeDeus!

- Poisnão, servo de Deus. Orevocê, queo acompanho.

EAdir, pelaprimeiravezdesdequechegou naquelelocaloudimensão, conseguiuorarde verdade. Umaoraçãocurta, masnadadecora-

d a o u m a q u i n a l . E m b o r a pedisse e m o r a ç ã o a p e -
n a s q u e D e u s o livrasse da t e n t a ç ã o e do espírito
d o m a l , a i n d a a s s i m sentiu-se b e m , l i g e i r a m e n -
t e m a i s t r a n q u i l o . A s e m o ç õ e s s e a c a l m a r a m u m
p o u c o . N o e n t a n t o , n ã o a b r i u m ã o d e s u a p o s t u -
r a o r g u l h o s a .

D e p o i s d e o u v i - l o , S a m u e l , d e m o n s t r a n d o
t r a n q u i l i d a d e , c o m e ç o u a falar:

- A c h o q u e o q u e m a i s i n c o m o d a v o c ê é o fa-
to de ter e x p u l s a d o seu filho p o r q u e ele e r a *gay,*
n ã o é isso? P a r e c e q u e v o c ê n ã o r e s o l v e u direito
essa q u e s t ã o dentro de si e a c u l p a o c o n s o m e .

P e n s a t i v o , o v e l h o p a s t o r b a i x o u a c a b e ç a ,
m e i o e n v e r g o n h a d o de si m e s m o , e c o m e n t o u :

- N ã o c o n s i g o e n t e n d e r o q u e se p a s s a dentro
d e m i m . N u n c a t i v e u m d i a s e q u e r d e t r a n q u i l i -
d a d e d e s d e q u e o C a r l o s p a r t i u . T e n h o p e s a d e l o s
h o r r e n d o s q u a s e t o d a noite e a c o r d o s u a n d o frio.
E oro. O r o t o d a s as noites o S a l m o 91, pois sei
q u e fiz a c o i s a m a i s correta, de a c o r d o c o m a B í -

b l i a . E l e era u m p e d e r a s t a .

- M e u D e u s , A d i r ! Q u e e x p r e s s ã o m a i s ar-

c a i c a , p e j o r a t i v a e p r e c o n c e i t u o s a .

- N ã o sou p r e c o n c e i t u o s o . E u t e n h o p r i n c í -

p i o s . **0** h o m o s s e x u a l i s m o é c o n t r a a n a t u r e z a e

c o n t r a a B í b l i a . E q u e m n ã o se c o n v e r t e a D e u s e

a o E v a n g e l h o n ã o m e r e c e i r p r o c é u .

- M a s e v o c ê ? E m a l g u m m o m e n t o v o c ê m e

.352

disse q u e p e n s a v a ter m o r r i d o - f a l o u p a r a o

p a s t o r d e v a g a r , c o l o c a n d o ênfase na frase. - S e -

rá q u e está no c é u ? P o r a c a s o e n c o n t r o u o t ã o

f a l a d o p a r a í s o ?

- E s t o u a c a m i n h o dele. **0** S e n h o r me s a l -

v o u . E a B í b l i a s e m p r e t e m r a z ã o . Os outros dois

f i l h o s q u e t e n h o , a m b o s s e g u i r a m o c a m i n h o d e

D e u s . S ã o m i s s i o n á r i o s .

- S e r á m e s m o q u e s e g u i r a m , A d i r ? V o c ê t e m

c e r t e z a disso?

- N u n c a m a i s tive notícias deles. M a s sei q u e

e s t ã o n o c a m i n h o d o Senhor. U m deles é m i s s i o -

nária na Africa, e o outro... Bem, o outro saiu pelo mundo pregando.

Samuel aproximou-se ainda mais e, pedindo permissão a Adir, colocou a mão sobre sua fronte, dilatando-lhe ligeiramente o campo de visão por meio de grande carga magnética.

- Veja, Adir! Veja seus filhos, agora.

Adir sentiu algo como outro ataque cardíaco. Viu um de seus filhos numa imagem tridimensional. Ele estava no Brasil mesmo; ao que tudo indicava, na Região Nordeste. Porém, ao contrário do que o pastor esperava, o filho ingeria alguma bebida alcoólica; na verdade, estava quase caindo de tão bêbado. **0** homem estava totalmente embriagado e, ao mesmo tempo, revoltado. Gritava para uma mulher, que o ouvia

segurando o filho, um menino, em seus braços:

- Meu pai, aquele miserável! Eu falei para o Carlos irem bora conosco. Mas Carlos teimou em ficar em casa. Ele dizia amar muito nossos pais e não sairia de casa, a menos que fosse expul-so. Queria cuidar do pai quando ficasse velho...

- o homem falava em meio a arrotos e soluços, engasgado com a própria saliva. - A gente não aguentava mais ver a mãe sofrer e se submeter à loucura daquele traste. A gente inventou que ia trabalhar como missionário para ficar livre dele...

0 pobre sujeito chorava, tossia, resmunga-va enquanto cambaleava. Era um dos filhos de Adir. Durante o tempo em que o pastor observa-va a imagem do filho mais querido - missioná-rio, segundo acreditava -, ficou muito desolado, pois sabia, na intimidade, que aquilo que pre-senciava era a mais pura verdade. Ele via a cena em todas as cores possíveis; era de uma realida-

de quase palpável, inquestionável. Então, pô-de vislumbrar a dimensão do mal que causara à própria família.

- Está preparado, agora, para ver o outro filho tão querido? Quer ver seu amado Mateus?

- Não quero acreditar que causei tanto mal assim ao meu filho, que ele não é o missionário que eu sempre acreditei...

Adirse desfazia em prantos, diante da rea-

lidade-perante a sua realidade e a do estra-
go emocional causado na vida do próprio filho.
Mais ainda ao ouvir Israel falar do amor de Car-
los pelo pai, e de como se recusou a sair de casa
como os demais porque queria cuidar dele. Adir
soluçou de amargor, de remorso.
- Eu quero ver! Quero ver o meu filho Ma-
teus... Onde ele está? Será que ao menos ele se
tornou um missionário? Mas eu tenho certeza,
eu mesmo o consagrei, lá na minha igreja!...
- Então, Adir, vou lhe mostrar o seu filho
Mateus - falou Samuel, à medida que aplicava
nova dose de magnetismo na fronte de Adir, ex-
pandindo-lhe a visão extrafísica.
Assim que começou a ver as cenas envolven-
do seu filho, teve a certeza de que todos os seus
esforços foram em vão. Que os dois filhos, que
presumira serem missionários, na verdade que-
riam mesmo era se livrar dele, pois não podiam

m a i s t o l e r a r o r a d i c a l i s m o do p a i .

A s i m a g e n s m o s t r a v a m u m h o m e m c o m cer-

c a de 3 8 a n o s . E r a alto, m a g r o ; t r a b a l h a v a , a o

q u e t u d o i n d i c a v a , n u m p o r t o do S u d e s t e b r a -

sileiro. M a i s p r e c i s a m e n t e , n o p o r t o de S a n t o s .

A l i , j u n t o c o m c o m p a n h e i r o s d e t r a b a l h o , p a r e -

c i a s e alegrar, à s u a m a n e i r a , f u m a n d o u m b a -

s e a d o , d a n d o b a f o r a d a s e a l g u m a s g a r g a l h a d a s .

A o l o n g e , p a s s a v a u m a m u l h e r q u e A d i r inter-

p r e t o u c o m o s e n d o u m a p r o s t i t u t a . E l e m e x i a

c o m a mulher, f a l a v a p a l a v r õ e s , c h a m a v a - a , i n s -

t i g a n d o - a e c o n v i d a n d o - a p a r a o s e x o fácil. A d i r

n ã o s u p o r t o u m a i s e p e d i u :

- P a r e ! P a r e c o m isso, f i l h o d o d e m ô n i o ! V o -

cê está t e n t a n d o m i n h a a l m a . . . V o c ê é o r e s p o n -

s á v e l p e l a m i n h a i n f e l i c i d a d e .

- E n t ã o v o c ê se c o n s i d e r a infeliz, n ã o é m e s -

m o , p a s t o r A d i r ? C o n s e g u e refletir sobre o a l -

c a n c e de suas p a l a v r a s , sobre o q u e fez à p r ó p r i a

f a m í l i a ? A o s f i l h o s q u e D e u s lhe confiou?

Adirnovamentechoravamuito. Destavez, caiuaochãoesecolocouemposiçãofetal, derramandolágrimasprofundas, embora, noentremeio, xingasse, dissesse coisas incompreensíveis; parecia delirar.

- E agora, Adir? - indagou Samuel, abaixando-se e passando a mão sobre seus cabelos.

- E o que dizer do seu filho Carlos? Sabe o que ocorreu com ele? Você tem notícias dele?

O pastor levantou-se de chofre; pondo-se de pé, fitou Samuel nos olhos, repetindo com raiva os mesmos argumentos de antes:

- Ele era um perdido! Foi ele, foi ele sim, o responsável por tudo o que ocorreu na minha família. Ele se entregou ao Diabo, ao inimigo das almas e de Deus. E influenciou o Mateus e o Israel. Sei que foi ele.

- Como pode ter tanta certeza assim?

- Ele era sodomita, odanado. Ele era homossexual.

Respirando fundo, para suportar a ladainha de Adir sem perder a paciência, Samuel perguntou:

- Você não gostaria de reversua opinião, sua visão a respeito do que a Bíblia diz sobre Sodoma e Gomorra? Será que esse negócio de homossexualidade é pecado mesmo? E já que você repete isso com tanta convicção, quem sabe não se importaria de ver o texto bíblico sob uma ótica diferente? Uma outra opinião...

- Quem é você pra me ensinar Bíblia? Quem imagina que é para querer me dar lições da palavra de Deus?

- Eu, Adir? - Samuel pensou bem antes de falar, fazendo breve silêncio. - E u não sou ninguém, pastor. Mas eu conheço alguém que pode

lhe falar a respeito.

- S ó c o n h e ç o u m h o m e m d e D e u s q u e p o d e - ria me falar a l g o q u e eu n ã o sei sobre a B í b l i a . E ele está m o r t o .

- M a s pense b e m : c o m o v o c ê c o g i t o u , em cer- t o m o m e n t o , q u e estaria m o r t o , então n ã o será difícil e n c o n t r á - l o .

A d i r p e n s o u , u m p o u c o s u r p r e e n d i d o c o m a p r o p o s t a de S a m u e l , e r e s o l v e u a v e r i g u a r :

- V o c ê c o n s e g u i r i a p o r a c a s o l o c a l i z a r o u c h a m a r o p a s t o r q u e m e f o r m o u , q u e m e ensi- n o u a p r e g a r ? **0** s e r v o de D e u s q u e me e n s i n o u o c a m i n h o d a s a l v a ç ã o ?

- Q u e m s a b e ? P o d e ser q u e s i m . Q u e tal s e t e n t á s s e m o s ?

- Se v o c ê c o n s e g u i r isso, d i g o , c h a m a r o p a s - tor N e e m i a s . . .

A s s i m q u e A d i r p r o n u n c i o u o n o m e d o seu a n t i g o professor, do p a s t o r q u e o b a t i z o u e i n i - c i o u n o c o n h e c i m e n t o das E s c r i t u r a s , u m l e v e

t r e m e l u z i r se fez p e r c e b e r no ar. I r r a d i a n d o a
m e s m a l u z n a q u a l S a m u e l s e e n v o l v i a , sorrindo
um sorriso leve e d e s c o n t r a i n d o o a m b i e n t e , sur-
g i u a figura d e u m h o m e m q u e a p a r e n t a v a u m a
c e r t a i d a d e , e m t o r n o d e 6 5 a n o s . V e s t i n d o u m
traje e l e g a n t e , r i s c a de g i z , o v e l h o professor se
p o s t o u à frente de A d i r ; o l h a n d o - o n o s olhos ar-
r e g a l a d o s , a s s u s t a d o s , f a l o u , e n q u a n t o t o c a v a l e -
v e m e n t e o o m b r o de S a m u e l :
- M e u q u e r i d o a m i g o ! C o m o esperei p o r este
m o m e n t o - a b r i u os b r a ç o s e, e n t ã o , a p r o x i m o u -
-se de A d i r , e n v o l v e n d o - o .
A d i r d a v a m o s t r a s de p e r d e r a r e s p i r a ç ã o ,
t ã o e m o c i o n a d o f i c a r a . A b r a ç o u o v e l h o a m i g o
c o m o s e a b r a ç a a u m a m ã e d a q u a l s e t e m m u i t a
s a u d a d e , a p ó s l o n g a s e p a r a ç ã o .
- C o m o p o d e ser isso? E n t ã o v o c ê m o r r e u e

foi para o paraíso, e eu fiquei aqui, do lado de fora, depois da morte?

- Pois é, Adir. Cada um fica no local onde sua consciência o localiza.

- Não entendi!

- Não tem problema, velho amigo; não importa agora. Ao que parece, meu amigo Samuel...

Adir interrompeu o pastor imediatamente:

- Ele é amigo seu? Por acaso não é um anjo de Satanás que quer desviar minha alma do caminho do Senhor?

- Puxa, velho amigo... - falou Neemias a Adir. - Me parece que você chegou às últimas consequências a leitura da Bíblia. Nem o reconheço!

Adir abaixou a cabeça, envergonhado. E, em meio a tudo que acontecia, não conseguia tirar da cabeça as imagens dos filhos, as quais acabara de ver. E era como se agora as cenas se desenrolassem dentro de si. Não sabia como fazer e o

que fazer. Sentia-se verdadeiramente perdido.

Samuel deixou que os velhos conhecidos conversassem, que se entendessem, afastando-se um pouco, embora tudo acompanhasse.

- E então, Adir, quer dizer que você não conseguiu tirar o espírito da letra? Interpreta a Bíblia ainda na base do olho por olho, dente por dente?

- Como assim, pastor Neemias?

- Cheguei a ouvir parte de sua conversa

com nosso Samuel. Parece que ainda vê pecado em tudo. Do lado de cá, pastor, a gente aprende muita coisa. E desaprende um monte de outras, também.

- Agora é que não consigo entender, mesmo, suas palavras.

- Depois da morte, Adir, o véu da ilusão cai de nossos olhos e aí conseguimos aprofundar nossa visão e enxergar o sentido real dos textos que antes estudamos. Torna-se possível rever muita coisa que pregamos e que, até aquele

momento, faziaparte denossaconvicção. Aqui, a teoria é outra, a verdade é mais ampla. E des- pidos do artificialismo, da roupagem farisaica, somos obrigados a enfrentar a vida da forma co- mo ela é, abrindo mão dos preconceitos e das barreiras que criamos. Somos obrigados a tirar a trave dos olhos e enxergar além de nossos pró- prios interesses.

- 0 senhor fala a respeito...

- Da visão sobre homossexualidade, à qual você se referiu. Da sua interpretação do pecado de Sodoma e Gomorra. Parece que sua crença nesse suposto pecado fez com que cometesse sevá- rios enganos. Entre eles, o pior...

- Expulsei meu filho Carlos de casa! Agora, não sei o que pensar, se fiz bem ou mal. Mas fiz tudo segundo a Bíblia mandava.

360

- Será mesmo, pastor Adir? Meu amigo!...

- E não falam as Escrituras sobre os sodo- mitas que tentaram os anjos do Senhor?

- B e m , m a s p a r e c e q u e N o s s o S e n h o r Jesus
d i s c o r d a v a dessa i n t e r p r e t a ç ã o . P e l o q u e p o d e -
m o s entender, ele n ã o v i a o p e c a d o de S o d o m a
c o m o sendo a h o m o s s e x u a l i d a d e .
- M a s Jesus c o n d e n a S o d o m a e G o m o r r a !
E s t á lá, n a letra d o E v a n g e l h o .
- S e g u n d o n o s s o i r m ã o P a u l o , a letra m a t a ;
o espírito v i v i f i c a . . . 1
- M a s está lá, P a s t o r N e e m i a s . Eu li. E foi
1 Cf. 2C0 3:6.
p o r isso q u e e x p u l s e i a q u e l e . . .
- A q u e l e filho de D e u s , q u e p r e c i s a v a do s e u
a m p a r o , da s u a c o m p r e e n s ã o e do s e u amor.
D a n d o u m t e m p o p a r a A d i r refletir, p e r c e -
b e u q u e ele n ã o c h e g a r i a a l u g a r a l g u m p o r s i
só. N e e m i a s r e s o l v e u a u x i l i a r n a c o n d u ç ã o das
reflexões:
- P o s s o entender, A d i r , m e u a m i g o , q u e ,
q u a n d o a B í b l i a m e n c i o n a certos c o m p o r t a m e n -
tos h u m a n o s de o r d e m s e x u a l , ela o f a z de a c o r -
d o c o m a v i s ã o d a s p e s s o a s n a é p o c a e m q u e f o -

r a m escritos os t e x t o s s a g r a d o s . A c i ê n c i a , t a n t o
q u a n t o a c o m p r e e n s ã o dos p r o b l e m a s h u m a n o s ,

c a m i n h o u a p a s s o s l a r g o s , m a s , n a q u e l e t e m -
p o e m q u e o s t e x t o s c o n s i d e r a d o s s a g r a d o s sur-
g i r a m , r e i n a v a u m a i g n o r â n c i a m u i t o g r a n d e a
respeito da v i d a . E sobre os c o m p o r t a m e n t o s h u -
m a n o s , e n t ã o , n e m s e f a l a .
N e e m i a s n e m e s p e r a v a q u e A d i r aceitasse d e
i m e d i a t o o q u e f a l a v a . P o r é m , n o t a n d o a s i t u a -
ç ã o í n t i m a d o pastor, r e s o l v e u i r m a i s a l é m em
suas p o n d e r a ç õ e s :
- A d i s c u s s ã o nos dias de hoje, A d i r , v o l t a - s e
m u i t o m a i s p a r a o c o m p o r t a m e n t o h u m a n o e as
p e s s o a s q u e p a r a a f u n ç ã o g e n i t a l . N a a t u a l i d a -
de, o d e b a t e é a respeito do afeto entre p e s s o a s
do m e s m o s e x o , ou de sexos diferentes, e n ã o s o -
m e n t e d e u m m e r o r e l a c i o n a m e n t o c a r n a l , p u r a -
m e n t e s e x u a l . F a l a - s e d a p o s s i b i l i d a d e e d a c a -
p a c i d a d e d e pessoas c o m u n s , c o m o nós m e s m o s ,
e x p r e s s a r e m seus s e n t i m e n t o s e c o m p a r t i l h a r e m

seu afeto por outras, que casualmente podem ser do mesmo sexo. E essa discussão estava longe de existir nos tempos em que se originaram os textos bíblicos. Portanto, como esperar que a Bíblia nos dê resposta para uma questão que nem se-quer ocorrera aos autores dos livros sagrados?

- Mas Deus diz que isso é errado! A Bíblia condena, e é por isso que a gi como o agi. Eu não me considero culpado.

- Será mesmo que não se considera culpa-do, Adir? Será mesmo que você êsconde seus

atos atrás de palavras escritas há 2 mil anos ou bem mais, em alguns casos, para justificar suas atitudes?

Neemias demonstrou certo rigor ao profe-rir essas palavras. E diante da sua postura, Adir procurou ser mais comedido, pois respeitava profundamente o velho amigo, pastor e professor que o introduziu no ministério.

- Afirmar que a Bíblia ou Deus disse que isso

é p e c a d o , é a l g o e r r a d o , n ã o é u m a r e s p o s t a t ã o
b o a a s s i m ; n ã o é u m a r g u m e n t o c o n v i n c e n t e e
suficientemente inteligente p a r a s e emitir u m v e -
r e d i c t o . E n t r e o q u e está escrito, Adir, e o q u e se
e n t e n d e e a c r e d i t a , está a i n t e r p r e t a ç ã o do t e x t o ,
ou m e l h o r , está o p o n t o de v i s t a d a q u e l e q u e lê.
E i n t e r p r e t a ç ã o é a l g o c o m p l e t a m e n t e p e s s o a l ,
d e p e n d e d a c u l t u r a e d a f o r m a ç ã o d e c a d a u m .
" D e t o d a m a n e i r a , se a B í b l i a ou D e u s d i z q u e
d e t e r m i n a d a coisa é e r r a d a , o texto d e v e pelo m e -
nos apresentar um a r g u m e n t o inteligente o b a s -
tante, a fim de m o s t r a r a r a z ã o p e l a q u a l é assim.
S e n ã o , seria arbitrário da parte das E s c r i t u r a s ou,
até m e s m o , d e D e u s . S e m e x p l i c a ç ã o explícita,
n ã o h a v e r i a b o a i n t e n ç ã o e n ã o h a v e r i a , t a m b é m ,
b o m senso da parte de D e u s , nosso P a i . E se n ã o
houver, A d i r . . . A í , p e l o a m o r d e D e u s ! S e a m o -
ral da B í b l i a n ã o resistir à r a z ã o , n ã o suportar o
r a c i o c í n i o , é u m a coisa i l ó g i c a e n ã o p a s s a de i m -

p o s i ç ã o . E q u i v a l e r i a a dizer q u e as coisas consi-

d e r a d a s certas ou erradas só são a s s i m ou a s s a d o p o r u m c a p r i c h o d e D e u s o u d e Jesus; n a p i o r das hipóteses, dos autores dos livros b í b l i c o s . "

- E u n ã o c o n s i g o a c o m p a n h a r seus a r g u m e n - tos. N ã o c o n s i g o e n t e n d e r seu r a c i o c í n i o , p a s t o r N e e m i a s .

- V e j a m o s a p e n a s u m e x e m p l o p a r a v o c ê t e n t a r m e a c o m p a n h a r o r a c i o c í n i o , A d i r . P a u - l o fala, e m 1 T i m ó t e o 2:11-14, q u e a m u l h e r d e v e a p r e n d e r em silêncio e, em 1 C o r í n t i o s 14:34-35, o a p ó s t o l o a s s e v e r a q u e a m u l h e r d e v e ficar em si- l ê n c i o na igreja, p o i s é v e r g o n h o s o p a r a a m u l h e r falar ali; c a s o t e n h a d ú v i d a s , q u e i n t e r r o g u e o m a r i d o e m c a s a . M a s e m m o m e n t o a l g u m ele e s - c l a r e c e o p o r q u ê dessas diretrizes de f o r m a c l a r a e inteligente. P o r q u e é v e r g o n h o s o p a r a a m u - lher falar n a igreja? V e j a q u e n ã o p o d e m o s atri- b u i r a D e u s u m a o p i n i ã o d e nosso i r m ã o P a u - lo. N ã o foi D e u s q u e m disse esse a b s u r d o , m a s foi u m a i n t e r p r e t a ç ã o , u m a c r e n ç a d e P a u l o , até c o m p r e e n s í v e l p a r a a q u e l a é p o c a .

- E u n ã o h a v i a p e n s a d o n i s s o ! E u p r o i b i m i -

n h a m u l h e r d e pregar, d e e n s i n a r n a e s c o l a d o -

m i n i c a l , p a r a a s c r i a n ç a s . . .

- P o i s é, pastor. V e j a b e m : o n d e está o b o m

senso nesse e n s i n a m e n t o ? E o q u e dizer, e n t ã o ,

da i d e i a de q u e o c o m p o r t a m e n t o s e x u a l entre

duaspessoasdomesmosexoéerrado?Baseado
emquê?Qualomotivo?Qualarazão?
"Vejaqueem Gênesis19:1-25,aBíbliafala
doqueocorreuemSodoma.Naverdade,pas-
tor,mesmosobavisãodeJesus,expressamui-
totempodepois,opecadoatribuídoaSodoma
nuncafoiosexoentrehomens.Repareque,de
todasaspessoasqueestavamnaquelacidade,
Lófoioúnicoqueteveahonradezeaeduca-
ção,conformeconsideradonaépoca,deconvi-
darosforasteiros,oschamadosanjos,asehos-
pedarememsuacasa.2

2 Cf. Gn 19:2-3 .

"Numaregiãoinóspitacomoaquelaondese
localizavamSodomaeGomorra,numlocalon-
deaaridezdaterraeradecertoumcomplicador
paraosviajantes,ahospitalidadeeraumdever,
tidocomoumaformahonrosadesepraticara
caridade,conformeeraentendidanaépoca.A

p e s s o a p e r m a n e c e r e x p o s t a , d u r a n t e a noite, a a t a q u e s de h o r d a s de agressores e ao frio do d e - serto, e r a r e a l m e n t e u m d i s p a r a t e , p o i s p o d e r i a o c a s i o n a r até m e s m o s u a m o r t e , o u p e l a s m ã o s d e l a d r õ e s , o u p e l o frio e x t r e m o d o p e r í o d o n o - t u r n o . E s s a é a r a z ã o p o r q u e a h o s p i t a l i d a d e e r a c o n s i d e r a d a u m a v i r t u d e . E o c o n t r á r i o , ou seja, a r e c u s a e m a b r i g a r a l g u é m , e r a t i d a c o m o u m

g r a n d e erro, u m a g r a n d e ofensa, t a l v e z , até, u m p e c a d o . P a r a o s q u e v i v i a m ali, n a q u e l a c u l t u r a , p a r a t o d o s q u e h a b i t a v a m c i d a d e s p r ó x i m a s a o deserto, l u g a r e s e r m o s ou i n ó s p i t o s , a h o s p i t a l i - d a d e e r a r e g r a b á s i c a . E t ã o estrita q u e p r o i b i a até m e s m o o a t a q u e ao i n i m i g o , c a s o tivesse sido a b r i g a d o p o r a l g u m a f a m í l i a , a fim de p a s s a r a noite. Ló r e c u s o u - s e a sujeitar seus c o n v i d a d o s , o s c h a m a d o s anjos, a o relento o u a o c o n v í v i o c o m o s h a b i t a n t e s d e S o d o m a . F a z e r isso seria v i o l a r a lei d i v i n a , a r e g r a m a i s c a r a à s o c i e d a d e d a q u e l e s t e m p o s . "

Adir conseguiu acompanhar o raciocínio do seu amigo Neemias, sempre mantendo vívidas as imagens mentais do filho, aliás, dos filhos, a incomodá-lo. Não se perdoava, ou melhor, sentia-se frustrado, culpado, com remorso. Etal-vez por isso, mesmo entendendo as palavras de Neemias, não conseguia penetrar-lhes profunda-mente o sentido e sondar-lhe o alcance. **0** velho pastor continuou:

- Num dos livros do Evangelho, em Mateus 10:5-15, até Nosso Senhor considerou o pecado de Sodoma a falta de hospitalidade, isto é, ele demonstra claramente interpretar desse modo o texto do Antigo Testamento. E não sou eu quem estou forçando a interpretação; são as palavras do próprio Jesus. Afinal, é após falar sobre a

e v e n t u a l r e c u s a e m h o s p e d a r o s d i s c í p u l o s , q u e
ele s e n t e n c i a : " E m v e r d a d e v o s d i g o q u e n o d i a
d o j u í z o h a v e r á m e n o s r i g o r p a r a S o d o m a e G o -
m o r r a d o q u e p a r a a q u e l a c i d a d e " . 3
" A l é m disso, e x i s t e m o u t r a s referências n a
B í b l i a , n o p r ó p r i o A n t i g o T e s t a m e n t o , n a s q u a i s
os p e c a d o s atinentes a S o d o m a são e n u m e r a d o s ,
e n e n h u m a dessas p a s s a g e n s m e n c i o n a r e l a ç õ e s
s e x u a i s entre h o m e n s o u p e s s o a s d o m e s m o s e x o .
Ao c o n t r á r i o , t o d o s os textos - Isaías 1:10-17; 3 : 9
Jeremias 23:14 e S o f o n i a s 2 : 8 - 1 1 - f a z e m u m a e s -
p é c i e d e l i s t a g e m dos p e c a d o s d a q u e l e p o v o : i n -
;i Mt 10:15.
j u s t i ç a , a d u l t é r i o , m e n t i r a , p a r c i a l i d a d e e o p r e s -
são. E a i n d a a s s i m , em sã c o n s c i ê n c i a , t e m gente
q u e se c o n s i d e r a servo de D e u s e q u e f o r ç a e e x -
t r a p o l a a i n t e r p r e t a ç ã o de t r e c h o s c o m o esses,
p a r a a d e q u á - l o s a o p a r t i d a r i s m o religioso. E n -
c h e m - s e de ira, de c ó l e r a , e se i n f l a m a m ao f a l a -

r e m sobre *gays* ou se d i r i g i r e m a eles. A s s i m , n ã o só a d m i t e m a c o n d u t a d i s c r i m i n a t ó r i a e h o m o f ó - b i c a c o m o cristã, m a s t a m b é m a r e c o m e n d a m . E p o s s í v e l a c e i t a r i s s o ? "

R e s p i r a n d o f u n d o , o p a s t o r N e e m i a s arre- m a t o u , p a r a depois d e i x a r A d i r s o z i n h o , sob o o l h a r e a s u p e r v i s ã o de S a m u e l :

- A i n d a b e m que Jesus p e n s a v a de m a n e i r a

diferente d a que p e n s a m t ã o g r a n d e n ú m e r o dos c h a m a d o s pastores e cristãos da a t u a l i d a d e . S e - n ã o , eu me recusaria a acreditar n u m cristo h o - m o f ó b i c o , n u m Jesus p a r c i a l , n u m messias pre- c o n c e i t u o s o . . . L o g o ele, que a n d a v a e m m e i o a " p e c a d o r e s " e gente de má v i d a , c o m o o E v a n g e - lho registra v á r i a s v e z e s ! 4 E l e , q u e c u r a v a lepro- sos e p a g ã o s , 5 que c o n v e r s o u c o m m u l h e r e s c o - m o a s a m a r i t a n a o u c o m o a q u e l a c o m f l u x o d e s a n g u e , 6 todos i n d i v í d u o s discriminados p e l o p o -

4 Cf. Mt 9:10-13; 11:19; Lc 7:37-39; 15:2; 19:7 etc.

5 Cf. Mt 4:24; 10:8; Mc 5:29; Lc 8:26-39; J° 9 : 2 4-25 -

6 Cf. Lc 8:2,43; *l3-32'i* J° 4 : 9 -

v o j u d e u e tidos n a c o n t a d e a m a l d i ç o a d o s . . . C o -
m o p o d e m o s a d o t a r c o m p o r t a m e n t o s e g r e g a c i o -
nista e nos d i z e r m o s seguidores de C r i s t o , q u a n d o
agir assim se p a r e c e m u i t o m a i s c o m a c o n d u t a
de fariseus e doutores da lei, q u e f o r a m as figuras
m a i s r e c r i m i n a d a s e contestadas p e l o N a z a r e n o ? 7
0 p a s t o r N e e m i a s se a f a s t o u , d i s s o l v e n d o - s e
e m m e i o a o s fluidos a m b i e n t e s , s e m d a r a A d i r
t e m p o p a r a d e s p e d i d a s . E s t e p e r m a n e c i a ali,
s e n t i n d o - s e prisioneiro, t a l v e z n u m m u n d o c r i a -
d o p o r s u a p r ó p r i a m e n t e , n u m m u n d o interior
forjado p o r c u l p a s e c a s t i g o s , p o r p r e c o n c e i t o s e
r e p ú d i o c o n t r a t u d o e c o n t r a t o d o s q u e v i v i a m
d e m a n e i r a diferente o u s i m p l e s m e n t e n ã o v i a m

o m u n d o c o m o ele m e s m o o v i a .

S a m u e l a p r o x i m o u - s e , c o m o v i d o , e n c a r a n d o

A d i r d e m o d o p e n e t r a n t e . E s t e i n d a g o u :

- Q u e foi q u e e u f i z c o m m e u f i l h o , m e u

D e u s ? Q u e fiz c o m m e u C a r l o s ? Q u e f i z c o m m i -

n h a f a m í l i a ?

O l h a n d o S a m u e l frente a frente, p e d i u , c o m

v o n t a d e e v i s í v e l r e m o r s o e s t a m p a d o no rosto:

- Se v o c ê me fez v e r m e u s dois filhos q u e eu

c o n s i d e r a v a m i s s i o n á r i o s , e n t ã o , p e l o a m o r d e

D e u s , me m o s t r e o C a r l o s , me m o s t r e o filho q u e

e u a b a n d o n e i . . .

7 Cf. Mt 6:2-17; 22:18; 23; Mc 7:6; Lc 11:44; '3 : I 5 -

A d i r tremia todo; se n ã o estivesse fora do cor-

p o , c o m c e r t e z a m o r r e r i a u m a s e g u n d a v e z , c o -

mo v i r i a a d i z e r m a i s t a r d e . P e r a n t e seus olhos

m a r e j a d o s , S a m u e l o s u r p r e e n d e e transfigura-se

à s u a frente. E r a o p r ó p r i o filho q u e ele a b a n d o -

n a r a . E r a C a r l o s , o filho *gay,* q u e , d e s e n c a r n a d o ,

voltaraparabuscarovelhopai, consumidopelo sofrimento epelaculpadurantetodaavida. Samuelabraçou-olongamente, tocando-lheoscabelos comdelicadezaechorando, naquelemomentoímpardoreencontrodeduasalmas. Adir nãosecontenteve. Abraçou-otambém:

- Perdão, meufilho, perdão! Perdoeseuvelho pai... Eupequei, meuDeus! - gritava, aos

prantos. - **0** que fiz commeu filho, Senhor? **0** que fiz com os filhos que a mim confiaste?

Ambos choravam, embora Adir se entregasse a um pranto convulsivo e Samuel permanecesse emocionado e agradecido. Depois de longo tempo abraçados, tendo o pastor sido aconchegado pelos braços do próprio filho, resolveu perguntar:

- Que houve com você, Carlos? Ou será Samuel? Para onde você foi, meu filho amado? - pela primeira vez articulou em palavras o amor pelo filho. Talvez pela primeira vez desde a infância de Carlos.

Enxugando as lágrimas, Samuel tomou coragem, respirou fundo, de forma a haurir forças do Alto, e contou sua história:

- Depois que você me expulsou de casa, meu pai, fui morar com uma família em Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro. Lembra-se daquela família que o senhor pediu para se retirar da igreja? Aqueles que não concordaram com o senhor quando estava construindo o prédio? Eles me acolheram. Eu me correspondi com eles por uma ano e lhes contava as dificuldades enfrentadas em casa, tanto por minha mãe quanto por mim. Foi quando o senhor resolveu me expulsar, após eu lhe contar que era *gay* e falharem os exorcismos, as correntes de oração e libertação.

Respirando mais, evitando falar do próprio sofrimento após o trágico incidente, Samuel continuou, refeito das emoções:

- Fui para Petrópolis, meu pai, e lá empou-

c o t e m p o c o n h e c i u m r a p a z q u e m e a j u d o u a
me encontrar. A f a m í l i a c o m a q u a l c o n v i v i m e
a u x i l i o u m u i t o , e c o n v e r s a m o s m u i t a s v e z e s so-
bre m e u s d i l e m a s , sobre o q u e o c o r r i a c o m i g o .
E l e s f i z e r a m d e t u d o p a r a e u n ã o d e s e n v o l v e r
n e n h u m r a n c o r n e m ó d i o c o n t r a o senhor. A o s
p o u c o s c o m p r e e n d i o e s t a d o e m o c i o n a l e a p o s -
t u r a de pastor, q u e o m o v i a . Um dia, eu e m e u
n a m o r a d o v o l t á v a m o s d a c i d a d e d o R i o d e Ja-
n e i r o , o n d e ele c o m p a r e c e u a u m a entrevista de
e m p r e g o . S u b í a m o s a serra; em m e i o a u m a n e -
b l i n a m u i t o forte, o c a r r o dele b a t e u e c h o c o u -
-se c o n t r a o u t r o , q u e v i n h a e m sentido c o n t r á r i o ,
a v a n ç a n d o n a p i s t a . N a q u e l e a c i d e n t e e u d e i x e i
o c o r p o v i o l e n t a m e n t e e a q u i estou, seu filho, so-
frendo j u n t o c o m v o c ê , m e u p a i ; sofrendo c o m
m i n h a m ã e , m a s o r a n d o p o r ela e p o r nós - p o r
v o c ê e p o r m e u s i r m ã o s , q u e , r e v o l t a d o s , se c o n -
s o m e m e m c a m i n h o s q u e e s c o l h e r a m , nos q u a i s
e x p e r i m e n t a m sofrimentos e s e m e i a m s i t u a ç õ e s
c o m p l e t a m e n t e d e s n e c e s s á r i a s p a r a eles.

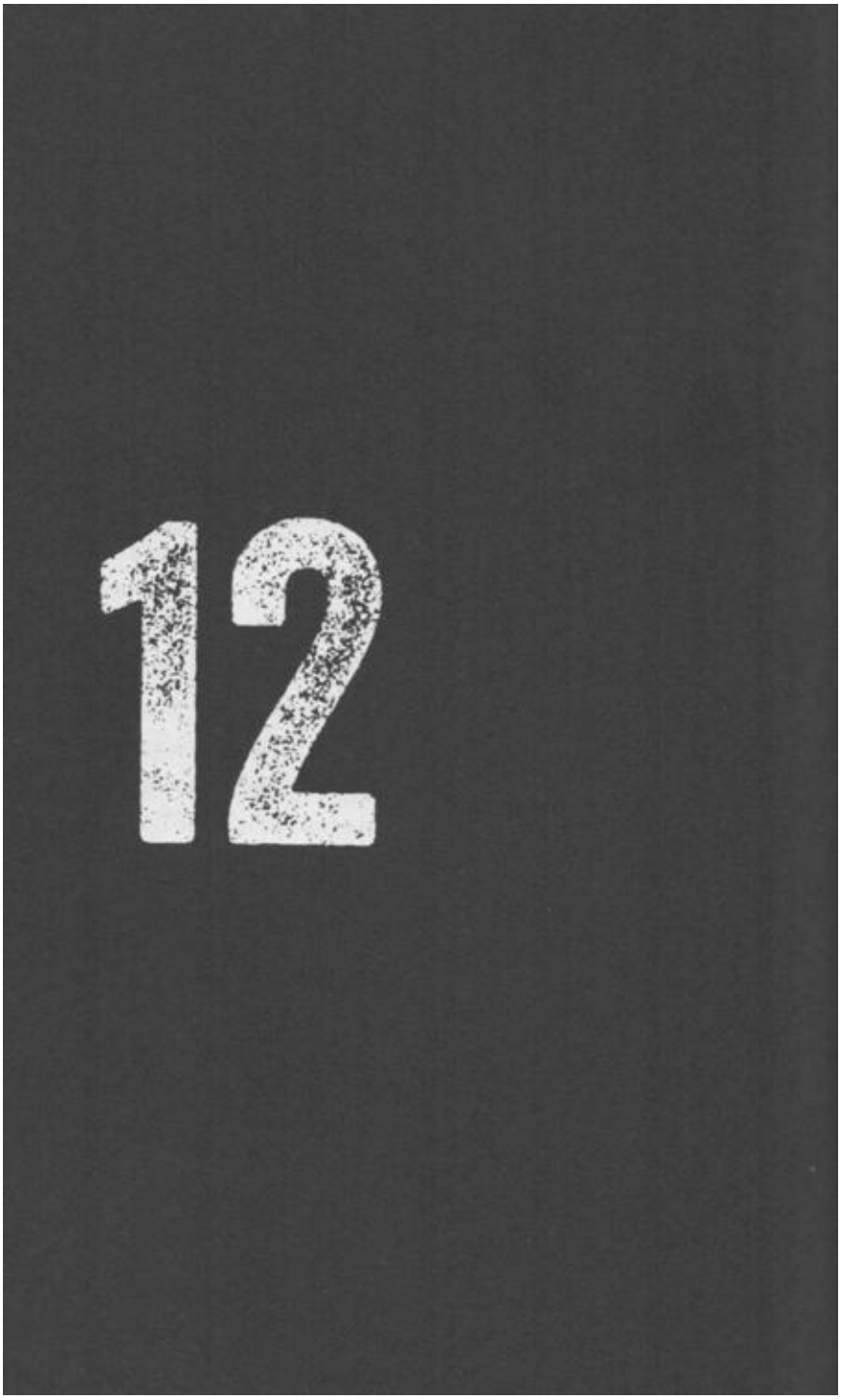
Samuel discorreu por alguns minutos, falando da forma como o amparava sua velha mãe e como o aguardara o momento de tocar no coração

do pai, Adir. Explicou como teve de estimular suas reflexões, promover uma tempestade cerebral, a fim de despertar o pastor e pai, para que revisse suas atitudes e posturas, que fizeram sofrer toda a família.

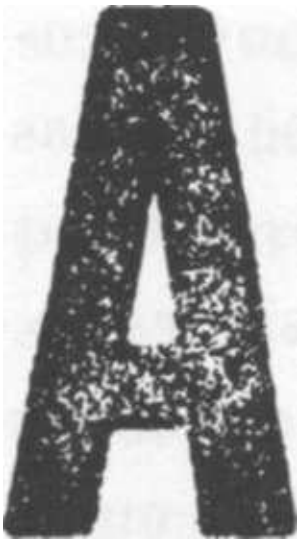
Adir ouvia tudo derramando lágrimas, com uma vergonha imensa de si mesmo e do filho. Fora amparado exatamente pelo filho *gay* que desprezara e execrara por tantos anos. Pouco a pouco, Adir se acalmava, à medida que Samuel tocava-lhe os cabelos, alisando-os, acariciando-os como não fazia há tempos. Lentamente, acabou por adormecer, suavemente aconchegado pelo filho, até que dormiu profundamente e sonhou. Sonhou que estava no leito de um hospital. Adir simplesmente libertou-se daquela prisão mental, da dimensão em que se sentira

prisioneiro. R e s s u r g i a e m outro lugar, e m outras
c i r c u n s t â n c i a s .
S a m u e l l e v a n t o u - s e d o l o c a l o n d e s e e n c o n -
t r a v a , o n d e estivera s e g u r a n d o o c o r p o espiritual
do v e l h o pastor Adir. O l h o u p a r a o alto, r u m o
a u m p a í s distante d a i m e n s i d a d e . I l u m i n o u - s e
c o m p l e t a m e n t e ; s u a a u r a a l c a n ç o u d i m e n s õ e s
e x t r a o r d i n á r i a s e , c o m o u m a b o r b o l e t a d e l u z ,
transfigurou-se, t o r n o u - s e u m a estrela, s i n g r a n -
do o firmamento d a q u e l a d i m e n s ã o e d i r i g i n d o -
-se p a r a j u n t o d e outras a l m a s , m a i s e s c l a r e c i d a s ,

r u m o a u m m u n d o o n d e n ã o h a v i a rancor, n e m
p e r s e g u i ç ã o , n e m p r e c o n c e i t o , n e m h o m o f o b i a .
A l i , p a r a o n d e ia, t o d o s se a m a v a m e se respeita-
v a m . T o d o s a c r e d i t a v a m n u m a m a n h ã i l u m i n a d o
pelas luzes d e u m a e s p i r i t u a l i d a d e s e m frontei-
ras, s e m p r o i b i ç õ e s . S a m u e l regressara p a r a j u n -
to de seus a m i g o s pertencentes a um m u n d o p l u -
ral, c o l o r i d o c o m t o d a s as cores do arco-íris.


12

O DESPERTAR DE DUAS VIDAS



3H33 D A M A D R U G A D A

DIR **A C O R D O U** n a c a m a d a p r ó p r i a c a -
sa. R e s p i r a v a c o m d i f i c u l d a d e , e n -
q u a n t o a m u l h e r f a z i a m a s s a g e n s e m
seu p e i t o e g r i t a v a p o r socorro. A p a -
r a d a c a r d í a c a p a r e c e r a h a v e r c o l o c a -
do fim à v i d a de Adir. A e s p o s a n ã o
p o d e r i a s u p o r t a r a p e r d a dele. D e p o i s dos filhos,
de C a r l o s , q u e se fora, e x p u l s o p e l o p a i ; dos o u -
tros dois, q u e p a r t i r a m p e l o m u n d o a s s u m i n d o
o t r a b a l h o m i s s i o n á r i o p a r a n u n c a m a i s d a r n o -
t í c i a s , a g o r a a p o s s i b i l i d a d e da m o r t e do e s p o -
so. Isso ela n ã o a g u e n t a r i a . E c h o r a v a , c h o r a v a e
g r i t a v a p e l o p o d e r d o s a n g u e de Jesus.

Mas Adir ainda não morrera. Depois de in-
tensas rogativas e muita exasperação, ela aguar-
dava o fim, o veredicto da morte. Queria orar
pelo marido, mas não conseguia. Ouvira-o ur-
rar exatamente no instante em que se levantara
para o momento da oração, que escolhera para
pedir pelos filhos, por sua alma e por si pró-
pria. Foi quando ouviu os gritos roucos, abafa-
dos, e saiu correndo, encontrando Adir estendi-
do na cama, com os olhos parados, quase sem
respirar - ou será que respirava ainda? Ela apa-
vorou-se; rasgou a camisa que o marido vestia
para dormir e fez-lhe respiração boca a boca.
Tudo foi muito rápido. Forçou as mãos contra
o peito dele, como aprendera nas aulas de pri-
meiros socorros. Adir pareciar espirar novamen-
te. Fora somente um susto. Passara-se apenas
um minuto. Um minuto do mundo dos homens
em que o pastor esteve prisioneiro de si mesmo.
Um minuto de eternidade em que a culpa e a
dor, o remorso e o reencontro se deram numa

dimensãoalémdotempo,doespaço,daspos-
sibilidadesdeAdiresuamulhercompreende-
rem,explicaremoucrerem.Adirabriuosolhos,
respirandocomdificuldades,dandomostrasde
queagonizava.

378

- R u t e , p e l o a m o r de D e u s ! . . . - e x c l a m o u ,

c o m a r e s p i r a ç ã o o f e g a n t e . - Eu fui ao inferno,

R u t e . E u estive n o i n f e r n o e fui l i b e r t a d o p o r u m

anjo d e D e u s . E u v i o C a r l o s . . .

0 v e l h o p a s t o r fez l e v e c a r e t a e t o r n o u a sen-

tir o c o r a ç ã o falhar.

- D e i x a disso, A d i r . A g o r a n ã o é h o r a p a r a

isso, h o m e m ! V a m o s orar. E u v o u p e d i r a D e u s

u m m i l a g r e e m s u a v i d a . . .

E antes q u e R u t e p u d e s s e s e q u e r f o r m u l a r

u m a frase, A d i r d e u o d e r r a d e i r o suspiro. A res-

p i r a ç ã o p a r o u de f i n i t i v a m e n t e , p a r a n ã o m a i s

voltar. R u t e c h o r a v a , g r i t a v a p e l o s a n g u e de Je-

sus. A v i z i n h a n ç a se a l v o r o ç o u . D e p o i s de a l g u n s

m i n u t o s , o c o r p o d o p a s t o r era l e v a d o p e l a a m -

b u l â n c i a , d a d o c o m o m o r t o . **0** c o r o dos f i é i s e n -

t o a v a u m a m ú s i c a n o s t á l g i c a , f a l a n d o d o p a r a í -

so, dos s a l v o s , dos eleitos.

O s f i l h o s n ã o v i e r a m - n ã o s o u b e r a m , n ã o

p u d e r a m o u n ã o q u i s e r a m vir, n e m n a q u e l e d i a
n e m n o s d e m a i s . R u t e n a d a s a b i a sobre o desti-
n o deles, n e m m e s m o d e C a r l o s , a q u e m t a n t o
a m a v a , e m b o r a h o u v e s s e p e r m a n e c i d o silenciosa
e inerte q u a n d o ele m a i s p r e c i s o u . E A d i r p a r t i a ,
c o m a l g o t e r r í v e l c o m o s e g r e d o . U m s e g r e d o q u e
s o m e n t e ele c o n h e c i a , g u a r d a d o e m s u a m e m ó -
ria, a m e m ó r i a espiritual. **0** c o r p o foi l e v a d o p a -
ra o h o s p i t a l .

379

A e s p o s a ficara, t o m a n d o p r o v i d ê n c i a s , p r e -
p a r a n d o o enterro, a d o c u m e n t a ç ã o . . . S o f r e n -
do? N i n g u é m s a b e . A l i v i a d a ? P o s s i v e l m e n t e . S ó
s e s a b e q u e n ã o c h o r a v a m a i s . Q u e coisa estra-
n h a , essa. S e c h o r o u n a h o r a d a m o r t e , foi a l -
g u n s m i n u t o s a p e n a s ; d e p o i s , j á n ã o c h o r a v a . O u
a s l á g r i m a s s e c a r a m o u , e n t ã o , s e sentira a l i v i a -
d a , liberta; p o s s i v e l m e n t e se sentisse d e s p r e z a -
da, t a l v e z p e l a p r ó p r i a v i d a . E r a a l g o a s s i m m e -
l a n c ó l i c o , t r á g i c o , p o r é m s e m s a u d a d e s . D e v e r i a
d a r c a b o dos afazeres r e l a c i o n a d o s à m o r t e , ao

enterro. Planejar o velório, as comidas, a cova. Até mesmo o cortejo com os hinos, o carro de som que anunciaria pela vizinhança a morte do pastor, o servo de Deus.

0 defunto nem havia ainda *defuntado,* e os fiéis já estavam se mexendo, remoendo as lembranças, cantando qualquer coisa que recordasse esperança e fé. A cova e o coveiro também foram, por sua vez, devidamente acertados. Deveria ser um coveiro convertido, batizado. Assim quisera o pastor, assim deixara claro nas suas pregações, no seu palavreado de crente convicto, salvo e consagrado.

Mas o morto não merecia todo esse cuidado. Ao menos, assim pensava Rute. Liberta, de alma lavada, após os primeiros gritos, o choro arrumado, o pranto sofrido de alguns minutos ape-

nas. Era o desespero de quem se vê sozinha na vida; mas, afinal, quem precisa de um companheiro como aquele? Que espreme, aperta, sufoca, cobra e maquina a perdição junto com o mais velho demônio do inferno? Pois assim foi que ouviu, durante toda a vida de casada, sobre aqueles que se perderiam caso renegassem não Jesus, propriamente, mas o que a igreja ensina a respeito dele. E Rute respirava o suspiro, o respiro, a aragem experimentada somente pelas aves libertas, como libertas se sentia, da gaiola das crenças impostas. Enquanto isso, Adir pairava mais além, sensível aos sentimentos que para trás deixara, inspirara, naqueles a quem dizia haver conduzido aos braços do Pai.

Foi assim que o velho pastor partiu, deixando como herança somente a sua igreja com os fiéis, à mercê de qualquer outro pastor ou missionário que tivesse a coragem de substituí-lo,

d e s a g r a r - s e c o m a n d a n t e d a q u e l e b a t a l h ã o d e
a l m a s crentes, d e d i c a d a s , a c o s t u m a d a s a s e r e m
g u i a d a s , m o l d a d a s a ferro e a f o g o . M a s R u t e ,
a m u l h e r do pastor, ao r e l e m b r a r o filho e x p u l -
so, os filhos q u e se f o r a m , e n t r e g o u - s e à a m a r -
g u r a . N ã o v e r t e u m a i s n e n h u m a l á g r i m a , m e s -
m o h a v e n d o a n t e v i s t o o futuro, p r o v a v e l m e n t e ,
n a s o l i d ã o . N ã o s e p e r m i t i u chorar. N e m m e s m o

de s a u d a d e . N ã o quis sofrer a dor da p e r d a m a i s u m a v e z . A p e n a s a e x p e r i m e n t o u c o m o u m a g o t a a m a r g a , m a s n ã o m a i s d o q u e u m a g o t a . E s e e n t r e g o u à a n g ú s t i a , à e s c r a v i d ã o m e n t a l e e m o c i o n a l - esta, o u t r a f o r m a de dor.

P o r A d i r n ã o sofreria m a i s . N ã o e s p e r n e a r i a , n ã o g r i t a r i a m a i s do q u e o fez p a r a c h a m a r a a t e n ç ã o d a v i z i n h a n ç a e dos i r m ã o s , n a o c a s i ã o d a p a r t i d a . M a i s n ã o faria. M a i s n ã o sofreria.

N ã o p o r ele, o m o r t o , o a l g o z de s u a a l m a . A s s i m c o n s i d e r a v a , v e l a d a o u a c a n h a d a m e n t e . A c e i t o u a m o r t e do p a s t o r c o m r e s i g n a ç ã o . E se e s f o r ç a r i a p a r a n ã o l e m b r a r m a i s , p a r a n ã o sofrer m a i s .

A d i r s e v i u s o z i n h o e m m e i o aos p e n s a m e n t o s , à s e m o ç õ e s c o n t u r b a d a s , aos s e r m õ e s d e c o r a d o s sob a l u z estrelas ou do f o g o de a l g u m l u g a r e r m o , d o a v e r n o , t a l v e z n a a n t e c â m a r a deste.

N ã o fora c a p a z d e inspirar n e m m e s m o a s l á g r i m a s d e a l g u é m p a r a c h o r a r p o r ele d e m a n e i -

r a g e n u í n a , s e n t i m e n t a l , v e r d a d e i r a ; n e m m e s m o
l e m b r a n ç a s ternas d e i x a r a . A p e n a s o a l í v i o q u e
s u a m o r t e c a u s o u na m u l h e r a q u e m d o m i n a r a a
v i d a inteira. N a d a m a i s .
A m o r t e de A d i r s u c e d e r a , t a n t o p a r a a a e s -
p o s a q u a n t o p a r a m u i t a g e n t e d a c o n g r e g a ç ã o ,
n ã o c o m o a p a s s a g e m a o u t r o m u n d o ou o i n -
gresso n u m p r e s u m í v e l p a r a í s o . E l e t ã o s o m e n -
te p a s s a r a do p r e s e n t e p a r a o p r e t é r i t o , d e m a r -
c a n d o n a d a m a i s q u e o e m p r e g o d e n o v o t e m p o

verbal, fato este nem sempre compreensível por aqueles com quem conviveu. Simplesmente ingressara, de maneira irremediável, no passado das vidas de todos. Principalmente nas de Rute, dos filhos perdidos e como o salvo stidos, da mulher que se enterrara não na cova como o marido, mas nas teias da solidão escura. A morte de Adir se restringira ao mundo asséptico da igreja, das crenças impostas, vigiadas, quase mortas de tão rígidas, como ele mesmo talvez estivesse naquele momento. E assim, como personagem de uma história, a sua história, ele jamais conseguiria reverter o fato de que modificara para sempre sua localização geográfica, na gramática da vida, do tempo presente ao passado indefinível, na vida daquelas pessoas.

Adir dormia... além da sepultura, além da morte, num país chamado saudade. Entre as estrelas do firmamento, Samuel - ou melhor, Car-

los - e m b a l a v a o espírito do p a i , q u e , a d o r m e -
c i d o , s o n h a v a c o m t o d o s o s detalhes p o s s í v e i s ;
s o n h a v a , e m t o d a s a s cores d o arco-íris, c o m o s
fatos v i v i d o s , as e m o ç õ e s sentidas, as s a u d a d e s
r e p r i m i d a s . De a l g u m a m a n e i r a e p a r a a sur-
p r e s a de A d i r , ele fora r e c e b i d o p e l o p r ó p r i o fi-
lho q u e e x p u l s a r a d o lar. A d i r s o n h a v a , t i n h a
p e s a d e l o s ; enfim, v i a a p r ó p r i a v i d a transcorrer
n a s telas m e n t a i s c o m o u m filme, d e trás p a r a

frente. A s i m a g e n s e x i b i d a s p e l o fantástico p o -
der d a m e m ó r i a espiritual m o s t r a v a m u m h o -
m e m a r r e p e n d i d o , t r a n s f i g u r a d o p e l o r e m o r s o ,
p e l a s a u d a d e , p e l a v o n t a d e d e acertar. E l e teria
n o v a o p o r t u n i d a d e , n o v a c h a n c e d e s e redimir.
Q u e m s a b e , v o l t a r i a n a n o v a e x i s t ê n c i a c o m o a l -
g u é m a i n d a e m d ú v i d a q u a n t o à s p r ó p r i a s e m o -
ções; q u e m s a b e s u a c o n s c i ê n c i a o a b o n a r i a p a -
r a r e e n c a r n a r c o m o m é d i u m , a fim de a u x i l i a r
o u t r a s p e s s o a s a se r e e n c o n t r a r o u , e n t ã o , p a -
r a c o m b a t e r o p r e c o n c e i t o de q u e fora v e í c u l o ?

Quem sabe, ainda, renascesse não como um espírito índigo, mas, talvez, como um espírito cor-de-rosa, como *gay?* Quem sabe, quem sabe?!... Somente se saberia de tudo isso, com certeza, no próximo minuto. Numa próxima vida.

NAS AVENIDAS DO Rio de Janeiro, uma ambulância corria a toda velocidade. Dentro dela, um rapaz fora quase ressuscitado, após um acidente. Hugo voltara à consciência. Ficara durante um minuto desacordado, um minuto apenas, porém suficiente para absorver intuições e inspirações. Diante do impacto do carro no poste, perdera a consciência física, mas aquele minuto havia tido a máxima importância para o resto de sua vida. Durante o transe em que aparenta-

v a p e r d a d a l u c i d e z , r e c o b r o u o sentido d a e x i s -
t ê n c i a . P e r m a n e c i a n a a m b u l â n c i a , sendo l e v a d o
e m d i r e ç ã o a o h o s p i t a l .
- C o n s e g u i m o s t i r á - l o de lá c o n s c i e n t e , g r a -
ç a s a D e u s ! - f a l o u um dos p a r a m é d i c o s .
- A g o r a p r e c i s a m o s l o c a l i z a r a f a m í l i a .
- Já liguei e falei c o m a i r m ã do r a p a z . E l e
s e c h a m a H u g o .
- E c o m o v o c ê s a b e disso? C o m o c o n s e g u i u
o telefone da f a m í l i a ?
- P e g u e i o c e l u l a r q u e e n c o n t r e i e m b a i x o
d o a s s e n t o d o c a r r o . P o r sorte, n ã o e s t a v a b l o -
q u e a d o . L o c a l i z e i u m telefone d e e m e r g ê n c i a , e
q u e m a t e n d e u foi a i r m ã dele. E l a já está a c a -
m i n h o d o h o s p i t a l .
H u g o foi l e v a d o p a r a u m a u n i d a d e d e emer-
g ê n c i a , a fim de ser a t e n d i d o c o n f o r m e o p r o t o -
c o l o . No e n t a n t o , l o g o foi transferido p a r a o H o s -
p i t a l S a m a r i t a n o , a p e d i d o d a i r m ã . F o i p a r a l á

que ela se dirigiu, juntamente com Ralph, o primo recém-chegado de Nova Iorque. Assim que chegou ao hospital, o rapaz recebeu logo um sedativo; os familiares só puderam vê-lo bem mais tarde, quando o amanhecer ou o dia. Kelly entrou no quarto onde o irmão estava, acompanhada de Ralph. Encontraram Hugo ainda adormecido, com uma das pernas engessada e vários ferimen-

tos espalhados pelo corpo; entretanto, estava bem cuidado, como os devidos curativos. Dormia profundamente.

Kelly olhou para o primo sem saber o que fazer, como apedir socorro:

- Meu Deus, eu não sei como ele conseguiu chegar aonde chegou. Saiu tão desequilibrado lá de casa...

- Não se preocupe, minha prima - falou Ralph, aconchegando-a nos braços. - Vamos nos inteirar de tudo com o médico, assim que algum aparecer por aqui. Parece que Hugo escapou por

p o u c o . G r a ç a s a D e u s , o *airbag* f u n c i o n o u b e m .
A l é m disso, ele d e v e ter a l g u é m l á e m c i m a q u e
o l h a p o r ele. D o carro n ã o s o b r o u m u i t a coisa,
p e l o q u e o u v i .
- N e m m e fale, R a l p h . N e m m e fale. Q u e r i a
a p r o v e i t a r e lhe p e d i r um favor.
- F a l e , m i n h a q u e r i d a . S a b e q u e e u f a ç o
q u a l q u e r c o i s a p r a ajudar.
- E a l g o q u e me i n c o m o d a m u i t o ter de p e -
dir a v o c ê , m a s , n e s t a s i t u a ç ã o , n ã o sei q u a l seria
a m e l h o r c o i s a a fazer.
- P e ç a , fale l o g o , antes q u e m e d e i x e l o u c o .
Já e s t o u a p o n t o de e x p l o d i r c o m t u d o q u e a c o n -
t e c e u nesta noite.
- Q u e r i a lhe p e d i r p a r a f i c a r l á fora u m p o u -
c o . V o c ê v i u o e s t a d o a l t e r a d o e m q u e H u g o s e
e n c o n t r a v a l á e m c a s a , d u r a n t e a r e c e p ç ã o q u e

p r e p a r e i c o m m u i t o c a r i n h o p r a v o c ê . T e n h o m e -
d o d e ele a c o r d a r d e r e p e n t e , v e r v o c ê a q u i e . . .
- E s t á b e m , K e l l y , está b e m ! M a s e u n ã o

q u e r i a f i c a r d e fora d e s t a s i t u a ç ã o . M e s m o cor-
r e n d o o risco de ele se alterar c o m i g o m a i s u m a
v e z , e u d a r i a t u d o p r a f i c a r a o l a d o dele a g o r a -
R a l p h f a l o u e m o c i o n a d o , b a s t a n t e s e n s i b i l i z a d o
ao v e r o p r i m o n a q u e l e e s t a d o .
- M a s v o c ê faria isso p o r m i m ? - p e r g u n t o u
K e l l y , d e m o n s t r a n d o real p r e o c u p a ç ã o c o m o j e i -
to c o m o o i r m ã o a c o r d a r i a ao v e r o p r i m o , c o m o
q u a l n ã o s e d a v a n a d a b e m .
- N a v e r d a d e , e u n ã o sairia, c a s o v o c ê n ã o
m e p e d i s s e c o m t a n t a insistência. Prefiro enfren-
tar u m a p o s s í v e l crise de fúria de H u g o a deixá-
lo a q u i , m a s . . .
- M a s e u f i c a r e i d e p l a n t ã o p e r t o dele. A l é m
d o m a i s , v o c ê v a i e s t a r l o g o ali f o r a , n a s a l a d e
e s p e r a . . .
E n q u a n t o c o n v e r s a v a m , H u g o foi r e t o r n a n d o
d o efeito d o m e d i c a m e n t o . A c o r d a r a , e m b o r a de-
v a g a r , m a s o b a s t a n t e p a r a e s c u t a r parte da c o n -
v e r s a de K e l l y c o m o p r i m o . B a l b u c i a n d o , r e u n i u
forças e articulou, f o r ç a n d o p a r a ser o u v i d o :

- D e i x e ele ficar, K e l l y ! Q u e r o q u e R a l p h fi-

q u e a q u i , t a m b é m . . .

O s dois v o l t a r a m - s e a s s u s t a d o s p a r a H u g o ,

q u e t e n t a v a s e m e x e r n a c a m a , m a s m a l c o n s e -

3 8 7

g u i a m o v i m e n t a r a c a b e ç a . **0** a c i d e n t e d e i x a r a -

-o m u i t o fraco e d e b i l i t a d o , c o m v á r i a s p a r t e s do

c o r p o a f e t a d a s , a i n d a q u e t e m p o r a r i a m e n t e .

- H u g o ! . . . - e x c l a m o u R a l p h . - G r a ç a s a

D e u s , v o c ê está b e m ! Q u e r dizer, está s e r e c u p e -

r a n d o . **0** q u e a c o n t e c e u c o m v o c ê ? M e c o n t a , e s -

tá se sentindo b e m ?

E s b o ç a n d o u m riso q u e m a i s p a r e c i a u m a

m á s c a r a e s t a m p a d a e m seu rosto, H u g o t e n t o u

r e s p o n d e r :

- F u i u m l o u c o R a l p h , u m l o u c o e s e m res-

p o n s a b i l i d a d e !

- P a r e c o m isso, m e u i r m ã o - i n t r o m e t e u - s e

K e l l y n a c o n v e r s a .

- É isso m e s m o , K e l l y . Eu fui um i r r e s p o n -

s á v e l ! - e n q u a n t o f a l a v a , R a l p h se a p r o x i m o u de

Hugoe, num gesto mais de delicadeza do que de carinho, tocou-lhe a mão levemente. Logo foi correspondido por Hugo, que lhe apertou os dedos, mesmo com poucas forças.

- Quero lhe pedir perdão, Ralph. Fui inconsequente e mal-educado com você. Me perdoe, cara! - falou olhando diretamente nos olhos do primo, agora, no entanto, com um olhar que dizia muito mais do que palavras.

- Que é isso, rapaz!? - falou Ralph, como-vido com a postura diferente do primo, até mesmo delicada, pela forma como o olhou e segurou

s u a m ã o . - N ã o g u a r d o n e n h u m rancor. **0** q u e i m p o r t a m e s m o é q u e v o c ê s a i a l o g o d a í . A f i n a l , t e m m u i t a s m e n i n a s lá fora, l o u c a s p a r a te ver, e v o c ê t e m m u i t o o q u e a p r o v e i t a r d a v i d a . F i q u e b o m , q u e isso já é suficiente.

P e n s a n d o u m p o u c o e c o m u m a d i s c r e t a l á - g r i m a d e s c e n d o - l h e a f a c e , H u g o f a l o u a i n d a , c o m v o z e n t r e c o r t a d a :

- N ã o q u e r o s a b e r de v i s i t a de m e n i n a a l g u - m a . Q u e r o q u e v o c ê s f i q u e m a o m e u l a d o - t o s - siu u m p o u c o , a u m e n t a n d o a s s i m a dificuldade q u e t i n h a p a r a se exprimir. - Q u e r o q u e e s p e - c i a l m e n t e v o c ê fique ao m e u l a d o - disse, o l h a n - d o n o v a m e n t e p a r a R a l p h .

K e l l y o l h o u p a r a R a l p h s e m e n t e n d e r o q u e s e p a s s a v a , m a s feliz, p o i s H u g o p a r e c i a h a v e r se m o d i f i c a d o m u i t o a p ó s o a c i d e n t e . D i s s o n ã o r e s t a v a d ú v i d a ! P a r e c e até q u e v i r a a l g o , u m f a n t a s m a o u q u a l q u e r c o i s a d o g ê n e r o . M a s q u e

mudara, mudara. Ralph não conseguiu conter mais as lágrimas, bastante emocionado com a reação do primo, e então chorou. Talvez desabafando todo o conteúdo emocional represado durante os poucos momentos que passara junto de Hugo e Kelly, desde que retornara ao Brasil. Liberava toda a tensão gerada pela forma como o primo o tratava, feliz porque a situação se modificara por completo.

- Não se preocupe, meu primo. Fica a meu lado o tempo que puder.

E realmente foi assim. Por quinze dias, Ralph e Kelly ficaram juntos no hospital, num apartamento que acomodava acompanhantes. Dia a dia Hugo parecia melhorar; em diversos momentos, olhava para Ralph de maneira diferente, quase pedindo para ficar a sós com o primo. Mas a irmã não arredava pé. No fundo, tinha medo de uma recaída de Hugo, de que ele em algum momento viesse a tratar mal o primo. Mas Hugo nem de longe pensava em voltar atrás. Conversavam sobre quase tudo. Hugo queria saber, aos poucos, das novidades na vida de Ralph e do restante de sua família, que havia permanecido no outro continente.

Alguns dias mais, e Hugo foi liberado do hospital com algumas recomendações médicas. Saiu daquele acidente totalmente transformado,

de corpo e de alma. Levado para casa, exigiu que o primo deixasse o hotel e ficasse com eles em casa; porém, Ralph se recusou terminantemente. Estava bem instalado e não queria, de forma alguma, causar transtornos para a família.

Kelly teve de se ausentar um dia, deixando Hugo aos cuidados de Ralph. Hugo já se levantava, caminhava sozinho e conseguia, até certo ponto, retomar os movimentos e a autonomia,

mesmo que sob cuidados médicos e fazendo uso de medicamentos.

Tudo aconteceu numa tarde em que Ralph descansava na sacada, observando o movimento na orla, ao longe, quando Hugo se aproximou devagar, quase sutil. Percebendo a presença do primo, Ralph se sentiu subitamente desconfortável, pois também não esquecera o que ocorreu entre eles dez anos antes. E como Hugo modificara radicalmente o comportamento ao longo desses anos, Ralph tinha receio de que sua presença pu-

desse, de algum modo, perturbar o primo - logo agora, quando a relação entre ambos parecia restabelecer-se, com uma amizade incipiente e uma aproximação mais tranquila. A mudança recente se devia ao acidente de automóvel no qual Hugo se envolvera, quase perdendo a vida. Retomara a consciência surpreendentemente transformado, como se algo houvesse ocorrido com ele enquanto esteve em estado alterado de consciência, após o acidente. Ralph não entendia dessas coisas e não queria deixar seus pensamentos vagarem por essas vias. Seja de que forma fosse, tinha medo da eventual aproximação do primo. Queria que tudo transcorresse com mais vagar, respeitando os limites de Hugo.

Em suas cogitações Ralph foi surpreendido pela atitude do primo. Hugo achegou-se, tocan-

do ligeiramente e quase trêmulo ombro de Ralph, que se assustou com o gesto inesperado. Conversando qualquer coisa sem muita importância, Hugo permitiu que a mão deslizasse pelo ombro de Ralph, como se estivesse esboçando certo carinho. O coração de Ralph quase explodiu, e a taquicardia se manifestou, ante o assombro com o carinho explícito do primo. Era mesmo uma carícia, afinal? Sim, não havia margem para dúvida. Fato é que não teve palavras para dissuadi-lo, tampouco pôde evitar. Estava paralisado com o gesto. Hugo continuou observando a orla enquanto suavemente tocava o primo, tentando disfarçar, com as palavras, a ternura que desejava transmitir, embora não tivesse muito jeito com isso. Principalmente com outro homem. E quanto mais esboçava o carinho reprimido a duras penas, durante dez anos, mais Ralph parecia petrificado, até que, de um momento para outro,

começou a tremer, devido à tensão.

- Desculpe, primo - falou Hugo, ao notar o nervosismo de Ralph. - Eu não queria causar constrangimento em você ê. É que se passou tanto tempo, e eu fui tão...

Ralph voltou diretamente o olhar para o primo. Procurou encarar a situação com o máximo de naturalidade, ficando frente a frente com o improvável Hugo. Os olhares se cruzaram, se fi-

xaram e, neste momento, os corações de Hugo e Ralph pareceram disparar. Havia uma comunicação não verbal, não articulada, mas perfeitamente eficaz e compreendida. Os corpos de ambos pareciam, agora, corresponder às emoções que agora afloravam, após anos de repressão.

Ralph manteve-se de pé, respirando fortemente, demonstrando tanto seu nervosismo quanto seu desejo, que explodia manifestando-se no corpo jovem através do suor, da musculatura retraída, não relaxada, pulsante de vida.

Pela primeira vez, Hugo se permitia sentir a resposta física de suas emoções direcionadas a outro homem, sem barreiras, sem dramas, sem nada que pudesse nublar suas intenções, sem a necessidade de esforço para dissimular sua atração, seus desejos agora revelados pela exuberância do corpo, que falava muito mais do que qualquer palavra. A proximidade com Ralph lhe provocava um leve tremor; o cheiro do primo fazia com que seus hormônios entrassem em ebulição. Estavam tão próximos que foi impossível para Ralph ignorar o fato de que Hugo experimentava uma ereção, enquanto seus corpos se atraíam um pelo outro com um magnetismo irresistível. Não suportando mais, Hugo beijou o primo mais uma vez. Desta vez, dez anos após o primeiro contato, porém, beijou-o sofregamente,

com toda a volúpia de sua alma, que arrebentou a represa criada para impedir que se assumisse e reconhecesse sua paixão, enquanto recorria à

mentira, à repressão e à homofobia.

Ralph também não resistiu. Agarrou o primo, ignorando por um instante que ele talvez ainda sentisse dor, devido ao acidente; mesmo assim, tomou-o nos braços e o conduziu ao leito. Ali, seus corpos se tocaram e, tocando-se, abraçaram-se, enquanto Hugo delirava com o prazer que despertava nele, em cada célula, cada átomo. Não imaginava que outro homem pudesse fazê-lo se sentir assim, tão intensamente vivo; jamais cogitara que um corpo masculino pudesse suscitar sensações de prazer indescritível como as experimentava. Naquele momento, só havia ele e Ralph, que não se sentia em um pouco inibido ao demonstrar seu carinho, mostrar sua virilidade e penetrar a alma de Hugo, tanto quanto seu corpo, numa explosão de prazer, sensualidade e magnetismo, intenso magnetismo, coagulado e depois liberado em cada gota de sêmen, que parecia escorrer como a lava de um vulcão, numa erupção dos sentidos.

Hugo gemia de prazer. Intimamente, confes-
sava a si mesmo que nunca experimentara tama-
nha sensação de plenitude, tão genuína e intensa,
quanto nesse contato arrebatador dos sentidos,

que acontecia, que vivenciava com Ralph. Após
os longos momentos em que trocaram suas ener-
gias mais íntimas, os fluidos corporais exsudados
pelo calor da paixão duramente reprimida, beija-
ram-se eternamente; tão mágica e suavemente que
esse ato conseguiu romper de vez qualquer possí-
vel barreira que restasse na intimidade de Hugo.
Agora descansavam sobre a cama, abraça-
dos, como dois namorados, como dois amantes.
Ralph não saberia dizer quais pensamentos se
passavam em sua cabeça, porém, de uma coisa
sabia: sentia-se feliz. Imensamente feliz.
Passada mais de uma hora em que os dois ali
estavam, já quase adormecendo, curtindo ainda
o transe hipnótico da presença do outro, sem pa-
lavras, sem desculpas, sem barreiras, ouviram

os passos de Kelly, que adentrava o apartamento sem nenhum porquê que alevasse a disfarçar sua presença. Ralph olhou para Hugo, como a esperar dele uma reação, talvez na tentativa de esconder o que houve entre ambos, mas foi surpreendido mais uma vez. Hugo levantou-se devagar, quase devagar demais, beijou longamente a boca de Ralph e envolveu-se numa toalha que pegou no c *loset*. Deu alguns passos de volta até o primo e segurou-lhe a mão, estimulando-o a levantar-se também. Ofereceu-lhe outra toalha, 395 na qual se abrigou. Quase arrastado, dirigiu-se à sala, tendo a mão puxada por Hugo. Um gesto realmente inesperado.

Quando Kelly viu os dois entrando na sala, enquanto arrumava algumas sacolas de compras, parou imediatamente, estupefata. Arregalou os olhos, literalmente, a ver seu irmão, que se comportava como o macho, que havia sido tão rude como o primo, protagonizando aquela cena. Ambos enrolados em toalhas bem ali, a o alcance

dos olhos, revelando, cominquestionávelevidência, quetrocaramintimidades. MasHugonão deutempodeKelly falarabsolutamentenada. Nemmesmoperguntandoa Ralph se ele queria ounãomostrar-seassimparaaprima, agiumais do que falou. Na frente de Kelly, beijou o primo, abraçando-oesendocorrespondidoporeleautomaticamente, quasemecanicamente, paraem seguida falar com a irmã:

- Não se assuste, irmã. Resolvi assumir meu amor por Ralph, assumir que sou *gay*, homossexual, bicha mesmo!

E vendo o espanto, quase o choque da irmã, arrematou, com leve sorriso.

- Tudo aquilo que eu falei no passado contra Ralph, chamando-o de boiola, de bichinha, de todo adjetivo que encontrei para fazer com que se sentisse diminuído, eu agora estou experimentando. Era disfarce, fuga, máscara mesmo.

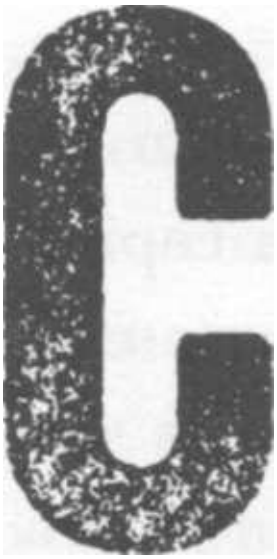
Kelly ria, devido ao nervosismo. Ria aplenos

p u l m õ e s . R i a c o m o n u n c a r i r a e m t o d a a s u a v i -
da. A b r a ç a n d o o s dois, f a l o u p a r a o i r m ã o , n u m
t o m d e b r i n c a d e i r a :
- E n t ã o e u t e n h o u m i r m ã o b o i o l i n h a , u m a
m o ç a ! . . .
R i n d o o s três j u n t o s , H u g o a r r e m a t o u :
- U m a m o ç o i l a !
E r i a m g o s t o s a m e n t e .
N o s bastidores da v i d a e desses a c o n t e c i m e n -
tos, a m i g o s invisíveis p r e s e n c i a v a m o e n c o n -
tro entre H u g o , R a l p h e Kelly. H a v i a m disposto
g u a r d i õ e s em t o m o do a p a r t a m e n t o , a fim de i m -
pedir o acesso de outros espíritos c o m s e g u n d a s
intenções, q u e p u d e s s e m b i s b i l h o t a r o a m b i e n t e
e interferir nos m o m e n t o s de i n t i m i d a d e dos dois
p r i m o s , das d u a s a l m a s q u e se r e e n c o n t r a v a m .
U m c a m p o invisível, p o r é m p e r c e p t í v e l a q u a l -
q u e r espírito, e n v o l v i a o q u a r t o de H u g o e só foi
desfeito esse c a m p o de força q u a n d o os dois dei-
x a r a m o a m b i e n t e . **0** m o m e n t o íntimo de a m b o s
serviu p a r a H u g o e R a l p h se r e a b a s t e c e r e m , na

t r o c a energética p r o p o r c i o n a d a p e l o encontro ín-
t i m o . A s d e m a i s energias ali l i b e r a d a s f o r a m dis-
persas n a atmosfera, d e m o d o q u e n e n h u m a en-
t i d a d e v a m p i r i z a d o r a pudesse s u g a r ou r o u b a r os
fluidos e x a l a d o s e e x s u d a d o s no l o c a l , q u e e s t a v a
p r e s e r v a d o de absorções energéticas i n d e v i d a s .
397
S a m u e l , A r t h u r e N e s t o r r e t i r a r a m - s e do
a m b i e n t e satisfeitos, p o r q u e H u g o h a v i a s o l u c i o -
n a d o a l g u n s d e seus desafios m a i s á s p e r o s . O u -
tros r e s t a v a m a enfrentar, é c l a r o , m a s , c o m a
p r e s e n ç a d e K e l l y e R a l p h e m s u a v i d a , p o r cer-
t o t e r i a m u i t o s i n s t r u m e n t o s p a r a s o l u c i o n a r o s
o b s t á c u l o s n a t u r a i s de s u a c a m i n h a d a . A R a l p h ,
r e s t a v a r e s o l v e r a s i t u a ç ã o c o m o a m i g o de H u -
g o , S e b a s t i a n , q u e s e a p r o x i m a r a dele. M a s esse
c a p í t u l o ele d e i x a r i a p a r a m a i s t a r d e , p a r a outro
d i a , q u e m s a b e , p a r a o próximo minuto .

13

RENASCIDO PARA AMAR



É S A R A C O R D O U d o d e s d o b r a m e n t o a i n -

d a c o m i m a g e n s v í v i d a s n a m e m ó r i a .

R e t o m o u o c o r p o físico p r e t e n d e n d o ,

em a l g u m a m e d i d a , e s c r e v e r sobre o

p o u c o q u e l e m b r a v a . N o e n t a n t o , o

b a r u l h o lá fora, o b u r b u r i n h o de a l -

g u n s g r u p o s , esfuziantes e m v i r t u d e das festas

q u e o c o r r i a m em t o d a a c i d a d e a p ó s a P a r a d a

G a y , n a s b a l a d a s da noite, n ã o o d e i x a r a m t r a n -

quilo o b a s t a n t e p a r a registrar as o c o r r ê n c i a s das

q u a i s s e r e c o r d a v a . N ã o o b s t a n t e , v o l t o u c o m

â n i m o r e n o v a d o , c o m energias r e v i g o r a d a s e u m a

d i s p o s i ç ã o t ã o b o a q u e q u a s e n ã o s e r e c o n h e c i a .

D o o u t r o l a d o d a v i d a , n u m a d i m e n s ã o p r ó -

xima, Samuel procurou deixar tudo preparado.
Não abandonaria César, pois afeiçoara-se a ele.
Pediu a dois guardiões que o acompanhassem no regresso ao corpo. Mas pediu, também, que providenciassem algo mais. Uma surpresa agradável para o rapaz que ainda não havia se assumido, nem descoberto seu caminho. Samuel temia que César se envolvesse com a pessoa errada e recebesse a influência de alguém que pudesse, de alguma forma, complicar-lhe a vida espiritual.
Dessa preocupação César nada sabia. Porém, os guardiões mexeram alguns pauzinhos nos bastidores enquanto César ainda permanecia pensativo em seu quarto, num hotel muito simples nos arredores da Bela Vista, em São Paulo.
0 tempo se passou, e César conseguiu um emprego muito bom numa empresa da capital. Estabelecera-se, montara o próprio apartamento, embora as dificuldades esperadas; mas sentia-se otimista. **0** tempo transcorria, enquanto, nos bastidores da vida, os acontecimentos eram

observados, acompanhados de perto pelos amigos espirituais de César.

A festa de casamento de Igor, amigo de uma amiga que se mudara para São Paulo havia sete anos, já era um evento esperado. **0** rapaz se casaria na semana seguinte com a mulher de seus sonhos. "Hétero convicto e praticante", afirmava

sempre, namorou durante cinco anos a menina de sua vida, como costumava chamá-la; resolveram, depois de alcançar certa estabilidade financeira, enfrentar o casamento. Ou seja, decidiram em comum acordo que queriam, desejavam viver juntos, além de se casar com pompa e circunstância, conforme mandao figurino.

Tudo fora preparado com esmero por ambas as famílias. Igor se casaria, finalmente; concretizaria o sonho de constituir uma família. Ana Cristina sentia-se realizada, pois, transcorridos cinco anos entre namoro e noivado, muito planejamento e uma vida em comum satisfatória com

Igor, só lhes restaria selar suas v i d a s , seu c o m p r o -
misso u m c o m o u t r o , c o m a b ê n ç ã o d o s a c e r d o t e .
Os c o n v i d a d o s f o r a m todos escolhidos a d e d o e,
entre eles, a a m i g a de i n f â n c i a Isabelle, a q u e m
d e v i a m u i t o . F o r a a t r a v é s d e l a q u e c o n h e c e r a
Igor, p o r q u e m se a p a i x o n a r a e c o m q u e m resol-
v e r a se casar. C o n v i v i a b e m c o m a f a m í l i a dele.
A s o g r a , u m a e m p r e s á r i a de sucesso, fez q u e s t ã o
de b a n c a r a l u a de m e l . Igor e s t a v a r a d i a n t e e,
s o m e n t e depois de m u i t a insistência p o r p a r t e de
um a m i g o p r ó x i m o , é q u e c o n c o r d o u em f a z e r a
p o p u l a r festa de d e s p e d i d a de solteiro. M a s q u e -
ria a l g o diferente. N a d a d e e x t r a v a g â n c i a s , n a d a
de e x i b i ç õ e s . Q u e r i a a p r e s e n ç a de seus a m i g o s e
dos a m i g o s d e A n a C r i s t i n a .
403
A essa a l t u r a , C é s a r h a v i a se c o n f o r m a d o
c o m a m o r t e d a ú n i c a a m i g a c o m q u e m c o n s e -
g u i r a se abrir. D e c i d i r a q u e n ã o se e n v o l v e r i a
a m o r o s a m e n t e c o m n i n g u é m ; isso seria fácil p a r a
ele - a s s i m p e n s a v a - , pois a i n d a n ã o h a v i a tido

nenhuma experiência sexual com outro homem.

Considerava-se *gay*, mais na teoria do que na prática. Então, pensou, não seria difícil encontrar uma namorada, alguém com quem pudesse dividir as emoções, a vida e as aspirações. Assim pensou e confidenciou a uma amiga distante, que encontrara, por acaso, passeando em São Paulo. Tentou se expor o mínimo possível. Isabelle o convidou para uma festa de quase casamento, como ela diria mais tarde. Era uma despedida de solteiro; ali, ele certamente teria oportunidade de conhecer e se entrosar com outras pessoas e outras mulheres. César estava resoluto.

Ele tinha, algumas vezes, suas horas tristes, de instabilidade emocional e melancolia, mas não se entregava à depressão, pois não tinha tempo para isso. Precisava trabalhar para sobreviver na cidade grande. Vez ou outra, revoltava-se contra a monotonia da vida que escolhera e levar, dos dias e meses que se desfolhavam iguais em tudo, sempre iguais... O corpo, cansado após

a j o r n a d a n o t r a b a l h o q u e c o n s e g u i r a n a c a p i -
tal, n ã o r e a g i a ; o p e n s a m e n t o v a g a v a p o r o n d a s , 404
p r e g u i ç o s a m e n t e p e r d i d o e m i m a g e n s e p e n s a -
m e n t o s v a r i a d o s , c o l o r i d o s p e l a i d e i a r o m â n t i c a
de e n c o n t r a r u m a m u l h e r q u e o fizesse feliz. E
ele e s t a v a n u m a i d a d e e m q u e a s a l e g r i a s e p r a -
zeres d a m o c i d a d e e s t a v a m e m e b u l i ç ã o ; isso n ã o
p o d i a negar. A frieza e o desinteresse p e l a s coisas
m a t e r i a i s , p o r u m a v i d a s e x u a l a t i v a , e s t a v a l o n -
g e d e ser r e a l i d a d e , a o m e n o s p a r a César.
E s p í r i t a c o n v i c t o , m é d i u m d e e x c e l e n t e s f a -
c u l d a d e s , e n c o n t r a r a u m l o c a l q u e p o d e r i a fre-
q u e n t a r ; l o g o fez a m i z a d e s , e foi a d m i t i d o no
g r u p o d e e s t u d o s m e d i ú n i c o s . P o r c a u s a d o s u -
p o s t o c o m p r o m i s s o e s p i r i t u a l , r e n u n c i a v a a cer-
tos d i v e r t i m e n t o s d o m u n d o , e x a g e r a n d o n a s
suas o b r i g a ç õ e s espirituais. M a s , m e s m o dese-
j a n d o e n c o n t r a r u m a p a r c e i r a c o m q u e m p u -
desse c o m p a r t i l h a r a v i d a e d e s e n v o l v e r u m a
e x p e r i ê n c i a s a d i a , t i n h a m e d o d e a p a i x o n a r - s e .
F u g i a d o risco d e a m a r , d e l e v a r p a r a c a s a , p a r a

o g o z o do c o r p o e da a l m a , u m a p e s s o a p a r c e i -
ra, u m a m u l h e r q u e p u d e s s e ser-lhe u m a p o i o
e m o c i o n a l p a s s a g e i r o . Q u e r i a a l g u é m c o m q u e m
p u d e s s e c o n s t r u i r u m futuro. H a v i a s e d e c i d i d o
i n t e r i o r m e n t e e r e l e g a d o a o s e s c a n i n h o s da m e -
m ó r i a , n a s p r o f u n d e z a s d o i n c o n s c i e n t e , q u a l -
q u e r p r e t e n s ã o d e u m a v i d a h o m o a f e t i v a , d e u m
r e l a c i o n a m e n t o d o g ê n e r o . E s c o l h e r a ser feliz d a
f o r m a c o m o a g o r a c o n c e b i a .

405

0 seu jeito de se relacionar com as pessoas, aparentemente frio, dava-lhe muitas vezes, ainda que de modo passageiro, uma rigidez emocional, muito em contradição com seu desejo interno de se abrir a novas possibilidades de relacionamento. No dia a dia era calmo, e tinha sempre um jeito todo seu, uma mulet a psíquica ou uma máscara que usava com muito cuidado, a fim de não trair as horas de enlevo, de fantasias, em que lhe passavam pelamente desejos e idílios irrealizáveis, segundo sua nova proposta de vida. Sua pele e sua carne apresentavam o vigor de um fruto verde, que clamava por carícias e toques sensuais. Quando se deitava, sozinho nas noites frias, estendia-se na cama com certo torpor, uma moleza, uma languidez somente compreendida como o fruto de um desejo duramente reprimido, do tesão dos seus órgãos, da sua pele, da sua alma, que clamava por outro corpo, outra

v i d a c o m q u e m c o m p a r t i l h a r a q u e l e frescor d e j u v e n t u d e , no frescor e e n t u s i a s m o dos seus 30 anos de i d a d e . E m b o r a a d e t e r m i n a ç ã o de n ã o se e n t r e g a r a outro h o m e m , era visto nele um e n - c a n t o diferente e d e l i c a d o , q u e n i n g u é m afirmaria ser p r o d u t o de s u t i l i z a ç ã o das energias da a l - m a . N ã o ! E l e t o d o era s e n s i b i l i d a d e , e seu jeito de andar, de sorrir ou dizer as coisas d e n u n c i a v a a i d e n t i d a d e e n e r g é t i c a da p r ó p r i a a l m a .

406

Numdomingodeagostodaqueleano, recebeuoconvitedaamigaIsabellepararàfestadedespedidadesolteiro. Paraláseforamosdois, muitosedivertindo, eele, deverasexcitado, considerandooaoportunidadedeconhecergentedefora do círculo religioso a que se filiara. Apresentadoavários amigos de Isabelle, à própria noiva, que também não abriu mão de, muito rapidamente, dar uma passadinha na festa do noivo, César sentou-se na sala de estar, muito bem iluminada, a partir de um projeto especial, pois o noivo era arquiteto de interiores e se esmerara na decoração do ambiente onde moraria após a lua de mel. Estendido num a *chaise longue*, perto da janela, pôs-se a observar as pessoas enquanto conversava distraidamente com um dos convidados, que, como ele, também fora levado por um amigo do noivo.

Não poderia negar que estava vivendo um

de seus momentos de melancolia; almejava algo indefinível, que não poderia precisar exatamente o que era. Mas aquela festa viera a calhar, pois não queria permanecer assim, melancólico, triste, sem saber o porquê. Talvez, o estado emocional que lhe tomava de assalto fosse produto de uma revolta muda contra a prisão mental de uma vida sem emoções; contra aquele propósito de enterrar sua mocidade e sua juventude, de banir seu vigor e sua masculinidade pujante para longe dos gozos e dos prazeres chamados mundanos.

0 seu olhar percorria superficialmente todo o ambiente. Não conseguia se divertir com as brincadeiras promovidas pelo amigo do noivo, e este, até então, não aparecera. Parecia uma noiva se preparar, tanto demorava. Foi assim, nessa languidez mental, que, de súbito, estancou o olhar num ponto. Por muito tempo, não desprendeu os olhos de um rapaz alto, moreno co-

m o j a m b o , d e u m a c o r b e m b r a s i l e i r a , o l h a n d o - o
e e n c a r a n d o - o , até s u a a m i g a Isabelle t o c a r - l h e
m a i s i n t e n s a m e n t e n u m a das m ã o s , c h a m a n d o - o
à r e a l i d a d e . V o l t a d o p a r a o h o m e m q u e a p a r e -
c e r a de r e p e n t e , c o m o se h o u v e s s e se m a t e r i a l i -
z a d o à s u a frente, ele c o n t i n u o u i m ó v e l , c o m os
b r a ç o s lassos e s t e n d i d o s sobre o sofá. M i r a v a - o
c o m o p e n s a m e n t o e r r a d i o e as e m o ç õ e s em re-
v o a d a , c o m o p á s s a r o s n u m d i a de v e r ã o , q u e o
d e s n u d a v a m p e r a n t e o s outros; c o m o u m a p e s -
soa a b s t r a t a , o r a p e n s a t i v o , o r a c o n c e n t r a d o n a
a p a r i ç ã o à s u a frente. N ã o h a v i a c o m o i g n o r a r
a s i t u a ç ã o . Isabelle n o t o u q u e C é s a r e r a corres-
p o n d i d o . E s t r a n h a m e n t e c o r r e s p o n d i d o p o r Igor,
q u e a d e n t r a v a o a m b i e n t e c o m p l e t a m e n t e v e s t i -
d o de b r a n c o , c o m u m a b e r m u d a q u e lhe r e a l ç a -
v a a p e l e , a s p e r n a s b e m feitas, m u s c u l o s a s , a o
4o8
p a s s o q u e a c a m i s a , m e i o a b e r t a a o p e i t o , m o s -
t r a v a o v i g o r de s u a j u v e n t u d e p u l u l a n t e de v i d a
e a b r a ç a v a u m i n v e j a d o t ó r a x , c o m a l g u n s p o u -

cos pelos sobressaindo, sem exagero.

A noiva, Ana Cristina, já se despedia dos convidados para deixar Igor mais à vontade entre os amigos e amigas. Ela própria também faria uma despedida de solteiro semelhante. Alguns amigos jogavam um jogo de cartas num canto, mas notaram perfeitamente quando Igor entrou. A noivã não teve como ignorar os olhares cruzados, estranhamente cruzados, como presos por intenso magnetismo que entrelaçava a ambos. Entretanto, ninguém supôs algo tão estranho como uma atração sexual ou emocional entre ambos, pois todos sabiam da fama de mulherengo e da identidade sexual de Igor. Ele jamais tivera qualquer ligação com um *gay* ou com o universo *gay*. Portanto, deduziram que os dois se conheciam de outro lugar e então se reviam, exatamente na festa de despedida.

Isabelle resolveu se entrosar com um grupo de moças que conversava num canto da sala, pois já se sentia incomodada com a situação do

amigo César, para a qual não tinha explicação.

Não conhecia sua intimidade muito bem. Igor mal ouvia, no apartamento elegante, as risadas 409 dos alegres convidados, que se divertiam conversavam em grupos. Ele era o jovem, o noivo, o centro das atenções da festa. Não obstante, encontrava-se paralisado por uma razão que não saberia explicar. Era a primeira vez que se sentia assim, ou ao menos se percebia assim, estranhamente interessado na figura de outro homem. Um magnetismo diferente, intenso, irresistível o ligava a César, que também não sabia como tirar o olhar de Igor. Filho de uma mulher muito conhecida na sociedade paulistana e de um rico empresário, Igor tinha recebido dos pais uma educação viril e herdara uma genética privilegiada, que lhe conferira uma robustez invejável e saúde em todos os sentidos. Conquistara um pequeno patrimônio por meio do trabalho profissional, recusando a ajuda da família, que lhe oferecia facilidades para avançar na carreira.

0 olhar de Igor, de repente, passou num lan-
ce rápido. Registrou os amigos e convidados, a
noiva, que já se retirava, dando-lhe um beijo na
face, que ficou quase ignorado. Olhar novamen-
te abstrato, voltado outra vez para César; ambos
estavam inconscientemente reféns um do outro.
A cabeça fervilhando de pensamentos, e as emo-
ções, emburburinho, emoldurados pelo elegan-
te corpo e envoltos no ar de masculinidade que
exalava de sua presença, como uma aura que es-
tendia suas energias para além dos próprios li-
410
mites. Assim o pensamento, para além da ideia
de uma festa, ia esvoaçando, como uma pluma
levada pelo vento. Mais tarde, não saberia dizer
como se voltou repentinamente, sendo seguido
por César, quase hipnotizado com a aparição do
noivo, enquanto os convidados mais próximos
também não sabiam identificar o estranho com-
portamento de ambos.
E o pensamento do noivo acordara de um

sonhonumaoutrapeçadoapartamento,num
outrocômodo;acordaradeumavisãoemquejazia
mergulhadohavialongotempo...Césarassim
oencontrou,nessaoutraparte de suaresidência,
atraídomagneticamentepelavibração
varonil,pelocheirodohomemquesematerializara
emsuavida,arrebentandotodososmuros,
todasasbarreirasque,até então,tiveraocuidado
de construir em torno de si.

- Igor... - apresentou-se o rapaz, que estava diante de César.

- César - respondeu, fixando mais intensamente a alma do homem que mudaria para sempre sua vida, como ele próprio também mudaria a vida daquele homem.

E raoprimeiroemais intenso contato que Igor tivera, nesta vida, com outro homem. E César jurara nunca procurar uma pessoa do mesmo

sexo para ter qualquer tipo de relacionamento íntimo. Decisão esquecida num átimo de segun-

d o , n o m a i s ardente m a g n e t i s m o , d o q u a l c o n h e -
c e r a a m a i s intensa m a n i f e s t a ç ã o . P a r t i r a m u m
p a r a o outro s e m pensar, s e m r a c i o c i n a r - p u r a
e m o ç ã o , r e p r i m i d a p o r u m , i n c o m p r e e n d i d a p o r
outro - , c o m o s e fossem v e l h o s a m o r e s , a d v i n -
dos de outras terras, histórias e n t r e l a ç a d a s a t r a -
v é s d o t e m p o ; p o r é m , s e m pensar, s e m m e d i t a r
sobre os e v e n t o s m a r c a n t e s das d u a s a l m a s q u e
se r e e n c o n t r a v a m . E d e i x a r a m falar m a i s alto o
v i ç o da j u v e n t u d e , o furor da e n e r g i a q u e e x a -
l a v a de c a d a u m , c a d a q u a l à s u a m a n e i r a . E se
a p a i x o n a r a m ali m e s m o . E se b e i j a r a m s e m n e -
n h u m pudor, s e m n a d a q u e o s i m p e d i s s e . Igor
n a d a c o m p r e e n d i a n a q u e l e m o m e n t o , m a s a p e -
n a s a c e i t a v a o fato de q u e n ã o c o n s e g u i r i a , de
m o d o a l g u m — c o m o t a m b é m n ã o d e s e j a v a - , i m -
p e d i r a a p r o x i m a ç ã o de César, o entrelaçar d a s
l í n g u a s , d a s a l m a s , dos corpos m u d o s , m a s q u e
f a l a v a m p e l a l i n g u a g e m d o suor v o l u p t u o s a m e n -
te e x a l a d o , p e l o m a g n e t i s m o q u e e x p l o d i a no ar.
E n t r e m e n t e s , a n o i v a h a v i a e n t r a d o no m e s -

m o a m b i e n t e e m q u e eles s e e n c o n t r a v a m . A c o m -
p a n h a d a p o r Isabelle, ela p r e s e n c i a r a o t o q u e , as
carícias e a p r o x i m i d a d e i n c o n f u n d í v e l dos dois.
E i - l a , a n o i v a , i n t e n s a m e n t e p e r d i d a , a g o r a p r o -
f u n d a m e n t e a b a l a d a , a l a r m a d a , p o r q u e lera n a s
letras d a o c o r r ê n c i a q u e n ã o m a i s h a v e r i a v o l t a ,

q u e seu c a s a m e n t o d e s a b a r a e seu sonho de m u -
lher, p e l a p r i m e i r a v e z desde q u e c o n h e c e r a Igor,
e s t a v a p a r a s e m p r e desfeito. E l a soube interpre-
tar o q u e v i a e dali, c o r r e n d o , saiu p e l a p o r t a de
serviço, n ã o sendo m a i s v i s t a p o r n e n h u m c o n v i -
d a d o . Isabelle saiu j u n t o , pois, ante o q u e v i r a m
- os dois a b r a ç a d o s , b e i j a n d o - s e , solene e c o m -
p l e t a m e n t e i g n o r a n d o tudo e todos q u e p o r v e n -
t u r a p r e s e n c i a s s e m o fato -, era claro q u e n ã o
h a v i a n a d a m a i s a fazer.
S e m c o n s e g u i r definir a s e n s a ç ã o de f o r m a
inteligível, r a c i o n a l , Igor s a b i a q u e estivera t o d o
a q u e l e t e m p o à e s p e r a de César, e m b o r a desde
s e m p r e tivesse a o r i e n t a ç ã o s e x u a l p e r f e i t a m e n t e

resolvida, segundo acreditava. Era heterossexual e disso nunca, jamais duvidara. Agora, teria de descobrir como se portar, como se comportar. A ele caberia conceber novo formato para sua vida; dar satisfação à noiva, que, com certeza, sofreria muito com aquele imbróglio. De uma coisa estava certo, porém. Não se casaria mais. César, naquele momento arrebatador, representava para ele tudo na vida; todo o seu mundo em um único momento. Mas como explicar o que acontecera consigo? Ainda não tinha respostas. Seja como for, não poderia deixar de procurar a noiva, Ana Cristina, e conversar com ela, conversar longamente, até mesmo tentando entender suas

novas emoções, caso ela o recebesse.

Como se comportaria no que diz respeito à cerimônia? Pensava ainda nos preparativos do casório, no amor que sentira por Ana Cristina e nas ocasiões em que se encontravam em casa ou namoravam, trocando juras de amor. Na possi-

v e l m e n t e a i n d a t r a z i a n a m e m ó r i a o ú l t i m o beijo q u e ele lhe dera, n a b o c a , a p a i x o n a d o , n o d i a a n - terior. I m a g i n a r i a ela os d i l e m a s q u e lhe p e r p a s - s a v a m a c a b e ç a ? E l e p r ó p r i o n ã o c o m p r e e n d i a o q u e o c o r r e r a c o n s i g o m e s m o . S a b i a a p e n a s q u e n ã o p o d e r i a m a i s c o n t r a i r m a t r i m ô n i o , sob p e n a de f a z e r infeliz a m u l h e r a q u e m h a v i a a m a d o t a n t o e q u e p r e z a v a b a s t a n t e , a d e s p e i t o de q u a l - q u e r coisa. M a s e seus p a i s ? S e u s sogros? D e v i a - -lhes u m a e x p l i c a ç ã o , c o n q u a n t o ele p r ó p r i o n ã o tivesse esta e x p l i c a ç ã o p a r a si. C o n t u d o , r e s o l v e u ser o m a i s c l a r o e t r a n s p a r e n t e p o s s í v e l . S o m e n t e m a i s t a r d e c o m p r e e n d e r i a p o r q u e a n o i v a , p e r d i d a m e n t e a p a i x o n a d a p o r ele, n ã o p e r m i t i u q u e ele c o n t a s s e n e m aos p r ó p r i o s p a i s n e m aos dela. S o m e n t e t r a n s c o r r i d o certo t e m p o seria c a p a z de c o m p r e e n d e r a s i t u a ç ã o e, e n t ã o , a g r a d e c e u c o m o v i d o a A n a C r i s t i n a . E l a s e re- c u s o u , d e p o i s do a c o n t e c i d o , a c o n v e r s a r n o v a - m e n t e c o m ele. E l a até p o d e r i a r e s p e i t a r a d e c i - são dele, m a s j a m a i s o e n t e n d e r i a .

E Igor se foi, e s p e r a n d o o m o m e n t o p r o p í c i o

p a r a v o l t a r a t o c a r no a s s u n t o . Se esse m o m e n t o ocorresse a l g u m dia. E n f i m , ele s a b i a , p o r i n t u i - ç ã o , p o r u m a i m p r e s s ã o forte e m s u a a l m a , q u e n ã o p o d e r i a p e r d e r C é s a r d e v i s t a , n e m t a m p o u - co p e r m i t i r q u e ele se fosse. A f i n a l , n a q u e l e dia, s u a v i d a m u d a r a c o m p l e t a m e n t e .

A n a C r i s t i n a b u s c a r i a a t o d o custo a p a g a r o fato da m e m ó r i a , p r i n c i p a l m e n t e a figura de Igor, c a s a n d o - s e l o g o e m s e g u i d a , a l g u n s m e s e s depois, c o m outro h o m e m , p a r a tentar a b a f a r a s i t u a ç ã o e disfarçar a d e c e p ç ã o e a dor i r r e m e d i á v e l .

Igor a s s u m i u seu a m o r p o r César, u m a m o r l o u c o , dificilmente e x p l i c á v e l , q u e n a s c i a ali, m e s m o q u e a i n d a i m a t u r o .

E m q u e se t r a n s f o r m a r i a a v i d a de C é s a r , depois dessa i n e x p l i c á v e l a t r a ç ã o ? C o m o era e s - piritualista, p o d e r i a a t r i b u i r esse r e e n c o n t r o c o m u m a a l m a t ã o afim a u m a espécie d e p r o g r a m a - ç ã o espiritual? N ã o s a b e r i a dizer. E m b o r a fosse

espírita convicto, estudioso, não era nada afeito a especulações místicas. Preferiu nem pensar no assunto sob esse ângulo.

Os dias foram se sucedendo assim, com César junto a Igor, sem comoções que os marcassem. César descobria diariamente, nas conversas que demoravam noite adentro, que Igor era um bom homem, pacífico e, sobretudo, transparente e honesto com seus sentimentos. Aproximavam-

-se cada vez mais; descobriam-se mais ainda, à medida que o tempo passava.

Igor nunca estivera tão íntimo de outro homem. Nunca se permitira uma proximidade sequer, um carinho, quanto mais uma fagot ão intenso como os que experimentavam. Por um mês os dois apenas se encontraram, trocaram beijos, carícias e afeto; compartilharam suas experiências de vida. Somente depois César sentiu-se preparado para o contato mais íntimo com o namorado. Conversavam sobre tudo: a vida no

Paraná, as experiências com a mediunidade, a busca por espiritualidade, incluindo as dúvidas e indefinições a respeito da sexualidade e sua insegurança, enfim. Nesses diálogos César descobriu imensa afinidade com Igor. Ele era budista; portanto, como espiritualistas, tinham muito a compartilhar e poderiam se ajudar mutuamente.

Foi numa noite fria que resolveram selar seu amor, no primeiro encontro mais íntimo desde o início do namoro, no apartamento de Igor. E César pôde conhecer sem traumas o amor, o sexo, o compartilhar de emoções. Descobriu que entre dois homens poderia haver muito mais cumplicidade, muito mais afeto e amor do que muita gente supunha.

Vez ou outra, porém, repercutia em sua atela mental a imagem da amiga Patrícia. Foi inspi-

rado numa dessas recordações que resolveu retornar à cidade onde morou, em visita, viajando na companhia de Igor, agora seu namorado, seu

amoreapessoaqueelegeraparadividiravi-
daecompartilharacaminhada. Aodesembarcar
noAeroportoInternacionalAfonsoPena, emSão
José dos Pinhais, já sentiu algo diferente. Sua
sensibilidadepareciamaisaflorada, maisinten-
sa. Queriairdiretamenteaolocalondeviverae
visitaramãedePatrícia. Sentianecessidadede
confrontaragoraamulherdaqualtraziapáli-
dalembrança, apenasumasensaçãoalusivaao
passado, quandocompartilhoudasmemórias
daamigadesencarnada, enquantoeleestevem
desdobramento. Embora Igor quisesse ficarem
Curitiba, afimdeconhecermelhoracidade,
queachavamuitocharmosa, Césarfezquestão
deseguirdiretamenteparaColombo, munici-
piolocalizadonaregiãometropolitanadacapi-
tal paranaense. Igorapoiava Césarintegralmen-
te, sobretudonasquestõesemocionais, poiseste
precisava, dealgumamaneira, veraquelaque
nopassadousaraeabusaradele. Emboracon-
siderasse haversuperadotudo, principalmente

a partir da presença do namorado em sua vida, queria a todo custo visitar a mãe de sua amiga. Repercutia em sua mente alguma coisa do que ouviu e testemunhou durante o transe, no

momento em que, ao lado de Samuel, percebeu o passado de Patrícia e como ele próprio havia participado intensamente da história de vida de-la e do espírito que lhe dera à luz.

Retornou ao antigo lar da amiga para ver a mulher que deveria estar sofrendo com a falta da filha. César lembrava-se de alguns detalhes do seu desdobramento; tinha certa consciência do que lhe ocorrera durante o período em transe, no qual pensou que estivesse desencarnado, morto mesmo. Ao adentrar a casa onde sua amiga vivera, teve um choque. Agora mais consciente, voltavam-lhe à memória as emoções de outros tempos, de outra vida, em que convivera com a mulher à sua frente. Idosa, amarga, sozinha, ela parece não se recordar de César, em-

boraasemoçõesdoreencontroparecessem,por algummecanismoignorado,manifestar-seem ambos.Igorsegurava firme a mão do namorado, dando-lheapoio,emsilêncio.Assimqueamu-lher fixou o olhar em César, pareceu transportar--se a outro tempo.

-Você...parecequeoconheço-balbuciou, meioatordoada.

-SouCesar,amigodaPatrícia!

-Patrícia?Nãoconheçoninguémcomeste nome.NãoconheçonenhumaPatrícia.

CésarolhouparaIgornumrelance,semen-

tendernada,noprimeiromomento.

-Você,moleque!Vocêépropriedadede Al-ves...-nãolhevieraonomecompletodopar-ceiro de aventuras tão imorais quanto ilícitas, quehaviareencarnadonapessoadafilha,Patrí-cia.Parecia delirar.

-Alves?Eunãopertençoaninguém!Ase-nhoraestáenganada.

- P e r t e n c e , s i m - interferiu Igor c a r i n h o s a -

m e n t e , p o r é m f i r m e .

M i r a n d o o n a m o r a d o c o m u m o l h a r d e c a n -

d u r a , ele e n t e n d e u o q u e Igor quis dizer. E s b o -

ç o u u m sorriso c o n d e s c e n d e n t e e c o n t i n u o u , e m

s e g u i d a , o l h a n d o p a r a a m u l h e r :

- A s e n h o r a está e n g a n a d a , d o n a Ione! A c h o

q u e está d e l i r a n d o .

- V o c ê é q u e m está d e l i r a n d o ! Já se e s q u e -

c e u d e m i m ? E u sou a F e l i c i a n a . S o u d o n a disso

a q u i - f a l o u , a p o n t a n d o ao redor, p o r é m e n x e r -

g a n d o o u t r a i m a g e m , o u t r o a m b i e n t e .

- E l a n ã o está b e m , m e u a m o r - f a l o u Igor

p a r a C é s a r . - P r e c i s a m o s e n c a m i n h á - l a p a r a tra-

t a m e n t o . P a r e c e q u e está p r e s a e m o u t r a é p o c a .

- Sei o q u e está a c o n t e c e n d o . V o u p r o c u r a r

a j u d a p a r a ela n o c e n t r o espírita q u e frequentei,

l á e m C u r i t i b a .

C é s a r s e d e s p e d i u r a p i d a m e n t e d a m u l h e r ,

q u e ficara s o z i n h a c o m a c u l p a , os m e d o s e os

tormentos íntimos que a afligiam. Não suportou a morte da filha, e sua mente, repleta de culpa, forjou o clima de autopunição. Ione mergulhara na escuridão mental, atormentada pelas imagens e cenas do velho prostíbulo da antiga cidade do Rio de Janeiro. E ali permaneceria, cativa das próprias lembranças.

César retornou a Curitiba e conversou sobre o caso de Ione e Patrícia com um homem chamado Epaminondas. Ele encaminhou a pobre mulher a uma casa onde pudesse ser atendida espiritualmente, enquanto procurava um local próximo onde pudesse viver. Finalmente César enfrentava a situação. Agora, amparado emocionalmente, sentia-se preparado para essa empreitada, que acabou se constituindo numa espécie de desfecho, liberando-o das amarras que o mantinham vinculado ao passado.

Agora deveriam regressar, decidir como viveriam a partir de então. O namorado insistia para que se mudasse para seu apartamento. Mas

César, ponderando, recusou-se:

- Acredito que não seja uma boa hora, Igor. Acho que minha presença mais constante ao seu lado, principalmente morando juntos, despertaria a atenção dos seus familiares e amigos. Também temo que essa mudança possa ser interpretada como uma afronta à sua ex-noiva. Está

muito recente nosso namoro, e, tanto para mim quanto para você, tudo isso é muito novo. Melhor irmos com calma. Vamos nos adaptando devagar, sem pressa alguma. Que me diz?

Pensando melhor, Igor concordou com César:

- Tem razão! Acho que estou muito envolvido com tudo que nos aconteceu. Mas vamos aguardar. Eu também não gostaria que a situação parecesse uma afronta a Ana Cristina ou a meus pais. Deixemos que a transição seja realizada aos poucos, sem violentar aqueles que nós amamos, não é?

A decisão de viverem separados foi tomada

em comum acordo. Em seguida, Igor convidou César para conhecer a comunidade budista da qual participava. No outro domingo, pela manhã, foi a vez de César levar Igor para conhecer um centro espírita. Eles chegaram por volta das 9h30 da manhã. A casa se localizava no Bairro do Tatuapé, na zona leste paulistana. A multidão que acorria ao centro parecia vir de todos os lados. César desejava, antes de mais nada, fazer uma oração na sala dedicada ao espírito Bezerra de Menezes. Queria agradecer por todo o bem que recebera da vida. Juntos, rezavam diante da figura imensa do médico e amigo, estampada na parede daquele recinto. César preparava-se para

o trabalho no campo abençoado da mediunidade. Deram-se as mãos, sentados e profundamente agradecidos pelo reencontro de suas almas, e pediram forças para os desafios vindouros. Pois eles viriam, com certeza; mas juntos, quem sabe, teria a coragem e a fortaleza necessária para vencê-los, e seriam um o apoio do outro, a fim de romper os obstáculos comuns à vida de todas as pessoas.

RONIE, UM RECADO DA VIDA

ELE ACORDOU do seu pesadelo com um suspiro forte. Mas acordou para outro pesadelo, que teria de enfrentar de maneira consciente, se mo transe a que fora submetido em virtude da dor, do choque e do estresse causados pelos últimos acontecimentos. Acordou, porém não se mexeu; não conseguia se movimentar. Ouviu muita conversa a seu lado, alguém chamando a ambulância; no entanto, não era capaz de movimentar

s e q u e r os l á b i o s , a fim de p e d i r socorro ou d e -
m o n s t r a r l u c i d e z . V o l t a r a d e u m a d i m e n s ã o d e s -
c o n h e c i d a p a r a ele; v o l t a r a à v i d a , à e x i s t ê n c i a
de q u e m n ã o r e s p e i t a v a a p r ó p r i a v i d a .
A a m b u l â n c i a corria p o r u m a das a v e n i d a s
d e S a l v a d o r , s a i n d o d o R i o V e r m e l h o j á c o m a s
sirenes l i g a d a s e as l u z e s i n d i c a n d o e m e r g ê n c i a .
422
Os p a r a m é d i c o s f a z i a m o que p o d i a m p a r a es-
t a n c a r o s a n g u e e i m o b i l i z a r o r a p a z q u e esta-
va estirado sobre a m a c a . D u r a n t e a t e n t a t i v a de
lesar u m a p e s s o a e a a l t e r c a ç ã o que se s e g u i u ,
a l é m dos socos e p o r r a d a s q u e r e c e b e u dos a m i -
gos d a v í t i m a , a l g u é m d i s p a r o u u m tiro, que
a t i n g i u em c h e i o a c o l u n a v e r t e b r a l de R o n i e . **0**
g o l p e perfeito, o *boa noite, Cinderela* que a p l i c a -
ria n o cliente q u e j u l g a r a ser a l v o fácil, h a v i a ido
p o r á g u a a b a i x o . P e r d e r a a c o n s c i ê n c i a d u r a n t e
um m i n u t o . M a s foi o m i n u t o m a i s l o n g o de sua
v i d a ; u m m i n u t o d e reflexões, a p e l o s , x i n g a m e n -
tos, p e s a d e l o , enfim. A q u e l e m i n u t o p a s s o u , c o n -

tudo ficaram as impressões, as sensações e alguns lances da experiência extrassensorial que se dera num ambiente totalmente moldado, forjado pela força da própriamente, da culpa e do remorso dele e de outras pessoas, as quais se enredaram numa história que mudaria para sempre a vida de todos eles, mas principalmente de Ronie. Agora ele era levado ao hospital, totalmente imóvel e imobilizado. Não conseguia falar; não conseguia se mexer, pois a bala acertara em cheio a coluna vertebral. Sequelas? Somente depois de uma cirurgia é que se poderia saber. Ele movimentava os olhos, parecendo estar em estado de choque.

E a ambulância ululava, gritava; a sirene enlouquecida abria caminho no trânsito enfurecido da

maior capital do Nordeste.

Logo que chegou ao pronto-socorro de um hospital respeitadíssimo, Ronie foi atendido somente depois de aguardar bom tempo. E esse período em que esperou na maca foi fatal para de-

finir seu estado pós-traumático e pós-operatório.

Com algum custo, os enfermeiros localizaram o celular do paciente e fizeram diversas chamadas, até conseguirem falar com sua namorada. Ela demorou algum tempo para chegar ao local onde o rapaz recebia cuidados.

- Ele precisa ser submetido urgentemente a uma cirurgia. Mesmo assim, não podemos saber as consequências do tiro - falou um dos médicos de plantão. - Depende muito da localização da bala.

- Não creio que vá se recuperar totalmente - acrescentou outro médico, o anestesista. - Já vi vários casos semelhantes; não sei não, mas imagino...

- Nem pense nisso! Não quero nem imaginar a situação do rapaz após a cirurgia, caso não dê certo.

Sob os olhares duvidosos dos médicos, Ronie foi conduzido ao bloco cirúrgico. Nos bastidores da vida, alguns amigos invisíveis acompanha-

v a m o p r o c e s s o , s e m p o d e r interferir. R o n i e se-
m e a r a a s i t u a ç ã o c o m suas a t i t u d e s . S e u espírito 424
e s t a v a s e v e r a m e n t e c o m p r o m e t i d o , e m r a z ã o das
p r á t i c a s o u dos débitos c o n t r a í d o s p o r m e i o d e
d e s e q u i l í b r i o s m i l , d u r a n t e o s q u a i s e s t a b e l e c e u ,
c o m o i d e a l p a r a si, u m a f o r m a d e v i d a r e p l e t a
d e c o n s e q u ê n c i a s d r á s t i c a s . T e r i a m d e a g u a r d a r .
M e s m o se t i v e s s e m c o n d i ç õ e s de intervir, os b e n -
feitores espirituais d e p a r a r i a m c o m l i m i t a ç õ e s
p r o v e n i e n t e s d a n e c e s s i d a d e d o r a p a z d e p a s s a r
p o r u m m é t o d o r e e d u c a t i v o .
A p ó s m a i s d e 1 2 h o r a s d e c i r u r g i a , R o n i e se-
g u i u d i r e t a m e n t e p a r a a u n i d a d e d e r e c u p e r a ç ã o
i n t e n s i v a . N ã o p o d e r i a r e c e b e r visitas p o r a l g u m
t e m p o . E s t a v a s e d a d o .
- F a l e , d o u t o r - p r i n c i p i o u a n a m o r a d a ,
a c o m p a n h a d a d e u m a a m i g a e d o i r m ã o d e R o -
n i e . - C o m o ele e s t á ? S e r á q u e f i c a r á b o m d a
c i r u r g i a ?
- N ã o p o d e m o s a s s e g u r a r n a d a . I n f e l i z m e n -
te, s o m e n t e d e p o i s q u e ele a c o r d a r é q u e ficare-

m o s s a b e n d o . M a s . . .

- M a s o q u ê , d o u t o r ? - p e r g u n t o u a n a m o r a -

da, v i s i v e l m e n t e a n s i o s a .

- A b a l a a t i n g i u u m l o c a l m u i t o p e r i g o s o .

N ã o e s t a m o s c e r t o s d e q u e e l e s e r e c u p e r a r á t o -

t a l m e n t e . D i g o , p o r o r a n ã o h á c e r t e z a s .

O i r m ã o e s t a v a a b a l a d o . J á h á a l g u m t e m -

po t i n h a sérias suspeitas sobre o t i p o de t r a b a l h o

d e R o n i e . N ã o q u e r i a d e f o r m a n e n h u m a q u e o

restante d a f a m í l i a desconfiasse, p o r t a n t o f i c a r a

c a l a d o ; g u a r d a v a p a r a s i o s e g r e d o d o c o m p o r t a -

m e n t o d o r a p a z . A n a m o r a d a s a b i a , e r a c o n i v e n -

t e c o m t o d a a s i t u a ç ã o . A g o r a s e m o s t r a v a i n -

t e r e s s a d a e m s a b e r d a r e c u p e r a ç ã o dele; p o r é m ,

c o m a l g u m a frieza, s e m d e r r a m a r u m a l á g r i -

m a sequer, c o n v e r s a v a n u m c a n t o c o m a a m i g a .

A p ó s as n o t í c i a s do m é d i c o , s a i u à f r a n c e s a , s e m

a o m e n o s s e d e s p e d i r d o i r m ã o d e R o n i e , q u e e s -

t a v a aflito, q u a s e d e s e s p e r a d o .

Q u a n d o , m u i t o m a i s t a r d e , o r a p a z v o l t o u d a

anestesia, os médicos já estavam a seu lado. Ronie pressentia o pior; voltara abaladíssimo, pois se recordava de alguns eventos ocorridos antes do internamento. Eram lembranças de outra dimensão, de pessoas e personagens com os quais convivera no minuto mais longo de toda a sua vida. Embora fossem lembranças vagas, sabia que deveria enfrentar algo grave.

- Doutor, não sinto minhas pernas! . . . - balbuciou, meio sonolento.

- É assim mesmo, rapaz! Fique tranquilo. Daqui a pouco virá um psicólogo conversar com você e o ajudará a retomar sua vida.

- Mas parece que está tudo morto daqui para baixo! - exasperou-se, apontando com dificuldade em direção aos membros inferiores.

Os médicos olharam um para o outro; tocan-

do levemente o ombro de Ronie, evitaram falar mais alguma coisa. Saíram devagar, preocupados, e procuraram o irmão do rapaz, na sala de espera.

- E aí, doutores? Como ele está? Já acordou?

O irmão encontrava-se, ainda, muitíssimo apreensivo. Estava sozinho, pois a namorada de Ronie fora embora com a amiga e não mais atendia o celular. Roberto, o irmão, já havia lhe telefonado muitas vezes. Por fim, recebera dela uma mensagem de texto, pedindo para não incomodá-la mais. Enfim, ela se fora, para sempre, da vida de Ronie. Não queria mais saber dele, afinal - pensava -, ele já não tinha qualquer serventia.

- Não temos notícias boas, meu caro - falou um dos médicos, serenamente, procurando amenizar a situação emocional.

- Diga, pelo amor de Deus: ele sobreviveu? Está acordado?

- Sim, sim, ele sobreviveu. Mas, como temíamos, abalapegou em cheio um local importante da coluna. Seu irmão ficará com sequelas graves.

- Quero vê-lo imediatamente!

- Calma, muita calma, Roberto. Ronie precisa primeiro conversar com o psicólogo. Daqui

a p o u c o , l i b e r a r e m o s s u a e n t r a d a .

- M a s p a r a q u e u m p s i c ó l o g o ? **0** p r o b l e m a

dele é físico; foi a p e n a s u m a c i r u r g i a . . .

- E o p r o c e d i m e n t o p a d r ã o p a r a c a s o s a s -

sim. N ã o h á c o m o p u l a r essa e t a p a . E l e p r e c i s a -

rá de a p o i o e m o c i o n a l e p s i c o l ó g i c o .

- E n t ã o e l e . . .

- S e u i r m ã o ficou p a r a p l é g i c o !

A r e v e l a ç ã o d o m é d i c o foi u m c h o q u e p a -

r a R o b e r t o . E l e t o n t e o u , a m e a ç o u cair, m a s foi

l o g o a m p a r a d o p o r u m dos c i r u r g i õ e s . R e c e b e u

a u x í l i o i m e d i a t o ; u m m e d i c a m e n t o lhe foi m i -

n i s t r a d o p a r a a j u d a r n a e x p e r i ê n c i a i m p a c t a n -

te. P a s s a d a s m a i s d u a s h o r a s , a p ó s s e r e c u p e r a r

d o c h o q u e , R o b e r t o foi a d m i t i d o j u n t o a o i r m ã o .

Q u a n d o e n t r o u , v i u o retrato d a d e s t r u i ç ã o . R o -

nie e s t a v a a b a l a d í s s i m o . S e u olhar, q u a s e per-

d i d o ; seu rosto, m a r c a d o c o m u m a e x p r e s s ã o d e

horror, u m a a p a t i a o u d e p r e s s ã o q u e s e i n s t a l a r a

d e v e z . A o l a d o dele, u m p s i c ó l o g o s e g u r a v a - l h e

o o m b r o . R o n i e b a l b u c i a v a :

- Q u e r o v e r m i n h a n a m o r a d a ! Q u e r o - a p e r -

t o d e m i m . . .

E r a outro p r o b l e m a q u e teria d e enfrentar.

R o b e r t o n ã o s a b e r i a c o m o c o n t a r a ele, n a q u e l e

m o m e n t o , q u e a n a m o r a d a o a b a n d o n a r a de v e z .

N ã o s a b i a o q u e dizer. C o m a s l á g r i m a s n a d a

d i s f a r ç a d a s , e n g o l i n d o e m seco, q u a s e s e m for-

ç a s p a r a p r o n u n c i a r a l g u m a s p a l a v r a s , R o b e r t o

o u s o u u m esforço d i a n t e d o i r m ã o , q u e j a z i a d e -

s o l a d o , e m o c i o n a l m e n t e a b a l a d o , v i s i v e l m e n t e

d e p r i m i d o :

- C a l m a , m e u i r m ã o - f a l a v a , c h o r a n d o . -

C a d a c o i s a a seu t e m p o ! A q u i n o h o s p i t a l n ã o

p o d e h a v e r m u i t a s v i s i t a s , p o r isso m e d e i x a r a m

entrar, p o r ser o p a r e n t e m a i s p r ó x i m o .

C o m c e r t a d i f i c u l d a d e n a v o z , R o n i e e s f o r ç a -

v a - s e e repetia:

- Q u e r o v e r B e t i n h a . . .

- C a l m a , R o n i e ! A q u i d e v e m o s o b e d e c e r a s

regras. Assim que sair do hospital, vamos conversar sobre isso.

- Conversar? Conversar pra quê? Eu que rover Betinha. Será que não entende? Será que não lhe contaram? Estou paralítico, paraplégico. Não sinto mais nada do umbigo para baixo. Não poderei mais fazer sexo, nem andar, nem...

- disparou um pranto convulsivo.

Os dois choraram, enquanto o irmão o abraçava no leito. Ronie deparava com o resultado das próprias escolhas. Do outro lado do vé que separa as dimensões, no Invisível, um dos amigos espirituais chorava também. Não havia nada a fazer.

Samuel tocou delicadamente o ombro do amigo espiritual, chamando a atenção dele para as ocorrências:

- Agora é com a vida, meu caro Arthur! Nada mais podemos fazer por seu pupilo. Ronie

precisa se submeter a um método de reeducativo

com ferramentas novas. De certa forma, a pró-
pria vida o conduziu a uma etapa muito intensa
de reflexões. Primeiro virá a revolta, depois a re-
flexão. Quem sabe numa próxima existência ele
modificará o cerne de sua conduta? Aguardemos
em silêncio, amparando quanto pudermos.
Enquanto isso, Ronie se revoltava, xingava-
va, com as poucas forças de que dispunha. Teria
de ficar um bom tempo no hospital. Dali, sai-
ria para enfrentar a vida, a nova fase de sua vi-
da. Fazer fisioterapia, modificar o curso dos pen-
samentos se contentar-se com um estilo de vida
mais pacato, agora que fisicamente era incapaz
de levar avante projetos de abuso e desrespeito
ao ser humano, que eram sua especialidade. En-
fim, deveria aprender a viver. E para isso teria
um longo tempo à sua frente.
- Sinto algo diferente em mim, Roberto - fa-
lou, levando instintivamente a mão dentro das
calças, num esforço imenso. - Parece que não
sinto meu próprio pênis; será que nunca mais

v a i f u n c i o n a r ? S e r á q u e estou f a d a d o a v i v e r s e m s e x o p a r a o resto da v i d a ?

R o b e r t o n ã o r e s p o n d e u . O s m é d i c o s h a v i a m f a l a d o a l g o a respeito, m a s ele preferia q u e o ir-m ã o descobrisse s o z i n h o . E R o n i e , n a q u e l e m o - m e n t o , l e m b r o u - s e de u m s o n h o q u e t i v e r a l o - g o a p ó s d e s a c o r d a r n o B a i r r o d o Rio V e r m e l h o ,

430

n a q u e l a f a t í d i c a noite, n o l o c a l o n d e e n c o n t r a r a seu a n t i g o cliente. L e m b r o u - s e do p e s a d e l o - foi c o m o i n t e r p r e t o u o fato, a v i v ê n c i a e x t r a f í s i c a n a q u e l e seu m i n u t o de reflexão - no q u a l p a r e - c i a ter d e s e n v o l v i d o o u t r o ó r g ã o s e x u a l , f e m i n i - n o , u m a espécie d e v a g i n a n o l u g a r d o p e r í n e o . E r a u m s o n h o , u m p e s a d e l o o u u m a i n t u i ç ã o d o q u e a c o n t e c i a a g o r a ? N ã o s a b e r i a d i z e r o q u e lhe s u c e d i a . M a s a r e v o l t a e r a g r a n d e d e n t r o dele. N ã o s e c o n f o r m a v a . N o v o , j o v e m , c h e i o d e v i d a , d e v e r i a a g o r a - p e l o resto da v i d a ! - ficar n u m a c a d e i r a d e r o d a s , p a r a p l é g i c o , d e p e n d e n t e d o ir-m ã o e de a l g u n s a m i g o s ?

E a n a m o r a d a ? E l a c o n h e c i a seu estilo de v i -
d a , p o r é m , a g o r a , o a b a n d o n a r a . E r a m a i s u m
g o l p e c o m o q u a l teria d e c o n v i v e r . S u a d o r e r a
i m e n s a ; m a s s u a r e b e l d i a , a i n d a m a i o r . Q u a n t o s
a n o s v i v e r i a a s s i m ? Q u a n t o s a n o s t e r i a d e v i d a
n a q u e l e c o r p o l i m i t a d o ? L e m b r a v a - s e d o cliente
q u e q u e r i a lesar e fervia de r a i v a ; sentia ó d i o d e -
le. E t i n h a ó d i o de si m e s m o , m u i t o ó d i o .
A s s i m , R o n i e foi l e v a d o p e l a p r ó p r i a c o n s -
c i ê n c i a a enfrentar os r e s u l t a d o s de suas a t i t u -
des, p r e j u d i c i a i s n ã o s o m e n t e p a r a ele, m a s p a r a
q u a n t o s e l e g e r a c o m o a l v o . E n t r e t a n t o , m u i -
to m a i s difícil do q u e l i d a r e r e a p r e n d e r a v i v e r
c o m as l i m i t a ç õ e s físicas e a d e p e n d ê n c i a a l h e i a ,
era c o n v i v e r c o n s i g o m e s m o . C o m seus d e s e -

j o s , q u e , a o q u e t u d o i n d i c a v a , j a m a i s p o d e r i a m
ser r e a l i z a d o s no c o r p o deficiente e p e r m a n e n -
t e m e n t e a f e t a d o . E s t a v a s e x u a l m e n t e i n c a p a c i -
t a d o , e m o c i o n a l m e n t e deficiente, d e s m a n t e l a d o ,
d e s c o n t r o l a d o . T e r i a u m a l o n g a c a m i n h a d a p e l a

frente. Um percurso imenso a trilhar dentro de si mesmo, prisioneiro de um corpo sarado, bem composto, mas que se converteria numa prisão sem grades para seu espírito adoecido. Ninguém saberia dizer, naquele momento - nem ele, nem tampouco os amigos do Invisível - , como seria o resto de sua vida. Tudo dependia dele próprio. A vida lhe concederia uma chance, embora de caráter incomum, uma oportunidade indesejada, mas seguramente o remédio que mais lhe convinha. Por certo, ele teria de reorganizar emoções e pensamentos e, somente ele, Ronie, poderia dizer como seria seu próximo minuto.


14

3H33 DA MADRUGADA



A L O M A R E S P I R O U F U N D O , a c o r d a n d o

d o transe nos b r a ç o s d e u m s o l d a -

d o . F i c a r a e x a t a m e n t e u m m i n u t o i n -

consciente. O u será q u e e s t a v a c o n s -

ciente, p o r é m e m o u t r a d i m e n s ã o ?

O f e g a n t e , l e v o u a m ã o ao peito e n o -

t o u q u e o tiro p a s s a r a de r a s p ã o . N ã o m o r r e r a .

E s t a v a ferida; c o n t u d o , isso o c o r r e r a de v i d o aos

p o n t a p é s r e c e b i d o s de um dos p o l i c i a i s . A g r i t a -

ria e s t a v a p o r t o d a p a r t e . O s frequentadores d a -

quele l u g a r f u g i a m a p a v o r a d o s , e n q u a n t o outro

g u a r d a c h a m a v a a a m b u l â n c i a p a r a l e v a r P a l o -

m a a o h o s p i t a l . F o i a p e n a s u m m i n u t o , u m l o n g o

m i n u t o , q u a s e u m a e t e r n i d a d e , e m q u e ficou c a -

tivadesimesmanumadimensãodaqualpouco seconhece. Haviaentradonumaespécie detran- se, experimentandoumestadoalteradodecons- ciência. Acordavaagora, ofegante, suando frio, tremendo feito varaverde, comoalguém diria. Um dos policiais militares aproximou-se, usandoumpalavreadoquedesrespeitavaPalo- ma, numatentativainócuadeproduzirqualquer reaçãoporpartedela. Masnada. Elasededicava ainterpretarosonho, reverimagens, paisagens e, quemsabe, até mesmo, personagensdeuma história que viveraouexperimentaranoseu mi- nuto de reflexão, nesse instante de quase-morte. Aambulânciaacarregavaaté ohospital. EPa- lomainquieta, quieta, emtransiçãodeemoções, sentimentose reflexões. Forasalva; revivera, em meioàquelecorre-corredegente portodolado. Aqueleeraumhospitalcomum, geral, que atendiapessoaspobres, emsuamaioria. Ona- morado, desolado, parecianãocombinarcom ocenárioàsuavolta, vestidoelegantemente de

blazer com calça jeans, num esporte fino que lhe talhava a silhueta e lhe realçava o charme. E os olhos, ah!... Os olhos! Marejados, coração atormentado pelo seu Hector, disfarçado de Paloma, que dera entrada num hospital da capital paulistana. Em um tom respeitoso, baixo, quase sensível demais, perguntou ao atendente:

- Por favor, poderia me dizer onde está sendo atendido um paciente de nome Hector?

Notando a dificuldade do rapaz em encontrar alguém com esse nome, esclareceu:

- Fui avisado que um amigo meu deu entrada aqui, ferido... Ele foi trazido por policiais. Talvez tenha dado entrada com o nome de Paloma.

- Ah! **0** travesti!...

- Não, meu amigo - falou sério, firme e com um tom de voz que impunha respeito. - Ele é transformista, é um artista e, ao que parece, tanto o policial como o senhor o confundiram com um travesti. Meu namorado - o atendente em -

tendeuecalou-se, mas não pediu desculpas.
Alguém conduziu Diego ao quarto onde Hector-Paloma se encontrava. Mas ele não reparou na pessoa que o conduzia. Tinha os pensamentos voltados, inteiramente voltados para seu Hector, seu menino, seu amor. Ao ver Paloma deitada sobre o leito, quase não teve reação. Estancou--se na porta; pareceu paralisado. Somente depois de a enfermeira tocar-lhe o braço é que conseguiu esboçar algum gesto. Aproximou-se devagar, olhos nos olhos de Paloma - o seu Hector.
Gostava de chamar assim o namorado. Paloma era somente um nome artístico, escolhido com a finalidade de apresentar-se nos palcos. Hector, o seu menino, olhava com um olhar de quem pedia socorro.

As paredes brancas e azuis do hospital, as roupas brancas, porém surradas dos atendentes que ali trabalhavam, tudo ajudava a compor um quadro que, para Diego, era atemorizante. Ele

estava apreensivo. Ver seu namorado, a pessoa com quem escolhera viver sua vida, ali deitado, semilúcido, devido a um medicamento que lhe fora administrado, foi um choque para o coração sensível de Diego. Abraçou Hector em lágrimas. Estava no hospital, e seu Hector ali, internado. Fora vítima da brutalidade de um oficial da lei, mas nada poderiam fazer; nada que fizesse livraria Hector do sofrimento. Assim que abraçou o namorado, chegou uma enfermeira.

- Desculpe, mas aqui é proibido este tipo de comportamento!

- Mas que tipo? - perguntou à enfermeira, olhando em seus olhos, de maneira fulminante, como nunca antes olhara para alguém. - Você por acaso sabe quem é este aqui sobre o leito? Sabe porventura que não se pode aprisionar um sentimento de afeto, de amor e inibir qualquer ser humano de sentir o que sente? Por acaso você conhece de leis? Ora, bolas! - completou ora - paz, raivoso com a atitude da mulher. - Faça o

seu t r a b a l h o e n o s deixe e m p a z , s e n ã o v o u f a z e r
u m a d e n ú n c i a c o n t r a v o c ê p o r d i s c r i m i n a ç ã o .
440
E l e f a l o u c o m t a n t a ênfase, c o m t a n t a força
e m a g n e t i s m o na v o z , q u e a e n f e r m e i r a r e c u o u
i m e d i a t a m e n t e . Q u a t r o p e s s o a s q u e e s t a v a m n a
e n f e r m a r i a a p l a u d i r a m D i e g o e Hector, c o m o a
a p o i a r os dois na d e m o n s t r a ç ã o de afeto e na
a f i r m a ç ã o d o direito d e e x p r e s s á - l o l i v r e m e n -
te. D i e g o c h o r o u m u i t o . Hector, e m b o r a o esta-
do em q u e se e n c o n t r a v a , fraco e a b a t i d o a p ó s a
o c o r r ê n c i a na r u a , c o n s o l a v a - o :
- F i q u e t r a n q u i l o , m e u q u e r i d o ! E s t o u b e m ,
a g o r a . E s t o u b e m . . . - m a s n ã o c o n s e g u i a d i s -
f a r ç a r a l á g r i m a q u e l h e c a í a d i s c r e t a n u m c a n -
to do o l h o . - A m a n h ã sairei d a q u i e t u d o isso
t e r á p a s s a d o .
D i e g o p e r m a n e c e u m u d o a o l a d o d e Hector,
s e g u r a n d o - l h e a m ã o .
- T i v e u m s o n h o e s t r a n h o . . . P a r e c e q u e f i -
q u e i d e s a c o r d a d o p o r u n s m o m e n t o s ; p a r a m i m ,

foi como se uma vida inteira tivesse se passado naqueles instantes. Não consigo precisar quanto tempo, mas, na minha memória, é como se fossem dias e horas; um tempo longo. Quando acordei, estava respirando, pois até então havia pensado que tinha morrido.

- Me diga: você está realmente bem? Vou tirar você daqui e levá-lo para outro hospital, onde pode ser atendido por nosso plano de saúde.

- Não se preocupe, Diego querido; estou bem. Só um pouco incomodado com as impressões que estão gravadas em minha memória, mas nada desagradável. Sinto necessidade de falar, de encontrar meu padrasto, voltar à casa da minha família e dizer a eles quanto os amo.

- Fique quieto. Acalme-se agora você, Hector. Tudo a seu tempo. Eu mesmo irei com você. Conte comigo. Agora quero tirá-lo daqui, pois necessito de você ao meu lado. Então, fique bem.

E beijou-lhe a testa carinhosamente, segurando-

-lhe as mãos e evitando beijar-lhe a boca, pois entendia as limitações das demais pessoas presentes naquele local.

Hector adormeceu ali mesmo, aconchegado pelo namorado, que o amparava e acariciava seus cabelos soltos, suaves e, apesar de tudo, perfumados. Os dois contrastavam totalmente como ambiente. Diego trouxe roupas masculinas para Hector, pois ele ainda vestia as que usara na apresentação artística. Assim que Diego saiu do quarto, da enfermaria, foi abordado por um guarda:

- Por favor! - disse o policial para ele. - Queria uma palavra com você.

- Está acontecendo alguma coisa?

- Não, nada disso! É que eu fui salvo por estar a paz que está no leito. Note i que vocês têm certa intimidade...

- É o meu namorado, meu homem - declarou Diego, assumindo os sentimentos em relação

a Hector. - E olhe q u e eu n u n c a c o n h e c i n e n h u m h o m e m t ã o c h e i o d e v a l e n t i a , d e c o r a g e m e h o n r a d e z c o m o m e u Hector.

- I m a g i n o . . . - f a l o u o s o l d a d o , o l h a n d o p a r a b a i x o , c o m o se estivesse p e n s a t i v o . — E l e se j o g o u à m i n h a frente na h o r a em q u e o tiro foi d i s p a r a d o . P o r sorte, a b a l a o a t i n g i u de r a s p ã o . E l e m e e m p u r r o u p a r a q u e o tiro n ã o p e g a s s e e m m i m ! E u q u e r i a fazer a l g u m a c o i s a p a r a a g r a d e c e r a ele.

- P e l o q u e c o n h e ç o d o m e u Hector, n ã o p r e c i s a se p r e o c u p a r . E l e é a s s i m m e s m o . N ã o p r e c i s a a g r a d e c e r , d e v e r d a d e .

- M a s e u f a ç o q u e s t ã o ! E s t o u m u i t o e m o c i o n a d o e p e d i l i c e n ç a p a r a n ã o t r a b a l h a r m a i s p o r hoje. E da m i n h a v i d a q u e e s t a m o s f a l a n d o , e ela foi s a l v a p o r a l g u é m q u e e u n ã o c o n h e ç o . . . T i r a n d o u m b l o c o de a n o t a ç õ e s d o bolso do p a l e t ó , D i e g o a n o t o u o n ú m e r o de um telefone e o e n t r e g o u ao g u a r d a .

- A q u i está o n ú m e r o do c e l u l a r de Hector.

M a s , p o r favor, nos d ê u m t e m p i n h o até ele s e r e c u p e r a r m a i s . D e p o i s é só l i g a r e f a l a r c o m ele. D i r e i q u e v o c ê esteve a q u i . F a l a r e i sobre seu d e - sejo de a g r a d e c e r - l h e .

443

0 g u a r d a a s s e n t i u e se retirou, o l h a n d o p a r a trás p o r u m instante, c o m o s e hesitasse e m p a r - tir, e n q u a n t o D i e g o t e l e f o n a v a p a r a a l g u m lugar, a fim de transferir H e c t o r de h o s p i t a l .

P a s s a r a m - s e o s dias. H e c t o r r e c u p e r o u - -se, c o n q u a n t o n ã o tirasse d a m e m ó r i a a s l e m - b r a n ç a s , a i n d a q u e f r a g m e n t á r i a s , d o q u e l h e o c o r r e r a n o Invisível. D e c i d i u , e n t ã o , q u e d e v e - ria v i s i t a r u m c e n t r o espírita d o q u a l o u v i r a f a - l a r a l g u m a s v e z e s . C h a m o u D i e g o , e este l o g o se prontificou.

- Q u e r o r e z a r p a r a a g r a d e c e r a s e g u n d a c h a n - c e d e v i d a q u e tive. S o b r e t u d o , a g r a d e c e r p o r v o - c ê , q u e é m i n h a v i d a , m e u a m p a r o , m e u amor. **0** h o m e m c o m q u e m escolhi viver, por q u e m tenho u m a g r a t i d ã o q u e n ã o sei p ô r e m p a l a v r a s .

Nos dias que se seguiram, Hector e Diego conversaram muito. Parece que o reflexo das conversas que Hector teve com Samuel enquanto estava em transe, no seu minuto de reflexão, começava a surtir efeito.

- Quero lhe falar sobre alguns traumas meus; acho que estão me impedindo de ser mais feliz ou, quem sabe, de fazer você ê mais feliz.

- Que é isso, Hector? Sou feliz ao seu lado, e isso me basta.

- Não mesmo, Diego! Quero resolver isso. Você tem medado tanto apoio, tem medado sua vida, então tenho certeza de que é hora

de enfrentar isto que me consome internamente. Tenho algo muito mal resolvido em relação à minha sexualidade e acho que é por isso que fiquei tantos anos com você ê sem uma proximidade maior ou uma intimidade de casal.

- Já falamos sobre isso, amor. Lembra que eu disse que aguardaria seu momento? Saberei

esperar! Não se preocupe.

- Sim, eu sei, Diego. Mas agora sou eu quem estou incomodado, e quero resolver essa pendência de vez. Quero ser seu sem barreiras, sem limites.

- Estou com medo desta conversa. Porque logo agora?

- Não sei o porquê. Mas depois que voltei do acidente, meus pensamentos parecem estar mais claros, como se recebesse uma intuição ou inspiração a fim de solucionar este lado da minha vida. Além do mais, meu querido, precisamos mesmo ficar bem um com o outro. Anseio conversar mais sobre o assunto e compartilhar com você algumas coisas que, para mim, eram delicadas demais. Agora sei que é a hora certa.

- Hector, Hector!... Você está me deixando intrigado. Talvez seja melhor a gente procurar uma terapia ou algo assim.

- Não descarto a possibilidade, mas primeiro quero dividir com você meu passado,

sem reservas. Quem sabe você êpossa me ajudar, como amigo, como parceiro e, sendo meu amor, meu homem, estou certo de que enfrentaremos isso juntos.

E Hector falou de seus traumas, do padrasto e da rejeição que sentiu já na infância. Falar do padrasto foi a parte mais delicada, pois, ao mencioná-lo, emocionou-se, à medida que lhe assomavam à mente as cenas de abuso que sofreu durante a adolescência. Diego amparou Hector, abraçando-o e beijando-o ternamente. Ambos se comoveram.

- Amor, nem sei o que dizer, além do fato de que estarei ao seu lado para tudo o que precisar e que, agora, compreendo melhor o porquê de sua dificuldade em manter um relacionamento mais íntimo, de se entregar sexualmente a mim.

Eu compreendo, Hector, de verdade.

Hector chorava baixinho, recordando as dificuldades que vivenciara com o padrasto e do

quanto teve de lutar para sobreviver emocional-
mente. Depois, a vida profissional, a decisão de
atuar como transformista, como artista e, mais
tarde, de iniciar uma atividade social junto às
prostitutas e aos rapazes da noite, necessitados
de amparo e de alguém que os recebesse num lu-
gar de tratamento.
- Tenho pensado, Hector. Será que não é ho-

rar de você ser dar um tempo em relação às apre-
sentações artísticas e se dedicar um pouco mais
ao trabalho como *designer?* Depois do que ocor-
reu, do tiro que, graças a Deus, passou de ras-
pão, do trauma gerado por tudo isso...
- Também tenho pensado seriamente nisso, Diego, mas não tenho como arranjar dinheiro para manter o Palácio de Cristal. Você já tem ajuda do tanto... **0** que ganho como *designer* não é suficiente para levar avante o trabalho com as meninas da noite. Não sei como solucionar essa situação financeiramente.

- Andei pensando e acho que podemos resolver isso. Claro, se você achar boa a ideia de dar um tempo como transformista. Talvez seja hora de a gente se concentrar e dar um passo além. Já que resolveu me contar tudo sobre seu passado, que era tão difícil para você, acho que este momento deve ser aproveitado, amor. Quem sabe pudéssemos fazer uma parceria com alguma instituição e dar maior qualidade ao trabalho que você faz?

- Trabalho que nós fazemos, Diego. Pois sem você, eu, sozinho, não teria condições, jamais, de levar adiante o projeto com as meninas da rua.

- Pois bem. Vou procurar me informar direito; assim que tiver os elementos necessários, volto a falar com você.

- E vai me deixar esperando, assim? Não vai me adiantar nada?

- Curioso!... - falou, beijando-lhe a testa. - Sabe que te amo profundamente? Não sei o que

seria d a m i n h a v i d a s e m v o c ê .

- B o b o !

- De v e r d a d e ! E me o r g u l h o t a n t o do seu t r a b a l h o , d a s u a g e n e r o s i d a d e e m s e e n t r e g a r s e m r e s e r v a s a u m t r a b a l h o dessa n a t u r e z a , a m - p a r a n d o p e s s o a s t ã o rejeitadas p e l a s o c i e d a d e : g a r o t a s d e p r o g r a m a q u e u s a m d r o g a s , travestis q u e v i v e m c a í d o s p e l a s r u a s , s e m teto, s e m ter q u a l q u e r a m p a r o o u f a m í l i a . . .

- D e i x e isso p r a lá, D i e g o ! - f a l o u H e c t o r sen- sível, após a confissão do n a m o r a d o . - S a b e de u m a coisa? Q u e r o t e r m i n a r o n a m o r o c o m v o c ê .

0 a n ú n c i o a b r u p t o de H e c t o r p e g o u D i e g o d e surpresa. F o i u m c h o q u e , p o i s H e c t o r d e s p e - j o u a q u i l o a s s i m , s e m p r e p a r a r o p a r c e i r o p a r a o q u e v i r i a . S e m s a b e r a i n d a o q u e pensar, D i e g o f i c o u b r a n c o , l í v i d o .

- N ã o se p r e o c u p e ! N ã o fique a s s i m , n ã o - H e c t o r t e n t o u r e m e d i a r , r i n d o e d e n u n c i a n d o a b r i n c a d e i r a . - E q u e q u e r o lhe p e d i r em c a s a - m e n t o ! Q u e r o q u e seja m e u m a r i d o e q u e v i v a -

m o s o m a i s i n t e n s a m e n t e p o s s í v e l . Se quiser, p o -
d e s e m u d a r l á p a r a c a s a d e f i n i t i v a m e n t e . V a i
ser o d o n o da m i n h a v i d a e, q u e m s a b e , e n c o n -

t r a m o s a l g u é m , a l g u m d o i d o p o r a í q u e p o s s a
c e l e b r a r n o s s a u n i ã o .
D i e g o p e r m i t i u q u e os olhos se e n c h e s s e m de
l á g r i m a s e b e i j o u H e c t o r ali m e s m o , e m o c i o n a d o ,
terno, p r o f u n d a m e n t e g r a t o à v i d a p e l a b ê n ç ã o
q u e r e c e b i a . E r a t u d o o q u e m a i s q u e r i a . E l e i a
c o m c o n s t â n c i a a o a p a r t a m e n t o d e Hector, p a s -
s a v a a l g u n s dias c o m ele, m a s s e m p r e t i n h a d e
d e i x á - l o , s e m p r e v o l t a v a p a r a c a s a . F i c a v a u m
v a z i o . Q u e r i a m e s m o era constituir f a m í l i a c o m
ele e construir a v i d a na c o m p a n h i a da p e s s o a
q u e a m a v a . N ã o lhe a g r a d a v a d e i x a r seu m e n i -
n o s o z i n h o . O s dois s e a b r a ç a r a m satisfeitos c o m
a d e c i s ã o . P a r e c e q u e o esforço de S a m u e l j u n t o
a H e c t o r surtira efeito. A o s p o u c o s , as intuições
a f l o r a v a m à s u a m e n t e e os dois a m i g o s , a m a n t e s
e p a r c e i r o s se a j u s t a v a m m a i s e m a i s p a r a u m a

vida em comum, mais íntima, intensa, familiar.

- Tenho um sonho, Hector, que gostaria de compartilhar com você. Claro, você não precisa concordar, mas quem sabe possamos encontrar um jeito...

- Adotar uma criança!

- Isso mesmo. Sempre tive o sonho de ser pai e, como você me pediu a mão em casamento...

Hector riu gostosamente, demonstrando enorme ternura pelo companheiro. Tocaram-se as mãos. Tocaram-se os corações e as almas, qua-

se numa fusão, caso possível fosse. Conversaram longamente sobre os planos para o futuro.

No domingo seguinte, resolveram visitar um centro espírita no Tatuapé. Não sabiam que, no mesmo dia, César e Igor estariam naquele exato local, agradecendo pelo apoio espiritual. Também não os conheciam, pelo menos não fisicamente, no caso de Hector.

Ao chegarem à rua Dr. Gabriel de Rezende,

notaram intensa movimentação. Nunca haviam
ido ao lugar, e as surpresas foram se mostrando
a cada passo que davam. Finalmente, na rua do
centro, admiraram a grande multidão que ia e
vinha de todos os lados. Parecia que toda a Chá-
cara Mafalda ou a população deste e dos demais
bairros vizinhos se dirigia à casa espírita. Diego
e Hector, captando uma intuição, tiveram a ideia
de perguntar a um dos trabalhadores, vestido
com um uniforme impossível de não ser notado,
de cor vibrante, aonde poderia ir para fazer
uma oração, uma vez que havia tanta gente de
um lado e outro da rua, e tantos pontos de con-
centração, que não sabiam que rumo tomar. De
mãos dadas, sem se importar se eram observa-
dos ou não, dirigiram-se ao lado oposto ao local
onde ficava o centro espírita, o grande salão, a
fim de orar e agradecer. Sentaram-se exatamente
à frente de César e Igor, sem perceber-lhes de ime-

diato. Na parede, a figura do venerável médico

dos pobres. **0** ambiente, com todo semoração, inspirava orecolhimento espiritual. Soltaram-se as mãos, mas entrelaçavam-se pelos corações. E juntos oraram, agradeceram, louvaram pelas inúmeras bênçãos que estavam experimentando. Terminados mais de 30 minutos de medita-ção, levantaram-se e saíram, dirigindo-se ao ou-tro lado da rua. Vibrações dulcíssimas de inten-sa paz pareciam envolver ambos os casais. Sim, pois que César, obedecendo a um impulso, tal-vez à mais pura intuição, levantou-se também, chamando Igor e rumando para o local onde ou-viria a palestra. Mas as músicas cantadas, a alegria e a descontração de toda a gente os im-pressionou sensivelmente. Enquanto Hector es-tava parado ao lado de Diego, Igor tocava dis-farçadamente o ombro de César, logo na entrada do salão de grandes proporções. Estavam parali-sados, ouvindo a música que falava de Evange-lho, louvor e gratidão a Jesus. Tudo formava um ambiente de pura espiritualidade. Os dois casais

olharam-se mutuamente. E, sem premeditar nada, apresentaram-se. César olhou Hector mais detidamente e disse-lhe:

- Não o conheço de algum lugar? Por acaso você conhece a cidade de Curitiba, onde me criei?

Hector, um pouco pensativo, parecia sentir

alguma vibração que ainda não conseguia explicar. Sendo o mais cortês e elegante possível, respondeu:

- Não creio, pois nunca fui a Curitiba. Mas, falando assim, talvez o conheça de algum lugar.

E apresentou seu namorado, Diego, acentuando que eram namorados e estavam ali para agradecer. Por sua vez, César também apresentou Igor como seu namorado. Resolveram sentar-se próximos, pois o salão já estava quase lotado e precisavam escolher um lugar. Encontraram cadeiras contíguas. Nascia ali uma amizade no plano físico, já inaugurada num plano mais além daquele usualmente percebido pelos sentidos humanos.

O tempo passou, Dois meses depois, Hector e Diego convidaram alguns amigos e parentes para uma festa especial, sem comunicar do que se tratava. Compareceram também César e Igor. Havia um toque de elegância no local, no apartamento de Hector e Diego, embora a simplicidade da decoração, que era minimalista. Após os convidados se apresentarem e alguns minutos de suspense sobre o motivo da reunião, Diego e Hector se deram as mãos e falaram, emocionados:

- Nós os convidamos aqui, nesta noite, os amigos recentes e os mais antigos, os parentes que têm afinidade conosco, para uma comemoração especial.

E chamaram para junto de si um homem vestido de maneira descontraída, descolada, porém com um toque de charme e elegância. Logo o apresentaram:

- Este é um médium e dirigente de uma casa espírita que convidamos. É que, hoje, eu e Die-

g o . . . - f a l o u H e c t o r e m o c i o n a d o , o l h a n d o diretamente nos olhos do n a m o r a d o - hoje c e l e b r a - r e m o s n o s s a u n i ã o c o m u m m o m e n t o d e o r a ç ã o . T o d o s f i c a r a m surpresos e a p l a u d i r a m a i n i c i a t i v a . P a s s a d o o b r e v e m o m e n t o de euforia, D i e g o se p r o n u n c i o u :

- R e s o l v e m o s fazer u m a c e r i m ô n i a s i m p l e s , s e m c h a m a r a a t e n ç ã o de n i n g u é m , p o i s q u e r i a - m o s a l g o intimista, s ó n o s s o , q u e p u d é s s e m o s c o m p a r t i l h a r a p e n a s c o m p e s s o a s q u e n o s a m a m e q u e são q u e r i d a s p o r n ó s . P o r isso, e s t a m o s a q u i , eu e o m e u m e n i n o , Hector, que me p e d i u em c a s a m e n t o ! . . . - o o l h a r furtivo e a e n t o n a ç ã o de D i e g o i n s p i r a r a m a r e a ç ã o b e m - h u m o r a d a de t o d o s . - A o m e s m o t e m p o e m q u e c e l e b r a m o s a v i d a , a g r a d e c e n d o p o r esta a l e g r i a , q u e r e m o s t a m b é m a n u n c i a r u m a d e c i s ã o i m p o r t a n t e . N ó s a d o t a m o s u m a c r i a n ç a , e n o s s o lar já n a s c e sob essa b ê n ç ã o , q u e , p a r a n ó s , é m u i t o significativa.

M a l D i e g o e n c e r r a r a a fala, todos os c u m p r i m e n t a r a m , e f u s i v a m e n t e . O s n o i v o s e s t a v a m ele-

gantementevestidos, emboradescontraídos, com

traje despojado, semexcessos. Apresentavama fisionomia radiantedefelicidade. Emseguida, omédiumconvidadoparaarealizaracerimônia colocou-seemposição que lhe permitia ser visto portodos os presentes. Hector e Diego, de mãos dadas, postaram-se à sua frente. Foi lido um trecho da Bíblia, maisprecisamenteumapassagem do livro de *Cantares*, de Salomão, também conhecido como o *Cântico dos Cânticos.* **0** dirigente espiritual se pronunciou:

- Para mim é uma honra estar aqui nesta noite, a fim de dirigir esta celebração à vida. Enquanto muitos se unem e se separam, indiferentes à importância do compromisso assumido com o coração um dos outro, nossos amigos Diego e Hector estão aqui para selar seu compromisso de carinho, amor, afeto e amizade, celebrando e rogando as bênçãos de Deus. Não sou representante de Deus na Terra, mas ocupo a posição de re-

p r e s e n t a n t e d e u m a c o m u n i d a d e d e p e s s o a s q u e
t ê m u m r e l a c i o n a m e n t o c o m D e u s . E é p o r isso
q u e , j u n t o dos a m i g o s , d a q u e l e s q u e a m a m o s
n o i v o s , dos q u e lhes são c a r o s e s i m p á t i c o s , esta-
m o s r e u n i d o s p a r a c o m p a r t i l h a r este m o m e n t o ,
q u e é r e a l m e n t e significativo, m á g i c o e m u i t í s s i -
m o e s p e c i a l .
" E s t a s d u a s a l m a s j á s e e n c o n t r a m u n i d a s
d e s d e m u i t o t e m p o , q u a n d o r e s o l v e r a m t r o c a r

seu afeto, c o n f o r t a r - s e m u t u a m e n t e e selar seu
a m o r a t r a v é s d o c o m p r o m i s s o u m c o m o o u t r o .
V i v e n d o j u n t o s em c o r a ç ã o e p a r c e r i a , a c u m p l i -
c i d a d e dos s e n t i m e n t o s m a r c o u o iníc i o d e u m a
r e l a ç ã o a f e t i v a q u e s e c o n s o l i d a a q u i , n e s t a n o i -
te, q u a n d o j u n t o s e l e v a m o s os p e n s a m e n t o s a o
P a i , q u e n ã o f a z a c e p ç ã o d e p e s s o a s , a Jesus,
q u e a b e n ç o o u a s a m a r i t a n a , c a m i n h o u entre os
rejeitados da s o c i e d a d e de s u a é p o c a e a b r i u os
b r a ç o s a t o d o s q u e s o u b e s s e m a m a r . C o m o esta-
m o s f a l a n d o d e a m o r , d e u m a m o r i n c o m u m q u e

u n e d u a s a l m a s s e n s í v e i s , f a l a m o s d e D e u s . P o i s
q u e m a m a , n ã o i m p o r t a n d o a f o r m a d e a m a r ,
está em D e u s e D e u s está n e l e . **0** m a n d a m e n t o
de Jesus é: ' A m a i - v o s u n s aos o u t r o s ' . 1 E n ã o :
' A m a i a p e n a s a s p e s s o a s d o s e x o o p o s t o ' . C o n s i -
d e r a n d o q u e o a m o r de H e c t o r e D i e g o é m u i t o
m a i o r do q u e o a m o r de m u i t o s c a s a i s t r a d i c i o -
n a i s , v i m a q u i de b o m g r a d o , sob o p a t r o c í n i o
d e e n t i d a d e s s u p e r i o r e s , q u e a q u i e s t ã o neste
m o m e n t o , c o m e m o r a n d o c o n o s c o a c o n s o l i d a -
ç ã o desse a m o r e a u n i ã o p ú b l i c a e d u r a d o u r a
dos dois. E s s a u n i ã o é c o r o a d a , a i n d a , p e l a b ê n -
ç ã o de u m a c r i a n ç a , q u e e m p r e s t a a este c a s a -
m e n t o a q u a l i d a d e de f a m í l i a . ' '
T o d o s e r g u e r a m o s b r a ç o s n a d i r e ç ã o dos
n o i v o s , a t e n d e n d o a o c o n v i t e d o oficiante, ele-
v a n d o os p e n s a m e n t o s e os c o r a ç õ e s em g r a t i d ã o

à v i d a e a D e u s . A c e n a e r a r e a l m e n t e c o m o v e n -
te. D o outro l a d o d a v i d a , o s i n v i s í v e i s , a m i g o s
espirituais presentes, t a m b é m e l e v a r a m as m ã o s .

S o m a r a m seus p e n s a m e n t o s à s v i b r a ç õ e s e m i t i -
das e i r r a d i a d a s pelos c o r a ç õ e s presentes à c e l e -
b r a ç ã o d o a m o r q u e u n i a a q u e l e c a s a l , a q u e l e s
p a r c e i r o s , a m a n t e s e a m o r e s , q u e a p r o v e i t o u o
m o m e n t o p a r a a p r e s e n t a r a c r i a n ç a , o filho q u e
c o r o a v a a q u e l a f a m í l i a a l t e r n a t i v a c o m a s b ê n -
ç ã o s d a a l e g r i a . D e dois e m dois, c a d a u m s e d i -
r i g i u a o c ô m o d o o n d e r e p o u s a v a a c r i a n ç a , n u -
m a c a m a p e q u e n i n a , p r e p a r a d a c o m e s m e r o ; o
1 Jo 13:34; 15:12,17. Cf. Rm 12:10; 1ªPe 1:22.
q u a r t o , em t o d a a d e c o r a ç ã o , refletia os c u i d a d o s
dos n o v o s p a i s .
- C o m a c h e g a d a do nosso filho - m a n i f e s -
t o u - s e Hector, i m e n s a m e n t e satisfeito e c o m o v i -
d o - , e n c e r r o m i n h a p a r t i c i p a ç ã o n a noite c o m o
artista. T e n h o d e m e d e d i c a r a g o r a a o n o s s o f i -
l h i n h o ; a v i d a de artista, c o m seus desafios, h o -
rários l o u c o s e i r r e g u l a r e s , n ã o me p e r m i t i r i a fi-
c a r atento à e d u c a ç ã o dele. A l é m d o m a i s , m i n h a
m o t i v a ç ã o p a r a t r a b a l h a r na noite, à p a r t e a sa-
t i s f a ç ã o , era t a m b é m sustentar u m a o b r a social,

pois o d i n h e i r o q u e e u g a n h a v a , m e s m o s o m a d o
c o m a a j u d a q u e D i e g o s e m p r e d e u , n ã o e r a sufi-
ciente p a r a sustentar o P a l á c i o de C r i s t a l .

456

E D i e g o c o m p l e m e n t o u , d e m o n s t r a n d o u m
c o n t e n t a m e n t o q u e dificilmente p o d e r i a ocultar:
- N o s s o a m i g o Igor, n a m o r a d o de César,
c o n s e g u i u e x c e l e n t e s p a r c e i r o s p a r a o sustento
d o P a l á c i o d e C r i s t a l , f u n d a d o p o r Hector. E l e
p r ó p r i o , o Igor, nos o f e r e c e u a j u d a , e a g o r a e x i s -
te um g r u p o de p a r c e i r o s q u e é m a n t e n e d o r da
o b r a social, q u e n ã o p o d e m o s parar.
E n c e r r a d a a f a l a de D i e g o , três p e s s o a s os
c h a m a r a m à p a r t e e o f e r e c e r a m c o l a b o r a ç ã o fi-
n a n c e i r a , c o m o i n v e s t i d o r e s , v i s a n d o à m a n u -
t e n ç ã o d o t r a b a l h o q u e t a n t o e x i g i u d e Hector.
M U I T O S D I A S S E P A S S A R A M desd e esses a c o n t e c i -
m e n t o s . P o r é m , H e c t o r n ã o s e sentiria t o t a l m e n -
te satisfeito e n q u a n t o n ã o visitasse a v e l h a m ã e
e o p a d r a s t o . P r e c i s a v a ir ao e n c o n t r o de a m b o s .
T o d o s o s m e s e s e n v i a v a u m a s o m a d e d i n h e i -

r o p a r a a m ã e ; p o r é m , até e n t ã o , h a v i a e v i t a d o
p r o c u r á - l a , d e v i d o a o e p i s ó d i o o c o r r i d o n a a d o -
l e s c ê n c i a , q u a n d o d o a b u s o sofrido p o r p a r t e d o
p a d r a s t o . A g o r a q u e r i a a p r e s e n t a r D i e g o e falar
do filho q u e a d o t a r a . E m a i s a i n d a . . .
Q u a n d o c h e g o u a S ã o José do Rio P r e t o , c i -
d a d e distante p o u c o m a i s d e 4 0 o k m d a c a p i t a l
p a u l i s t a , sentiu-se v a c i l a r . S e r á q u e d e v e r i a i r
ao e n c o n t r o da m ã e ? C o m o v e r i a o p a d r a s t o ? A

esta a l t u r a , este já e s t a v a m a i s v e l h o , é v e r d a -
de - e m b o r a esse fato em n a d a ajudasse a t o r n a r
m a i s fácil o e s q u e c i m e n t o , pois se sentia i n c a p a z
d e s u b t r a i r d a m e m ó r i a o s a b u s o s sofridos. C o m
m u i t o c u s t o , l o g r a r a a t e n u a r o i m p a c t o e m o c i o -
n a l decorrente das l e m b r a n ç a s t o r m e n t o s a s , m a s
estas a i n d a se f a z i a m notar. E n f i m , c o m o seria
r e c e b i d o ? M a i s a i n d a : c o m o a b o r d a r i a o p a d r a s -
to e a m ã e ?
A p o i a d o p o r D i e g o , H e c t o r foi e s t i m u l a d o a
prosseguir.

- V o c ê n ã o v e i o até a q u i p a r a desistir n e s - t e p o n t o d a j o r n a d a ! N ã o e r a essa s u a n e c e s s i - d a d e ? T a n t a s v e z e s v o c ê m e disse, H e c t o r , q u e q u e r i a m u i t o e n f r e n t a r e r e s o l v e r a s i t u a ç ã o . E s t a r e i a o s e u l a d o e j u r o : n ã o v o u d e i x a r v o c ê desistir, l o g o a g o r a .

Os dois se d i r i g i r a m ao P a r q u e E s t o r i l , re- g i ã o da c i d a d e o n d e v i v i a m a m ã e e o p a d r a s t o d e Hector. E l e h a v i a l i g a d o p a r a a m ã e q u a n d o c h e g a r a m a o a e r o p o r t o d a c i d a d e . E l a o s e s p e r a - v a ansiosa.

A s s i m q u e H e c t o r v i u a c a s a o n d e m o r a v a m , o c o r a ç ã o d i s p a r o u ; as l e m b r a n ç a s v i e r a m à t o - na. A p o i o u - s e n o m a r i d o i n s t i n t i v a m e n t e , c o m o a p e d i r a j u d a . A m ã e o r e c e b e u eufórica. A b r a - ç a r a m - s e , c h o r a r a m b a s t a n t e , e n q u a n t o D i e g o r e s p e i t o s a m e n t e se m a n t i n h a a a l g u n s p a s s o s ,

e s p e r a n d o a h o r a de ser a p r e s e n t a d o à sogra.

T r a z i a n a s m ã o s u m r a m a l h e t e c o m o presente, a l é m d a c a i x a d e c h o c o l a t e s d e u m a m a r c a fa-

m o s a . A g u a r d o u até q u e m ã e e f i l h o p u d e s s e m se tocar, c o m p a r t i l h a r e m o ç õ e s , t r o c a r c a r í c i a s . A m ã e de H e c t o r a c a r i c i a v a s u a f a c e , seus c a b e - los e o l h a v a o filho e x t a s i a d a .

- Q u a n t o s a n o s , m e u f i l h o ! Q u a n t o s a n o s . . .

- e c h o r a v a de c o n t e n t a m e n t o . - Me p e r d o e , m e u H e c t o r ! M e p e r d o e p e l o m e u silêncio, m e u f i l h o .

- Q u e é isso, m a m ã e ? N ã o fale a s s i m . E s - t o u a q u i a g o r a e é isso q u e i m p o r t a . A l i á s , q u e r o a p r o v e i t a r e lhe a p r e s e n t a r a l g u é m .

A p o n t o u para D i e g o , q u e s e c o m o v e r a c o m o r e e n c o n t r o de m ã e e filho. E esse r e e n c o n t r o r e a l m e n t e fez b e m p a r a o seu Hector, q u e c h o r a - va a olhos v i s t o s .

- E s t e é D i e g o , o h o m e m q u e me faz feliz, m i n h a m ã e . É c o m ele q u e escolhi v i v e r e ele é a p e s s o a da q u a l lhe falei, q u e m e d e u a p o i o d u - r a n t e t o d o s estes a n o s .

A m u l h e r , já i d o s a , d e m o n s t r o u a b e r t u r a m e n t a l i n c r í v e l . E s t e n d e u os b r a ç o s e falou:

- V e n h a , m e u f i l h o ! V o c ê é t a m b é m u m f i l h o

p a r a m i m . N a s c a r t a s q u e H e c t o r m e e s c r e v e u , ele s e m p r e f a l a v a d e v o c ê . M e sinto h o n r a d a e m c o n h e c e r o h o m e m q u e f a z m e u f i l h o feliz. V e - n h a , m e a b r a c e .

459

D i e g o a b r a ç o u a s o g r a c h o r a n d o , t r e m e n - d o , e m o c i o n a d o c o m a f o r m a c o m o foi a c o l h i d o . H e c t o r se u n i u a a m b o s , i g u a l m e n t e s e n s i b i l i z a - d o . D e v e r a s a l i v i a d o , t a m b é m . I g n o r a v a c o m o a m ã e r e c e b e r i a o seu D i e g o . A g o r a , p o r t a n t o , e s - t a v a s i n c e r a m e n t e m a i s t r a n q u i l o : u m a p r e s s ã o i n t e r n a h a v i a sido l i b e r a d a . E t u d o isso o c o r r e r a a i n d a d o l a d o d e fora d a c a s a o n d e m o r a v a d o n a E d i t e , a m ã e de Hector.

A d e n t r a r a m a c a s a e n o t a r a m um ar de s i m - p l i c i d a d e em t o d o o a m b i e n t e , e m b o r a o b o m g o s t o n a d e c o r a ç ã o , d a d i s t r i b u i ç ã o dos m ó v e i s às flores e x p o s t a s no v a s o sobre a m e s a . H e c t o r p e r m a n e c i a a p r e e n s i v o , pois n ã o v i r a o p a d r a s t o . N ã o q u e r i a t o c a r no a s s u n t o a i n d a , m a s , c o m o n ã o n o t o u a p r e s e n ç a dele, t e v e de p e r g u n t a r :

- O n d e está o R u i ? N ã o o vejo p o r a q u i . . .

- A h ! M e u filho. E u n u n c a quis a t o r m e n t á -

-lo f a l a n d o de questões difíceis. O R u i está m u i -

t o m a l n o h o s p i t a l d a c i d a d e . D e s d e a l g u n s a n o s

q u e ele e n t r o u n u m p r o c e s s o g r a v e d e d e p r e s s ã o .

F a l a v a d o r m i n d o ; d i z i a q u e q u e r i a p e d i r p e r d ã o .

M a s p o r m a i s q u e e u lhe p e r g u n t a s s e , n u n c a s e

r e v e l o u p o r inteiro. S ó c o n s e g u i i n t e r n á - l o , m a i s

r e c e n t e m e n t e , e p a g a r t o d o o t r a t a m e n t o p o r

c a u s a d a c o n t r i b u i ç ã o g e n e r o s a q u e v o c ê m e d á

t o d o s o s m e s e s . V i v í a m o s d a m i n h a a p o s e n t a d o -

ria e da a p o s e n t a d o r i a do R u i , p o r é m o dinheiro

n ã o era suficiente p a r a p a g a r a s d e s p e s a s c a d a

v e z m a i o r e s c o m m e d i c a m e n t o s , m é d i c o s , h o s -

pitais, enfermeiros e p s i q u i a t r a s . P r i n c i p a l m e n t e

o s r e m é d i o s são m u i t o c a r o s . Q u a n d o d e c i d i m o s

p a r a r c o m t u d o , e n t r e g a n d o a s i t u a ç ã o à v o n -

t a d e d e D e u s , v o c ê c o m e ç o u a e n v i a r d i n h e i r o .

F o i a s a l v a ç ã o do R u i . A p r i n c í p i o , ele ficou m a i s

d e p r i m i d o a i n d a a o s a b e r q u e e r a t r a t a d o c o m

o dinheiro que você enviava. Mas não tínhamos como fazer diferente.

- E você passou necessidade, minha mãe? Me diga...

- Não! Não, meu filho. Com a aposentadoria, dava tranquilamente para vivermos. Como éramos apenas nós dois, nos adaptamos a um estilo de vida simples. Tive de reaprender a viver sem excessos, sem luxo e sem ultrapassar os limites. Foi um aprendizado.

- Mas me fale, e o Rui? Como ele está?

- **0** Rui, meu filho, foi se fechando cada dia mais. Entrou num estado de culpa e infelicidade tão grande que finalmente parou de falar. Já é assim faz três anos. Só se comunica com gestos. Os psiquiatras não sabem muito mais o que fazer. Não fosse o dinheiro que você me envia, não teríamos condições de pagar o plano de saúde, muito menos os medicamentos. Agora faz

seis meses que ele está internado. Desenvolveu

um câncer de próstata, que se alastrou para a região dos testículos. Não sei o que fazer. Ele definha a cada dia. Mas parece que a morte foge dele. Por mais grave que seja a situação, ele sobrevive, persiste, como que aguardando alguma coisa. A quimioterapia acabou com as resistências do Rui. Teve de extrair a próstata, mas não adiantou mais. Os testículos estavam, também, comprometidos. Estamos esperando o momento final a qualquer hora. Mas ele se apega à vida de uma maneira que não entendemos.

- E você nunca falou disso pra mim, minha mãe! Nem consigo imaginar o sofrimento que você passou todo esse tempo.

Diego permaneceu calado, ouvindo, respeitando o momento de ambos.

- Sabe, meu filho? Todos nós sofremos estes anos. Sabe que, por mais que eu tente, nunca consegui imaginar a extensão do seu sofrimento, desde que saiu de casa? Então, estamos todos no mesmo barco. **0** que me resta é a religião. Rezo

todos os dias por você. Não quis falar nada com você, Hector, porque eu sabia do seu sofrimento íntimo. Jamais ignorei seus sentimentos, meu filho. Algum dia, ainda hei de contar pra você os detalhes da nossa história, a parte que você não conhece, e então entenderá o porquê do meu silêncio estes anos todos.

462

Hector abraçou a mãe, amparando-a nos braços e afagando seus cabelos. Percebeu que não tinha parâmetros para avaliar a história dela, o silêncio e os motivos que a levaram a se omitir à época em que foi abusado pelo padrasto. Mas não queria pensar nisso agora.

- Quero visitar o Rui no hospital. A senhora me acompanha?

- Hector!... - exclamou Diego, reticente.

- Eu sei o que estou fazendo, Diego. Não se preocupe. Acho que sei o que prende Rui ao corpo de uma maneira tão sofrida. Preciso falar com ele. Vai comigo, mamãe?

- C l a r o , filho. P o s s o t e l e f o n a r p a r a o medi-
co e p e d i r a p e r m i s s ã o dele p a r a u m a v i s i t a h o -
je. M a s . . .
- M a s o q u ê , m a m ã e ?
- V o c ê d e v e se p r e p a r a r , m e u filho. A si-
t u a ç ã o física d e R u i n ã o é n a d a a g r a d á v e l . S i n -
c e r a m e n t e , n ã o sei s e v o c ê f i c a r á b e m a o v ê - l o
c o m o está.
- N ã o i m p o r t a isso a g o r a , m a m ã e . E u p r e c i -
so v ê - l o . E p e n s o q u e ele t a m b é m p r e c i s a desse
e n c o n t r o .
A p ó s alguns telefonemas, Hector, D i e g o e E d i -
te se d i r i g i r a m ao H o s p i t a l de B a s e , a fim de v i -
sitar R u i . A o c h e g a r e m l á , t i v e r a m d e a g u a r d a r
p e l o m e n o s p o r u m a h o r a . F o i a h o r a m a i s l o n -

g a d e t o d a s , p o i s H e c t o r p a r e c i a t o t a l m e n t e a l -
t e r a d o c o m a p o s s i b i l i d a d e de r e v e r o p a d r a s t o .
D i e g o o a b r a ç o u e a m p a r o u a s o g r a , E d i t e , q u e
n ã o r e c u s o u a a t i t u d e c a r i n h o s a . H e c t o r a p o i a -
v a - s e n o o m b r o de D i e g o , v i s i v e l m e n t e a g i t a d o .

Assim que a recepcionista os chamou, os três caminharam até a unidade de câncer. E o que viram chocou até mesmo Diego, que jamais havia tido contato com Rui. **0** homem estava desfigurado. De uma magreza atroz, jazia estendido na maca, entubado, tendo ao lado um auxiliar de enfermagem, a lhe prestar assistência. **0** corpo apresentava escaras em diversas partes. Exalava um odor repulsivo, e tanto Edite quanto Hector levaram instintivamente a mão ao nariz, ao se aproximarem de Rui. O quadro era desolador.

Diego hesitou um pouco mais, procurando permanecer ligeiramente afastado. Sentiu uma tremenda opressão, pois nunca vira alguém naquele estado.

Ao se aproximarem de Rui, ele abriu os olhos. Reconheceu Edite e ameaçou um movimento com os olhos, tentando se comunicar. Edite chorou. **0** enfermeiro aventurou-se a dizer:

- Desde hoje cedo que o quadro dele parece ter piorado, e nenhum dos médicos entende co-

m o ele a i n d a s e m a n t é m v i v o . P a r e c e g r u d a d o
n o c o r p o . . .
464
H e c t o r s e a p r o x i m o u u m p o u c o m a i s ; fixando os olhos de R u i , p r i n c i p i o u :
- R u i , sou eu, o H e c t o r . . . V o c ê me reconhece?
R u i f i t o u o r a p a z , n u m nítido esforço p a r a l e m b r a r - s e da fisionomia à sua frente; a r r e g a l o u o s olhos l o g o e m s e g u i d a . R e s p i r o u m a i s sofregamente. T o s s i u m u i t o . **0** enfermeiro a c u d i u , a p l i c a n d o a l g u m m e d i c a m e n t o n o soro q u e era c o n d u z i d o à s v e i a s d e R u i .
- S o u eu, R u i , o H e c t o r - t o r n o u a falar p a r a o v e l h o p a d r a s t o . E H e c t o r c h o r a v a , t o c a d o p r o f u n d a m e n t e p e l o sofrimento d o h o m e m q u e a b u s a r a dele n a a d o l e s c ê n c i a . M i l p e n s a m e n t o s c r u z a v a m s u a c a b e ç a n a q u e l e m o m e n t o . E d i t e fez m e n ç ã o d e s e a p r o x i m a r , m a s D i e g o a b r a ç o u - - a d e l i c a d a m e n t e , o f e r e c e n d o a p o i o p a r a a q u e l e m o m e n t o . C o m a o u t r a m ã o , t o c o u l e v e m e n t e o o m b r o de Hector, d a n d o a e n t e n d e r q u e e s t a v a

ali, amparando-o.

Para a surpresa de todos, inclusive do enfermeiro que acompanhava o caso de Rui, ele abriu a boca, esforçando-se ao máximo para se comunicar. Forçou muito, a ponto de provocar uma crise de tosse. Há alguns anos parecia ter emudecido de tanta depressão, agravada mais recentemente pelo câncer, que o consumia e o levara àquele quadro deplorável. Mas o câncer era somente o reflexo do remorso, este sim, que lhe

corroía verdadeiramente a intimidade. Quase engasgado, balbuciou:

- He... Hec... Hector... Me per...- e tossiu ainda mais, expelindo sangue pela boca. O enfermeiro acudiu, limpando, mas Hector, mesmo chorando, não arredava pé do lugar ou da sombra daquele homem.

- Rui, não fale nada! Eu venho aqui apenas...- Hector soluçava, amparado mais intensamente por Diego, que lhe deu um beijo na

cabeça, demonstrando apoio e afeto. Hector precisava dessa força. Edite se retirou, induzida por uma enfermeira, que se compadecera da situação da mulher. Ela chorava muito, pois não sabia mais o que fazer pelo seu Rui. Queria poupá--lo de tamanho sofrimento.

- Rui - continuou Hector, limpando as lágrimas enquanto reunia forças e finalmente lhe dizia. - Quero lhe pedir o seu perdão, Rui. Me perdoe!...

Uma revoada de pensamentos passou pela cabeça do homem moribundo. Ele queria e precisava do perdão de Hector. Havia destruído a juventude, os sonhos do adolescente e marcado profundamente a vida do rapaz. Ele mesmo corroído pelo remorso, já no fim da vida, só era possíveis o tratamento e o cuidado médico em virtude do dinheiro que Hector enviava todo mês para

a velha mãe. Embora fosse eternamente grato a Hector por esse gesto, era uma situação com a

qualnãoconseguiaconviver. Natotalidade, sua vidadependiadamãogenerosadomesmoHector de quemabusara, fizerasofrer eespezinharaos enlevos dajuventude. Masagora, quefinalmente teriachancede pedirperdãoaorapaz, era ele quemestavaali, rogando-lhecleméncia. E ele, Rui, nãotinhaoqueperdoar. Foraeleoagres-sor, enãoofendido. Vendoaquelasituação, as lágrimasdeHectorcaindo-lhesobre a face desfi-gurada, Ruiprocurava, a todo custo e commuito esforço, expressar seu pedido de perdão, seu cla-morpormisericórdia. Sentia-se envergonhado; não, sentia-se maisqueenvergonhado.

NosbastidoresdavidaSamuel e outros amigosinvisíveispresenciavamodesenrolarda situação. Aguardavamodesfechodaqueledra-maqueduraratantos anos. Diegobeijouoca-belosdeHectorumavezmais, despertandoa atenção doenfermeiro, quenãoentendiatanto carinhodeumhomemparaoutro. Emaisain-da: nenhumdos dois sequerpareciaafemina-

do. Eram másculos, homens mesmo, conforme pensava o enfermeiro. Ele não sabia que Diego e Hector formavam um casal *gay*, uma família alternativa.

467

Hector, num ímpeto, surpreendeu a todos mais ainda quando debruçou a cabeça em direção a Rui e obeijou na testa, deixando as lágrimas descerem e molharem a pele do padrasto. Este lhe sentiu as lágrimas como um bálsamo que invadia sua alma. Após esse gesto, Hector, ainda amparado pelo marido, tocou a face de Rui e falou baixinho, de maneira que somente o padrasto pudesse ouvir:

- Vá em paz, Rui! Não sofra tanto; não se martirize assim. Se puder, me perdoe, pois seu não soube compreender você ê e seus sentimentos, a olongo de todos estes anos. Me perdoe.

Rui estremeceu. Tossia tão violentamente que o enfermeiro pediu para Hector e Diego se afastarem um pouco. Diego sugeriu que fizessem uma

oração. Hectorimediatamente se prontificou:

- Meu Deus, meu pai. Em teu nome, Senhor, pedimos o amparo de nosso amigo Dr. Bezerra e sua falange de espíritos do bem. Que o médico dos pobres possa se condoer de Rui e de minha mãe, e ampará-lo em nome do seu amor...

- Diego chorava, embevecido pelas palavras de Hector e, ao mesmo tempo, cativado pela grandeza de sua alma, de seu coração, que pedia perdão quando ele próprio, Hector, é quem fora agredido, violentado. Como o amava, como admirava aquele homem. Como se espelhava nele e se orgulhava de tê-lo recebido como marido,

como companheiro de sua vida. Ambos se derretiam em pranto, enquanto Hector pronunciava a prece, em meio a soluços e ao sabor salgado das lágrimas, que lhe escorriam até a boca e além.

Nos bastidores da vida, até mesmo Samuel se sentiu emocionado, principalmente quando uma luz diferente apareceu na frente dele e

dos demais espíritos. Aquela luz, materializando-se ou coagulando, eis que surge, nada mais, nada menos, que a personalidade venerável de Bezerra de Menezes. Samuel e seus companheiros reverenciaram aquele ser iluminado, que vinha, em nome do amor de Jesus e em resposta às orações de Hector, libertar Rui das amarras e do sofrimento do corpo físico. Bezerra passou por Samuel e pelos outros amigos espirituais, tocando suavemente em seus ombros e pronunciando uma frase que lhe era bem característica:

- Não estão sós aqueles que amam, meus filhos...

O laço que prendia Rui ao corpo foi definitivamente rompido pela vontade e pelo magnetismo de Bezerra, que o conduzia, desacordado, a uma instituição de socorro no espaço. A luz permaneceu no ambiente espiritual por mais alguns minutos, atestando a presença da equipe espiritual que acompanhava o venerando médico.

Hector chorava muito; foi levado, juntamente com Diego, a outro aposento do hospital. Ruivo-mita vasangue; entrara numa espécie de convul-são. Estava esperando apenas o perdão de Hector e fora surpreendido com este a lhe rogar indul-gência e compaixão. Encerrava-se ali um drama complexo, secular, por meio da vitória do bem e do amor, que sobrepujou a dor e a própria morte.

Quando Diego apareceu, ao lado de Hector, Edite fitou-os, aflita. Porém, o olhar de seu Hec-tor já dizia o bastante. Ela entendeu imediata-mente o que ocorrera, sem palavras, sem frase alguma pronunciada. Hector e Diego abraça-ram-se novamente e as lágrimas assinalaram aque-le momento de libertação. Lágrimas de alivio, lágrimas de saudade, lágrimas que caíam como bênçãos. Lágrimas de esperança e de sonhos.

Ah! As lágrimas! Como dizem muito mais do que mil palavras, do que frases inteiras. As lá-grimas... somente as lágrimas!

Após o enterro do corpo de Rui, Hector e Die-

go t e n t a r a m c o n v e n c e r E d i t e a ir m o r a r c o m os
dois em S ã o P a u l o . M a s a m ã e de H e c t o r se r e c u -
sou. Q u e r i a f i c a r ali m e s m o , n a c i d a d e onde p a s -
sou t o d a a v i d a . N ã o obstante, ofereceu-se p a r a
visitá-los e, a c i m a de t u d o , queria m u i t o c o n h e c e r
o netinho, o filho de H e c t o r e D i e g o . Ao se d e s p e -
dir dos dois, E d i t e a b r a ç o u D i e g o falou:
- C u i d e m u i t o b e m do m e u filho. E v o c ê

t a m b é m , H e c t o r - r o g o u , e m o c i o n a d a . - T o m e
c o n t a deste n o v o filho q u e a v i d a me d e u .
E b e i j o u a face de D i e g o , d i z e n d o - l h e s a d e u s
n o A e r o p o r t o E s t a d u a l d e S ã o José d o R i o P r e t o .
P r o f u n d a m e n t e a l i v i a d o , d e a l m a l a v a d a , H e c -
tor e n t r o u n a a e r o n a v e a c o m p a n h a d o d o m a r i -
d o . A c o m o d o u - s e n a p o l t r o n a , m i r o u o h o r i z o n t e
e teve um p e n s a m e n t o de g r a t i d ã o . À frente de
a m b o s , as p á g i n a s b r a n c a s de suas v i d a s , à e s p e -
r a d e q u e r e s c r e v e s s e m a p r ó p r i a história. U m a
n o v a história, cujo final d e p e n d i a e x c l u s i v a m e n -
te deles. M a s este final, c a r o leitor, ficará p a r a

u m o u t r o t e m p o , p a r a u m p r ó x i m o m i n u t o . . .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA de referência Thompson. Tradução Contemporânea de Almeida. São Paulo: Vida, 1995.

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo, 1ª* ed. esp. Rio de Janeiro: **FEB,** 2004.

. *O livro dos espíritos.* **IA** ed. esp. Rio de Janeiro: **FEB,** 2005.

. *O livro dos médiuns.* **IA** ed. esp. Rio de Janeiro: **FEB,** 2005.

. *Revista espírita.* Rio de Janeiro: **FEB,** 2004. v. 1, out1858.

PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Joseph Cleber. *Além*

473

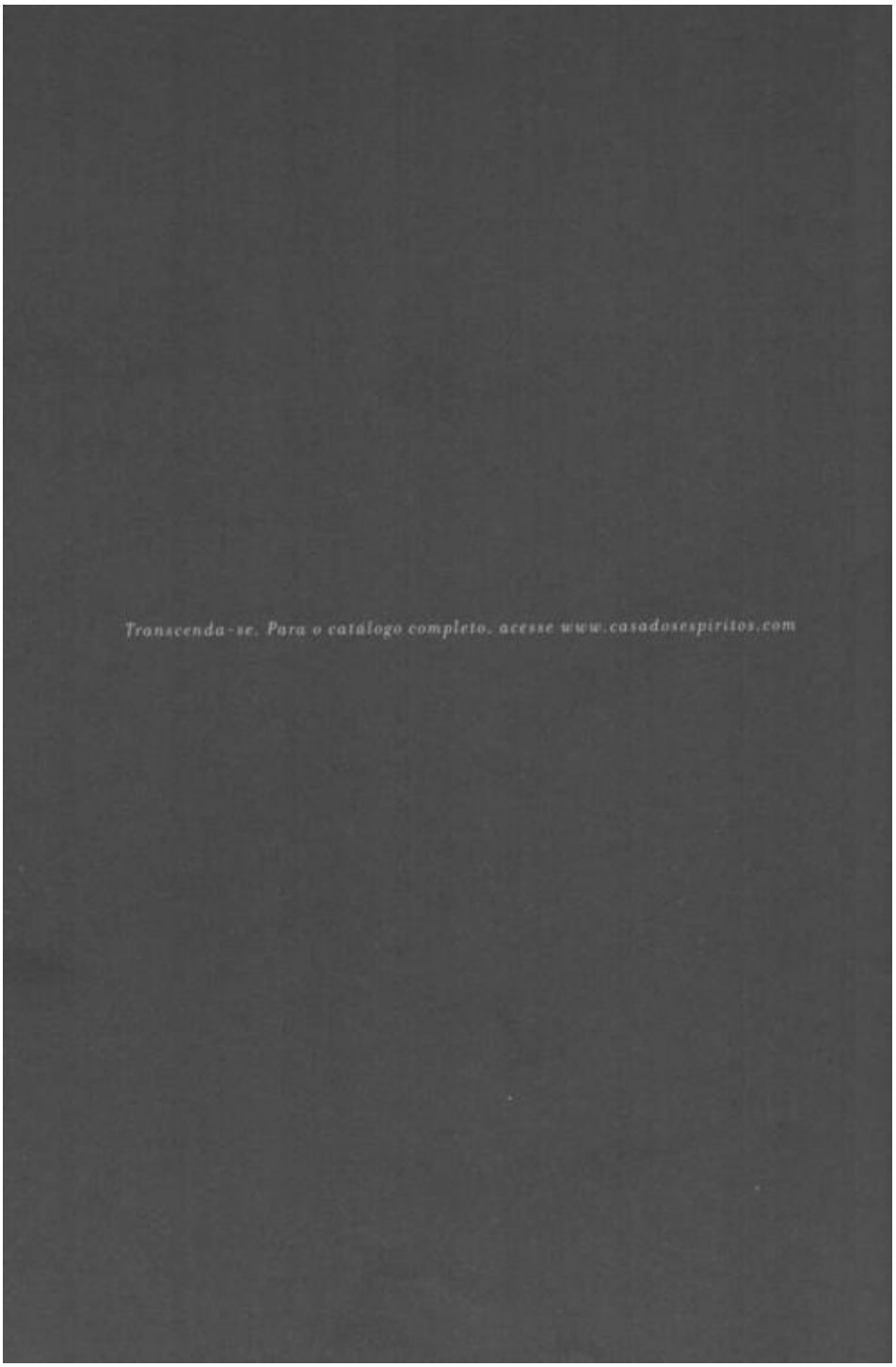
da matéria. 2a ed. rev. Contagem: Casa dos E s - píritos, 2011.

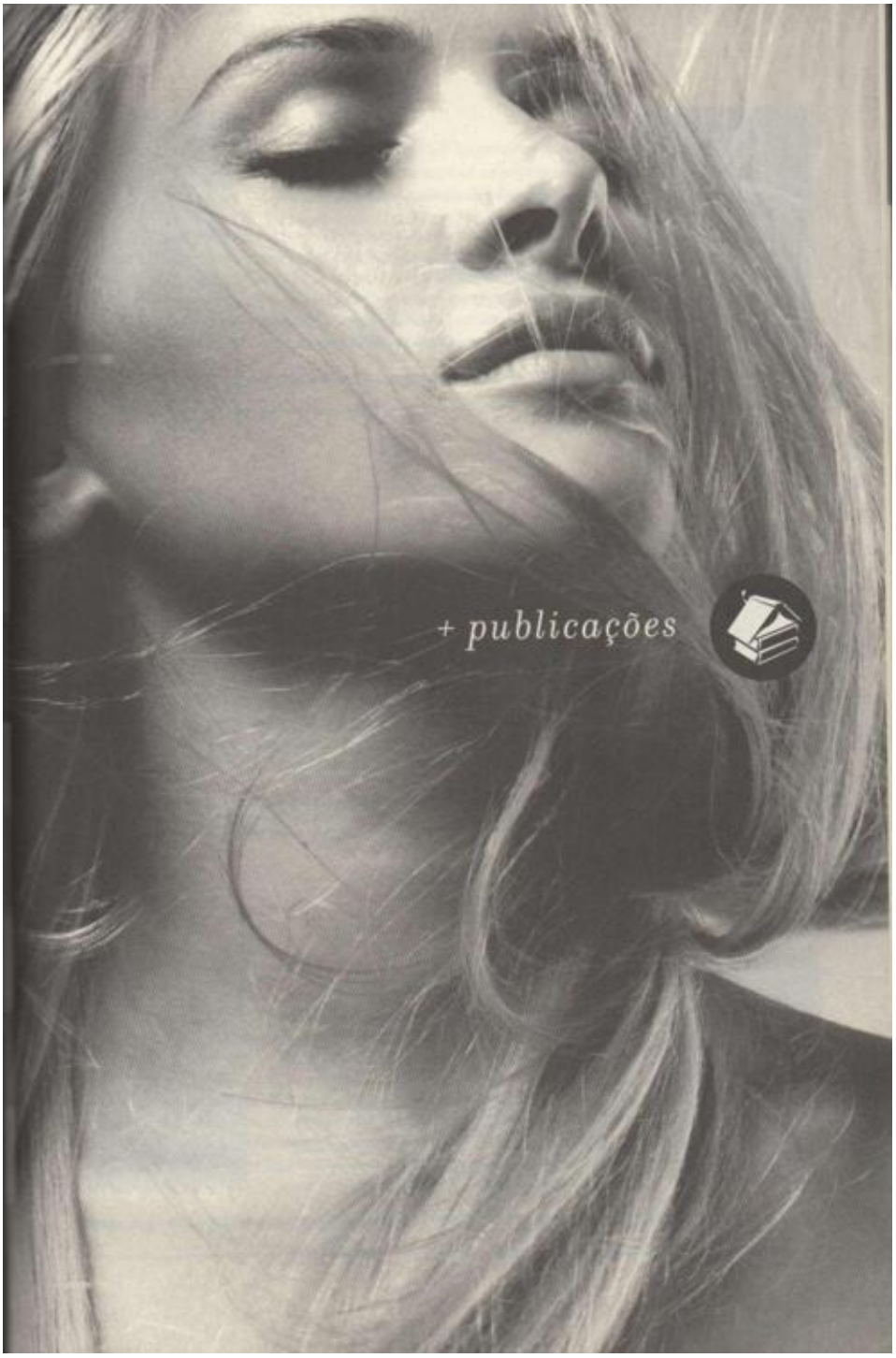
. Pelo espírito Joseph Gleber. *Consciência.* 2a ed. rev. Contagem: Casa dos Espíritos, 2010.

XAVIER, Francisco Cândido e **VIEIRA**, Waldo. Pelo espírito André Luiz. *Evolução em dois mundos.* 20a ed. Rio de Janeiro: **FEB,** 2002.

XAVIER, Francisco Cândido. Pelo espírito André L u i z .

Nosso lar. 3a ed. esp. Rio de Janeiro: **FEB,** 2009.





ISBN: 978-85-87781-34-5 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2009 • 303 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

CORPO FECHADO | *Coleção Segredos de Aruanda, vol. 3*
ROBSON PINHEIRO *pelos espíritos W. Voltz, Ângelo Inácio*

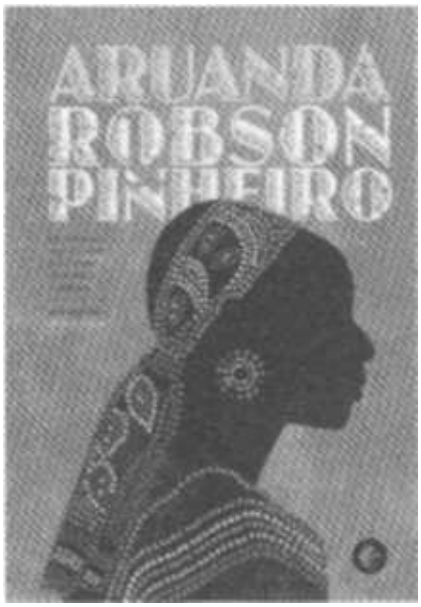
Reza forte, espada-de-são-jorge, mandingas e patuás. Onde está a linha divisória entre verdade e fantasia? Campos de força determinam a segurança energética. Ou será a postura íntima? Diante de tantas indagações, crenças e superstições, o espírito Pai João devassa o universo interior dos filhos que o procuram, apresentando casos que mostram incoerências na busca por proteção espiritual.



ISBN: 978-85-99818-11-4 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2004 • 245 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

ARUANDA | *Coleção Segredos de Aruanda, vol. 2*
UM ROMANCE ESPÍRITA SOBRE PAIS-VELHOS, ELEMENTAIS E CABOCLOS
ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

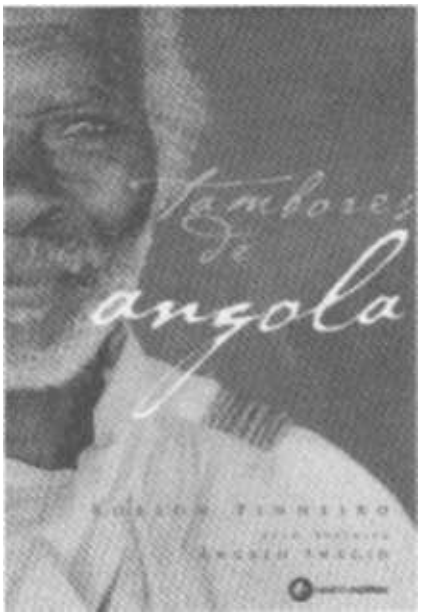
Por que as figuras do negro e do indígena – pretos-velhos e caboclos –, tão presentes na história brasileira, incitam controvérsia no meio espírita e espiritualista? Compreenda os acontecimentos que deram origem à umbanda, sob a ótica espírita. Conheça a jornada de espíritos superiores para mostrar, acima de tudo, que há uma só bandeira: a do amor e da fraternidade.



ISBN: 978-85-87781-21-5 • ROMANCE MEDIÚNICO • 1998 • 256 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

TAMBORES DE ANGOLA | *Coleção Segredos de Aruanda, vol. 1*
A ORIGEM HISTÓRICA DA UMBANDA E DO ESPIRITISMO.
ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Uma visita a bases das trevas e a uma agência de vinganças do umbral.
O magnetismo como poderosa ferramenta para desequilibrar consciências e observará o trabalho redentor dos espíritos – índios, negros, soldados, médicos – e de médiuns que enfrentam o mal com determinação e coragem.
A primeira obra espírita a mostrar a origem histórica e as diferenças entre umbanda e espiritismo, respeitosamente.





ISBN: 978-85-99818-06-0 • SAÚDE E MEDIUNIDADE • 2007 • 288 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

Já pensou entrevistar um espírito a fim de saciar a sede de conhecimento sobre mediunidade? Nós pensamos. Mais do que saciar, Joseph Gleber instiga ao tratar de materialização, corpo mental, obsessões complexas e apometria, além de animismo – a influência da alma do médium na comunicação –, que é dos grandes tabus da atualidade.

ISBN: 978-85-99818-13-8 • SAÚDE E MEDIUNIDADE • 2003/2011 • 320 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Joseph Gleber*

CONSCIÊNCIA

EM MEDIUNIDADE, VOCÊ PRECISA SABER O QUE ESTÁ FAZENDO

1997 • 254 PÁGS.

ISBN: 978-85-87781-25-3 • SAÚDE E MEDIUNIDADE •
CAPA DURA E EM CORES • 17 X 24CM

MEDICINA DA ALMA

SAÚDE E MEDICINA NA VISÃO ESPÍRITA

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Joseph Gleber*

Com a experiência de quem foi físico nuclear e médico, o espírito Joseph Gleber, desencarnado no Holocausto e hoje atuante no espiritismo brasileiro, disserta sobre a saúde segundo o paradigma holístico, enfocando o ser humano na sua integralidade. Edição revista e ampliada, totalmente em cores, com ilustrações inéditas, em comemoração aos 150 anos do espiritismo [1857-2007].



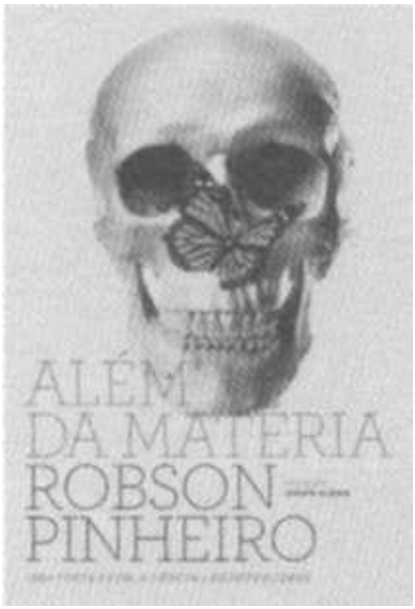
dos estados energéticos em seu bem-estar, que lhe trará maior entendimento sobre sua própria saúde. Físico nuclear e médico que viveu na Alemanha, o espírito Joseph Gleber apresenta mais uma fonte de autoconhecimento e reflexão.

Além da matéria

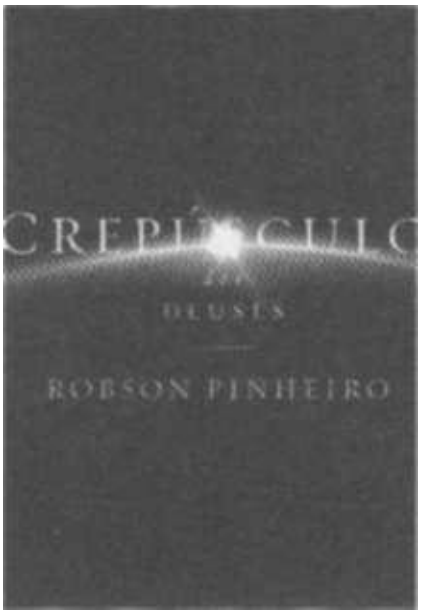
Programação neurolinguística e espiritualidade

Robson Pinheiro *pelo espírito Joseph Gleber*

Exercitar a mente, alimentar a alma. Além da matéria é uma obra que une o conhecimento espírita à ciência contemporânea. Um tratado sobre a influência



ISBN: 978-85-99818-09-1 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2002 • 403 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM



ISBN: 978-85-99818-21-3 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2012 • 380 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

O FIM DA ESCURIDÃO
REURBANIZAÇÕES EXTRAFÍSICAS
ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Os espíritos milenares que se opõem à política divina do Cordeiro – do *amai-vos uns aos outros* – enfrentam neste exato momento o fim de seu tempo na Terra. É o sinal de que o juízo se aproxima, com o desterro daquelas almas que não querem trabalhar por um mundo baseado na ética, no respeito e na fraternidade.

CREPÚSCULO DOS DEUSES
UM ROMANCE HISTÓRICO SOBRE A VINDA DOS HABITANTES DE CAPELA PARA A TERRA
ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Extraterrestres em visita à Terra e a vida dos habitantes de Capela ontem e hoje. A origem dos dragões – espíritos milenares devotados ao mal –, que guarda ligação com acontecimentos que se perdem na eternidade. Um romance histórico que mistura CIA, FBI, ações terroristas e lhe coloca frente a frente com o iminente êxodo planetário: o juízo já começou.

ISBN: 978-85-87781-16-1 • JESUS E O EVANGELHO • 1997 • 272 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

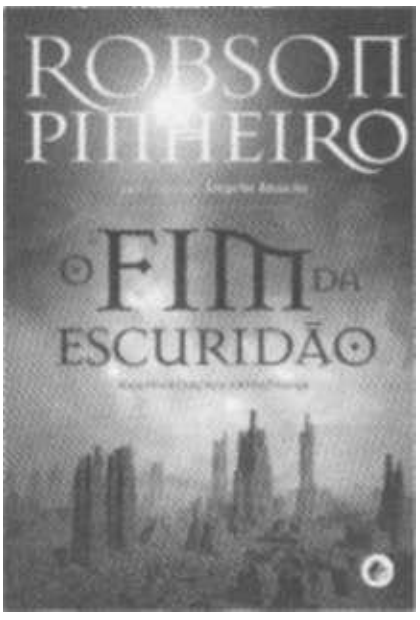
Apocalipse

Uma interpretação espírita das profecias

Robson Pinheiro *pelo espírito Estêvão*

O livro profético como você nunca viu. O significado das profecias contidas no livro mais temido e incompreendido do Novo Testamento, analisado de acordo com a ótica otimista que as lentes da doutrina espírita proporcionam. O autor desconstrói as imagens atemorizantes das metáforas bíblicas e as decodifica.





ISBN: 978-85-99818-08-4 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2010 • 640 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

A MARCA DA BESTA | *Trilogia O Reino das Sombras, vol. 3*
ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Se você tem coragem, olhe ao redor: chegaram os tempos do fim. Não o famigerado fim do mundo, mas o fim de um tempo – para os dragões, para o império da maldade. E o início de outro, para construir a fraternidade e a ética.
Um romance, um testemunho de fé, que revela a força dos guardiões, emissários do Cordeiro que detêm a propagação do mal. Quer se juntar a esse exército? A batalha já começou.



ISBN: 978-85-87781-31-4 • AUTOCONHECIMENTO • 2008 • 676 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

SENHORES DA ESCURIDÃO | *Trilogia O Reino das Sombras, vol. 2*
ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Das profundezas extrafísicas, surge um sistema de vida que se opõe às obras da civilização e à política do Cordeiro. Cientistas das sombras querem promover o caos social e ecológico para, em meio às guerras e à poluição, criar condições de os senhores da escuridão emergirem da subcrosta e conduzirem o destino das nações. Os guardiões têm de impedi-los, mas não sem antes investigar sua estratégia.



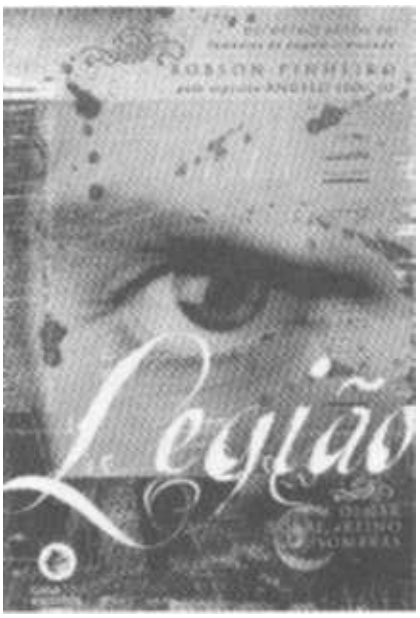
ISBN: 978-85-99818-19-0 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2006 • 502 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

LEGIÃO | *Trilogia O Reino das Sombras, vol. 1*

UM OLHAR SOBRE O REINO DAS SOMBRAS

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Veja de perto as atividades dos representantes das trevas, visitando as regiões subcrustais na companhia do autor espiritual. Sob o comando dos dragões, espíritos milenares e voltados para o mal, magos negros desenvolvem sua atividade febril, organizando investidas contra as obras da humanidade. Saiba como os guardiões enfrentam esses e outros personagens reais e ativos no mundo astral.



ISBN: 978-85-87781-17-8 • JESUS E O EVANGELHO • 2005 • 208 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM



Mulheres do Evangelho

e outros personagens transformados pelo encontro com Jesus

Robson Pinheiro *pelo espírito Estêvão*

A saga daqueles que tiveram suas vidas transformadas pelo encontro com Jesus, contadas por quem viveu na Judeia dos tempos do Mestre. O espírito Estêvão revela detalhes de diversas histórias do Evangelho, narrando o antes, o depois e o que mais o texto bíblico omitiu a respeito da vida de personagens que cruzaram os caminhos do Rabi da Galileia.

ISBN: 978-85-99818-23-7 • AUTOCONHECIMENTO • 2012 • 368 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

Pelas ruas de Calcutá

Robson Pinheiro *pelo espírito Teresa de Calcutá*

"Não são palavras delicadas nem, tampouco, a repetição daquilo que você deseja ouvir. Falo para incomodar". E é assim, presumindo inteligência no leitor, mas também acomodação, que Teresa retoma o jeito contundente e controvertido e não poupa a prática cristã de ninguém, nem a dela. Duvido que você possa terminar a leitura de *Pelas ruas de Calcutá* e permanecer o mesmo.



• 2000 • 200 PÁGS. • BROCHURA COM SOBRECAPA EM

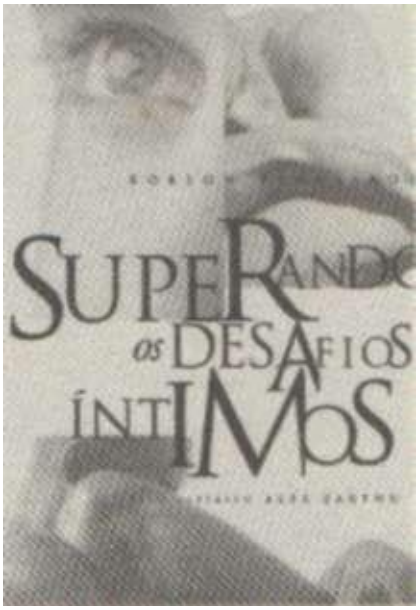
ISBN: 978-85-87781-24-6 • AUTOCONHECIMENTO
PAPEL VEGETAL COLORIDO • 14 X 21CM

Superando os desafios íntimos

A necessidade de transformação interior

Robson Pinheiro *pelo espírito Alex Zarthú*

No corre-corre das cidades, a angústia e a ansiedade tornaram-se tão comuns que parecem normais, como se fossem parte da vida humana na era da informação; quem sabe um preço a pagar pelas comodidades que os antigos não tinham? A serenidade e o equilíbrio das emoções são artigos de luxo, que pertencem ao passado. Essa é a realidade que temos de engolir? É hora de superar desafios íntimos.





ISBN: 978-85-87781-35-2 • ROMANCE MEDIÚNICO • 1998 • 264 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

Sob a luz do luar

Uma mãe numa jornada pelo mundo espiritual

Robson Pinheiro *pelo espírito de sua mãe Everilda Batista*

Um clássico reeditado, agora em nova edição revista. Assim como a Lua, Everilda Batista ilumina as noites em ajuda às almas necessitadas e em desalento. Participando de caravanas espirituais de auxílio, mostra que o aprendizado é contínuo, mesmo depois desta vida. Ensina que amar e servir são, em si, as maiores recompensas da alma. E que isso é a verdadeira evolução.

ISBN: 978-85-87781-03-1 • ROMANCE MEDIÚNICO • 1995/2002 • 230 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

Canção da esperança

Diário de um jovem que viveu com aids

Robson Pinheiro *pelo espírito Franklim*

O depoimento de um jovem que viveu com aids e suas descobertas ao chegar ao plano espiritual. A visita à Crosta e a atuação junto aos encarnados, inclusive num caso de implante de larvas astrais no corpo espiritual. Uma narrativa cheia de otimismo, que ajudará você a encontrar mais sentido na vida. Prefácio pelas mãos de Chico Xavier.



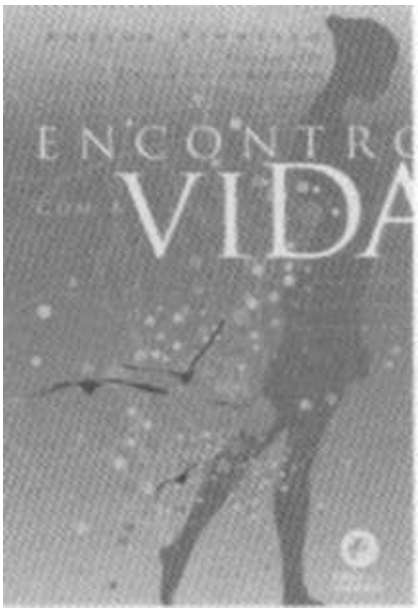
ISBN: 978-85-87781-20-8 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2001 • 278 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

ENCONTRO COM A VIDA

UMA JOVEM. MUITAS VIDAS. UM ENCONTRO

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Uma história de fé: na vida, na força de recomeçar, no poder que a oração sentida tem de ultrapassar barreiras religiosas ou de qualquer natureza. Conheça Joana Gomides, que emerge das drogas com a ajuda dos espíritos e o fervor sincero de sua mãe numa igreja evangélica.



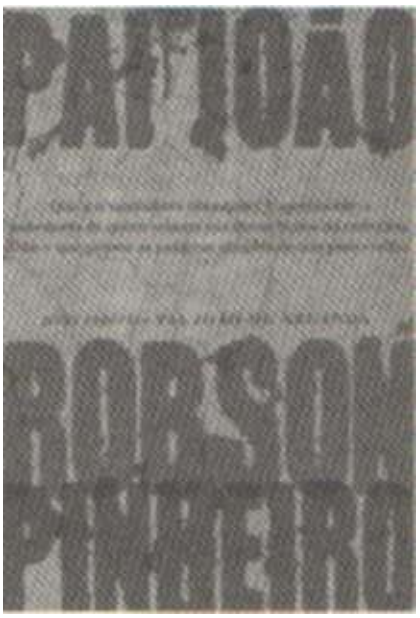
ISBN: 978-85-87781-37-6 • AUTOCONHECIMENTO • 2005 • 256 PÁGS. • BROCHURA COM CAIXA • 16 X 23CM

Pai João

Libertação do cativeiro da alma

Robson Pinheiro *pelo espírito Pai João de Aruanda*

Estamos preparados para abraçar o diferente? Qual a sua disposição real para escolher a companhia daquele que não comunga os mesmos ideais que você e com ele desenvolver uma relação proveitosa e pacífica? Se sente a necessidade de empreender tais mudanças, matricule-se na escola de Pai João. E venha aprender a verdadeira fraternidade. Dão o que pensar as palavras simples de um preto-velho.



SABEDORIA DE PRETO-VELHO
REFLEXÕES PARA A LIBERTAÇÃO DA CONSCIÊNCIA
ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Pai João de Aruanda*

Ainda se escutam os tambores ecoando em sua alma; ainda se notam as marcas das correntes em seus punhos. Sinais de sabedoria de quem soube aproveitar as lições do cativeiro e elevar-se nas asas da fé e da esperança. Pensamentos, estórias, cantigas e conselhos na palavra simples de um pai-velho. Experimente sabedoria, experimente Pai João de Aruanda.

• AUTOCONHECIMENTO • 2003 • 187 PÁGS. • BROCHURA COM ACABAMENTO EM

ISBN: 978-85-99818-05-3
ACETATO • 16 X 23CM



ISBN: 978-85-99818-14-5 • AUTOCONHECIMENTO • 2011 • 256 PÁGS. • CAPA DURA • 16 X 23CM

NEGRO

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Pai João de Aruanda*

A mesma palavra para duas realidades diferentes. Negro. De um lado, a escuridão, a negação da luz e até o estigma racial. De outro, o gingado, o saber de um povo, a riqueza de uma cultura e a história de uma gente. Em Pai João, a sabedoria é negra, porque nascida do cativeiro; a alma é negra, porque humana – mistura de bem e mal. As palavras e as lições de um negro-velho, em branco e preto.



I S :

ISBN: 978-85-99818-07-7 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2004 • 181 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

FAZ PARTE DO MEU SHOW

A TRAJETÓRIA DE UM ARTISTA EM BUSCA DE SI MESMO

ROBSON PINHEIRO *orientado pelo espírito Ângelo Inácio*

Um livro que fala de coragem, de arte, de música da alma, da alma do rock e do rock das almas. Deixe-se encantar por quem encantou multidões. Rebeldia somada a sexo, drogas e muito *rock'n'roll* identificam as pegadas de um artista que curtiu a vida do seu jeito: como podia e como sabia. Orientado pelo autor de *A marca da besta*.



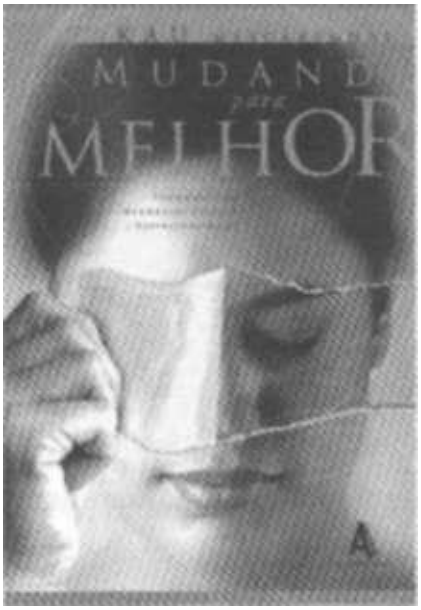
ISBN: 978-85-99818-01-5 • AUTOAJUDA • 2006 • 204 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

Mudando para melhor

Programação neurolinguística e espiritualidade

Kau Mascarenhas

Que ferramentas utilizar para promover o autodescobrimento e o desenvolvimento espiritual? Como aprender a mudar sem traumas, tirando proveito do dinamismo inerente à vida? A programação neurolinguística – PNL – é poderoso instrumento para o autoconhecimento e a transformação. Traz práticas, ilustrações, metáforas e poesias do autor, que ministra formações em PNL desde o ano 2000.



ISBN: 978-85-99818-20-6 • AUTOAJUDA • 2011 • 176 PÁGS. • CAPA FLEXÍVEL • 16 X 23CM

Você com você

Marcos Leão *pelo espírito Calunga*

Palavras dinâmicas, que orientam sem pressionar, que incitam à mudança sem engessar nem condenar, que iluminam sem cegar. Deixam o gosto de uma boa conversa entre amigos, um bate-papo recheado de humor e cheiro de coisa nova no ar. Calunga é sinônimo de irreverência, originalidade e descontração.



exemplares.

ISBN: 978-85-99818-15-2 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2011 • LATA COM *LEGIÃO, SENHORES DA ESCURIDÃO, A MARCA DA BESTA* E CD CONTENDO ENTREVISTA COM O AUTOR • 16 X 23CM

TRILOGIA O REINO DAS SOMBRAS | *Edição definitiva*
ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

As sombras exercem certo fascínio, retratado no universo da ficção pela beleza e juventude eterna dos vampiros, por exemplo. Mas e na vida real? Conheça a saga dos guardiões, agentes da justiça que representam a administração planetária. Edição de luxo acondicionada em lata especial. Acompanha entrevista com Robson Pinheiro, em CD inédito, sobre a trilogia que já vendeu 200 mil





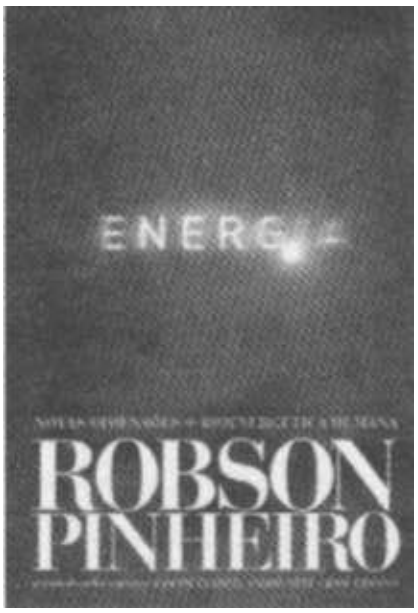
ISBN: 978-85-99818-02-2 • SAÚDE E MEDIUNIDADE • 2008 • 238 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

Energia

Novas dimensões da bioenergética humana

Robson Pinheiro *sob orientação dos espíritos Joseph Gleber e André Luiz*

Numa linguagem clara e direta, o médium Robson Pinheiro faz uso de sua experiência de mais de 25 anos como terapeuta holístico para ampliar a visão acerca da saúde plena, necessariamente associada ao conhecimento da realidade energética. Anexo com exercícios práticos de revitalização energética, ilustrados passo a passo.



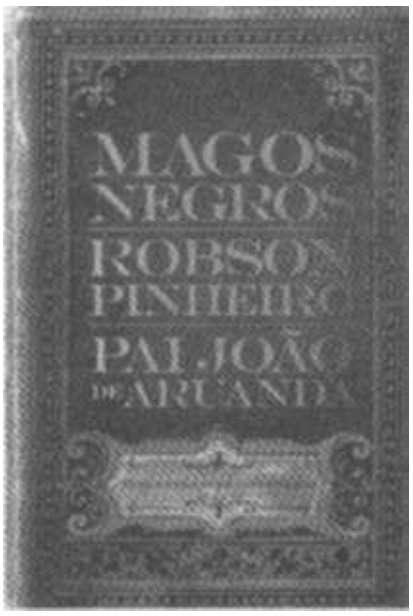
ISBN: 978-85-99818-10-7 • AUTOCONHECIMENTO • 2011 • 394 PÁGS. • CAPA DURA • 16 X 23CM

Magos negros

Magia e feitiçaria sob a ótica espírita

Robson Pinheiro *pelo espírito Pai João de Aruanda*

O Evangelho conta que Jesus amaldiçoou uma figueira, que dias depois secou até a raiz. Por qual razão a personificação do amor teria feito isso? Você acredita em feitiçaria? – eis a pergunta comum. Mas será a pergunta certa? Pai João de Aruanda, pai-velho, ex-escravo e líder de terreiro, desvenda os mistérios da feitiçaria e da magia negra, do ponto de vista espírita.



ISBN: 978-85-99818-22-0 • AUTOCONHECIMENTO • 2004/2012 • 208 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

Os dois lados do espelho

Robson Pinheiro, *editado por Leonardo Möller*

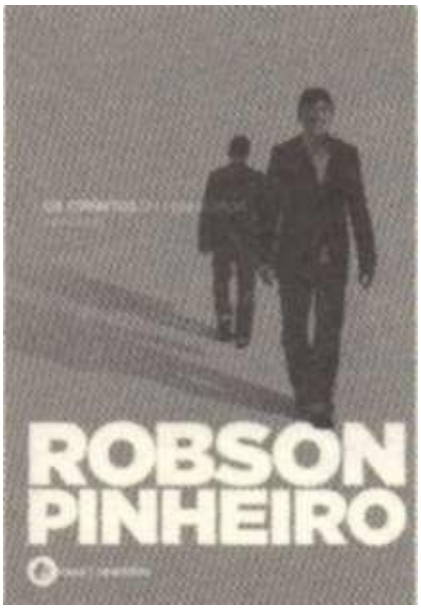
Às vezes, o contrário pode ser certo. Questione, duvide, reflita. Amplie a visão sobre a vida e sobre sua evolução espiritual. Aceite enganos, trabalhe fraquezas. Não desvie o olhar de si mesmo. Descubra seu verdadeiro reflexo, dos dois lados do espelho. Everilda Batista, pelas mãos de seu filho Robson Pinheiro. Lições da mãe e da mulher, do espírito e da serva do Senhor. Uma amiga, uma professora nos dá as mãos e nos convida a pensar.



ISBN: 978-85-87781-32-1 • MEMÓRIAS • 2008 • 380 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

Os espíritos em minha vida
Robson Pinheiro, *editado por Leonardo Möller*

Relacionar-se com os espíritos. Isso é mediunidade, muito mais do que simples fenômenos. A trajetória de um médium e sua sintonia com os Imortais. As histórias, as experiências e os espíritos na vida de Robson Pinheiro. Inclui CD: os espíritos falam na voz de Robson Pinheiro: Joseph Gleber, José Grosso, Palminha, Pai João de Aruanda, Zezinho e Exu Veludo.

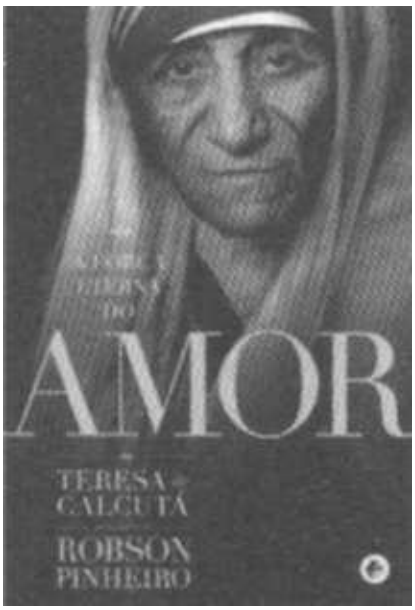


ISBN: 978-85-87781-38-3 • AUTOCONHECIMENTO • 2009 • 318 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

A FORÇA ETERNA DO AMOR

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Teresa de Calcutá*

"O senhor não daria banho em um leproso nem por um milhão de dólares? Eu também não. Só por amor se pode dar banho em um leproso." Cidadã do mundo, grande missionária, Nobel da Paz, figura inspiradora e controvertida. Desconcertante, veraz, emocionante: esta é Teresa. Se você a conhece, vai gostar de saber o que pensa; se ainda não, prepare-se, pois vai se apaixonar. Pela vida.





Responsabilidade Social

A Casa dos Espíritos nasceu, na verdade, como um braço da Sociedade Espírita Everilda Batista, instituição beneficente situada em Contagem, MG. Alicerçada nos fundamentos da doutrina espírita, expostos nos livros de Allan Kardec, a Casa de Everilda sempre teve seu foco na divulgação das idéias espíritas, apresentando-as como caminho para libertar a consciência e promover o ser humano. Romper preconceitos e tabus, renovando e transformando a visão da vida: eis a missão que a cumpre com cursos de estudo do espiritismo, palestras, tratamentos espirituais e diversas atividades, todas gratuitas e voltadas para o amparo da comunidade. Eis também os princípios que definem a linha editorial da Casa dos Espíritos. É por isso que, para nós, responsabilidade social não é uma iniciativa isolada, mas um compromisso crucial, que está no DNA da empresa. Hoje, ambas instituições integram, juntamente com a Clínica Holística Joseph Gleber e a Aruanda de Pai João, o projeto denominado Universidade do Espírito de Minas Gerais — UniSpiritus —, voltado para a educação em bases espirituais *(www.everildabatista.org.br)*.

_____/_____/_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____nº_____

_____

casadosespíritos

Faca *seu cadastro*

3

Faça seu cadastro e fique por dentro da Casa dos Espíritos. Você será informado sobre últimos lançamentos, promoções e eventos da Editora, acompanhará a agenda dos autores e muito mais.

Basta preencher este formulário e enviá-lo por fax ou correio. Se preferir, acesse www.casadosespiritos.com.br e cadastre-se em nosso site ou mande um e-mail para editora@casadosespiritos.com.br.

Aproveite este espaço para sugerir, dar toques e apontar caminhos. Vale até reclamar — ou fazer um elogio! Sua contribuição será ouvida com a atenção que merece.

N o m e

Logradouro.

compl.:

Bairro

Cidade

Estado

C E P

País

T e l . ( )

N a s c i m e n t o

E - m a i l





Você é espírita? ☐ Sim ☐ Não

Frequenta alguma instituição? ☐ Sim ☐ Não

Se quiser cadastrá-la, anote aqui os dados da instituição:

Nome _____

Logradouro _____ nº _____ compl.: _____

Bairro _____ Cidade _____

Estado _____ CEP _____ País _____

Tel. ( ) _____

E-mail _____

Se quiser fazer mais comentários,
escreva-nos: editora@casadosespiritos.com.br

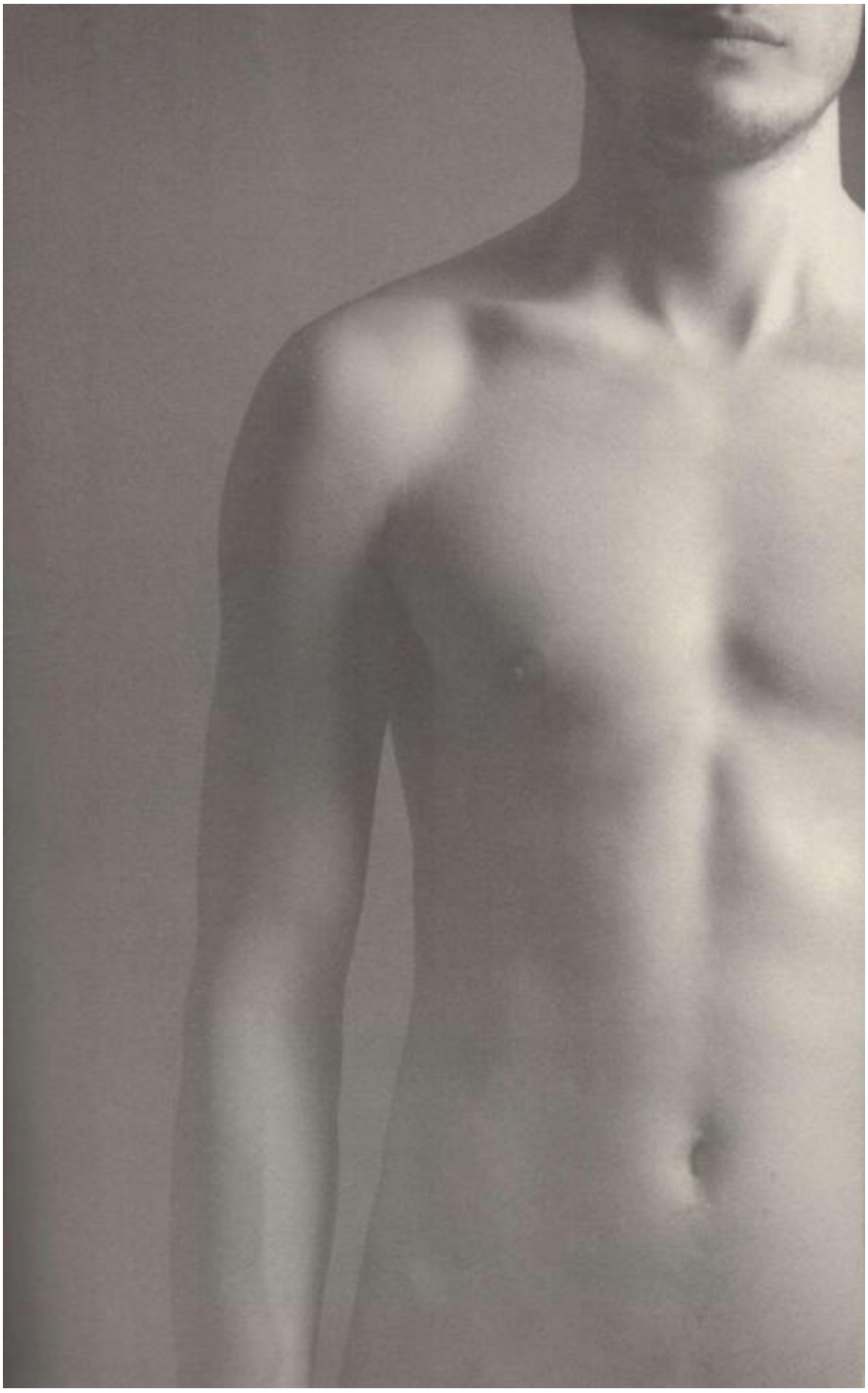
E qual avaliação faz dele?

☐ Excelente ☐ Muito bom ☐ Bom ☐ Regular ☐ Ruim

Por quê?

Qual livro você acabou de ler?





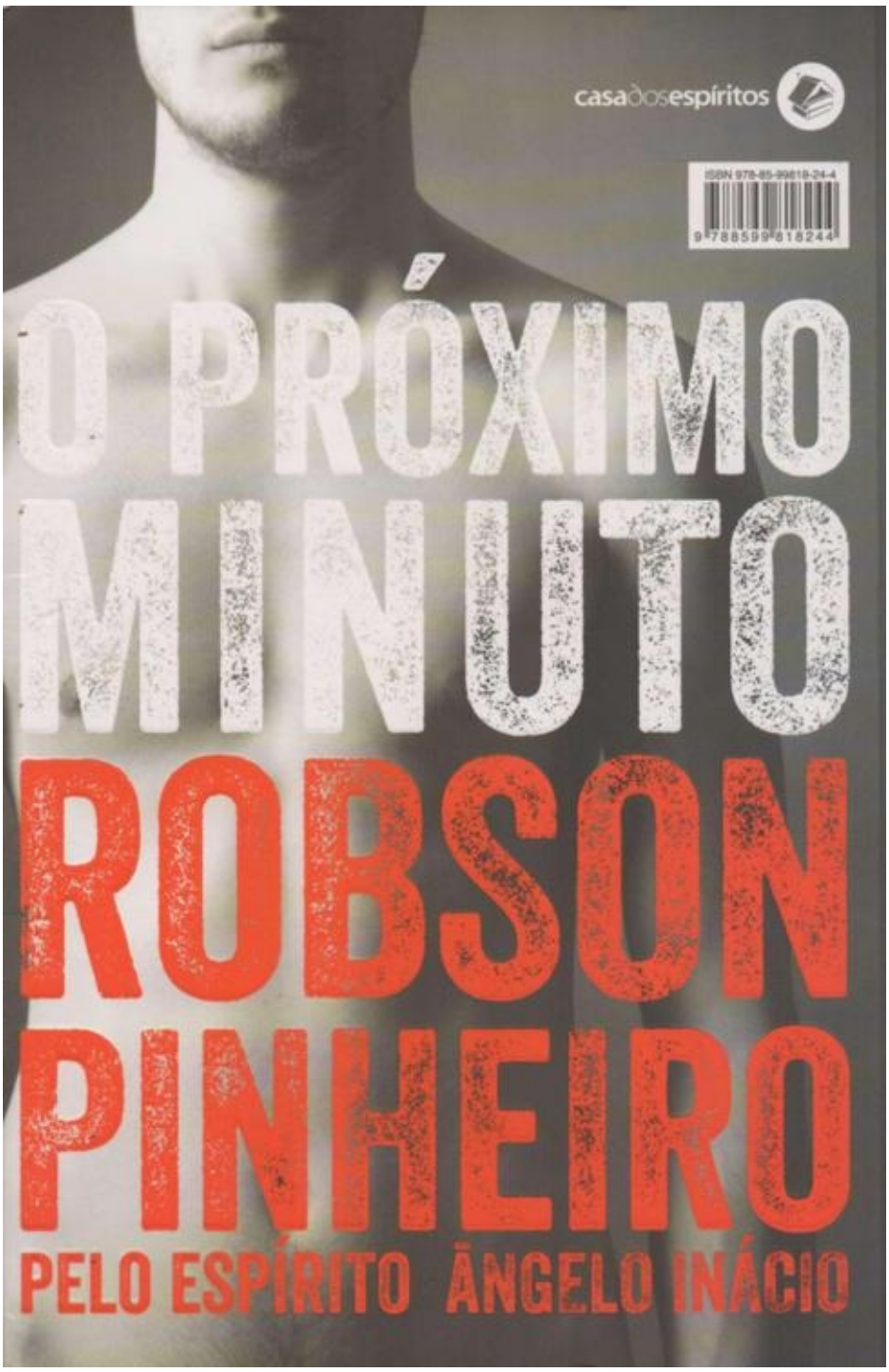


Um grito em favor da liberdade,
um convite a rever valores, a assumir
um ponto de vista diferente,
sem preconceitos nem imposições,
sobretudo em matéria de sexualidade.
Este é um livro dirigido a todos
os gêneros. Principalmente àqueles
que estão preparados para ver
espiritualidade em todo comportamento
humano. É um livro escrito com coração,
sensibilidade, respeito e cor.
Com todas as cores do arco-íris.

Robson Pinheiro é mineiro, filho de Everilda Batista. Em 1989, ela escreve por intermédio de Chico Xavier: "Meu filho, quero continuar meu trabalho através de suas mãos". É autor de mais de 30 livros, quase todos de caráter mediúnico. Fundou e dirige a Casa de Everilda Batista desde 1992, que integra a Universidade do Espírito de Minas Gerais. Em 2008, tornou-se Cidadão Honorário de Belo Horizonte.



ISBN 978-85-99818-24-4
9 788599 818244


casadosespíritos
ISBN 978-85-99818-24-4
9 788599 818244
O PRÓXIMO MINUTO
ROBSON PINHEIRO
PELO ESPÍRITO ÂNGELO INÁCIO